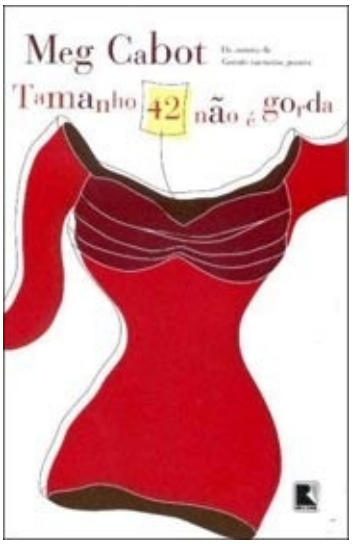
Meg Cabot



TAMANHO 42 não é gorda

"Largue a tiara e vá à luta! Heather Wells é a protagonista deste romance ágil que deixará os leitores implorando por um minuto para controlar os ataques de riso." — **Publishers Weekly**

galera



Tamanho 42 não é gorda

Meg Cabot

1

Cada vez que eu te vejo

Tenho vontade de te comer

Você parece um chocolate

Que me dá vontade de comer

Não venha me lembrar do regime

Você só tem que entrar no meu time

De quem adora doce

“Vontade de te comer”

Interpretada por Heatler Wel s

Composta por Valdez/Caputo

Do álbum Vontade de te comer

Gravadora Cartwrigth

- Hmm, oi. Tem alguém ai? – a moça que está no provador ao meu lado fala com voz de esquilinho. – Olá?

É exatamente igual á de um esquilinho.

Ouço o tilintar ritmado do chaveiro do vendedor que se aproxima.

- Pois não, senhora, posso ajudar?

- Pode sim – a voz sem corpo (mas sempre com jeito de esquilinho) flutua por cima da divisória que separa os cubículos. – Vocês têm este jeans em um numero menor do que 34?

Eu paro, uma perna dentro e outra fora da calça jeans em que estou tentando me espremer.Uau. Será que sou eu ela fez uma pergunta existencial? Por que, o que pode ser menor do que o tamanho 34?Uma roupa de bebê?

Ta certo, já faz um tempo desde as aulas de matemática.

Mas eu ainda me lembro que existem números menores que 34...

- Porque – a Menor-do-que-34/esquilinho explica para o vendedor – normalmente

eu uso 36. Mas este jeans 34 está todo folgado em mim.O que é completamente esquisito. Eu sei que não emagreci desde a ultima vez em que estive aqui.

A menor-do-que-34 tem razão, percebo ao vestir o jeans que estou experimentando.Não me lembro de qual foi a ultima vez em que consegui entrar em um tamanho 38.Bom lembro sim, mas não é um período do meu passado que

me agrada em especial.

Mas qual é o problema? Normalmente eu uso 42...Mas hoje experimentei o 42 e fiquei nadando lá dentro.Aconteceu a mesma coisa com o 40.O que é esquisito, porque não fiz nenhum tipo de regime nos últimos dias – amenos que se leve em consideração o adoçante Splenda que eu coloquei no café com leite hoje de manhã.

Mas tenho certeza de que o bagel com cream cheese e bacon que acompanhou o café com leite serviram para anular o Splenda.

E, também, até parece que eu ando freqüentando a academia ultimamente.Não que eu não me exercite, é claro. É que eu não faço isto, sabe como é, na academia.Porque a gente queima a mesma quantidade de calorias andando ou correndo.Então, porque correr? Há um tempão eu percebi que uma caminhada até

a casa de queijos Murray, na rua Bleecker, Para ver que tipo de sanduíche especial eles tem para o almoço demora dez minutos.

E a caminhada da Murray até a Betsey Johoson, na Wooster, para ver o que está em liquidação (adoro veludo stretch deles!): mais 10 minutos.

E o trajeto da Betsey até a Dean & Deluca, na Broadway, para uma cappuccino depois do almoço e para ver se eles tem aquelas casquinhas de laranja de que eu gosto tanto: mais dez minutos.

E assim por diante até que, antes que se de conta, você já tinha feito sessenta

minutos completos de exercício.Quem disse que é difícil atender ás novas exigências de exercícios físicos determinadas pelo governo?Se eu consigo, qualquer pessoa consegue.

Mas será que tanta caminhada seria capaz de em fazer perder dois números desde a ultima vez que sai para comprar jeans?Eu sei que ando cortando meu consumo diário de gordura mais ou menos pela metade desde que troquei os bombons de chocolate Kiss da Hersheyś que ficavam em um pote na minha mesa

por camisinhas do centro de saúde estudantil.Mas, mesmo assim...

- Bom, senhora – o vendedor está dizendo para a menor-do-que-34. –Este jeans é stretch.Isso significa que é preciso usar dois números menores do que o seu tamanho verdadeiro.

- O que?-a Menor-do-que-34 parece confusa.

Eu não a culpo.Estou me sentindo do mesmo jeito.Parece que os números já não querem dizer mais nada.

- O que eu quero dizer é o seguinte – o vendedor diz com muita paciência.- Uma pessoa que normalmente usa 34, no jeans stretch usaria 30.

-Então, por que vocês simplesmente não colocam o tamanho certo? –a menor-do-

que-34 (com muita razão, na minha opinião) pergunta.- Tipo se o 30 na verdade é

34, por que vocês simplesmente não colocam a etiqueta de 34?

- È a medida da vaidade – o vendedor responde, baixando a voz.

-De que?-a menor-do-que-34 pergunta, também baixando a voz. Pelo menos o Maximo que um esquilinho consegue baixar a voz.

-Sabe como é – o vendedor sussurra para a menor-do-que-34.Mas eu ainda consigo escutá-lo. – As clientes maiores gostam de caber em um 38.Mas, na verdade, usam 42.Compreende?

Espera ai. O que?

Abro a porta do meu provador de supetão, antes de ter tempo de parar para pensar.

- Eu uso 42 – ouço a mim mesma dizer para o vendedor.Que parece assustado.Mas é compreensível.Acho.Mas, mesmo assim.- Qual é o problema de usar 42?

- Nenhum!- Grita o vendedor, em pânico.- Nenhum mesmo.Eu só quis dizer...

- Você está dizendo que uma pessoa que usa tamanho 42 é gorda? – pergunto a ele.

- Não – o vendedor insiste. – A senhora está me compreendendo mal.Eu quis dizer...

- Porque a média das mulheres norte-americanas usa 42- observo. Eu sei disso porque acabei de ler a informação na revista People.- Você está dizendo que, em vez de sermos médias, somos todas gordas?

- Não-o vendedor responde.- Não, não foi nada disso que eu quis dizer.Eu...

A porta do provador ao lado do meu se abre e eu vejo a dona da voz de esquilinho pela primeira vez. Ela tem a mesma idade dos jovens com quem trabalho. Não é

só a voz dela que se parece com um esquilinho, percebo. Ela também tem cara de

esquilinho. Sabe com é. Fofa. Espevitada.Pequena o bastante para caber no bolso

de uma garota normal.

- E que historia é esta de nem fazer o tamanho dela?- pergunto ao vendedor,

apontando a menor-do-que-34 com o polegar.- Quer dizer, prefiro estar na média

a nem existir.

A menor-do-que-34 parece meio surpresa.Mas daí ela fala:

- Hmm. É isso ai!-para o vendedor.

O vendedor engole em seco, nervoso. E faz um barulhão.Dá pra ver que o dia

dele está ruim.Depois do trabalho, ele provavelmente vai para algum bar falar para

algum amigo algo do tipo: “Aquele bando de mulher ficou me atacando por causa

da numeração pequena das roupas... Foi um horror”.

Para nós, ele só diz:

- Eu, hmm, acho que vou, hmm, dar uma olhada se tem o jeans que vocês querem

no estoque.

Então ele foge de nós.

Eu olho para a menor-do-que-34.Ela olha para mim.Talvez ela tenha uns 22

anos,

e é muito loira.Eu também sou loira, com um pouco de ajuda de lady Clairol, mas

já faz tempo que deixei meus vinte e poucos para trás.

Mesmo assim, fica claro que, tirando as diferenças de idade e de tamanho, a menor-do-que-34 e eu compartilhamos uma ligação que nunca poderá ser quebrada.

Nós duas perdemos tempo por causa desta historia de colocar números menores nas calças para não ferir a vaidade de alguém.

- Você vai comprar a calça?-ela pergunta, apontando com a cabeça o jeans que eu estou usando.

- Acho que sim -respondo-Quer dizer, estou precisando de uma calça nova.Vomitaram em cima do ultimo jeans que eu tinha no trabalho.

- Meu Deus-a menor-do-que-34 diz, franzindo o nariz de esquilinho.-onde você trabalha?

- Ah -respondo-Em um alojamento.Quer dizer, em um conjunto residencial estudantil.Sou diretora-assistente.

-Serio? –parece interessada-na faculdade de Nova York?- Quando eu assinto, ela grita:- Eu sabia que conhecia você de algum lugar!Eu em formei na faculdade de Nova York no ano passado.Em que alojamento?

- Hmm -eu respondo, meio sem jeito.-Acabei de começar no verão.

- Jura? –a menor-do-que-34 parece confusa.- Que estranho. Porque você tem um rosto que não me é estranho...

Antes de eu ter a oportunidade de explicar por que ela acha que me conhece, meu

celular solta as primeiras notas de “Vacation”, das Go-Go’s (escolhido como um lembrete dolorido de que não vou ter férias, ou vacation, em inglês, até passar pelo período de experiência de seis meses no trabalho, e ainda faltam três meses para isso). Vejo pelo identificador de chamada que é a minha chefe. Em pleno sábado.

O que significa que deve ser importante.Certo?

Só que provavelmente não é. Quer dizer, eu adoro meu novo emprego e tudo mais (trabalhar com universitários é superdivertido porque eles se entusiasmam com coisas em que muita gente nem pensa, como libertar o Tibete e arrumar licença-maternidade remunerada para trabalhadoras ilegais e esse tipo de coisas).

Mas a principal desvantagem de trabalhar no conjunto Fischer é que eu moro bem

na esquina. O que faz com que eu seja um tantinho acessível demais a qualquer pessoa de lá para o meu gosto. Quer dizer, uma coisa é receber telefonemas de trabalho em casa porque você é medico e um dos seus pacientes precisa de você. Mas é bem diferente receber ligações porque a maquina de refrigerante engoliu o troco de alguém e ninguém consegue encontrar os formulários de pedido de reembolso e querem que você vá lá ajudar a procurar.

Mas eu sei que, para algumas pessoas, isso parece um sonho realizado. Sabe como é, morar perto do trabalho o suficiente para poder dar uma passadinha no caso de alguma crise de troco em moedas. Principalmente em Nova York. Como a distancia de minha casa é de dois minutos, vou a pé (mais quatro minutos que se adicionam á minha cota de exercícios).

Mas as pessoas deveriam perceber que, no que diz respeito á realização de sonhos, este aqui não é o maior, porque eu só recebo 23,5 mil dólares por ano (cerca de 12 mil dólares depois de descontados os impostos estaduais e municipais) e, em NY, 12 mil dólares só dá para pagar o jantar e talvez um jeans como esse que estou prestes a adquirir, tenha ele o tamanho da minha vaidade ou não. Eu não poderia morar em Manhattam com esse tipo de salário se não fosse o meu segundo emprego, que pagava o meu aluguel. Eu não moro no alojamento porque, na faculdade de NY, só os diretores dos conjuntos, e não os diretores-assistentes, recebem o “beneficio” de morar no alojamento (quer dizer, no conjunto residencial estudantil) em que trabalham.

Mesmo assim, eu moro tão perto do conjunto Fischer que minha chefe acha que pode me ligar a qualquer hora e pedir para dar “uma passadinha” sempre que precisa de mim.

Como em uma tarde clara e ensolarada de setembro, quando estou comprando jeans, porque no dia anterior, uma caloura que tinha tomado algumas sodas

batizadas a mais no Stoned Crow resolveu se virar e vomitar tudo o que tinha consumido em cima de mim, enquanto eu estava agachada do lado dela, verificando seu pulso.

Estou pesando os prós e contras de atender o celular.Pró: Talvez ela esteja ligando para me oferecer um aumento (improvável); Contra: Talvez ela esteja ligando para que eu leve alguma bêbada de 20 anos em quase coma alcoólico para um hospital (provável). Então a menor-do-que-34 berra:

- Ai meu Deus!Eu sei por que parece que eu te conheço de algum lugar!Alguém já te disse que você se parece exatamente com a Heater Wel s? Sabe, aquela cantora?

Eu resolvo, devido às circunstancias, deixar minha chefe cair na caixa postal. Quer dizer, as coisas já estão bem ruins, considerando o negocio do tamanho 42, e agora essa. Eu deveria ter ficado em casa e comprando meu jeans pela Internet.

- Você acha mesmo? –eu pergunto á menor-do-que-34, sem muito entusiasmo. Só que ela não repara na minha falta de entusiasmo.

- Ai meu Deus! –ela berra de novo.- Até a sua voz é parecida com a dela.Que coisa mais aleatória.Mas – ela completa, com uma risada-, como é que a Heather Wel s ia estar trabalhando em um alojamento, hein?

- Conjunto residencial estudantil –eu corrijo automaticamente.Porque é assim que

a gente deve falar, já que dizer “conjunto residencial estudantil” supostamente passa uma noção de aconchego e unidade entre os residentes, que, de outro modo, podem achar que moram em uma coisa chamada alojamento, algo muito frio e institucional.

Como se fosse o fato de as geladeiras serem presas ao chão já não desse na cara.

- Ah, hei –a menor-do-que-34 diz, repentinamente sóbria.- Não que tenha algo errado nisso.Em ser diretora-assistente de um alojamento.E você não ficou, hmm,

ofendida de eu dizer que você parece com a Heather Wells, ficou?Quer dizer, eu tinha todos os cd’s dela.E um pôster enorme na minha parede.Quando eu tinha 11

anos.

-Não fiquei –respondo-nem um pouquinho ofendida.

A menor-do-que-34 parece aliviada.

- Que bom –ela diz.-Bom, acho que é melhor eu ir andando para procurar uma loja

que tenha o meu numero.

- È –eu respondo, com vontade de indicar a Gap Kids, mas me segurando.Porque não é culpa dela ser pequenininha.Do mesmo jeito que não é minha culpa usar o tamanho de roupa da média das mulheres norte-americanas.

Só quando estou parada na frente do caixa é que resolvo escutar a minha caixa

postal para saber o que minha chefe, a Rachel, queria.Ouço a voz dela, sempre controlada com tanto cuidado, dizendo em tom de histeria mal contida: “Heather, estou ligando para avisar que houve uma morte no conjunto. Quando você receber esta mensagem, por favor, entre em contato comigo o mais rápido possível”.

Deixo o jeans tamanho 38 no balcão e uso mais 15 minutos da minha dose diária recomendada de exercício para sair correndo –isso mesmo, correndo-da loja em direção ao conjunto Fischer.

2

Eu vi vocês dois

Aos beijos e agarrões você me disse

Que ela era sua prima

Até parece

Até parece

Até parece

Se você me quiser

Tem que ser sincero

Então, o que isso significa

Pra você e eu?

Até parece

Até parece

Até parece

“Até parece”

Interpretada por Heatler Wel s

Composta por Valdez/Caputo

Do álbum Vontade de te comer

Gravadora Cartwrigth

A primeira coisa que vejo quando dobro a esquina na rua Washington Square West é um caminhão de bombeiro parado em cima da calçada.Ele está estacionado em cima da calçada e não na rua porque tem uma barraquinha vendendo calcinhas fio dental com estampas de tigre a cinco dólares cada (é mesmo uma pechincha, mas, quando se examina de perto, dá para ver que o acabamento é feito com uma renda preta que tem todo o jeito de pinicar quando entrar, bom, você sabe onde) bloqueando a rua.

A prefeitura quase nunca fecha a rua Washington Square West, onde fica o conjunto Fischer.Mas neste sábado em especial, a associação do bairro deve ter cobrado um favor de algum vereador ou algo assim, porque conseguiram fechar todo aquele lado do parque para montar uma feira de rua. Você sabe do que estou falando: os caras do incenso, o homem das meias, os caricaturistas e os palhaços que fazem esculturas em arame.

Na primeira vez em que fui a uma festa de rua em Mahattan, eu tinha mais ou menos a mesma idade dos jovens com quem trabalho hoje. Naquela época eu

fiquei toda: “Uau, uma feira de rua!Que divertido!” Na época, eu não sabia que dava pra comprar meias na Mancy’s pagando ainda menos do que o homem das meias cobra.

Mas a verdade é que, se você já foi a uma feira de rua de Manhattam, você já viu todas.

Nada poderia parecer mais deslocado do que uma barraca vendendo calcinhas fio dental na frente do conjunto Fischer.È uma construção que simplesmente não combina com calcinhas fio dental.Ela se avulta majestosamente por sobre a Washington Square Park, foi construído com tijolinhos vermelhos por volta de 1850.No meu primeiro dia no emprego, li uns arquivos que estavam em caiam da minha mesa e fiquei sabendo que, a cada cinco anos, a prefeitura obriga a faculdade a contratar uma empresa que retira todo o rejuntamento dos tijolos com brocas e troca por argamassa nova, para que eles não caiam na cabeça das pessoas que passam por ali.

O que é uma boa idéia, acho.São que, apesar da iniciativa da prefeitura, sempre tem coisa caindo do conjunto Fischer e acertando a cabeça das pessoas.Nao estou falando de tijolos.Já recebi relatos de garras, latas, peças de roupa, livros, cd’s,legumes, balinhas Good & Plentys e até um frango assado inteiro despencando lá de cima.

Vou dizer uma coisa: quando passo pelo conjunto Fischer, sempre olho para

cima,

só para garantir.

Mas não hoje.Hoje o meu olhar está colado a porta de entrada do prédio.Estou tentando descobrir como vou fazer para entrar, levando em conta a enorme multidão –e os policiais- que se aglomeram ali na frente.Parece que, juntamente com as dúzias de turistas que passeiam pela feira de rua, aproximadamente metade da população estudantil do edifício está parada ali fora, esperando para poder entrar de novo.Não fazem a menos idéia do que está acontecendo.Dá pra saber disso por causa das perguntas que eles gritam uns para os outros, tentando se fazer ouvir por cima do som de flautinha peruana que vem de outra barraquinha na frente do prédio, uma que vende, hmm, fitas cassete de flautinha peruana:

- O que está acontecendo?

- Sei lá.Pegou fogo em alguma coisa?

- Alguém deve ter deixado o pot-pourri ferver demais de novo.

- Que anda, foi o Jeff.Ele deixou o baseado cair de novo.

- Jeff, você é um babaca.

- Desta vez não fui eu, juro!

Eles não tinham como saber que tinha havido uma morte no prédio.Se soubessem, não estariam fazendo piadas com baseados.Acho.

Tudo bem, espero que não.

Então reparo em um rosto que reconheço, pertencente a alguém que COM

CERTEZA sabe o que está acontecendo.Dá para ver pela expressão dela.Ela não está simplesmente aborrecida porque os bombeiros não querem deixá-la entrar no prédio.Ela está aborrecida porque SABE.

- Heather! –Magda, ao me ver no meio da multidão, abana a mão com unhas muito cuidadas para mim.- Ah,Heather!Que horror!

Magda está ali parada com o avental cor-de-rosa do refeitório e com as leggings de oncinha dela, sacudindo os cachos cheios de gel e dando tragadas compridas e nervosas no cigarro Virginia Slims enterrado entre as unhas de cinco centímetros de comprimento.Cada unha tem uma tem uma replica em miniatura da bandeira dos EUA, porque, apesar de Magda voltar a sua Republica Dominicana natal sempre que pode, ela tem um sentimento muito patriótico em relação ao pais que ela adotou, e expressa sua afeição por meio de arte nas unhas.

Alias, foi assim que nós nos conhecemos.Há quase quatro meses na manicure.Foi assim também que fiquei sabendo do emprego no alojamento (quer dizer,conjunto residencial estudantil), pra começo de conversa. A ultima diretora-assistente antes de mim (Justine) tinha acabado de ser demitida pelo desvio de 7 mil dólares do fundo do edifício, fato este que enlouqueceu a Magda, a caixa do refeitório do alojamento (quer dizer,conjunto residencial estudantil).

- Dá para acreditar? –ela ia reclamando para quem quisesse ouvir, enquanto a pedicure pintava minhas unhas de vermelho Hot Tamale (porque, sabe como é, Mesmo que toda sua vida esteja escorrendo pelo ralo, como a minha vida estava na época, pelo menos os seus pés podem continuar bonitos).

Magda, a algumas mesinhas de distancia, estava recebendo desenhos de mini Estatuas da Liberdade nos polegares, em homenagem ao feriado do Memorial Day, e falava mal de Justine, a minha predecessora, com muita eloqüência.

- Ela recomendou 27 aquecedores de cerâmica do almoxarifado e deu para os amigos dela como presente de casamento!

Eu ainda não faço a menor idéia do que seja um aquecedor de cerâmica, ou por que alguém ia querer um de presente de casamento.Mas quando ouvi que alguém tinha sido demitida no lugar em que Magda trabalhava, onde um dos benefícios (alem de vinte dias de férias por ano e plano de saúde e odontológico completos) era a isenção de anuidade em cursos universitários, eu quis logo saber os detalhes.

Na verdade, devo muito a Magda. E não só porque ela me ajudou com o negocio do emprego (ou porque ela me deixa comer de graça sempre que quero, o que pode ser em parte a razão por que eu não uso mais tamanho 38, sem contar a medida da vaidade), mas porque a Magda se tornou uma das minhas melhores amigas.

- Mag -eu digo, deslizando até onde ela está.- Quem foi? Quem morreu?

È que eu não consigo evitar e me preocupo que seja alguém que eu conheço, como um dos faxineiros, que sempre tão gentis, que limpam fluidos corporais espalhados pelo prédio inteiro, apesar disso não fazer parte da descrição do trabalho deles.Ou um dos alunos que trabalham ali e que eu deveria supervisionar

(deveria é a palavra operativa, porque nos três meses que trabalho no conjunto Fischer, só um punhado dos meus funcionários-alunos fez o que eu mandei fazer;

muitos deles continuam fieis a Justine mão-leve).

E quando algum deles de fato faz o que eu peço, é só porque a atividade inclui algo como conferir cada quarto depois que os ocupantes anteriores de mudaram para levar qualquer coisa que tenham deixado para trás, o que geralmente são garrafas pela metade de Jägermeister.

Então, quando chego ao trabalho no dia seguinte, não consigo fazer com que nenhum deles desça para separar a correspondência, já que estão de ressaca.

Mas há alguns alunos que de fato aprendi a adorar, bolsistas que não vieram para a faculdade com um Visa que a mamãe e o papai ficam muito felizes de pagar todo mês, e que realmente precisam trabalhar para pagar os livros e as taxas, e por isso fazem o turno de 16 horas á meia-noite na recepção no sábado á noite sem que eu tenha que implorar muito.

- Ah, Heather –Magda sussurra. Só que ela pronuncia o meu nome como Haythar.Ela está sussurrando porque não quer que os garotos saibam o que está

acontecendo na verdade.Seja lá o que for.-Uma das minhas estrelinhas de cinema!

- Uma aluna? –dá para ver gente na multidão observando-a com curiosidade.Não porque a aparência dela é esquisita (bom, ela É meio esquisita, já que usa maquiagem suficiente para fazer Christina Aguillera parecer natural, e tem aquelas unhas muito compridas e tudo o mais).

Mas, como estamos no Village, suas roupas poderiam ser consideradas normais. O que as pessoas não entendem é o negocio de “estrela de cinema”.Cada vez que um aluno entra no refeitório do conjunto Fiesher, Magda pega o cartão de debito dele ou dela e cantarola: “Veja só todas as estrelas de cinema bunitas que vem comer aqui.Temos muita sorte de ter tantas estrelas de cinema bunitas aqui no conjunto Fischer!”

No começo, eu achava que Magda só estava tentando agradar todos os alunos de teatro (e há toneladas deles, muito mais do que alunos de medicina ou de administração) na faculdade de NY.

Daí em um dia de “Faça o Seu Próprio Sundae”, ela lançou a bomba de que o conjunto Fischer na verdade é bem famoso.Não pelas razoes que você pode imaginar, como porque fica na histórica Washington Square, onde Henry James já morou, ou porque fica na frente da famosa Arvore dos Enforcados, onde costumavam enforcar as pessoas no século XVIII. Não é nem porque o parque já

foi cemitério de indigentes, então, sabe todos aqueles bancos e barraquinhas de cachorro-quente?Isso mesmo estão todos em cima de gente morta.

Não.De acordo com Magda, o conjunto Fischer é famoso porque filmaram uma cena do filme As tartarugas ninja 3 ali.O Donatelo ou o Rafael ou alguma das outras tartarugas (não consigo me lembrar exatamente de qual) se balançaram da cobertura do conjunto Fischer para o prédio do lado, e todos os alunos do prédio fizeram figuração, olhando para cima, apontando cheios de surpresa frente ao feito dos dublês te tartaruga.

É serio.O conjunto Fischer tem uma historia bem emocionante.

Só que os alunos que apareceram no filme como extras há muito tempo já se formaram e deixaram de morar no conjunto Fischer.

Então, acho que as pessoas consideram muito esquisito que a Magda continue falando nesse assunto, tantos anos depois.

Mas dá mesmo para ver como o fato de uma cena de um filme famoso ter sido feita em seu local de trabalho pode ser para alguém como a Magda, mais uma das

tantas coisas que fazem dos EUA um país maravilhoso.

Mas também dá pra ver como, para alguém que não conhece a historia por trás disto, como a coisa toda de “a minha estrelinha de cinema” pode parecer um pouco...bom,maluca.

O que provavelmente explica por que tanta gente estava olhando com curiosidade

na nossa direção, depois de ter ouvido o desabafo dela.

Sem querer que algum dos alunos percebesse que alguma coisa muito seria estava acontecendo, peguei Magda pelo braço e a puxei na direção de um dos pinheirinhos em vaso que fica na frente do prédio (e que os alunos costumas usar como cinzeiro particular) para termos um pouco de privacidade.

- O que aconteceu?-pergunto a ela, em voz baixa.-Rachel deixou um recado que houve uma morte no prédio, mas não disse mais nada.Você sabe quem foi?E como aconteceu?

- Não sei -Magda sussurra, sacudindo a cabeça.-Eu estava lá sentada na minha caixa, e ouvi gritos, e alguém disse que tinha uma menina estirada no fundo do poço dos elevadores, e que ela estava morta.

- Ai, meu Deus!-Fico chocada.Eu esperava uma morte por overdose ou um crime violento.Há seguranças de plantão 24 horas por dia no prédio, mas nem por isso uma ou outra figura desagradável deixa de entrar ali de vez em quando.Afinal, estamos em NY.

Mas uma morte no elevador?

Magda, com os olhos úmidos, mas lutando com toda a força para não chorar (já que isto entregaria para os alunos, que tem mesmo uma forte inclinação para o drama, que alguma coisa esta mesmo MUITO errada; e também não ia fazer lá muito bem para as varias camadas do rímel dela), completa:

- Disseram que ela estava...como chama mesmo?brincando de andar em cima do

elevador?

- Fazendo surfe?-Fico ainda mais chocada.-Fazendo surfe de elevador?

- É.- ela enfia com todo cuidado a ponta de uma unha toda trabalhada no olho e

tira uma lagrima.-É por isso que não estão deixando ninguém entrar.As estrelinhas

de cinema precisam do elevador para ir para os camarins, mas precisam retirar

o...

Magda se desmancha em um soluço.Eu a envolvo com o braço e a viro rápido de

frente para mim, tanto para confortá-la quanto para abafar o som do choro dela.Os alunos estão olhando com curiosidade para o nosso lado.Eu não quero que eles

percebam que há alguma coisa , muito seria, de errado.Logo vão ficar sabendo de

tudo.

Só que eles provavelmente não vão ter tanta dificuldade de acreditar quanto eu.

O negocio é que eu não devia ficar assim tão surpresa.Essa historia de surfar no

elevador é um problema que atinge todo o campus (e não só na Faculdade de NY,

mas em faculdades de todo o país).Adolescentes que não tem nada melhor para

fazer do que encher a cara e desafiar uns aos outros a pular em cima do teto do

elevador e ficar ali subindo e descendo pelo poço, o que é perigosíssimo.Já

ouvimos relatos e relatos de jovens bêbados decapitados depois de tais desafios.

Acho que tinha mesmo que acontecer no conJunto Fischer mais cedo ou mais

tarde.

Mais tinha um problema.

O problema é que Magda ficava falando “ela”.Que uma garota tinha morrido.

É esquisito, porque nunca ouvi falar de uma menina que fizesse surfe de elevador.Pelo menos não no conjunto Fischer.

Daí Magda ergue a cabeça do meu ombro e diz:

- Ah, não.

Eu me viro para ver do que ela está falando e prendo a respiração muito rápido.porque a Sra. Allingotn, mulher de Phil ip Al ington (que no semestre anterior tinha passado a ocupar o posto de 16º reitor na faculdade), está vindo pela calçada na nossa direção.

Eu tenho varias informações sobre os Allington porque outra coisa que achei nos arquivos de Justine (pouco antes de jogar tudo fora) foi um artigo recortado do Jornal New York Times que fazia o maior auê em torno do fato de o novo reitor ter resolvido morar em um conjunto estudantil em vez de escolher algum dos prédios de luxo de propriedade da faculdade.

“Phillip Allington”, dizia o artigo, “é um acadêmico que não quer perder o contato com o corpo estudantil.Quando volta para a casa do gabinete, usa o mesmo elevador que os alunos de graduação ao lado dos quais morra...”

O que o Times deixou de mencionar completamente é que o reitor e a família dele

moram na cobertura do conjunto Fischer, que ocupa o vigésimo andar inteiro, e que reclamaram tanto de todas as paradas que o elevador fazia no trajeto para os alunos subirem e descerem que Justine acabou dando a eles as chaves usadas para fazer o elevador subir direto, sem parar.

Alem de reclamar dos elevadores, a mulher do reitor Allington, Eleanor, parece não ter muito o que fazer.Sempre que eu a vejo, ela acabou de voltar da Saks Fifth Avenue ou está saindo para fazer compra lá. Ela se dedica incansavelmente às compras, da mesma maneira que um corredor olímpico se dedica ao treinamento.

Só que o esporte preferido da Sra. Allington (alem de fazer compras) parece ser o

consumo de enormes quantidades de vodca. Quando ela e o Dr. Allington voltam de jantares de trabalho tarde da noite, a Sra. Al ington sempre apronta o maior escarcéu na entrada, geralmente por causa da cacatuas de estimação dela (pelo menos, foi o que o meu segurança preferido,Pete, contou).

“Os pássaros”, ela disse a ele certas vez. “Os pássaros odeiam você gorducho”.

O que é totalmente maldoso, se você pensar bem sobre o assunto.E também é impreciso, porque Pete não é nem um pouco gordo.Ele está, sabe como é, na média.

Os ataques verbais bêbados da Sra. Allington são fonte de muita diversão para os

funcionários da recepção do predio, que são sempre alunos (aqueles que eu supostamente devo supervisionar).Tarde da noite, quando o Dr. Allington não está em casa, as vezes a Sra. Allington liga para a recepção para relatar todo o tipo de acontecimento estranho: que alguém comeu todas as alcachofras recheadas; que há três coiotes no terraço; que anões minúsculos e invisíveis estão martelando o teto.

De acordo com Pete, no começo os alunos ficavam confusos com os relatos e bipavam os assistentes dos residentes (AR), os representantes da classe alta que, em troca de alojamento gratuito, devem atuar como uma espécie de dona-de-casa, e há um por andar.Os ARs por sua vez notificavam o diretor do predio, que pegava o elevador ate o vigésimo andar para investigar.

Mas quando a Sra. Allington atendia a porta, de olhos vidrados, envolta em veludo molhado (eu sei o que você está pensando!Veludo molhado!É quase tão brega quanto veludo stretch), só falava assim: “não sei do que você está falando, gorducho”

Enquanto isso, atrás dela (de acordo com os vários ARs que repetiram a historia), as cacatuas assobiavam histéricas.

Assustador.

Mas parece que não assusta tanto a Sra. Al ington quanto assusta o restante de

nós, porque parece que ela não se lembra de nada no dia seguinte, e sai para a Saks como se fosse uma rainha do conjunto Fischer.

Como agora, por exemplo.Carregada de sacolas de compras a Sra. Allington olha

toda agressiva para o policial que bloqueia a porta de entrada do conjunto Fischer

e diz assim:

- Dê licença.Eu moro aqui.

- Sinto muito, senhora – o policial responde. –Só o pessoal da emergência pode entrar.Nenhum residente tem permissão de entrar no prédio por enquanto.

- Eu não sou residente.-A Sra Al ington parece inchar no meio de tantas sacolas.-Eu sou...Eu sou...-Parece que ela não consegue se lembrar muito bem de quem ela é. Mas o policial não esta nem ai.

- Sinto muito, senhora – ele diz.-Vá aproveitar um pouco a feira de rua, que tal? Ou, então, tem uns bancos ótimos ali na praça.Por que a senhora não relaxa at.é a gente ter permissão para deixar todo mundo entrar, hein?

A Sra Allington parece um tanto alterada quando eu chego apressada at.é ela.Abandonei Magda porque parece que a Sra Al ington está precisando mais de mim.Ela está simplesmente ali parada com uma calça jeans de marca apertada demais, uma blusinha de seda e toneladas de jóias de ouro, as sacolas de compras pendendo das mãos, a boca abrindo e fechando em confusão.Ela está com toda a certeza ficando meio esverdeada nas dobras do pescoço.

- A senhora ouviu, madame? – diz o policial.-Ninguém pode entrar.Está vendo todo este pessoal aqui?Está todo mundo esperando.Então, ou a senhora espera com eles ou vai para outro lugar.

Só que a Sra Allington parece ter perdido a capacidade de se movimentar. Ela não parece muito firme sobre as pernas, se quer saber a minha opinião.Dou um passo á frente e a pego pelo braço.Ela nem percebe que eu estou ali.Duvido até que saiba quem eu sou.Apesar de ela acenar para mim com a cabeça todos os dias úteis quando sai do elevador e passa na frente da minha sala a caminho de sua próxima sessão de desperdício (quer dizer, expedição de compras) e diz: ”Bom dia, Justine” (apesar de eu a corrigir com freqüência).Mas acho que me ver no fim de semana a deixa meio atordoada.

- O marido dela é o reitor da faculdade, policial – eu digo. Apontando para a Sra Allington com a cabeça.Ela parece estar olhando muito fixamente para um aluno próximo, de cabelo roxo e piercing na sobrancelha.- Phillip Allingnton.Ele mora na cobertura.Acho que ela não está se sentindo muito bem.Será que eu posso...Será que eu posso ajudá-la a entrar?

O policial me olha torto.

-Eu conheço você de algum lugar?-pergunta.Não é uma cantada.Comigo nunca é.

- Deve aqui da vizinhança-respondo, com alegria excessiva.-Eu trabalho neste

prédio.-Exibo para ele meu crachá de funcionaria da faculdade, aquele com a foto

em que pareço bêbada, apesar de não ter bebido nada na ocasião.Pelo menos

não ate ter visto a foto.-Está vendo?Eu sou diretora-assistente do conjunto

residencial estudantil.

Ele não parece nem um pouco impressionado, mas diz, com um dando de

ombros:

- tanto faz.Pode entrar com ela, se quiser.Mas eu não sei como é que ela vai

poder subir.Os elevadores estão desligados.

Não sei como vou fazer para levar a Sra Al ington ate o vigésimo andar; levando

em conta a instabilidade das pernas dela, praticamente vou ter que carregá-la.Dou

uma olhada por cima dos ombros para Magda ela apaga o cigarro e vem resoluta

em nossa direção, pronta para oferecer toda a ajuda que puder.

Mas, antes que ela consiga nos alcançar, duas mocinhas (usando o que eu

considero o vestuário padrão da Faculdade de NY, jeans de cintura baixa com

piercing no umbigo) saem de supetão do prédio, com dificuldade para respirar.

Ai, meu Deus, Jeff - uma dela grita para o rapaz que sempre deixa o baseado cair.

- O que aconteceu com os elevadores? A gente teve que descer 17 andares de

escada.

- Eu vou morrer - a outra avisa.

- Falando sério - a primeira arfa, bem alto. - Pelo que a gente paga de anuidade e taxa de alojamento, era de se esperar que o REITOR investisse em elevadores que não quebrassem o tempo todo.

Eu não deixo de notar o olhar hostil que ela aponda para a Sra. Allington, que fez o erro de deixar sua foto ser publicada no jornal da escola, se transformando assim em alvo indentificável no alojamento. Quer dizer, conjunto residencial estudantil.

- Venha, Sra. Allington - eu digo apressada, dando um puxãozinho no braço dela. - Vamos entrar.

- Já estava na hora - ela diz, tropeçando um pouco, ao mesmo tempo em que Magda se apressa em pegar o outro braço dela. Nós duas a manobramos pela porta de entrada em meio a gritos (dos alunos) de: "Ei! Por que elas podem entrar e a gente não? A gente também mora aqui!", "Não é justo!" e "Fascistas!".

Levando em conta a maneira cuidadosa como ela coloca um saltinho na frente do outro, tenho bastante certeza de que a Sra. Allington já está um pouco alta, apesar de mal ser meio-dia. Minhas suspeitas se confirmam quando nós três entramos no prédio e ela de repente se inclina para a frente e despeja o café da manhã em uma das floreiras da recepção.

Com toda a certeza parece que a Sra. A. tomou alguns bloody marys em vez de café.

- Santa Maria - Magda diz, horrorizada. E quem pode culpá-la?

Eu não posso falar pelos outros, mas quando vomito (e sindo em dizer, mas é algo que tenho feito com alguma freqüência desde o ano-novo), gosto de ter um certo apoio, mesmo que a culpa seja toda minha.

Então, dou alguns tapinhas por cima da ombreira da Sra. Allington e digo:

- Pronto. A senhora não está se sentindo melhor agora?

Ela aperta os olhos para me examinar, como se só agora tivesse reparado na minha presença.

- Quem diabos é você? - pergunta.

- Hmm - respondo. - Sou a diretora-assistente do prédio. Heather Wells. Lembra? Nós fomos apresentadas há alguns meses.

A Sra. Allington parece confusa.

- O que aconteceu com Justine?

- Ela arrumou outro emprego - explico, o que é mentira, já que Justine foi demitida.

Mas a verdade é que eu não conheço a versão de Justine na história. Quer dizer, talvez ela estivesse mesmo precisando do dinheiro. Talvez ela tenha parentes que moram na Bósnia ou em algum lugar muito frio, e eles não tem aquecimento, e aqueles aquecedores de cerâmica ajudaram o pessoal a sobreviver durante todo o

inverno. Vai saber.

A Sra. Allington só aperta os olhos mais um pouco.

- Heather Wel s? - Ela pisca mais algumas vezes. - Mas você... você não é aquela moça? Aquela que costumava cantar em todos os shopping centers?

É quando percebo que a Sra. Al ington finalmente me reconheceu, tudo bem...

... só que não como a diretora-assistente do prédio em que ela mora.

Uau. Nunca imaginei que a Sra. Allington podesse ser fã de pop adolescente. Ela parece ser mais o tipo Barry Manilow (um pop adolescente bem mais velho).

- Eu era - digo com gentileza, porque ainda estou com pena dela, por causa do vômito e tudo o mais - Mas eu não canto mais.

- Por quê? - ela quer saber.

Magda e eu trocamos olhares. Parece que Magda está recuperando o senso de humor, porque com toda a certeza os cantinhos da boca delineada dela estão apontando um pouco para cima.

- Hmm - eu respondo. - É uma história um pouco longa. Basicamente, eu fiquei sem contrado com gravadora.

- Porque você ficou gorda? - a Sra. Al ington pergunta.

E é então preciso reconhecer, que eu deixo de ter pena dela.

3

Eu digo que não posso

Mas você parece nem ligar

Eu digo que não vou

Parece que nem estou lá

Não posso esperar para sempre

Não vou esperar para sempre

Baby, é agora ou nunca

Diga que me ama

Ou, baby, vê se me libera

"Não posso"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por O'Brien/Henke

Do álbum Vontade de te comer

Gravadora Cartwright

Felizmente, sou poupada de ter de dar qualquer tipo de respostar à observação da Sra. Allington a respeito do meu peso porque minha chefe, Rachel Walcott, aparece apressada bem naquele momento com os mules de verniz dela estalando no chão de mármore da recepção.

- Heather - Rachel diz ao me ver. - Muito obrigada por ter vindo. - Ela parece mesmo um tanto aliviada por eu estar ali, o que faz com que eu me sinta bem. Sabe como é, porque realmente precisa de mim, apesar de eu só valer 23,5 mil dólares por ano.

- Claro - respondo. - Sinto muito pelo que aconteceu. Foi... quer dizer, é alguém

que a gente conhece?

Mas Rachel só me lança um olhar de advertência do tipo "Não fale de assuntos de família na presença de estranhos", sendo que os estranhos eram a Sra. Allington e Magda: as funcionárias do refeitório não são consideradas funcionárias do

conjunto residencial e a mulher do reitor da faculdade com TODA A CERTEZA

também não. Então, ela se volta para a Sra. Allington.

- Bom dia, Sra. Allington - Rachel quase berra, como se estivesse falando com

uma oessoa de idade, apesar de a Sra. Allington provavelmente não ter muito

mais do que 60 anos. - Sindo muito a respeito de tudo isto. A senhora está bem?

A Sra. Allington está londe de bem, mas, por mais chateada que eu esteja com a

observação da gordura, não quero dizer isso assim, na cara dela. Afinal, ela

continua sendo a mulher do reitor.

Em ver disso, só respondo:

- A Sra. Al ington não está se sentindo muito bem.

Acompanho a afirmação com uma olhadela significativa na direção da floreira em

que a Sra. A. acabou de vomitar, na esperança de que Rachel capte a mensagem.

Não faz assim tanto tempo que trabalhamos juntas, Rachel e eu. Ela foi contratada

apenas um ou duas semanas antes de mim, para substituir a diretora que pediu

demissão logo depois de Justine ser mandada embora (mas ela não foi por apoio

à Justine nem nada parecido). A diretora teve que pedir demissão porque o marido

dela tinha arrumado um emprego de guarda florestal no Oregon.

Eu sei o que você está pensando. Marido guarda florestal. Hmmm. Eu também pediria demissão para acompanhá-lo.

Mas ao mesmo tempo em que Rachel é a nova na posição de diretora residente do conjunto Fischer, ela não é nova no ramo da educação superior (que é o que dizem quando você trabalha com aconselhamento dentro da faculdade, mas não tem função de professor, ou pelo menos foi o que eu li em um dos arquivos de professor, ou pelo menos foi o que eu li em um dos arquivos de Justine). Rachel se formou em Yale e o último alojamento (quer dizer, conjunto residencial estudantil) que ela dirigiu foi na Faculdade Earlcrest, em Richmond, no estado do Indiana.

Ela me contou que foi um certo choque cultural mudar-se para Nova York vinda de um lugar como Richmond, onde as pessoas nem precisavam trancar a porta de casa à noite. Mas até onde eu sei, ela não sofreu assim com seu afastamento do interior. Ela tem um guarda-roupa que qualquer profissional de Nova York gostaria de ter, cheio de roupas Armani e sapatos Monolo Blahnik, o que é um grande feito (considerando que o salário dela não é muito maior do que o meu, já que o apartamento gratuito no prédio conta como parte dos vencimentos). O comparecimento fiel às vendas especiais de peças de mostruário de grife ajudam

Rachel a estar sempre no último grito da moda. E o fato de ela seguir à risca a Dieta da Zona e fazer exercícios duas horas por dia garante que ela mantenha seu tamanho 36, o que permite que ela caiba em todas as roupa exibidas pelas modelos.

Rachel diz que, se eu parasse de comer tantos carboidratos e passase meia hora por dia no StairMaster, ia conseguir voltar fácil para temanho 38. E que isso não deve ser assim tão dificil para mim, porque o pacote de benefícios da faculdade garante acesso livre à academia do campus.

Só que eu já fui à academia da faculdade, e é assustadora. Tem umas meninas bem magrinhas lá, jogando aqueles bracinhos esqueléticos de um lado para o outro em aulas de aeróbica e ioga e essas coisas. Falando sério, um dia destes, uma delas vai arrancar o olho de alguém.

Bom, mas Rachel diz que, se eu perder bastante peso, com certeza vou arrumar um namorado gostoso, como ela planeja fazer, assim que encontrar um cara no Villafe que não seja gay, tenha a cabeça coberta de cabelo e ganhe pelo menos cem mil por ano.

Mas como é que alguém pode abrir mão de macarrão de gergelim frio? Mesmo que seja por um cara que ganha cem mil por ano?

Além do mais, hmm, como eu sempre lembro a Rachel, tamanho 42 não é gorda. É o tamnho médio da mulher norte-americana. Acorda. Tem muitas de nós (que usam tamanhos 42) que têm namorado, muito obrigado.

Não eu nescessariamente. Mas um monte de garotas do meu tamanho, e até maiores.

Mas apesar de Rachel e eu termos prioridades diferentes (ela quer um namorado; eu me contento com um bacharelado a esta altura) e de não conseguirmos entrar em acordo a respeito do que constitui uma refeição (para ela, alface sem molho; para mim, fafael, tahini extra com pimenta e homus para começar e talvez um sanduíche de sorvete de sobremesa), a gente se dá bem, acho. Quer dizer, pelo menos parece que ele entendeu o olhar que lancei em direção à Sra. Al ington.

- Sra. Allington - ela diz. - Vamos tratar de levá-la para casa, certo? Eu a levo lá para cima. Tudo bem assim, Sra. Allington?

A Sra. Allington assente bem fraquinho com a cabeça, já deixando o interesse na minha mudança de carreira. Rachel pega a mulher do reitor pelo braço enquando Pete, que estava pairando ao nosso redor, segura uma onda de bombeiros para abrir espaço para ela e a Sra. A. no elevador que ligaram especialmente para isto.

Não consigo evitar de dar uma olhada nervosa para o interior do elevador quando

as portas se abrem. E se houver sangue? Eu sei que disseram que ela foi encontrada no fundo do poço dos elevadores, mas e se parte dela ainda estivesse no elevador?

Mas não há sangue algum à vista. O elevador parece o mesmo de sempre, com seus painés de mogno falso e acabamento em latão, no qual centenas de alunos de graduação entalharam as iniciais e palavrões com a ponta da chave do quarto.

Quando as portas dos elevadores se fecham, ouço a Sra. Al ington dizer com voz fraca:

- Os pássaros.

- Meu Deus - Magda diz enquanto observamos os números em cima da porta do elevador irem acendendo e apagando na medida em que a cabine vai se aproximando da cobertura. - Espero que ela não vomite de novo lá dentro.

- Espero mesmo que não - eu concordo. Isso faria com que a viagem de vinte andares para cima se tornasse bem desagradável.

Magda se sacode toda, como se estivesse pensado em alguma coisa desagradável (muito provavelmente no vômito da Sra. A.) e olha em volta.

- Está tudo tão quieto - ela diz, colocando os braços em volta de si mesma. - As coisas não ficam tão calmas por aqui desde antes de as minhas estrelinhas de cinema chegarem para o início das aulas.

Ela tem razão. Para um prédio que abriga tantos jovens (setecentos no total, sendo que a maior parte nem chegou aos vinte anos), a recepção está realmente parada neste momento. Ninguém está reclamando a respeito do tempo que um funcionário estudantil demorapara separar a correspondência (aproximadamente sete horas. Ouvi dizer que Justine conseguia fzer com que o serviço ficasse pronto

em menos de duas horas. Às vezes fico imaginando se Justine não tinha algum tipo de paco secreto com Satã); ninguém está reclamando a respeito das

máquinas de troco quebradas na sala de jogos; ninguém está discutindo com Pete a respeito dos procedimentos de entrada de hóspedes.

Não que não tenha ninguém por ali. A recepção está atulhada. Policiais, bombeiros, seguranças do campus de uniforme azul-bebê e um amontoado de alunos (todos assistentes dos residentes) vagando pela recepção de mogno e mármore, com expressão sombria...

...mas em silêncio. Silêncio absoluto.

- Pete - eu digo, dirigindo-me para o pessoal da mesa de segurança. - Você sabe quem foi?

Os seguranças sabem de tudo que acontece nos prédios em que trabalham. Não dá para evitar. Está tudo lá, nos monitores à frente deles, desde os alunos que fumam nas escadas até os reitores que cutucam o nariz no elevador, passando pelas bibliotecárias que transam nas mesas de estudo...

Coisas sórdidas.

- Claro que sim. - Pete, como sempre, está com um olho na recepção e outro nos diversos monitores de televisão da mesa dele, cada um mostrando uma parte diferente do alojamento (quer dizer, do conjunto residencial estudantil), da entrada da cobertura dos Al ington até a lavanderia no portão.

- E aí? - Magda parece ansiosa. - Quem foi?

Pete, com um olhar cauteloso na direção do balcão da recepção do outro lado para se certificar de que os alunos não estão escutando, responde:

- Kel ogg.Elizabeth. Uma caloura.

Sinto uma onda de alívio.Nunca tinha ouvido falar dela.

Então me condeno por me sentir assim.Ela continua sendo uma menina de 18 anos morta, independentemente de ser ou não uma das minhas funcionarias estudantis!

- Como aconteceu?-pergunto.

Pete lança um olhar sarcástico para mim.

- O que você acha?

- Mas - respondo.Não posso evitar.Alguma coisa está mesmo me deixando confusa.-As meninas não fazem Surfe de elevador, quer dizer.

- Essa aí fez.-Pete dá de ombros.

- Por que ela foi fazer uma coisa dessas?-Magda quer saber.-Uma coisa tão idiota?Ela tinha usado drogas?

- Como é que eu vou saber?-Pete parece incomodado com a nossa enxurrada de perguntas, mas sei que é só porque ele está tão assustado quanto nós.O que é estranho, porque é de se pensar que ele já tenha visto de tudo:faz vinte anos que trabalha na faculdade.Assim como eu, ele aceitou o emprego por causa dos benefícios:viúvo, tem 3 filhos que têm garantida educação superior de ótima qualidade (e gratuita), que foi a razão principal por que ele escolheu trabalhar em uma instituição acadêmica depois de uma lesão no joelho ter feito com que ele assumisse um cargo burocrático permanente dentro da policia.A filha mais velha

dele, Nancy, quer ser pediatra.

Mas isso não impede que o rosto de Pete fique da cor de uma pimentão toda vez

que um aluno, bravo por não ter permissão para entrar no prédio com suas

lâmpadas de halogênio de ultima geração (elas representam risco de incêndio),

refere-se a ele como “policial de aluguel”.O que não é justo, porque Pete é muito,

muito bom no que faz.Os entregadores de pizza só conseguem entrar no conjunto

Fischer para enfiar menus por baixo das portas quando ele está de folga.

Só que também tem o maior coração do mundo.

Quando os alunos descem do quarto, segurando cheios de nojo as armadilhas de

cola com ratos vivos dentro, sabe-se que Pete pega as armadilhas, leva para o

parque e os liberta.Ele não suporta a idéia de qualquer pessoa (ou qualquer coisa)

morrer sob sua vigilância.

- Tenho certeza de que o legista vai fazer testes para ver se ela consumiu álcool e

drogas – ele diz, tentando parecer despreocupado, sem conseguir.-Isso se ele

conseguir chegar aqui.

Estou horrorizada.

- Que dizer que ela...ela ainda está lá?Quer dizer...o corpo?

Ele assente.

- Lá em baixo.No fundo do poço dos elevadores.Foi onde a encontraram.

-Foi onde quem a encontrou?-pergunto.

- Os bombeiros – Pete responde.- Quando alguém informou que a tinha visto.

- Viram quando ela caiu?

- Não.Só a viram deitada lá.Alguém olhou pela fresta, sabe como é, entre o elevador e o piso, e viu que ela estava lá.

Eu me sinto abalada.

- Você está dizendo que ninguém informou quando aconteceu?E as pessoas que estavam com ela?

- Que pessoas?-Pete quer saber?

- As pessoas com quem ela estava fazendo surfe de elevador-digo.-Ela tinha que estar com alguém.Ninguém faz essa brincadeira idiota sozinho.O pessoal não desceu para avisar?

-Ninguém me disse nada-Pete responde –até hoje de manha, quando algum menino a viu pela fenda.

Estou chocada.

- Você está dizendo que ela pode estar lá há horas?-pergunto, com a voz falhando um pouco.

- Não viva-pete responde, compreendendo o meu medo no mesmo instante.-Ela caiu de cabeça.

- Santa Maria-magda diz e faz o sinal-da-cruz.

Eu só fico um pouco menos chocada.

- Então...como é que sabem quem era?

- Ela estava com a carteirinha da faculdade no bolso-Pete explica.

- Bom, pelo menos ela estava pensando no futuro-Magda diz.

- Magda!fico chocada, mas ela só dá de ombros.

- É verdade.Se você vai fazer uma brincadeira tão idiota, pelo menos tem que levar um documento de identidade, para poderem identificar seu corpo mais tarde,

certo?

Antes que eu ou Pete possamos responder,Gerald, o diretor de alimentação, sai do refeitório, procurando pela sua operadora de caixa caprichosa.

- Magda- ele diz, quando finalmente a vê.-O que você tá fazendo?Os policiais disseram que vão deixar agente reabrir a qualquer momento, e não tem ninguém no caixa.

- Ah, já vou querido-ela ergue a voz e diz a ele.Então, logo que ele está a uma distancia segura, ela completa:-filho-da-mae.

Depois, com um aceno de desculpas com aquelas unhonas para Pete e para mim, ela volta para sua cadeira atrás da caixa registradora no refeitório estudantil que fica do outro lado da mesa de segurança.

- Heather?

Olho em volta e vejo uma das funcionarias estudantis fazendo gestos desesperados para mim.O balcão de recepção é o ponto onde tudo se encontra

no prédio, onde a correspondência dos alunos é separada, onde os visitantes podem ligar para o quarto dos amigos e onde todas as emergências do prédio devem ser relatadas.Uma das minhas primeiras funções depois de ser contratada foi digitar uma longa lista de telefones que os funcionários da recepção devem usar no caso de qualquer emergência (parece que Justine tinha ficado muito ocupada usando recursos da faculdade para comprar aquecedores de cerâmica para todos os amigos dela e por isso não teve tempo de fazer isso).

Incêndio?O numero dos bombeiros estava lá.

Estupro?O numero do telefone direto para casos de estupro na faculdade estava lá.

Roubo?O numero da 6ª Delegacia de policia.

Gente que cai de cima de um elevador?Não tinha numero nenhum para isso.

- Heather. – A funcionaria estudantil, Tina, parece tão choramingona hoje quanto parecia no dia em que a conheci, quando disse a ela que não podia deixar as pessoas esperando até que ela terminasse a partida de Tetris que estava jogando no GameBoy (fui informada de que Justine nunca teve problema nenhum com isso). – Quando é que vão se livrar do corpo daquela menina? Estou enlouquecendo, de saber que ela , tipo está lá EMBAIXO.

- A gente falou com a companheira de quarto dela – Brad, o cara que teve o azar de ser o residente- assistente de plantão neste fim de semana, o que significa que não pode sair do prédio, caso precisem dele.. no caso de alguma aluna morrer,

baixa a voz em um tom conspiratório e se inclina por cima do balcão na minha direção. – Ela disse que nem sabia que Beth..a menina que morreu.. ela disse que nem sabia que Beth já *tinha ouvido falar* de surfe de elevador. Disse que não fazia idéia de que Beth andava com esse pessoal. Disse que Beth era *certinha* .

- Bom – eu respondo, inútil. Dá para ver que os alunos esperam algum tipo de palavra reconfortante de minha parte. Mas como eu vou saber o que é preciso fazer para ajudar o pessoal a lidar com a morte de uma colega? Estou tão assustada quanto cada um deles. – Acho que isso só serve para mostrar que a gente nunca conhece uma pessoa tão bem quanto acredita , não é mesmo?

- É, mas brincar em cima de um elevador? – Tina balança a cabeça. – Ela devia ser uma louca

- Candidata a Prozac – Brad concorda de modo sinistro, exibindo um certo resultado daquele treinamento de sensibilidade que o departamento de alojamento

se esforçou tanto para enfiar na cabeça dos ARs.

- Heather?

- Heather?

Eu me viro e vejo a assistente de pós – graduação de Rachel, Sarah, vindo na minha direção com uma pasta na mão. Vestida como sempre no ultimo do chique dos alunos de pòs – graduação da Faculdade de Nova York (macacão e bota de carmuça com pele por dentro), ela agarra meu braço e aperta.

- Ai,meu Deus – Sarah,diz sem nem tentar baixar a voz, de modo que todo

mundo

no térreo é capaz de ouvi-la.- Dá pra acreditar? Os telefones não param de tocar lá no escritório. Todos os pais estão ligando para se assegurar de que não foi o filho deles. Mas Rachel disse que a gente não pode confirmar a identidade da falecida ate o legista chegar. Apesar de a gente saber quem è. Quer dizer, Rachel pediu para eu pegar a ficha dela e disse para eu entregar para o Dr. Flynn. E olha sò para a ficha!

Sarah abana a pasta parda grossa. Elizabeth Kellogg tinha registro no escritório de do diretor do conjunto, e isso quer dizer ou que ela tinha se metido em alguma

confusão ou que tinha ficado doente em algum ponto do ano letivo..

... o que é estranho, porque Elizabeth era caloura e o semestre de outono tinha acabado de começar.

- Preciso contar tudo para vocês. – Sarah está ansiosa para compartilhar as informações que tem comigo, Brad e Tina. Os dois últimos a escutam de olhos arregalados. Pete, na mesa de segurança, age como se estivesse ocupado vigiando seus monitores. Mas eu sei que ele está escutando também – A mãe dela ligou para Rachel, toda alterada porque a gente permite aos residentes receberem quem bem entender, e ela não queria Elizabeth pudesse permitir a entrada de meninos. Parece que a mãe dela queria que a filha casasse virgem. Ela queria que Rachel fizesse alguma coisa para Elizabeth só poder receber meninas. Obviamente, ela tinha problemas em casa, mas sei lá ..

É a função do APG(ou assistente de pós graduação) auxiliar o diretor nas operações cotidianas do conjunto residencial estudantil.

. Em troca, o APG receber alojamento gratuito e experiência pratica em educação superior, que geralmente é o campo em que vão atuar.

Sarah está acumulando bem mais experiência pratica aqui no conjunto Fischer do que achou que acumularia, com essa coisa de menina morta e tudo mais.

- Está bem claro que existia algum tipo de rivalidade entre mãe e filha acontecendo por lá – Sarah nos informa – Quer dizer,deu pra ver que a Sra Kellogg tinha ciúme de esta perdendo o viço enquanto a filha..

Sarah é graduada em psicologia. Sarah acha que sofro de baixa auto- estima. Ela me disse isso no dia que me conheceu, quando os estudantes chegaram, há duas semanas, e ela veio apertar minha mão e então gritou: ‘’ Ai meu Deus, você é *aquela* Heather Wells?’’

Quando admiti que era, e depois disse (quando ela perguntou que diabos eu estava fazendo em um emprego em um conjunto residencial estudantil; só que diferente de mim, Sarah estraga tudo e chama de alojamento) que tinha a intenção de conseguir me formar bacharel um dia, ela falou: ‘’ Você não precisa de faculdade. Você precisa trabalhar as suas questões de abandono e a sensação de inadequação que você deve ter por ter sido dispensada pela gravadora e roubada

pela mãe.’

O que é meio engraçado, porque eu acho mesmo é que preciso trabalhar meus sentimentos de desgosto em relação a Sarah.

Felizmente, o Dr Flynn , psicólogo da equipe do departamento de acomodação, veio aos tropeços na nossa direção bem neste momento, com uma pasta na mão, estourando de tanta papelada.

- Esta é a pasta da falecida? – ele quer saber, em vez de nos cumprimentar. – Gostaria de dar uma olhada antes de falar com a colega de quarto e ligar para os pais

Sarah entrega a pasta para ele. Na medida em que o Dr Flynn vai folheando, de repente ele franze o nariz e pergunta:

- Que cheiro é este?

- Hmm – eu respondo- A Sra. Allington meio que..bom,ela,hmm..

- Ela deu um vomitão – Brad diz. – Naquela floreira ali.

O Dr Flynn suspira.

- De novo,não. – O celular dele toca e ele diz: - Dêem licença – e pega o aparelho.

No mesmo momento, o telefone do balcão da recepção toca. Todo mundo olha pra ele. Já que ninguém atende,tiro o telefone do gancho.

- Conjunto Fischer. – digo

Eu não reconheço a voz na outra ponta da linha:

- Sim,este è o alojamento localizado na rua Washington Square West?

- Sim, aqui é um conjunto residencial estudantil – respondo, lembrando, para variar, do treinamento que recebi.

- Queria saber se posso falar com alguém á respeito da tragédia que ocorreu hoje cedo aí – diz a voz desconhecida

Tragédia? Eu logo desconfio.

- Você é repórter? – pergunto. A esta altura da minha vida, consigo sentir o cheiro deles a quilômetros de distancia.

- Bom,sou sim, trabalho para o Post..

- Então você vai ter de entrar em contato com o Departamento de Assessoria de Imprensa. Ninguém aqui tem nenhum comentário. Adeus – bato o telefone com força

Brad e Tina olham fixam pra mim.

- Uau – Brad diz. – Você é boa.

Sarah ajeita os óculos no nariz,já que tinha começado a escorregar.

- E tem mesmo de ser – ela diz – Levando em conto tudo que ela teve de agüentar. Os papparazzi não eram exatamente simpáticos, eram, Heather? Principalmente quando você entrou e viu o a... quem era mesmo? Ah sim. Tânia Trace fazendo um boquete em Jordan Cathwright.

- Uau – eu digo olhando para Sarah com surpresa genuína – Você realmente aproveita bem essa sua memória fotográfica,não é mesmo, Sarah?

Sarah sorri com modéstia quando o queixo de Tina cai.

- Heather,você saia com *Jordan Carthwright* ? – ela gritou

- Você pegou *Tânia Trace* fazendo um boquete nele ? – Brad parecia tão feliz como se alguém tivesse jogando uma nota de cem dólares no colo dele.

- Hmm- eu digo. Não tenho muita escolha. Eles poderiam ir procurar no Google. –

É. Mas já faz muito tempo.

Então eu peço licença para ir pegar um refrigerante, na esperança de que a combinação de cafeína e adoçantes artificiais possa diminuir a minha vontade de provocar mais uma morte entre a população estudantil do prédio.

4

Não conta

Estou implorando

É segredo e se você

Não contar

Vou te recompensar

Por não contar

Não conta

Ninguém sabe

Eu expus minha alma

Para você

Então não conta

A máquina d refrigerante mais próxima se localiza na sala de TV, onde todo o pessoal de contenção de crise da faculdade está congregado. Eu não quero arriscar e pedir uma lata grátis para Magda, no refeitório, porque ela já está encrencada com o chefe.

Eu só reconheço alguns dos vários funcionários da administração que se encontram na sala, e isso é só porque eu fui entrevistada por eles quando me inscrevi para o emprego. Um deles, o Dr. Jessup, chefe do departamento da acomodação, afasta-se do outro administrador com quem estava falandoquando me vê e vem na minha direção, usando uma camisa despojada daIzod e calça caqui da Dockers, bem diferente do que ele é normalmente com os ternos cor de carvão que usa durante a semana.

- Heather- o Dr. Jessup diz com sua voz profund e rouca- Como vai?

- Bem- respondo. Já enfiei um dólar na máquina, então é tarde demais para fugir, apesar de ser a minha vontade, já que todo mundo na sala está olhandopra mim com aquela cara de Quem é esta moça? Será que eu não a conheço de algum lugar? E o que ela está fazendo aqui?

Em vez de sair correndo, eu escolho a minha bebida. O barulho da lata batendo na abertura no fundo da máquina soa alto na sala da TV, que normalmente fica ligada no volume máximo, na 24 horas por dia, sete dias por semana, MTV2, está

desligada.

Retiro a lata da máquina e fico segurando, com medo de abrir e atrair mais ateção

indesejada para a minha pessoa com ainda mais barulho.

- O que você está achando dos meninos? - ele quer saber. - De uma maneira geral?

- Eu acabei de chegar - respondo. - Mas todo mundo me parece bastante abalado. O que é, o senhor sabe, compreensível, levando em conta que tem uma menina morta no fundo do poço dos elevadores.

O Dr. Jessup arregala os olhos e faz um sinal para eu falar baixo, apesar de eu só ter falado um pouco mais alto do que um sussurro. Olho em volta e percebo que há alguns figurões da administração na sala de TV. O Dr. Jessup é hipersensívelem relação ao departamento dele, quer que seja visto como uma divisão preocupada e concentrada nas necessidades dos alunos. Ele se gaba por sua capacidade de se relacionar com a geração mais jovem. Percebi isso na minha primeira entrevista, quando ele apertou os olhinhos cinzentos em minha direção e fez a pergunta inevitável, aquela que me dá vontade de jogar coisas, mas da qual eu não consigo escapar de jeito nenhum: "Eu não conheço você de alum lugar?"

Todo mundo acha que jah me viu em algum lugar. Só que não conseguem descobrir onde. Eu ouço demais coisas como: "Você não foi ao baile de formatura com o meu irmão?" E também: " A gente não fez alguma cadeira da faculdade

juntos?"

O que é mesmo muito esquisito, porque eu nunca fui a formatura nenhum;

faculdade então, nem pensar.

- Eu era cantora - foi o que eu respondi ao Dr. Jessupno dia da minha entrevista

de emprego. - Eu era uma, hmm, cantora pop. Quando eu era, sabe como é.

Adolescente.

- Ah sei - o Dr. Jessup disse na ocasião. - "Vontade de te comer". Foi o que pensei, mas não tinha certeza. Posso fazer uma pergunta?

-Claro.

-Porq que você se inscreveu para um emprego em um conjunto residencial

estudantil?

Eu limpei a garganta. Eu queria que o VH1 fizesse um *Por trás da musica* comigo.

Porque daí eu não teria que ficar explicando nada para os outros.

Mas até parece que eu sirvo para um *Por trás da musica* . Eu nunca fui tão famosa assim. Nunca fui uma Britney nem uma Christina. Mal cheguei a Avril. Só fui uma

adolescente com um par saudável de pulmões que estava no lugar certo na hora

certa.

O Dr. Jessup pareceu ter compreendido. Pelo menos, deixou o assunto de lado

com muito tato depois de eu mencionar o fato da minha mãe ter fugido do país

com meu empresário (e , ah, sim, minhas economias), a gravadora ter me

dispensado e meu namorado também, nesta ordem. Quando me ofereceram o

cargo de assistente administrativa no conjunto Fischer, com salário anual igual ao

que eu costumava ganhar em uma semana no circuito de *shows* ,aceitei sem

hesitar. Eu não estava conseguindo ver uma carreira em longo prazo como

garçonete (que, para uma garota que não gosta nem de levantar para lavar o

cabelo, pode ser brutal) e obter educação superior me pareceu uma boa idéia.

Preciso esperar ate acabar meu período de experiência de seis meses (só faltam

mais três) e então eu vou poder me inscrever em quantos cursos quiser.

O primeiro curso que vou fazer é de psicologia 101, para ver se eu sou mesmo tão

cheia de neuroses quanto Rachel e Sarah parecem pensar.

Agora o Dr. Jessup está fazendo perguntas a respeito da saúde mental de Rachel.

- Como ela está se sentindo? – ele quer saber.

- Acho que ela está bem. – respondo

- Você devia comprar umas flores ou algo assim para ela – ele diz. – Alguma coisa

para anima –lá um pouco. Quem sabe uns doces?

Eu respondo:

- Ah, que boa idéia – apesar de não fazer a menor noção do que ele quer dizer.

Por que eu deveria comprar flores ou doces para *Rachel ?* Será que a morte de Elizabeth Kellogg afeta mais a Rachel do que o Julio, o chefe da faxina, que

provavelmente vai ser quem vai ter de limpar o sangue de Elizabeth do poço dos

elevadores mais tarde?

Será que alguém vai dar flores para o *Julio?*

Talvez eu deva comprar flores para os dois.

- Rachel ainda não se acostumou com a cidade grande – o Dr Jessup vai dizendo, como maneira de se explicar, acredito. – Acho que isto vai deixa – lá um pouco abalada. Ela ainda não se transformou em uma nova – iorquina calejada, como algum de nós. Certo, Wells? – Ele dá uma piscadela

- Certo – respondo, apesar de continuar sem ter a mínima noção do que ele quer dizer. Será que basta uma caixinha de Whitman Sampler ou ele quer que eu vá até a Dean & Deluca para comprar alguns petit – fours? O que não seria mal, porque eu poderia comprar para mim um pouco de casquinhas de laranjas cobertas com chocolate.

Só que.. Rachel não come doce. A dieta da Zona não permite. Quem sabe eu compre uma castanhas ?

Mas a nossa conversa chega a um fim abrupto quando o reitor Al ington entra apressado na sala.

Vou conta a verdade. Eu nunca reconheço Phillip Allington quando olho para ele pela primeira vez, apesar de vê – lo sair do elevador todos os dias úteis pela manhã desde junho. Quando comecei a trabalhar no conjunto Fischer.

A razão por que eu nunca reconheço o reitor Al ington é porque ele não se veste exatamente como um reitor. O visual preferido dele é calça branca (que ele continua usando muito depois do fim do verão, contrariamente ao que dizem as

regras de etiqueta), uma camiseta dourada da Faculdade de Nova York (regata nos dias muito úmidos), tênis Adidas, e quando o clima é inclemente, um blusão de feltro da Faculdade de Nova York. De acordo com outro artigo que eu achei nos arquivos de Justine, o reitor acha que, se ele se vestir igual aos estudantes, vai parecer mais acessível a eles.

Mas eu nunca vi um aluno da Faculdade de Nova York usando as cores da instituição. Todos usam preto, para se misturar ao restante dos nova – iorquinos.

Hoje, o reitor Allington optou pela camiseta com manga, e não a regata, apesar de

a temperatura externa estar bem elevada. Bom, talvez ele tenha tido alguma reunião de diretoria para ir, e quis se vestir para impressionar.

Só quando todos os outros representantes administrativos correr na direção dele imediatamente para se assegurar do que o reitor sabe como a ação deles está sendo fundamental para resolver o que sem duvida será chamado pelo jornal estudantil de ‘’ A tragédia’’ na segunda- feira è que me cai a ficha e eu me lembro:

‘’Ah é. Esse aì e o reitor.’

Ignorando todas as outras pessoas, o Dr. Allington olha diretamente para o Dr. Jessup e diz:

- Você precisa fazer alguma coisa a respeito disso, Stan. Isso não é nada bom. Não é nada, nada bom.

O Dr Jessup fica com uma cara de quem preferia estar no fundo do poço dos

elevadores. Mas também não acho que dá pra culpa – lo.

- Pill – ele responde. – Isto acontece. Com um numero tão grande de estudante, sempre existe o risco de alguns morreram. Sò no ano passado foram três, e no ano antes desse, houve duas..

- Não no meu prédio – o reitor Allington diz. Não posso evitar de ficar achando que ele está tentando parecer o Harrison Ford em Força Aérea 1 (‘’ Saia do meu avião’’).

Mas ele soa muito mais com Pauly Shore em Malucos por Natureza.

Este me parece um bom momento para voltar para minha sala. Encontro Sarah lá, sentada á minha mesa, falando ao telefone. Não há mais ninguém por ali, mas a atmosfera da sala é bastante tensa. A tensão parece emanar de Sarah, que bate o telefone e fica olhando para mim.

- Rachel disse que temos cancelar o baile hoje á noite. – Ela está praticamente bufando.

- E daì ? – isto me parece um pedido razoável – Cancele

- Você não entende. Nós contratamos uma banda de verdade. Podemos perder 1,5 dolar por causa disso.

Fico olhando para Sarah.

- Sarah – eu digo – Uma garota morreu. Está *morta* .

- E se nós sairmos da nossa rotina normal só por causa do ato egoísta dela –

Sarah diz -, sò vamos fazer com que a morte dela seja romanceada pela

população estudantil. – Então, por um instante ela desce do salto alto de aluna de

pòs – graduação e completa: - Acho que a gente pode conseguir o dinheiro de

volta com a venda de camisetas. Mesmo assim, não sei por que devemos cancelar o baile, só porque alguma louca resolveu pular de cima de um elevador.

E as pessoas vêm dizer que o *show biz* è implacável. Obviamente essas pessoas nunca trabalharam em um alojamento.

Desculpe, eu quis dizer conjunto residencial estudantil.

5

Não sei como

A gente se afastou tanto assim

Parece que foi ontem

Você me chamava de amor

Agora estou sozinha

E fico só chorando

Vamos tentar de novo

Amor, quero

Tentar de novo

Porque não estou pronta

Para te deixar ir embora

"Tentar de novo"

Interpretada pod Heather Wells

Composta por Dietz/Ryder

Do álbum Vontade de te comer

Gravadora Cartwright

Como estamos em Nova York, onde tantas mortes nada naturais ocorrem todos os

dias, acaba demorando quatro horas para um legista chegar e examinar Elizabeth.

O legista chega às 15h30, e às 5h35 Elizabeth Kellogg é declarada morta. A cousa

da morte, que ainda vai ser investigada e determinada com precisão pela

autópsia, é indicada como trauma agudo, com pescoço, coluna e osso pélvico

quebrados, além de fraturas múltiplas no rostoe nas extremidades.

Pode me chamar de sonhadora, mas acho que ninguém do corpo estudantil vai

romancear a morte dela quando descobrir isso.

Pior ainda, o legista diz que acha que Elizabeth está morta há quase doze horas.

O que significa que está no fundo daquele poço de elevador desde a noite

anterior.

E, tudo bem, ele diz que ela morreu devido ao impacto com o piso de cimento,

então a morte foi instantânea. Quer dizer, ela não ficou a noite inteira lá, viva.

Mas, mesmo assim.

Não tem como esconder a van do legista, nem o corpo que acaba sendo retirado

do prédio e colocado dentro dela. Às 16h, toda população estudantil do conjunto

Fisher já sabe que alguém morreu. Quer dizer, trata-se de alunos de faculdade:

não são idiotas. Sabem que dois mais dois é igual a quatro.

Mas eu não posso me preocupar muito sobre como os setecentos residentes do

conjunto Fischer estão lidando com a notícia da morte de Elizabeth. Porque estou

ocupada demais me preocupando em como os pais de Elizabeth estão lidando

com a morte da filha.

Isso porque foi decidido pelo Dr. Jessup (decisão apoiada pelo Dr. Flynn) que,

devido ao contato anterior de Rachel com a Sra. Kel og em relação aos priviléios

da visita de Elizabeth, ela é que deveria ligar para os pais da menina morta.

- Vai ser menos chocante - o Dr. Flynn garantiu a todos - se os Kel ogg ouvirem a

notícia de uma voz conhecida.

Sara é banida da sala sem cerimônia uma vez que a decisão é tomada, mas o Dr.

Jessup pede que eu fique.

- Vai ser reconfortante para Rachel - é o que ele diz.

É óbivio que ele nunca viu Rachel em ação no refeitório, dando bronca nos

atendentes do bufê de salada por terem colocado molho ranch com gordura no

distribuidor de molho ranch sem gordura, como eu jah vi. Rachel não é bem o tipo

de pessoa que precisa ser reconfortada.

Mas quem sou eu para dizer alguma coisa?

A cena é insuportavelmente triste e, quando Rachel desliga o telefone, eu tenho o que parece ser enxaqueca, além do estômago revirado.

Claro que pode ser por causa das 11 balas Jol y Rancher e do saco de Fandangos que comi no lugar do almoço. Mas vai saber.

Esses sintomas são agravados pelo Dr. Jessup. Chateado com as observações do Dr. Al ington, o vice-diretor assintente jogou a preocupação e o código da Secretaria de Saúde de Nova York na lata do lixo e começou a fumar de maneira energética, rescostado na beirada da mesa de Rachel. Ninguém se oferece para abrir uma janela. Isso porque todas as janelas da nossa sala ficam no nível da rua,

e toda vez que a gente abre, algum engraçadinho enfia a cabeça pra dentro da sala e grita: "Também quero batata-frita com o meu sanduíche."

É então que me ocorre que Rachel já acabou os telefonemas dela e que não preciso mais reconfortá-la. Não posso fazer mais nada para ajudar.

Então eu me levanto e digo:

- Acho que vou para casa.

Todo mundo olha pra mim, felizmente o Dr. Allington já se foi há muito tempo, já

que ele e a mulher têm uma casa de praia, nos Hamptons, e vão para lá sempre que possível.

Só que hoje a Sra. Allington não quis sair pela porta da frente, não com a van do legista parada ali na calçada, atrás do caminhão de bombeiro. Eu tive que

desligar

o alarme para ela poder sair pela porta de emergência ao lad do refeitório, a mesma porta que os seguranças usam para deixar entrar no prédio os convidados mais ilustres dos Al ington (como os Schwarzenegger) quando eles organizaram jantares, para que não sejam incomodados pelos alunos.

O filho único dos Al ington, Christopher (um rapaz muito bonito com vinte e tantos

anos, que usa muita roupa da Brooks Brothers e que mora em um conjunto residencial para alunos de pós-graduação enquanto cursa direito na faculdade) estava atrás do volante do Mercedes verde-floresta deles quando finalmente partiram. O Dr. Allington colocou a mulher no banco de trás e a bagagem no porta-

malas de maneira solícita, então entrou no banco da frente ao lado do filho.

Christopher Allington zarpou dali em tal velocidade que as pessoas que estavam na feira de rua tiveram que pular para a calçada, achando que alguém queria passar por cima delas - ah, sim. A feira de rua continuou, apesar do caminhão de bombeiro e da van do legista.

Vou dizer uma coisa: se os Al ington fossem os meus pais, eu também ia tentar atropelar os outros.

O Dr. Flynn se recupera da notícia de que eu estou indo embora antes dos outros. Ele diz:

- Claro, Heather. Vá pra casa. Não precisamos mais de Heather, precisamos,

Stan?

O Dr. Jessup solta uma nuvemde fumaça cinza-azulada.

- Vá pra casa - ele diz pra mim. - Tome um drinque. Um bem grande.

- Ah, Heather - Rachel exclama. ela dá um salto da cadeira giratótia dela e, para minha surpresa, coloca os braços em minha volta. Ela nunca tinha feito demonstrações físicas de afeto comigo. - Muito obrigada por ter vindo até aqui. Não sei o que eu teria feito sem você. Você consegue mesmo ficar de cabeça fria no meio de uma crise.

Não faço a menor idéia do que ela está falando. Eu não tinha feito absolutamente nada. Com toda a certeza não tinha comprado as flores que o Dr. Jessup recomendara. Talvez eu tinha acalmado os funcionários estudantis, e tinha convencido a Sarah a cancelar o baile dela, mas foi só isso, mesmo. Não foi nada que pudesse salvar a vida de alguém.

Olho para qualquer lugar menos para o rosto das pessoas enquanto Rachel me abraça. Abraçar Rachel não tem nada a ver com um abraço – a menos que você esteja abraçando um palito. Porque ela é magra demais. Eu me sinto mal por ela. Porque, quem è que vai querer abraçar um palito? Eu sei que os caras que andam atrás de modelos querem. Mas o que eu quero dizer é: que tipo de normal quer abraçar ou ser abraçada por um monte de ossos pontudos? Uma coisa seria se ela fosse *naturalmente* pontuda. Mas acontece que eu sei que Rachel passa fome *de propósito* para ficar deste jeito.

Não é correto.

Para o meu alivio, Rachel me solta quase que imediatamente e, assim que o faz, saio correndo da sala sem dizer mais nenhuma palavra, principalmente porque tenho medo de chorar se abrir a boca. Não por ela ser tão ossuda, mas porque tudo isso me parece um tremendo *desperdício*. Quer dizer, uma menina está morta, os pais dela estão arrasados. E por quê ? Por um passeio emocionante em cima de um elevador?

Simplesmente não faz sentido algum.

Como o alarme da saída de emergência continua desligado, eu saio do prédio por ali, aliviada de não precisar passar pela recepção. Porque eu realmente acho que vou perder toda a compostura se alguém dizer uma palavra que for para mim.

Preciso fazer todo o trajeto até a Sexta Avenida e dar a volta no quarteirão para evitar cruzar com qualquer pessoa que eu conheça (e tenho que passar na frente da Banana Republic, que tem sim roupas tamanho 42, mas raramente em estoque porque, como é o tamanho mais comum, nunca tem o bastante para todo mundo),

mas vale a pena. Não estou em condição de jogar conversa fora com ninguém.

Mas, infelizmente quando chego á porta de casa, percebo que jogar conversa fora

é exatamente o que eu vou ter que fazer. Porque esparramado nos degraus da frente da minha casa està o meu ex noivo, Jordam Cartwright.

E eu estava mesmo confiante de que o meu dia não tinha como piorar.

Ele se levanta quando me vê e desliga o celular, em que está falando. O sol de fim de tarde ressalta as luzes douradas em seu cabelo loiro, e eu não posso deixar de

notar que,apesar do calor sufocante, os vincos da camiseta branca e (sim,sinto em

dizer) da calça branca combinando estão perfeitamente passadinhos.

Com aquela roupa branca e corrente de ouro em volta do pescoço, ele parece um

membro desgarrado de uma boy band realmente ruim.

O que, infelizmente, é exatamente o que ele é.

- Heather – ele diz ao me ver.

Não da pra ler os olhos azul – claros dele porque estão escondidos pela lente dos

óculos escuros Armani. Mas acho que, como sempre, estão cheio de preocupação

meiga com o meu bem- estar. Jordam sabe muito bem fazer as pessoas acharem

que ele se preocupa com elas. Esta é uma das razoes porque a primeira tentativa

de carreira solo dele, ‘’Baby, eu quero você ‘’, ganhou álbum de platina duplo. O

vídeo foi numero um do Disk MTV durante semanas.

- Você apareceu – ele diz. – Estou tentando falar com você. Acho que Coop não

está em casa. Tudo bem com você ? Vim logo pra cá logo que soube.

Eu fico là olhando abobada pra ele. O que ele está fazendo aqui? Nós

terminamos. Será que ele não lembra?

Talvez não. Fica claro que ele andou fazendo musculação. Muita musculação. O

bíceps dele esta definido de verdade.

Talvez um peso tenha caído na cabeça dele,ou algo assim.

- Ela morava no seu prédio, não morava? – ele prossegue – A menina do radio? A

que morreu?

È totalmente injusto que um car tão gostoso possa ser tão.. bom desprovido de maneira tão completa de qualquer coisa que se assemelhe com uma emoção humana.

Tiro as chaves do fundo do bolso da frente do jeans.

-Você não devia ter vindo aqui, Jordan-digo. As pessoas estão olhando (mas são principalmente traficantes de drogas. Tem muitos deles na vizinhança, por que a faculdade, para deixar a Washington Square limpa para os alunos e, mais importante, para os pais deles, fez muita pressão sobre a delegacia de polícia local para expulsarem os traficantes e os sem-teto para longe da praça e mandá-los para as ruas adjacentes, como. por exemplo aquela que eu moro).

Claro que, quando eu aceitei a oferta do irmão do Jordan de morar com ele, eu não sabia que o lugar era tão ruim. Quer dizer, convenhamos, é o Greenwich Village, que há muito tempo deixou de ser antro de artistas passando fome, depois

que os Yuppies mudaram para lá e sanitizaram o lugar e o preço dos aluguéis subiu às alturas. Achei que devia ser parecido com a Park Avenue, onde eu morava com Jordan, e onde "aquelas pessoas simpáticas" como Jordan os chama, simplesmente não circulam.

O que é uma boa coisa, por que "aquelas pessoas simpáticas" aparentemente não conseguem tirar os olhos de Jordan (e não é só por causa das correntes de ouro em destaque).

-Ei!- Um deles grita. - Você é aquele cara? Você é aquele cara?

Jordan, acostumado em ser importunado com os paparazzi, nem mexe um músculo.

- Heather- Ele diz com o seu tom mais acalentador, aquele que usou no seu dueto com Jessica Simpson na turnê Get Funk do verão passado. - Vamos lá, seja razoável. Só por que as coisas não deram certo para a gente no lado romântico, não é motivo para a gente não ser amigo. Nós passamos por muita coisa juntos, até crescemos juntos.

Esta parte, aliás, é verdade. Eu conheci Jordan a muito tempo, quando fui contratada pela gravadora do pai dele, a Gravadora Cartwrite, quanto eu tinha impressionantes 15 anos de idade, e Jordan tinha 18. Naquela época eu acreditava de verdade na fachada de artista torturado de Jordan. Eu acreditei quando ele afirmou que, assim como eu, também odiava as músicas que a gravadora dava para ele cantar. Acreditei quando ele disse que, assim como eu, ia parar de cantá-las para interpretar as canções que tinha escrito por conta própria. Acreditei nele até o ponto em que eu disse para a gravadora que, se não fossem as minhas músicas, não seria música nenhuma... e Jordan, em vez de dizer para a gravadora (também conhecida como o pai dele) a mesma coisa, falou assim: Ächo melhor a gente conversar sobre isso, Heather."

Olho em volta para me assegurar de que a atuação dele não é para nenhuma câmera escondida. Eu mão iria duvidar nadinha mesmo se ele tivesse assinado com algum reality show. Ele é daquele tipo que não se importaria em ver a vida transmitida em rede nacional.

Foi aí que eu reparei na BMW conversível prata estacionada na frente do prédio antigo de tijolinhos.

- Esse aí é novo- digo. - Foi seu pai quem deu? Como recompensa por ficar com Tania Trace?

- Bom, Heather- Jordan diz-, eu já te expliquei. O negócio com a Tania...Não é o que você pensa.

- Certo- respondo com uma risada.- Acho que ela tropeçou e caiu, e foi um acaso eu të-la encontrado com a cabeça na sua virilha.

Então, Jordan faz algo surpreendente. Ele tira os óculos escuros e olha bem fundo

nos meus olhos. Eu me lembro então da primeira vez que o vi (no shopping center

America). A gravadora (quer dizer, o pai de Jordan) tinha acertado para que a banda dele, a Easy Street, e eu fizéssemos uma turnê juntos, na tentativa de atrairo número máximo de pré-adolescentes (com sus pais e suas cateiras).

Jordan tinha na ocasião me olhado da mesma maneira profunda que me olhava agora. Quando ele me disse "Baby, você tem olhos azuis incríveis", não me pareceu uma cantada barata.

Mas o que é que eu sabia? Eu tinha sido arrancada da escola no primeiro ano do ensino médio e desde então só estava na estrada, sob vigilância cerrada e só travando contato com garotos da minha idade que vinham me pedir um autógrafo.

Como é que eu ia saber que "Baby, você tem olhos azuis incríveis"era uma cantada barata?

Só fui perceber anos mais tarde, quando "Baby, você tem olhos azuis incríveis"apareceu em uma música de um dos singles do primeiro CD solo de Jordan. Acontece que ele tinha muita prática em dizer aquilo. Até mesmo com sinceridade.

Com toda a certeza, aquilo tinha funcionado comigo.

-Heather- Jordan diz agora, enquanto os raios de sol, filtrado pelas folhas das árvores e pelos prédios de apartamento ä oeste, brincam sobre a superfície regular e simétrica do rosto bonito e ainda com ar de garoto dele. - A gente tinha uma coisa, você e eu. Tem certeza de que você quer simpesmente jogar tudo fora? Quer dizer, eu sei que não sou exatamente inocênte nessa história toda. Aquele negócio com Tania... Bom, eu sei o que você deve ter pensado.

Fiquei olhando pra ele, incrédula.

- Você quer dizer, que ela estava chupando você? Porque foi o que eu pensei.

Jordan se encolhe, como se eu tivesse dado um tapa nele.

- Está vendo?- Ele cruza os braços por cima do peito. - É exatamente disso que estou falando. Quando a gente se conhceu, Heather, você nunca dizia coisas

grosseiras assim. Você mudou, não percebe? Isso é parte do problema. Você não é a mesma garota que eu conheci há tantos anos...

Resolvo que, se ele baixasse o olhar para a minha cintura, que é o lugar em que eu mais mudei nos últimos dez anos, eu ia dar uma chave de braço nele.

Mas ele não fez isso.

- Você ficou...Sei lá, endurecida. Acho que seja a palavra - ele prossegue.- E depois do que você passou com a sua mãe e o seu empresário, quem pode culpá-la? Mas, Heather, nem todo mundo está afim de roubar o seu dinheiro e fugir para

a Argentina como eles fizeram. Você precisa acreditar em mim quando digo que não quis magoar você. A gente foi simplesmente se afastando, você e eu. Nós queremos coisas diferentes, você quer cantas as sua próprias composições, e

parecw que você não liga para o fato de isto destruir a sua carreira...O que sobrou

dela. E eu...Bom, eu quero...

- Ei!- grita o traficante.- Você é o JORDAN CARTWRIGHT!

Não dá para acreditar que isto

esta acontecendo.Primeiro Elizabeth, agora esta.

Afinal, o que o Jordan quer de mim?É o que eu não consigo entender.O cara tem 31 anos de idade, 1,90m de altura e vale um monte de dinheiro (muito mais do que os cem mil por ano que Rachel procura no parceiro ideal dela).Quer dizer, eu sei que os pais dele não ficaram exatamente felizes quando a gente resolveu

morar junto.Não parecia muito bom, os dois dos cantores adolescentes de maior sucesso deles juntos...

Mas será que todo o nosso relacionamento foi só um tentativa elaborada de se vingar do Sr. E da Sra. Grant Cartwrigth por ter permitido que o filho mais novo participasse de um teste para o clube do mickey, como ele tinha implorado aos nove anos,pela vergonha infinita da vida dele?Porque é claro que roqueiros sérios

não tem fotos com orelhas do Mickey estampadas na Teen Idol semana sim, semana não...

-Jordan-eu digo, interrompendo a lista de coisas que ele quer da vida,muitas das quais tem a ver com levar um pouco de luz para a vida das pessoas, e por que isso é tão errado?Só que eu nunca disse que era.-Será que você poderia simplesmente ir embora?

Passo por ele empurrando-o para o lado, com as chaves na mão.Acho que a minha intenção era entrar e trancar a porta antes que ele pudesse impedir.

- Eu sei que você não me leva a sério como artista, Heather - Jordan prossegue. E

prossegue, e prossegue - Mas eu posso garantir que, só porque eu não componho as músicas que canto, isso não com que eu seja menos criativo do que você.

Agora, eu faço praticamente todas as minhas coreografias. Você viu o movimento

que eu fiz no vídeo de "Agora somos só você e eu"? Sabe, este aqui? - ele dá um rodopio rápido com troca de pé, acompanhando com um movimento de pélvis,

nos

degraus da frente do predinho antigo. - Fui eu quem inventou sozinho. Eu sei que

para você não parece muito, mas você não acha que já está na hora de dar uma

boa avaliada na sua vida? Quer dizer, o que você anda fazendo que seja assim

tão artístico, que seja recompensador? Essa história idiota de alojamento...

Duas fechaduras destrancadas. Só falta uma.

- ...e de morar aqui com um monte de drogados à sua porta... e com o Cooper!

Com o Cooper, ninguém menos! Você sabe o que a minha família acha do

Cooper, Heather.

Eu sei sim o que a família dele acha de Cooper. A mesma coisa que acha do avô

de Cooper, que saiu do armário com 65 anos, comprou um predinho antigo de

tijolinho pintado de rosa-choque no Vil age e depois deixou de herança para o neto

ovelha-negra, que se mudou para o apartamento com pátio, transformou o piso do

meio em agência de investigação e ofereceu o andar de cima para mim, sem

cobrar aluguel (em troca de fazer a contabilidade dele) quando descobriu que eu

tinha pegado Jordan e Tania em flagrante.

- Quer dizer, eu sei que não tem nada entre vocês - Jordan vai dizendo. - Não é

com isso que me preocupo. Você não faz o tipo do Cooper.

Ele pode dizer isso de novo. Infelizmente.

- Mas eu me pergunto se você sabe que o Coop tem ficha na polícia. Por vandalismo. E, é verdade, ele era menos, mas mesmo assim, pelo amor de Deus, Heather, ele não tem respeito pela propriedade pública. Sabe como é, ele estragou um anúncio de rua do Easy Street. Tenho certeza de que ele sempre se ressentiu por causa do meu talento, mas não é minha culpa. Eu nasci com este dom...

Então, a terceira fechadura se abre. Estou livre!

- Tchauzinho, Jordan - digo e deslizo para dentro, fechando a porta com muito cuidado atrás de mim. Porque, sabe como é, não dá para bater a porta na cara dele e machucá-lo, ou qualquer coisa assim. Não porque eu me importo, mas porque seria grosseiro.

Além do mais, o pai dele pode me processar ou qualquer coisa do tipo. Vai saber.

6

Admiradora secreta

Sou sua

Admiradora secreta

Eu sei o quanto

Você adora

E deseja aquela mulher

E fico pensando

O que você faria

Se soubesse que

Eu te amo?

Se você soubesse que é verdade

Que eu sou sua

Admiradora secreta?

"Admiradora secreta"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Valdez/Caputo

Do álbum Vontade de comer

Gravadora Cartwright

Jordan está batendo na porta com toda a força, mas eu estou ignorando.

Está fresco dentro do prédio antigo, e o ar tem um leve cheiro de toner da máquina de fotocópia da sala de Cooper. Começo a subir as escadas em direção ao meu apartamento, pensando que Lucy (eu já falei sobre ela? É a minha cachorra) vai querer sair para passear, daí olho para o fundo do corredor e percebo que uma das portas que dá para o pátio está aberta.

Em vez de subir as escadas, sigo pelo corredor (o avô de Cooper tinha mandado colocar papel de parede preto com listras brancas ali, aparentemente uma moda enorme entre a comunidade gay na década de 1970) e encontro o homem da casa sentado em uma espreguiçadeira no pátio, uma garrafa de cerveja na mão, minha cachorra aos pés e um isopor vermelho do lado.

Ele está escutando (como geralmente faz quando está em casa) uma estação de jazz no rádio. Cooper é o único integrante da família que despreza os gritos estridentes da Easy Street e Tania Trace e prefere os tons mais suaves de Coleman-Hawkins e de Sarah Vaughn.

- Ele já foi embora? - Cooper quer saber quando percebe que estou parada à porta.

- Já vai daqui a pouco - respondo. Só então percebo: - Você está se escondendo aqui?

- Acertou na mosca - Cooper responde. Ele abre o isopor e tira uma cerveja lá de dentro. - Tome - ele diz, oferecendo-a para mim. - Achei que vocês precisaria de uma destas.

Pego a garrafa com gratidão e me afundo na almofada verde acolchoada da cadeira de ferro batido mais próxima. Lucy dispara em minha direção e enfia a cabeça entre minhas coxas e me cheira animada. Faço um cafuné nas orelhas dela.

Esta é a parte mais legal de se ter um cachorro. O bicho sempre ficar feliz quando

vê a gente. Além do mais, sabe como é, também faz bem para a saúde. A pressão sangüínea cai quando se acaricia um cachorro. Ou até um gato. É um fato documentado. Eu li na revista People.

Claro que bichos de estimação não são a única coisa que pode ajudar a manter a

pressão baixa. Ficar descansando em um lugar bem tranqüilo também funciona.

Como, por exemplo, o pátio do avô de Cooper com o jardim dele, os dois segredos

mais bem guardados de Manhattan. Luxuriante e verde, rodeado de muros altos

cobertos de trepadeiras, o lugar é um oásis diminuto, adaptado a partir de uma ex-

estrebaria do século XVIII. Tem até uma pequena fonte no pátio que, percebo,

Cooper ligou. Ela fica lá gorgolejando, agradável, no marasmo do fim de tarde.

Enquanto acaricio as orelhas de Lucy, sinto que meu ritmo cardíaco vai voltando

ao normal.

Talvez, quando acabarem os meus seis meses de experiência e eu puder me

inscrever na faculdade, eu faça preparação para medicina. É, vai ser difícil com um emprego em tempo integral (isso tirando a contabilidade de Cooper). Mas eu

vou dar um jeito.

E daí, talvez, depois eu consiga uma bolsa ou algo assim para fazer o curso de

medicina. E daí, quando eu me formar, posso levar a Lucy comigo para o hospital,

e ela vai poder acalmar todos os meu pacientes. Eu ia acabar com todas as

doenças cardíacas só de fazer os meus pacientes acariciarem a minha cachorra.

Eu iria ser famosa! Igual a Marie Curie!

Só que eu não vou andar com urânio pendurado no pescoço e morrer de

intoxicação por radiação como li que aconteceu com a Marie Curie.

Não menciono meu novo plano para Cooper. Por algum motivo, não acho que

ele

vá apreciar por completo suas diversas facetas.m Apesar de ele ser um sujeito

cabeça bem aberta. Arthur Cartwright, avô de Cooper, ficou bravo com a maneira

como o resto da família o tratou depois de ele revelar que era gay e deixou a

maioria de sua vasta fortuna para a pesquisa em Aids; toda coleção de arte de

altíssima qualidade foi leiloada pela Sotheby's e os lucros com as vendas,

revertidos para a God's Love We Deliver, uma fundação beneficente que alimenta

pessoas doentes de Aids e câncer; e quase todas as propriedades que possuía

forma para a Faculdade de Nova York onde ele estudou...

... todas menos o predinhos cor-de-rosa que ele mais adorava no Village, que

deixou para Cooper (junto com um milhão de dólares bacanérrimos), porque

Cooper foi o único integrante da família Cartwright que disse: "Se você for feliz assim, vovô, tudo bem", quando ficou sabendo que o avô tinha arrumado um

namorado, Jorge.

Não que Jordan e o resto da família Cartwright tenham ficado muito preocupados

com o fato de Arthur os ter deserdado. Eles ainda tinham bastante dinheiro na

conta da família dos Cartwright para todo mundo.

Mesmo assim, isso ainda não contribuiu nada para fazer com que Cooper se

tornasse o integrante preferido de todos entre o clã Cartwright (ele já era a ovelha-negra da família por ter sido expulso de diversas escolas e por ter escolhido fazer

faculdade em vez de assumir um posto no Easy Street; isso sem falar em sua tendência de sair com cirurgiãs cardíacas e donas de galeria com nomes como Saundra ou Yokiko).

Mas nada disso parece incomodá-lo, mesmo. Nunca conheci ninguém que se sentisse mais à vontade na própria companhia do que Cooper Cartwright.

Ele nem se parece com o restante da família. Ele tem cabelo escuro, os outros são loiros; mas ele é bonitão, assim como eles, e tem aqueles olhos azul-gelo fantástico.

Mas a semelhança dele com o irmão Jordan termina nos olhos. Os dois são altos e têm porte atlético.

Mas ao passo que os músculos de Jordan são torneados por um personal trainer durante varias horas por dia em sua academia particular, os de Coop se desenvolvem com partidas cheias de agressividade de basquete de rua nas quadras da Sexta Avenida com a rua Third West e por corridas em alta velocidade

pela estação Grand Central, em nome de algum cliente que ele esteja atendendo no momento (apesar de ele não admitir que faz isso).Eu sei a verdade porque,como sou eu que cobro os clientes dele,vejo os recibos.Não tem como uma pessoa ser capaz de sair de um táxi (uma corrida de seis dólares que terminou as 17h01) até um guichê de passagens de ferrovia Metro North (viagem de ida e volta até Stam Ford, saindo as 17h07) sem correr.

Por causa de tudo isso (a simpatia, os olhos, o basquete no fim de semana... sem

falar no jazz) eu me apaixonei loucamente por Cooper.

Mas eu sei que é completamente inútil. Ele me trata com o descaso simpático normalmente reservado à namorada do irmão mais novo o que aparentemente vou continuar sendo para sempre para ele já que, comparada às mulheres com quem ele sai, que são todas independentes, lindas e professoras de literatura renascentista ou de microfísica, eu pareço um pudim ou algo do tipo, não tenho a menos chance.

E quem vai querer um pudim de baunilha se puder comer crème brûlée?

Vou me apaixonar por algum outro cara assim que der. Juro. Mas, enquanto isso, qual é o problema de eu aproveitar a companhia dele?

Cooper dá um longo gole na cerveja e examina o topo dos prédios ao nosso redor... sendo que um dele por acaso é o conjunto Fischer. Dá para ver do 12º ao vigésimo andar, inclusive a cobertura do reitor, do jardim de fundos de Arthur Cartwright.

Também dá para ver os respiradouros do poço dos elevadores.

- Então - Cooper diz. - Foi muito ruim?

Ele não está falando do fato de eu ter visto Jordan. Isso fica óbvio quando ele aponta o campus da faculdade com a cabeça.

Ele não está falando do fato de eu ter visto Jordan. Isso fica óbvio quando ele aponta o campus da faculdade com a cabeça.

Não fico surpresa por ele saber sobre a menina morta. Ele deve ter ouvido as

sirenes e visto a multidão. Até onde eu sei, ele pode ter um receptor de rádio da polícia enfiado em algum lugar.

- Não foi nada agradável - respondo, dando um gole em minha cerveja enquanto massageio as orelhas pontudas de Lucy com a mão livre. Lucy é uma vira-lata que eu peguei no centro de zoonose pouco depois de minha mãe fugir. Tenho certeza de que Sarah diria que eu adotei Lucy como uma espécie de membro postiço da família, já que fui abandonada pela minha.

Mas como eu sempre estava em turnê, nunca pude ter um bicho de estimação, e simplesmente achei que estava na hora de ter um. Parte collie e aparentemente parte fox, Lucy tem uma cara risonha à qual eu não consegui resistir (mas Jordan queria um cachorro com pedigree, se possível um cocker spaniel. Ele não ficou lá muito feliz quando eu cheguei em casa e em vez da Dama, tinha trazido a Vagabunda).

Mas tudo bem, porque Lucy nunca gostou de Jordan mesmo, e logo mostrou seu desagrado ao mastigar uma calça de camurça dele.

Estranhamente, ela parece não ter problema nenhum com Cooper, o que atribuo ao fato de Cooper nunca ter jogado um exemplar da revista Us Weekly nela por ter roído o CD da Dave Matthews Band. Cooper nem tem um CD da Dave Matthews Band. Ele gosta do Wynton Marsalis.

- Alguém já sabe o que aconteceu? - Ele quer saber.

- Não - respondo. - Ou, se sabe, não está a fim de divulgar a informação.

- Bom - ele toma um gole grande de cerveja. - São só garotos. Provavelmente ficaram com medo de se encrencar.

- Eu sei - respondo. - É só que... como podem simplesmente ter deixado a menina lá? Quer dizer, fazia horas que ela estava morta. E simplesmente deixaram lá.

- Quem foi que fez isso?

- As pessoas com quem ela estava.

- Como é que você sabe que ela estava com alguém?

- Ninguém faz surfe de elevador sozinho. O objetivo da brincadeira é um monte de garotos subir em cima de um elevador passando pelo painel de manutenção no teto e desafiar uns aos outros a pular da cabine em que estão para a outra que vai passando. Se não tiver ninguém para desafiar, qual é o sentido?

É fácil explicar as coisas para o Cooper porque ele é um ótimo ouvinte. Ele nunca interrompe as pessoas, e sempre parece interessado de verdade no que elas têm a dizer. Este é outro traço de caráter que o afasta do resto da família.

E também é algo que, desconfio, o ajuda no ramo em que ele trabalha. Dá para descobrir muita coisa quando deixamos os outros falarem e simplesmente escutamos o que têm a dizer.

Pelo menos foi o que eu li certa vez em uma revista.

- O negócio é que os garotos desafiam uns aos outros a dar saltos cada vez maiores e mais perigosos. - digo. - Ninguém nunca faria surfe de elevador sozinho. Então ela tinha que estar com alguém. A menos que...

Cooper me olha:

- A menos que o quê?

- Bom, a menos que ela não estivesse fazendo surfe de elevador coisa nenhuma - digo, finalmente colocando as palavras uma coisa que ficou me incomodando o dia inteiro. - Quer dizer, as meninas não costumam fazer isso. Pelo menos, nunca ouvi falar de nenhuma, não na faculdade de Nova York. Isso é coisa de garoto bêbado.

- Então - Cooper se inclina para frente na espreguiçadeira. - Se ela não estava fazendo surfe de elevador, como foi que ela caiu no fundo do poço? Você acha que as portas dos elevadores se abriram, mas o elevador não veio, e ela entrou sem olhar?

- Não sei. Essas coisas não acontecem. O elevador não abre se não estiver no andar. E mesmo que acontecesse, quem ia ser tão idiota de não olhar primeiro?

E é aí que ele diz:

- Vai ver que alguém a empurrou.

Fico olhando embasbacada para ele. O fundo do prédio antigo dele é silencioso, não dá para ouvir o trânsito da Sexta Avenida nem o barulho de garrafas que os

sem-teto da Wavely Place fazem enquanto remexem o nosso lixo. Mesmo assim, não tenho certeza se ouvi direito.

- Empurrou? - repito.

- É o que você está pensando, não é? - Os olhos azuis de Cooper não revelam absolutamente nenhuma emoção. É isto que faz dele um detetive particular tão bom. E o motivo por que eu continuo acreditando que pode haver esperança romântica entre mim e ele no final das contas (porque nunca vi nada nos olhos dele que pudessem fazer com que eu acredite no contrário). - Talvez ela não tenha escorregado e caído. Talvez ela tenha sido empurrada.

O negócio era EXATAMENTE o que eu estava pensando.

Mas eu também tinha ficado pensando que isso parecia... bom, louco demais para proferir em voz alta.

- Nem tente negar - Cooper diz. - Eu sei que é isso que você estava pensando.

Está na sua cara.

É um alívio desabafar.

- Meninas não fazem surfe de elevador, Coop. Simplesmente não fazem. Quer dizer, talvez façam em outras cidade, mas não aqui na Faculdade de Nova York. E

esta menina, Elizabeth, ela era toda certinha!

Agora é a vez de Cooper ficar olhando para embasbacado para mim.

- Como assim?

- Certinha - respondo. - Sabe como é. Toda arrumadinha. As certinhas não fazem

surfe de elevador. E digamos que fizesse. Quer dizer, simplesmente DEIXARAM a

coitada lá. Quem faria isso com a amiga?

- Crianças - ele responde com um dar de ombros.

- Não são crianças - insisto. - Eles têm 18 anos.

Cooper dá de ombros.

- Para mim, 18 anos ainda é criança - ele diz. - Mas digamos que você esteja certa

e ela fosse, hmm, certinha demais para fazer surfe de elevador. Você consegue

pensar em alguém que teria motivo para empurrá-la em um poço de elevador...

levando em conta que, para começo de conversa, essa pessoa saberia como

fazer isso?

- A única coisa no arquivo dela - eu explico - é que a mãe ligou e pediu para que

ela só recebesse visita de meninas.

- Por quê? - Cooper quer saber. - Ela tinha algum namorado desrespeitoso que a

mãe queria que fizesse algum PNG para ele?

PNG é um memorando de pensona non grata, que é emitido pela segurança do

alojamento quando um residente (ou seus pais, ou um funcionário) faz o pedido

para que algum individuo específico seja proibido de entrar no prédio. Como para

entrar no prédio é preciso mostrar a carteirinha de estudante ou passaporte, é fácil negar a entrada para qualquer pessoa que esteja na lista dos PNGs. Uma vez, na

minha primeira semana, os funcionários estudantis fizeram um PNG falso para mim. Disseram que era de brincadeira.

E aposto que nunca fizeram isso com Justine.

Além do mais, não acredito que Cooper preste assim tanta atenção na minha tagarelice a respeito do meu trabalho louco no conjunto Fischer para se lembrar do que é um PNG.

- Não - respondo, corando um pouco. - Não foi mencionado nenhum namorado.

- Isso não quer dizer que não exista um. Os alunos têm de autorizar a entrada dos visitantes, certo? - Cooper pergunta. - Alguém checou se Elizabeth recebeu um namorado sobre o qual a mãe talvez não saiba, na noite passada?

Sacudo a cabeça, sem tirar os olhos da parte de trás do conjunto Fischer, que brilha vermelho com os raios do sol poente.

- Ela tinha uma colega de quarto - explico. - Não ia chamar um cara para passar a

noite lá com a colega bem ali, na cama do outro lado do quarto.

- Porque meninas certinhas não fazem coisas desse tipo?

Eu me remexo na cadeira, pouco à vontade.

- Bom... não fazem mesmo.

Cooper dá de ombros.

- A colega de quarto pode ter passado a noite com outra pessoa.

Eu não tinha pensado nisso.

- Vou dar uma olhada na lista dos visitantes - digo. - Não vai fazer mal.

- Quer dizer - Cooper diz - que você vai dizer para a polícia dar uma olhada na lista de visitantes?

- A polícia? - fico assustada. - Você acha que a polícia vai se envolver?

- Provavelmente - é a resposta vaga de Cooper. - Se também acharem que "meninas certinhas não fazem isso", como você acha.

Faço uma careta para ele bem quando a campainha toca e ouvimos Jordan berrar:

- Heather! Anda, Heather! Abra a porta!

Cooper nem vira a cabeça na direção da porta.

- O tanto que ele se dedica a você é comovente - ele observa.

- Não tem nada haver comigo - explico. - Ele só está tentando aborrecer você. Sabe como é, para você me expulsar. Ele só vai ficar feliz quando eu estiver morando em uma caixa de papelão nas imediações da Houston Street.

- Parece que está mesmo tudo terminado entre vocês dois - Cooper diz, cauteloso.

- Não é isso. Ele não gosta mais de mim. Ele só quer me castigar por tê-lo abandonado.

- Ou - Cooper diz - por ter coragem de fazer o que tem vontade. Que é uma coisa que ele nunca vai ter.

- Bem pensado.

Cooper é um cara de poucas palavras, mas as palavras que ele usa acabam

sendo sempre as exatas. Quando ficou sabendo que eu tinha pegado Jordan e Tânia, ele ligou para o meu celular e disse que, se eu estivesse procurando um lugar para morar, o apartamento do andar superior do prédio antigo de tijolinhos dele (onde o amiguinho do avô dele morava) estava disponível. Quando eu expliquei que estava totalmente dura (graças a minha mãe), Cooper disse que eu poderia pagar fazendo as cobranças e a contabilidade das pilhas de recibos que ele tinha espalhadas por todos os lados, assim ele não ia mais ter que pagar 175 dólares por hora para o contador dele.

Simples assim, eu deixei a cobertura da Park Avenue que Jordan e eu dividíamos e me mudei para a casa de Cooper. Depois de uma única noite ali, parecia que eu e a Lucy nunca tínhamos morado em outro lugar.

Claro que o serviço não é exatamente fácil. Coop disse que no total talvez fossem

umas dez horas por semana, mas são mais ou menos umas vinte. Geralmente, passo o domingo inteiro e várias noites por semana tentando entender as pilhas de papel amassado, anotações rabiscadas em caixas de fósforo e notas largadas na sala dele.

Mesmo assim, no quesito aluguel, vinte horas por semana de contabilidade não é nada. Estamos falando de uma apartamento de um piso inteiro no East Village, que custaria facilmente três mil por mês no mercado imobiliário.

E, sim, eu sei por que ele fez isso. Não foi porque lá no fundo ele tem uma

quedinha por ex-estrelas pop que usam tamanhos 42. Na verdade, não tem nada a ver comigo (assim como não tem nada a ver comigo o fato de Jordan estar esmurrando a porta neste momento). A motivação de Cooper para me deixar morar com ele é que, assim, ele incomoda de verdade a família inteira (especialmente o irmão mais novo). Coop se delicia quando aborrece Jordan, e Jordan, por sua vez, odeia Cooper. Ele diz que é porque Coop é irresponsável e imaturo.

Mas eu acho que na verdade é porque Jordan tem inveja de Cooper porque, quando os pais deles tentaram fazer pressão para que ele entrasse na Easy Street e pararam de dar dinheiro para ele, ele pareceu não se importar nem um pouco em ficar pobre; e por ele ter de foto arrumado um jeito de se virar sem a Gravadora Cartwright. Eu sempre achei que Jordan (por mais que goste de se apresentar) gostaria de ter dito aos pais o que queria fazer, como Cooper fez (e como eu também acabei fazendo).

Cooper obviamente suspeita da mesma coisa.

- Bom - ele diz enquanto, ao fundo, ouvimos Jordan gritando: Ande logo, eu sei que vocês dois estão aí.” - Por mais que eu aprecie ficar aqui sentado escutando Jordan ter um ataque na porta da minha casa, preciso trabalhar”.

Não posso evitar ficar olhando para ele quando ele larga a garrafa de cerveja e se levanta. Cooper é realmente um espécime raro. Sob o sol que vai indo embora, ele parece especialmente bronzeado. Mas não é um bronzeado que vem de uma

lata, como o do irmão dele; você sabe do que eu estou falando. Coop é bronzeado

porque passa horas sentado atrás de arbustos com lentes zoom apontadas para alguma porta de motel...

Não que alguma vez ele tenha me dito, exatamente, o que faz o dia inteiro.

- Você está trabalhando? - eu pergunto, apertando os olhos na direção dele. - Em um sábado à noite? Em quê?

Ele dá uma risada. Esta é uma espécie de joguinho que a gente faz. Eu tento fazer

com que ele me conte o tipo de coisa em que ele está trabalhando, e ele se recusa a morder a isca. Cooper leva muito a sério o direito ao sigilo dos clientes dele.

Além do mais, ele também acha que os casos dele são sórdidos demais para a ex-namorada do irmão mais novo dele ficar sabendo. Para Cooper, acho que eu vou sempre ser a menina de 15 anos de frente-única e rabo-de-cavalo, proclamando de um palco de shopping center que eu tenho vontade de te comer.

- Bela tentativa - Cooper diz. - O que você vai fazer?

Penso sobre o assunto. Magda vai fazer um turno duplo no caixa do refeitório e, depois disso, eu ia querer ir direto para casa para tomar um banho e tirar aquele cheiro de batatinha do cabelo. Poderia ligar para minha amiga Patty (uma das minhas exorcistas da turnê Vontade de te comer e uma das poucas amigas que restaram do tempo em que eu trabalhava com música).

Mas agora ela está casada e tem filhos e não tem mais muito tempo para as amigas solteiras.

Percebo que provavelmente vou passar esta noite do mesmo jeito que passo a maior parte das outras: ou fazendo a contabilidade de Cooper ou dedilhando o meu violão, com um lápis e uma partitura em branco, tentando compor uma canção que, diferente de "Vontade de te comer", não me dê vontade de vomitar toda vez que eu escuto.

- Ah - respondo em tom despreocupado. - Nada.

- Bom, não fique acordada até muito tarde fazendo nada - Cooper diz. - Se Jordan ainda estiver aí na frente quando eu sair, vou chamar a polícia e mandar guinchar aquela BMW dele.

Eu sorrio para ele, emocionada. Quando eu conseguir meu diploma de medicina, uma das primeiras coisas que eu vou faz é convidar Cooper para sair. Parece que ele não resiste a mulheres com muito estudo, então, quem sabe? Talvez ele até aceite.

- Obrigada - digo.

- Não há de quê.

Cooper entra, leva o rádio consigo e deixa Lucy e eu sozinhas no meio das sombras que vão caindo vagarosamente. Fico lá sentada um tempo depois que ele vai embora, terminando minha cerveja, e olhando o conjunto Fischer. O prédio parece tão aconchegante, tão tranqüilo... É difícil acreditar que foi a cena de

tanta tristeza naquele mesmo dia.

Só quando escurece e as luzes começam a se acender nas janelas do conjunto Fischer é que eu resolvo entrar.

E, quando entro, percebo que a advertência de Cooper quando eu disse que não ia fazer nada esta noite tinha sido um tanto irônica. Será possível que ele saiba o que eu faço toda noite... e que não é nada? Será que ele ouve meu violão lá de baixo?

De jeito nenhum.

Mas então, por que ele tinha dito a palavra nada daquele jeito? Tão... sei lá, com duplo sentido?

Não consigo descobrir.

Mas bom, vamos encarar os fatos: os homens sempre representaram um certo mistério para mim.

Mesmo assim, quando pego o violão naquela noite, toco mais baixinho que nunca,

para o caso de Cooper voltar para casa de repente. Não estou pronta para deixar ninguém (nem mesmo Coop) escutar as minhas composições novas. Não desde que o pai dele riu de mim no dia em que eu toquei para ele, pouco antes de Jordan e eu rompermos.

Uma merda de uma roqueira brava, foi como Grant Cartwright classificou as minhas músicas. Por que você não deixa a composição para profissionais, ele

dissera, e faz só o que você sabe mesmo fazer, que é entrar na parada e cantar baladas? Aliás, você andou engordando?

Um dia desses, vou mostrar para Grant Cartwright o que uma roqueira brava é realmente capaz de fazer.

Mais tarte, enquanto lavo o rosto para ir para a cama, olho pela janela e vejo o conjunto Fischer todo aceso em contraste com o céu noturno. Dá para ver as pequeninas silhuetas de alunos se movimentando dentro dos quartos e dá para ouvir, bem baixinho, o som da música que sai de alguns daqueles quartos.

É verdade que alguém morreu ali naquele prédio. Mas também é verdade que, para todos os outros residentes, a vida continua.

E está continuando agora mesmo, enquanto as meninas se arrumam na frente do espelho do banheiro para sair, e os meninos bebem cervejas Rolling Rock aos galões enquanto esperam as meninas.

Enquanto isso, através dos respiradouros ao longo da lateral do prédio, vejo

flashes intermitentes de luz enquanto os elevadores deslizam silenciosamente para cima e para baixo dentro do poço.

E não consigo parar de ficar me perguntando o que aconteceu. O que fez com que

ela fizesse aquilo?

Ou...

Quem?

Picolé gostoso

Igual a mel direto/Da colméia

Picolé gostoso

A única coisa que me mantém/Viva

Picolé gostoso

Não descaete/Antes de provar

Picolé gostoso

Você sabe que quer/Não negue

Picolé gostoso

Quando ele está por aqui/Não consigo

me segurar

Picolé gostoso

O menino dos meus olhos/Meu picolé

gostoso

"Picolé gostoso

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Dietz/Ryder

Do álbum Picolé gostoso]

Gravadora Cartwright

Na segunda-feira, Sarah e eu entramos no quarto de Elizabeth para empacotar as coisas dela.

Isso porque os pais dela estão abalados demais para fazê-lo pessoalmente e pediram que a administração do conjunto residencial estudantil fizesse.

O que eu consigo compreender totalmente. Quer dizer, a última coisa que você acha que vai acontecer quando manda a filha para a faculdade é que três semanas depois disso você vai receber uma ligação avisando que ela morreu, e que você precisa ir até lá para recolher as coisas dela.

Principalmente se a sua filha for uma menina tão certinha quanto Elizabeth parecia ser... pelo menos, julgando pelas coisas dela, que Sarah listou (porque se, mais tarde, os Kel ogg reparassem que alguma coisa estava faltando, não poderiam dizer que a gente tinha roubado, e isso, infelizmente, como o Dr. Jessup nos avisou, tinha acontecido antes no caso de morte de alunos) enquanto eu empacotava. Quer dizer, a menina tinha sete camisetas da Izod. Não tinha nenhum sutiã preto. As calcinhas dela eram todas de algodão branco, da Hanes Her Way, marca bem-comportada.

Sinto muito, mas as meninas que andam de Hanes Her Way não fazem surfe de elevador.

Só que eu, claramente, estou em minoria por acreditar nisso. Sarah, à medida que vai anotando cada item que eu tiro da cômoda de Elizabeth, detalha cada aspecto da esquizofrenia, a doença que está estudando atualmente no cursos de psicologia. Os sintomas da esquizofrenia só costumam se manifestar nos

pacientes quando eles completam a idade que Elizabeth tinha quando morreu, Sarah me informa. Continua dizendo que é provável que tenha sido isto que fez com que Elizabeth mergulhasse para o nada na noite de sua morte, algo absolutamente não-característico. Quer dizer, que umas vozes na cabeça dela mandaram que ela fizesse aquilo.

Sarah pode até ter razão. Com certeza não foi o suposto namorado de Elizabeth, como Cooper tinha sugerido. Eu sei, porque a primeira coisa que fiz na segunda pela manhã (antes mesmo de pegar um bagel e um café no refeitório) foi conferir a

lista de visitantes na sexta à noite.

Mas lá não tinha nada. Elizabeth não tinha autorizado a entrada de ninguém.

Enquanto eu e Sarah passamos o dia inteiro embalando as coisas de Elizabeth(sem nunca encontrar a colega de quarto dela, que parece passar todas as horas do dia em aulas), Rachel se ocupa com a preparação de uma cerimônia no campus em memória da falecida, além de providenciar para que a tesouraria efetue o reembolso da anuidade e da taxa de alojamento de Elizabeth.

Mas os Kellogg parecem não apreciar isso nem um pouco. Durante a cerimônia religiosa naquela mesma semana, na capela estudantil (à qual eu não fui, já que Rachel disse que queria algum adulto presente no escritório enquanto ela estivesse fora para o caso de algum aluno precisar de aconselhamento ou algo assim; os funcionários do conjunto residencial estão muito preocupados com a

maneira como a morte de Elizabeth pode afetar o restante da população do prédio, apesar de até agora ninguém ter apresentado sinal de trauma), a Sra. Kellogg assegurou a todos os presentes, com berros estridentes, que a faculdade não vai ficar impune por ter causado a morte da filha dela, e que ela pessoalmente

não vai descansar até que as partes responsáveis sejam punidas (pelo menos foi o que Pete contou, já que na ocasião ele estava trabalhando como segurança na porta da capela).

A Sra. Kellogg se recusa a acreditar que qualquer espécie de ação impensada de Elizabeth possa ter causado sua própria morte, e insiste que, quando a análise do sangue da filha for concluída, em duas semanas, vamos ver que ela tem razão: Elizabeth nunca bebia, e com certeza nunca usou drogas, e, portanto, não estava se divertindo com um monte de surfistas de elevador malucos na noite em que morreu.

Não, de acordo com a Sra. Kel ogg, Elizabeth foi empurrada no poço dos elevadores, e ninguém vai convencê-la do contrário.

Mas o Sr. e a Sra. Kel ogg não eram os únicos que estavam sofrendo depois da morte da filha. Depois de ver tudo por que Rachel passou naquela semana, comecei a compreender o que o Dr. Jessup quis dizer. A respeito das flores, quer dizer. Rachel estava merecendo mesmo um buquê.

Na verdade, o que ela merece é um aumento.

Mas, conhecendo a contenção de custos generalizada da faculdade (desde a década de 1990 não são feitas novas contratações, a não ser em casos emergenciais, como a substituição de Justine), eu duvido muito que um aumento esteja no horizonte.

Então, na quinta-feira, depois da cerimônia, dou uma passada no mercado da esquina e, em vez de comprar um pacote de balinhas Starburst e um café com leite para espantar a preguiça da tarde, que eu sempre compro, escolho o buquê de flores mais bonito que eles têm, e o ajeito em um vaso na mesa de Rachel. Para falar a verdade, fiquei até com medo da maneira como ela ficou animada quando chegou da reunião em que estava e viu as flores.

- Para mim?- ela pergunta, com lágrimas praticamente brotando dos olhos; e não é exagero da minha parte.

- Bom - eu respondo. - Fiquei mal com tudo por que você tem passado...

As lágrimas se secam bem rápido depois disso.

- Ah, foi você - ela diz, com uma voz bem diferente.

- Hmm - respondo. - Foi.

Acho que talvez Rachel tenha pensado que as flores eram de um cara ou qualquer

coisa do tipo. Talvez de alguém que ela tivesse conhecido recentemente na academia. Mas, se tivesse conhecido, tenho certeza de que Sarah e eu já estaríamos sabendo de tudo. Rachel leva isso muito a sério (estou falando de achar um cara com quem se casar). Ela nunca perde uma sessão semanal de

manicure e pedicure, então diz que os cabelos brancos se destacam demais_. E é claro que faz exercício que nem louca, seja na academia da faculdade ou correndo na Washington Square Park. Acho que vou dar quatro voltas no parque dá mais de um quilômetro e meio, ou algo assim. Rachel dá umas 12 voltas em meia hora.

Eu já observei que ela pode obter os mesmos benefícios à saúde caminhando no parque em vez de correr em volta dele, ao mesmo tempo que evita problemas nas canela e nos joelhos mais para a frente. Mas, cada vez que eu menciono isto, ela só fica me olhando.

- Tem sido difícil para todas nós, Heather - é o que Rachel diz agora, colocando os braços ao redor dos meu ombros. - Também não tem sido fácil para você, não negue.

Ela está certa, mas não pelas razões que ela pensa. Ela acha que tem sido difícil para mim porque eu ando fazendo boa parte do trabalho braçal (você sabe do que estou falando, implorar ao almoxarifado me dar uma caixa para colocar as coisas de Elizabeth, depois arrumar tudo, depois arrastar os volumes até o serviço postal para que eles enviem para os pais dela, sem contar que preciso marcar todos os depoimentos relativos ao caso, lidar com os funcionários estudantis que ficam choramingando e querem alguns dias de folga da separação da correspondência,

apesar de nenhum deles terem conhecido de fato a falecida, e ficam dizendo que a Justine daria folga para eles).

Mas para falar a verdade, nada disso foi tão difícil para mim como admitir que o

conjunto Fischer NÃO é um dos lugares mais seguros do mundo, como eu passei a pensar desde que comecei a trabalhar lá.

Ah, não que eu tenha alguma prova de que Elizabeth tenha sido empurrada, como a Sra. Kel ogg diz que foi. Mas o fato de ela ter morrido, em primeiro lugar... essa parte me deixa completamente louca. Os alunos que estudam na Faculdade de Nova York são bem mimados, na maior parte. Esses garotos não fazem idéia de como a vida deles é fácil... têm pais que os amam, fonte de renda estável, nada com que se preocupar a não ser passar nas provas e arrumar uma carona para ir para casa no feriado de Ação de Graças.

Eu não tenho tão poucas preocupações assim desde... bom, desde a oitava série.

E o fato de uma dessas alunas ter feito algo tão idiota quando se empuleirar no teto de um elevador para ali em cima (ou ainda pior, pular do teto de um elevador para outro) e que um outro aluno (que mora neste prédio) estava lá no momento e presenciou quando Elizabeth escorregou e caiu para encontrar a morte e mesmo assim não contou para ninguém...

É isso que está me deixando assustada de verdade.

Claro que Cooper provavelmente tem razão. Provavelmente, a pessoa que estava com Elizabeth na hora em que ela morreu não quer se apresentar porque tem medo de se meter em encrencas.

E acho que pode até ser que Sarah esteja certa, que Elizabeth estivesse sofrendo os primeiros estágios da esquizofrenia, ou que estivesse sofrendo até com depressão clínica, causada por algum desequilíbrio hormonal, ou alguma coisa assim, e seja por isso que ela fez o que fez.

Mas nunca vamos saber. Esse é o problema. Nunca vamos saber.

Mas isso simplesmente não é correto.

Mas parece que ninguém se incomoda com isso, além da Sra. Kel ogg.

E de mim.

Na sexta-feira seguinte (quase uma semana depois da morte de Elizabeth), Sarah e eu estamos sentadas na sala da diretoria do conjunto, fazendo encomendas no almoxarifado. Não aquecedores de cerâmica para dar de presente para os nossos amigos, mas material de que precisamos mesmo, como canetas e papel para a copiadora e coisas assim.

Bom, certo, eu é que estou fazendo as encomendar. Sarah está me dando um sermão a respeito de como o meu ganho de peso provavelmente representa uma necessidade inconsciente de me tornar indesejável para o sexo oposto, de modo que ninguém mais possa me magoar como Jordan me magoou.

Estou me segurando para não dizer a Sarah que, de fato, não sou gorda. Eu já disse a ela, várias vezes, que tamanhos 42 é a média da mulher norte-americana usa, algo que Sarah devia saber muito bem, aliás, porque ela também usa 42.

Mas a esta altura já ficou bem claro para mim que Sarah simplesmente gosta de

falar para ouvir o som da própria voz, de modo que eu a deixo prosseguir, já que ela não tem ninguém mais com quem falar, porque Rachel está no refeitório em uma recepção de café-da-manhã para o time de basquete da Faculdade de Nova York, os Maricas.

É, este é mesmo o nome deles. Eles se chamavam Linces ou algo assim, mas há uns vinte anos, vários deles foram pegos trapaceando, então a ligar de basquete universitário os tirou da Primeira Divisão e os passou para a Terceira Divisão, e obrigando-os a mudar de nome.

Como se já não fosse a menor vergonha se chamar os maricas, o reitor Al ington quer tanto vencer o campeonato da Terceira Divisão neste ano que recrutou os jogadores mais altos que conseguiu encontrar. Mas como todos os bons foram para as escolas que estão na Primeira ou na Segunda Divisão, ele só ficou com as sobras, como por exemplo os jogadores que têm o pior histórico escolar do país. É

sério. Às vezes, os jogadores me deixam bilhetes falando de problemas no quarto, em caligrafia que quase não dá para ler, com inúmeros erros de ortografia. Eis um

exemplo:

"Cara Heather, teim alguma coisa erada na minha privada. Não dá descaga e fica fazeno baruio. Pur favor, mi ajuda."

Mais um:

"Ao responsável: eu num cabo na minha cama. Quero cama nova. Valeu."

Juro que não estou inventando.

Sarah e eu não ouvimos o grito, apesar de mais tarde ficarmos sabendo que ela aparentemente gritou durante todo o trajeto descendente.

O que ouvimos são passos apressados no corredor, e então uma das ARs, Jessica Brandtlinger, entra na sala.

- Heather! - ela grita. O rosto dela, que já é normalmente pálido, está da cor de uma folha de papel e ela respira com dificuldade. - Aconteceu de novo. O poço dos elevadores. Ouvimos um grito. Dá para ver as pernas dela pela fresta entre o chão e o elevador...

Eu me levanto antes de ela chegar na metade da frase.

- Ligue para a emergência - eu grito para Sarah, já saindo da sala. - Depois vá procurar Rachel.

Sigo Jessica pelo corredor até a mesa da segurança e a escada até o porão. Pete, percebo, não está na mesa. Quando chegamos ao porão, vemos que ele já está lá, parado na frente do poço dos elevadores, gritando no walkie-talkie enquanto Carl, um dos zeladores, tenta abrir a porta do elevador com um pé-de-cabra.

- Isso, mais uma - Pete grita no walkie-talkie. - Não, não é piada. Mande uma ambulância para cá, rápido! - Ao nos ver ele abaixa o walkie-talkie, aponta para Jessica, e berra: - Você aí: suba até o primeiro andar e chame o elevador e deixe parado lá. Não deixe ninguém entrar nem sair, faça o que for preciso, mas não deixe a porta fechar até os bombeiros chegarem para desligar. Heather, vá pegar

a chave.

Fico com raiva de mim mesma por não ter pego no caminho até ali. Guardamos uma cópia das chaves do elevador atrás da recepção: uma chave que permite fazer com que o elevador não faça paradas, como a que os Allington receberam quando se mudaram para lá, para que pudessem chegar à cobertura sem escalas; uma chave que dá acesso à casa das máquinas para reparos; e uma chave que abre as portas pelo lado de fora.

- Estou indo! - grito e subo as escadas em disparada logo atrás de Jessica, que subiu para chamar o elevador no primeiro andar e segurá-lo.

Quando chego à recepção, abro a porta e entro apressada, vou direto para o armarinho de chaves, que deve estar sempre trancado (apenas a pessoa que está na recepção tem permissão para ficar com a chave).

Mas, com os funcionários da manutenção do prédio e os assistentes dos residentes sempre pegando chaves para fazer reparos, limpeza ou para deixar entrar nos quartos dos estudantes trancados do lado de fora o armarinho das chaves quase nunca fica fechado, como deveria. Quando passo como um raio por Tina, a responsável pela recepção do momento, vejo as portas do armarinho escancaradas.

- O que está acontecendo? - Tina pergunta, nervosa. - É verdade que tem mais uma? No fundo do poço dos elevadores?

Eu a ignoro. Isso porque estou concentrada. Estou concentrada porque achei a

chave para que o elevador não faça paradas e a chave para a casa de máquinas. Mas a chave para as portas do elevador não está lá.

E quando confiro a lista de retiradas pendurada na porta do armarinho de chaves, não há nenhuma assinatura relativa a ela, nem indicação de que foi retirada, para começo de conversa.

- Cadê a chave? - pergunto bem incisiva, virando-me para Tina. - Quem está com a chave das portas dos elevadores?

- E-eu n-não sei - ela gagueja. - Não estava aí quando o meu turno começou. Pode conferir no meu relatório de atividades!

Esta é mais uma mudança que implementei em relação à maneira como Justine cuidava das coisas (além da lista de retiradas de chaves no armarinho): quem trabalha na recepção precisa fazer o registro de tudo que aconteceu durante o seu turno. Se alguém pega uma chave (mesmo que assine a lista de retirada), quem está na recepção deve anotar o fato em seu relatório. E a primeira coisa que a pessoa deve fazer quando começa o seu turno é anota quais chaves estavam no armarinho e quais estavam fora.

- Então, quem foi? - grito agarrando o livro de registros e virando as páginas até as anotações do turno anterior.

Mas todas as chaves retiradas durante o turno anterior estão anotadas, menos a correspondente às portas dos elevadores.

- Eu não sei! - a voz de Tina está se elevando a níveis histéricos e perigosos. -

Juro que não entreguei para ninguém!

Eu acredito nela. Mas isso não ajuda em nada.

Dou meia volta e disparo escada a baixo para dizer ao Carl que arrombe as portas, se for preciso. Mas meu caminho está bloqueado pelo reitor Allington que, junto com outros sujeitos da administração, saiu do refeitório para ver do que se tratava todo aquele bafafá.

- Estamos tentando promover um evento aqui, sabia? - é o que ele me diz com mau humor.

- Ah, é? - ouço a minha voz que responde sem educação nenhuma. - Bom, estamos tentando salvar a vida de alguém, sabia?

Não fico para ouvir o que ele tem a dizer em resposta. Catei o kit de primeiros socorros da recepção e corri escada abaixo... só que, no meio do caminho, encontrei Pete subindo bem devagar, bastante pálido.

- Não consegui achar a chave - digo. - Alguém está com ela. Ele vai ter que forçar as portas para abrir...

Mas Pete sacode a cabeça.

- Já forçou - ele diz, pegando no meu braço. - Vamos voltar lá para cima.

- Mas eu trouxe o kit - digo, abanando a caixa de plástico vermelha. - Ela...

- Ela se foi. - Pete responde. Agora ele está me puxando. - Vamos. E não olhe. Você não vai querer ver aquilo.

Eu acredito nele.

Deixo que ele me conduza escada acima. Quando entramos no saguão, vejo que o reitor continua lá, parado, com alguns jogadores de basquete e o mesmo pessoal da administração com terno cinzento. Ao lado dele, Magda, que saiu de trás da caixa registradora para ver o que estava acontecendo, dá um toque colorido à cena com seu avental rosa e suas calças juntas fúcsia.

Magda dá uma olhada em minha expressão e o resto dela se contrai.

- Ah, não, mais uma das minhas estrelas de cinema!

Pete a ignora, vai até o telefone da recepção e, segurando um chaveiro, no qual está presa uma carteirinha de estudante (e um bonequinho de borracha do personagem de charge Ziggy), e começa a ler as informações da carteirinha para os superiores dele no departamento de segurança.

- Roberta Pace - ele lê sem entonação. - Residente do conjunto Fischer. Primeiro Ano. Número da identidade cinco, cinco, sete, três, nove...

Fico parada entre a recepção e a sala da segurança, sentindo que estou começando a tremer. Não conheço aquele nome. Não pelo para ver a foto na carteirinha. Não quero saber se conheço ou não aquele rosto.

É então que Rachel aparece, vinda do banheiro.

- O que está acontecendo? - pergunta, olhando nesta seqüência, para o meu rosto, o do Pete e o do reitor Allington.

É a Tina, da recepção que responde.

- Mais uma menina caiu de cima do elevador - ela diz, bem baixinho. - Está morta.

O rosto de Rachel perde toda a cor por baixo da base da MAC aplicada com tanto

cuidado.

Mas quando ela fala, depois de alguns segundos, a voz não treme.

- Acredito que as autoridades tenham sido notificadas? Muito bem. Temos a

identificação dela? Ah, muito obrigada, Pete. Tina, passe um bipe para a

manutenção e mande desligarem todos os elevadores. Heather, você pode por

favor ligar para o gabinete do Dr. Jessup e informar sobre o que está

acontecendo? Reitor Allington, sinto muito por tudo isto. Por favor, volte para seu

café-da manhã...

Ciente de que estou tremendo e que meu coração bate um milhão de vezes por

segundo, volto para a minha sala e começo a dar telefonemas.

Só que, desta vez, em vez de ligar para o gabinete do Dr. Jessup primeiro, ligo

para Cooper.

- Cartwright Invertigações - ele diz, porque liguei para a linha comercial, na

esperança de que ele estivesse trabalhando.

- Sou eu - digo. Falo baixinho, porque Sarah está na sala de Rachel, ao lado,

ligando para o celular de todos os residentes para contar o que aconteceu,

pedindo que voltem para seus respectivos andares o mais rápido possível. -

Aconteceu de novo.

- O que aconteceu de novo? - ele pergunta. - E por que você está sussurrando?

- Mais uma morte no elevador - sussurro.

- Sério?

- Sério - respondo.

- Está morta?

Penso no rosto de Pete.

- Está - respondo.

- Caramba, Heather. Sinto muito.

- É - concordo pela terceira e última vez. - Olha... será que você pode vir aqui?

- Ir aí? Para quê?

Os bombeiros da Escada nº 9 passam apressados pela porta da nossa sala bem naquele instante, com uniforme e capacete. Um deles carrega um machado.

Obviamente, ninguém disse aos corajosos servidores de Nova York a natureza da emergência para a qual tinham sido chamados.

- Lá embaixo - digo a eles, apontando as escadas para o porão - É outro, hmm, acidente com o elevador.

O capitão parece surpreso, mas assente com a cabeça e conduz o que de repente se transformou em uma procissão sombria que passa pela recepção e desce as escadas.

Para Cooper, eu sussurro:

- Quero descobrir tudo sobre o que está acontecendo aqui, e seria ótimo contar com a ajuda de um investigador profissional, Cooper.

- Uau - ele respondeu. - Calma aí, colega. A polícia está aí? Por acaso ele não são

profissionais?

- A polícia vai simplesmente fizer a mesma coisa que disse a respeito do último incidente - respondo. - Que ela estava fazendo surfe de elevador e escorregou.

- Porque foi provavelmente isso que aconteceu, Heather.

- Não - eu respondo. - Não, desde vez, não. Tenho certeza absoluta que não foi o caso.

- Por quê? Esta de agora também é toda certinha?

- Não sei - respondo. - Mas não tem graça nenhuma.

- Eu não tive a intenção de ser engaçado. Eu só...

- Ela gostava do Ziggy, Coop - minha voz começa a falhar, mas eu não me importo.

- Ela gostava do quê?

- Do Ziggy. Aquele personagem de desenho.

- Nunca ouvi falar.

- Isso porque é o personagem menos bacana que já existiu. Ninguém que gosta do Ziggy faz surfe de elevador, Coop. Ninguém.

- Heather...

- E não é só isso - sussurro ao perceber que a voz de Sarah sai da sala de Rachel, mandando um: "Precisamos que você volte para cá o mais rápido possível. Aconteceu outra morte. Não tenho permissão para revelar detalhes por enquanto, mas é imprescindível que você..." cheia de autoridade - Alguém pegou a chave digo ao Cooper.

- Que chave? - ele quer saber.

- A chave que abra a porta dos elevadores - estou perdendo a compostura, e tenho consciência disso. Estou praticamente chorando. Mas me esforço para manter a voz firme. - Ninguém assinou a lista de retirada, Coop. É preciso assinar

a lista. Mas ninguém assinou. E isso significa que, quem está com ela pode abrir as portas na hora que bem entender... mesmo que o elevador não esteja no andar.

- Heather - Cooper diz com uma voz que eu não consigo deixar de considerar reconfortante (e sexy), apesar do meu estado de agitação. - Você precisa dizer isso para a polícia. Agora mesmo.

- Tudo bem - digo com a voz apagada. Na sala de Rachel, Sarah está mandando: "Não faz a menor diferença se é aniversário da sua avó, Alex. Houve uma morte no prédio. O que é mais importante para você: o aniversário da sua avó ou o seu emprego?"

- Vá dizer à polícia exatamente o que você me contou - a voz reconfortante e sexy

de Cooper diz ao meu ouvido. - Depois, vá pegar um copão de café com leite e açúcar e tome enquanto estiver quente.

A última parte me surpreendeu,

- Por quê? - pergunto.

- Porque, no meu ramo de trabalho, descobri que bebidas doces com leite são boas para acalmar quando não é possível beber uísque. Certo?

- Certo. Tchau.

Desligo o telefone e então ligo para o Dr. Jessup e explico para a assistente dele (porque ela disse que o Dr. Jessup estava em reunião) o que aconteceu. Ao ouvir a informação, a assistente dele, Jill, diz com pânico bastante apropriado na voz:

- Ai, meu Deus. Vou informá-lo agora mesmo.

Agradeço e desligo o telefone. Então, fico olhando para o telefone.

Cooper tem razão. Preciso contar para a polícia a respeito da chave.

Digo a Sarah que volto logo e saio da sala. Caminho até a recepção e deparo com

um mar de confusão. Jogadores de basquete se misturam aos bombeiros.

Representantes da administração ocupam cada um dos telefones disponíveis, incluindo o de Pete e o do balcão da recepção, cuidando para conter a crise causada pela informação. Rachel vai assentindo com a cabeça enquanto o capitão

dos bombeiros explica alguma coisa.

Olho para a porta de entrada do prédio. O mesmo policial que estivera ali no dia

em que Elizabeth morreu está lá parado de novo, e não deixa ninguém entrar no prédio.

- Você vai entrar quando eu disser que pode - o policial resmunga para um skinhead com piercing no lábio que fica dizendo assim:

- Mas eu preciso ir até o meu quarto pegar o meu projeto! Se eu não entregar o projeto até o meio-dia, vou levar zero!

- Com licença - digo ao policial - Você podia me dizer quem é o responsável aqui?

O policial olha para mim e então faz um sinal com o polegar na direção de Rachel.

- Até onde eu sei, é aquela ali. - ele responde.

- Não - digo. - Quero saber se tem algum investigador ou...

- Ah, sei - ele faz um sinal com a cabeça na direção de um homem alto e grisalho com paletó de veludo cotelê marrom e gravata xadrez que está apoiado na parede (e, apesar de provavelmente não saber, está enchendo as costas de purpurina, por estar encostado em um pôster convocando os alunos a participar de um teste para Pippin, carregado na cola com glitter). Exceto pelo charuto apagado no canto da boca, que ele parece estar mastigando, o homem não está fazendo absolutamente nada. - É o investigador Canavan - o policial diz.

- Obrigada - agradeço ao policial, que está dizendo o seguinte para outro residente: "Pouco me importa se os seus olhos estiverem sangrando. Não pode

entrar neste prédio até eu mandar."

Chego perto do investigador com o coração na garganta. Nunca falei com um investigador antes. Bom, sem contar a vez em que eu tive de dar queixa de estelionato contra a minha mãe.

- Investigador Canavan? - pergunto.

Percebo logo que a minha primeira impressão (de que ele não estava fazendo nada) estava totalmente errada. O investigador Canavan não está completamente à toa. Está olhando fixamente para as pernas da minha chefe, que parecem bem torneadas por baixo da saia-lápis.

Ele desgruda o olhar das pernas de Rachel e volta os olhos para mim. Ele tem um

bigode grisalho espetado que de fato lhe cai muito bem. Pêlos faciais dificilmente

trazem algum benefício.

- O que foi? - ele responde, com voz enrouquecida pelo cigarro.

- Oi - digo. - Meu nome é Heather Wel s. Sou diretora-assistente aqui no conjunto

Fischer. E, bom, eu só queria contar para alguém que... a chave das portas dos elevadores está sumida. Pode ser que isso não signifique nada... por aqui, perdemos chaves o tempo todo. Mas achei que alguém precisava saber. Porque me parece mesmo muito estranho o fato de essas meninas morrerem por fazer surfe de elevador. Porque, sabe como é, meninas simplesmente não fazem surfe

de elevador. De acordo com a minha experiência.

O investigador Canavan, que ficou escutando o meu discurso todo com muita atenção, espera até minha voz definhar para tirar o charuto da boca e apontá-lo para mim.

- "Vontade de te comer", certo? - diz.

Fico tão surpresa que meu queixo cai e não consigo mais fechar a boca.

Finalmente, consigo gaguejar:

- Hmm, é sim.

-Achei mesmo que era.-o charuto volta para o meio dos dentes dele.-A minha filha

tinha um pôster seu pendurado na porta do quarto.Eu tinha de olhar para você

naquela porcaria de minissaia toda vez que eu ia lá mandar ela abaixar a droga do

sim.

Como simplesmente não existe resposta possível à afirmação, permaneço em silencio.

-Que diabos você está fazendo –ele pergunta-trabalhando aqui?

-É uma longa historia-respondo, na esperança de que ele não me vá fazer contar tudo.

Ele não faz.

-Como diria a minha filha-o investigador Canavan diz-na época em que ela era a sua maior fã,tanto faz...Bom,mas que historia é essa de chave desaparecida?

Explico a ele mais uma vez.Também menciono, superficialmente, a parte a respeito de Elizabeth ser toda certinha, e de Roberta gostar do Ziggy, e como esses fatos faziam com que fosse altamente improvável que elas fossem adeptas ao surf de elevador.Mas, na maior parte, fico divagando sobre a chave sumida.

-Deixa eu entender direito-diz o investigador Canavan quando termino.-Você acha

que essas meninas não estavam se divertindo em cima do teto dos elevadores do seu prédio de jeito nenhum... apesar de as duas serem, se entendi bem, calouras, recém-chegadas á cidade e cheias do que minha filha, estudante de letras de francês, chama de joie de vivre.Você acha que tem alguém andando por ai abrindo a porta do elevador quando a cabine não está no andar e jogando as meninas pelo poço para matá-las.Será que eu entendi bem?

Ao ouvir a coisa colocada desta maneira, percebo como minha teoria parece idiota.mais do que idiota.Completamente retardada.

Tirando...tirando o Ziggy!

-Digamos que você esteja certa-diz o investigador Canavan.-Como foi que esta pessoa conseguiu pegar a chave das portas dos elevadores,para começo de conversa.

Você disse que ela fica guardada em um armário atrás daquele... o que é mesmo? Do balcão de recepção?

-É-respondo.

-E que tem acesso ao armário?Qualquer pessoa?

-Não-respondo.-Só os alunos que trabalham no prédio e os funcionários.

-Então, você acha que algum cara que trabalha para você anda por ai matando meninas?Que cara seria este,hein?-ele aponta para Pete, que está em pé atrás da mesa da segurança, falando com os bombeiros.-Aquele ali?E que tal aquele outro?-aponta para Carl, que continua visivelmente pálido mas, mesmo assim, prossegue com a descrição do que viu no fundo do poço dos elevadores para um policial uniformizado.

-Certo-eu digo, começando a ficar com vontade de morrer.Porque percebo como me comportei de maneira idiota.Em aproximadamente cinco segundos, o sujeito tinha encontrado tantos buracos na minha teoria que ela estava parecendo um pedação de queijo suíço.

Mas, mesmo assim.

-Certo, então talvez você esteja certo.mas talvez...

-Talvez seja melhor você me mostrar o lugar onde vocês guardam essa chave sumida-diz o investigador Canavan, e ajeita o corpo.Fico feliz da vida quando,seguindo-o em direção á recepção, por ver que eu tinha razão: os ombros dele estão cobertos de purpurina cor-de-rosa, como se ele estivesse passado por uma chuva de pirlimpimpim.

Quando nos aproximamos do balcão de recepção, vejo que Tina desapareceu.lanço um olhar inquisidor para Pete.

-Encomendas-Pete interrompe a conversa com o bombeiro para me dizer,e isso quer dizer que tina está acompanhando o carteiro ate a sala no fundo do corredor onde deixamos as encomendas que chegam trancadas ate que os alunos sejam notificados e se dirijam á recepção para retirá-las.

Assinto com a cabeça.Faça chuva ou faça sol,a correspondência precisa chegar ao destino... mesmo que haja uma menina morta no fundo do poço dos elevadores.

Deslizo para trás do balcão,ignorando os telefones,que tocam sem parar,e vou direto para o armário de chaves.

-É aqui que as chaves ficam guardadas-explico ao investigador Canavan,que me acompanhou pela porta até a parte de trás do balcão,da recepção e agora está parado ao meu lado.O armário de chaves é uma caixa grande de metal embutida na parede.Dentro dele há fileiras e mais de chaves penduradas.Ha trezentas delas ali,uma sobressalente para cada quarto no prédio,alem de chaves variadas para o uso exclusivo dos funcionários.Todas são praticamente iguais,á exceção da chave

que abre as portas dos elevadores,que tem o formato de uma chave de fenda do tipo ALLEN,aquela que tem cabeça hexagonal,e que não se parece em cada com uma chave comum.

-Então,para pegar as chaves,é precisa entrar aqui atrás

-diz o investigador Canavan.Não deixo passar batido o fato de as sobrancelhas

grisalhas dele terem se erguido ao ver todos os sacos de correspondências jogados de qualquer jeito no chão,aos nossos pés.Este balcão não é exatamente o lugar mais seguro do prédio.-E,para entrar aqui,e preciso passar pela mesa da segurança,que sempre tem alguém de plantão,24 horas por dia.

-Certo-respondo.Os vigias sabem quem tem permissão para entrar na recepção e quem não tem.Só deixam entrar quem trabalha aqui.E geralmente tem alguém atrás do balcão,aliás,que não deixaria ninguém ter acesso ás chaves a não ser que a pessoa em questão também trabalhasse no prédio.E,mesmo assim,seria preciso assinar a lista de retirada.A lista das chaves,quer dizer.Mas ninguém retirou a chave do elevador.Ela simplesmente...sumiu.

-Sei-diz o investigador Canavan.-Você já disse.Olha,tenho alguns crimes de verdade...incluindo três pessoas que morreram a facadas em um apartamento em cima de uma rotisseria na Broadway...que preciso investigador.Mas por favor, mostre onde é que esta chave elusiva, que pode provar que a mocinha em questão não morreu por acidente, geralmente fica.

Passo os dedos pelas fileiras de chaves penduradas, pensando que quero matar o Cooper.Que dizer, não dá para acreditar que ele me convenceu a fazer isto.Este cara não acredita em mim.Já foi ruim o bastante ele ter visto o meu pôster de vontade de te comer.Se tem uma coisa que pode acabar com a credibilidade de qualquer pessoa é um pôster dela em tamanho natural de minissaia de oncinha em tom pastel gritando em um microfone no shopping center América.

E, tudo bem, a minha convicção de que as meninas não fazem surfe de elevador (principalmente meninas certinhas que gostam do Ziggy) pode não ser classificada

como prova contundente.Mas e a chave desaparecida?O que dizer ISSO?

Só que, enquanto examino a fileira que normalmente abriga a chave das portas dos elevadores, vejo algo que faz meu sangue gelar.

Porque vem ali, no exato lugar em que deveria estar (o exato lugar onde não estava, há apenas alguns instantes), encontra-se a chave das portas dos elevadores.

8

Eu vou conseguir

Eu vou conseguir

Aquele cara para mim

Pode esperar para ver

Eu você vai querer ser

Quando eu conseguir

Eu vou conseguir

Eu vou conseguir

Aquele cara para mim

“Aquele cara”

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Valdez/Caputo

Do álbum Picolé gostoso

Gravadora Cartwright

Ele disse que chegaria em cinco minutos,mas menos de três se passaram e já esta na recepção.

E a primeira vez que ele entra no prédio,e parece estranhamente deslocado lá dentro...talvez seja porque ele não tem a pele coberta por tatuagens e piercings,como todos as outras pessoas que passam pelo balcão.

Ou talvez seja simplesmente porque ele e muito mais bonito do que todas as pessoas,parada ali com o cabelo desgrenhado de quem acabou de acorda (apesar de eu saber que ele saiu da cama há horas;ele corre de manhã) e a jaqueta de couro surrada com calça jeans.

-Oi-ele diz ao me ver.

- Oi.-tento sorrir,mas e impossível,então me contento em dizer apenas:-obrigada por ter vindo.

-Sem problemas-ele responde e olha para a sala de TV,bem ao lado da porta do refeitório,onde Rachel,a quem um Dr. Jessup com expressão cinzenta acaba de se juntar,e mais meia dúzia de funcionários em pânico do conjunto residencial estudantil andam de um lado para o outro,com cara amarrada de aborrecimento.-Cadê os policiais?-pergunta.

-Foram embora-respondo,tentando não demonstrar o amargor na voz.-Três

pessoas morreram esfaqueadas em um apartamento em cima de uma rotisseira na Broadway.Só sobrou um, que está vigiando o poço dos elevadores até que o legista chegue para levá-la embora.Como decretaram que a morte dela foi acidental, acho que não viram mais razão para ficar.

Penso que esta é uma resposta bastante diplomática, considerando o que eu tenho vontade de dizer a respeito do investigador Canavan e seus asseclas.

- Mas você acha que eles estão errados - Cooper diz. É uma afirmação, não uma pergunta.

- Alguém pegou a chave, Coop. - digo. - E devolveu quando não tinha ninguém olhando. Não estou inventando. Não sou louca.

Só que, pela maneira como a minha voz se ergueu na palavra louca, esta afirmação pode parecer aberta a debate.

Mas Cooper não veio aqui para discutir este assunto.

- Eu sei - ele diz com delicadeza. - Eu acredito em você. Estou aqui, não é mesmo?

- Eu sei - digo, arrependida por ter estourado. - E obrigada. Bom. Vamos lá.

Cooper parece hesitar.

- Espera um pouco. Aonde é que a gente vai?

- Até o quarto de Roberta - respondo. Mostro a chave mestra que tirei do armarinho das chaves. - Acho que devemos dar uma olhada no quarto dela primeiro.

- Por que?

- Sei lá - respondo. - Mas precisamos começar de algum lugar.

Cooper olha para a chave, depois olha para mim novamente.

- Quero informar - diz ele - que considero esta uma péssima idéia.

- Eu sei - respondo. Porque sei mesmo.

- Então, por que você quer ir até lá?

Em cinco segundo, é possível que eu me desmanche em lágrimas. Estou me sentindo assim desde que Jessica entrou correndo na minha sala com a notícia de mais uma morte, e minha humilhação na frente do investigador Canavan não ajudou em nada.

Mas faço tudo o que posso para não deixar minha histeria transparecer na voz.

- Porque isto está acontecendo no meu prédio. Está acontecendo com as minhas meninas. E eu quero ter certeza de que está acontecendo da maneira como polícia e todo mundo diz, e que não é... sabe como é. O que eu estou pensando.

- Heather - ele diz. - Lembra quando Vontade de te comer foi lançado, e começaram a chegar todas aquelas cartas de fãs no escritório da Gravadora Cartwright, e você insistiu para ler tudo e responder pessoalmente?

Eu fico fula da vida. Não dá para evitar.

- Acorda - respondo. - Eu tinha 15 anos.

- Não faz diferença - Cooper diz. - Porque, depois de 15 anos, você não mudou nada. Você continua se sentindo pessoalmente responsável por cada pessoa com

quem você entra em contato... até mesmo quem você não conhece. Como se a razão por que você foi posta na Terra tenha sido para cuidar de todo mundo ao seu redor.

- Não é verdade - respondo. - E só faz 13 anos.

- Heather - ele diz, ignorando minha observação. - Às vezes, jovens fazem coisas idiotas. E daí outros jovens, simplesmente porque também são jovens, imitam os primeiros. E morrem. Acontece. Não quer dizer que alguém cometeu um crime.

- Ah, é? - estou mais fula da vida do que nunca. - E a chave? O que você tem a dizer sobre isso?

Ele ainda não parece convencido.

- Quero que você saiba - ele explica -, que só estou fazendo isto para impedir que

você transforme tudo isto em uma confusão maior do que já é... e, aliás, você é muito boa nisto.

- Mas que beleza, Coop. - Digo. - Fico muito feliz com o voto de confiança que você deposita em mim. De verdade.

- Eu só não quero que você fique desempregada - ele responde. - Não tenho como oferecer seguro-saúde além de alojamento e alimentação para você.

- Muito obrigada - digo, sarcástica. - Muito obrigada mesmo.

Mas não faz mal. Porque ele me acompanha.

A caminhada é longa, longa de verdade, até o quarto de Roberta Pace, no 16º

andar. Claro, não podemos tomar um elevador porque os dois foram desligados. O

único som que escuto, quando finalmente alcançamos o corredor comprido e

vazio, é o da nossa respiração. A minha, particularmente, está muito pesada.

Além disse, só há silêncio. Um silêncio mortal. Mas, bom, é antes do meio-dia. A

maior parte dos residentes (os que não acordaram com todo o barulho das sirenes

das ambulâncias e dos carros de bombeiro) está dormindo, para se recuperar da

ressaca de cerveja da noite anterior.

Aponto o caminho com o meu chaveiro e começo a caminhar na direção do quarto

1.622. Cooper vem atrás de mim, olhando para os pôsteres que cobrem as

paredes e que conclamam os alunos a visitarem o Departamento de Saúde no

caso de suspeita de terem contraído alguma doença sexualmente transmissível, ou para informarem sobre algum filme gratuito em exibição no centro estudantil.

A AR do 16º andar tem mania de Snoopy. Tem Snoopy para tudo quanto é lado.

Tem até um Snoopy de papelão segurando uma bandejinha de verdade com uma

flecha apontando para ela e os dizeres: "Camisinhas grátis, uma oferta do

Departamento de Saúde da Faculdade de Nova York - Ei, se você paga 40 mil

dólares por ano, deve ter direito a alguma coisa grátis!” •Claro que a bandeija está vazia.

Na porta do quarto 1.622 tem uma lousa de recados amarela sem nada escrito.

Tem também um selinho do Ziggy.

Mas alguém colocou um piercing no nariz do Ziggy e alguém mais colocou um balãozinho em cima da cabeça dele, dizendo: "Cadê as minhas calças?"

Ergo as chaves e as uso para bater com força na porta.

- Aqui é da diretoria - falo alto. - Tem alguém aí?

Não há resposta. Chamo mais uma vez, coloco a chave na fechadura e abro a porta.

Lá dentro, um ventilador em cima de uma cômoda zune alto, apesar do quarto, como todos do edifício Fischer, teria ar-condicionado central. Além do ventilador, nada mais se move. Não há sinal da colega de quarto de Roberta, que vai ter um belo choque quando voltar de onde estiver, e descobrir que vai ter um quarto só para ela durante o resto do ano letivo.

Só há uma janela, de 1,8 metro de largura e mais ou menos 1,5 metro de altura, com manivelas dos dois lados para abrir as persianas. À distância, além dos jardins no topo dos prédios e as caixas-d'água, dá para ver o rio Hudson, correndo sereno em seu trajeto, com os raios de sol refletindo em sua superfície espelhada.

Cooper examina algumas fotos de família no criado-mudo de uma das garotas. Ele diz:

- A menina morta. Qual é o nome dela?

- Roberta - respondo.

- Então esta é a cama dela. - Ela tinha colocado ali o nome dela em letras cor de arco-íris sobre pergaminho, do tipo que artistas fazem nas ruas de Nova York. Está pendurado por cima da cama mais desarrumada, a que fica mais perto da janela. As duas camas parecem ter sido usadas, e nenhuma das duas ocupantes do quarto parece se preocupar muito com a arrumação. Os lençóis estão amarrotados e as colchas (uma diferente da outra, como geralmente acontece em quartos compartilhados) estão jogadas. No lado do quarto que pertence a Roberta,

a presença de Ziggy é marcante. Há recados adesivos do Ziggy por todos os lados, um calendário do Ziggy na parede e, em cima de uma das mesas, material escolar do Ziggy.

As duas meninas, reparo, são fãs de Jordan Cartwright. Elas têm a coleção completa de CDs do Easy Street, além de Babt, eu quero você.

Nenhuma das duas tem um único CD desta que vos fala. O que não é surpresa nenhuma, acho. Eu sempre fiz mais sucesso junto às pré-adolescentes.

Cooper se ajoelha e começa a examinar embaixo da cama da menina morta. Isto é algo muito desconcertante. Tento me concentrar em xeretar o quarto, mas a bundinha do Cooper é mesmo linda. A maneira como ela se destaca na Levi's desbotada dele quando se abaixa faz com que seja difícil prestar atenção a qualquer outra coisa, apesar de, sabe como é, isto aqui ser um assunto muito sério e tudo o mais.

- Olhe só para isto - ele diz e tira a cabeça e os ombros de baixo da cama de

Roberta, com o cabelo escuro todo bagunçado. Eu reajusto que eu estava olhando

para a região abaixo da cintura dele. Espero que ele não tenha notado.

- O que é? - pergunto, toda inteligente.

- Olhe.

Pendurada na ponta de um lápis do Ziggy que Cooper tirou do porta-lápis na mesa

de Roberta está uma coisa de cor clara, toda molenga. Examinando mais de perto,

percebo o que é.

Uma camisinha usada.

- Hmm - digo. - Eca.

- Está bem fresquinha - ele diz. - Eu diria que Roberta teve um encontro ardente

ontem à noite.

Com a mão livre, ele pega um envelope do pacote de papel de carta do Ziggy em

cima da mesa de Roberta e deixa a camisinha cair dentro dele.

- O que você está fazendo? - pergunto, cheia de preocupação. - Isso não é

adulterar as provas?

- Prova do quê? - Cooper dobra o envelope algumas vezes e guarda no bolso da

jaqueta. - A polícia já determinou que não houve crime nenhum.

- Bom, então por que você guardou?

Cooper dá de ombros e joga o lápis fora.

- Tem uma coisa que eu aprendi neste ramo: nunca se sabe.

Ele examina o quarto de Roberta e sacode a cabeça.

- Parece estranho mesmo. Quem é que transa e depois vai fazer surfe de elevador? Se fosse o contrário, talvez eu pudesse entender... sabe como é, tanta adrenalina, ou sei lá o quê, vontade de arriscar a vida, dar uma chance ao acaso. Mas antes? Só se for alguma espécie de brincadeira sexual bizarra.

Eu arregalo os olhos.

- Você está dizendo que o cara gosta de transar com a menina e depois empurrá-la no poço dos elevadores?

- Algo assim - Cooper pareceu pouco à vontade. Ele não gosta de conversar sobre hábitos sexuais bizarros comigo e muda de assunto. - E a outra menina? A primeira? Você disse que conferiu, e ela não tinha dado autorização para ninguém entrar na noite que morreu, certo?

- É - eu respondo. - Mas cheguei logo antes de você chegar, e Roberta também não deu autorização para ninguém entrar ontem à noite. - Então, lembro-me de uma coisa. - Se... se tivesse alguma coisa no quarto de Elizabeth, como uma camisinha ou algo assim, a polícia ia ter encontrado, certo?

- Não se não estivessem procurando. E se tivessem mesmo certeza de que a morte dele foi acidental, como esta última, não teriam nem procurado.

Mordo o lábio inferior.

- Ninguém se mudou para o lugar de Elizabeth. A colega dela ficou com um quarto

só para ela agora. A gente pode ir dar uma olhada.

Cooper parece cheio de incerteza.

- Reconheço que parece estranho esta menina ter morrido desse jeito, Heather -

ele diz. - Principalmente tendo em vista a camisinha e o negócio da chave. Mas

você está insunuando que...

- Foi você que insinuou primeiro - lembrei a ele. - Além disso, a gente pode olhar,

não pode? Quem é que a gente pode ofender?

- Mesmo que a gente olhe, já faz uma semana que ela morreu - ele observa. -

Duvido que possamos encontrar alguma coisa.

- Só vamos se tentarmos - digo, dirigindo-me para a porta. - Vamos.

Cooper fica só olhando para mim.

- Por que provar que essas meninas não foram à causa da própria morte é tão

importante para você? - ele quer saber.

Pisco os olhos, confusa.

- O quê?

- Você ouviu. Por que está tão determinada a provar que a morte dessas meninas

não foi acidental?

Claro que não posso dizer. Porque não quero que o que estou pensando fique

parecendo o que Sarah provavelmente classificaria como atitude psicopata. E é

exatamente isso que eu pareceria, se eu contasse a ele o que acho... que é o seguinte: eu devo ao prédio, ao próprio conjunto Fischer, descobrir o que está acontecendo na realidade. Porque o conjunto Fischer, assim como Cooper, salvou

a minha vida, de certo modo.

Bom, tudo bem, eles só me salvaram de ser garçonete no Senor Swanky a vida inteira.

Mas será que isso basta? Eu sei que não faz o menor sentido (Sarah me acusaria de transferir minha afeição pelos meus pais ou pelo meu ex para uma pilha de tijolos construída em 1850), mas eu realmente sinto que tenho a responsabilidade de provar que o que está acontecendo não é culpa do conjunto Fischer; nem dos funcionários que não notaram que estas meninas, que parecem sensatas demais para fazer algo tão idiota; e nem mesmo do prédio em si, por não ser acolhedor o suficiente ou sei lá o quê. O jornal da faculdade já publicou uma reportagem "aprofundada" a respeito dos perigos de fazer surfe de elevador. Só Deus sabe o que vão publicar amanhã.

Está vendo? É uma idiotice.

Mesmo assim, é a maneira como eu me sinto.

Mas não posso explicar para Cooper. Eu sei que não adianta nem tentar.

- Porque meninas não fazem surfe de elevador - é tudo o que consigo dizer.

No começo achei que ele ia cair fora, igual ao investigador Canavan, sem dizer mais nada, furioso comigo por tê-lo feito perder tempo.

Mas, em vez disso, ele só suspira e diz:

- Certo. Acho que temos mais um quarto para examinar.

9

Chacoalha o pompom

Chacoalha o pompom

Chacoalha baby

A noite inteira

"Chacoalha"

Interpreta por Heather Wells

Composta por O'Brien/Henke

Do álbum Picolé gostoso

Gravadora Cartwright

A colega de quarto de Elizabeth Kellogg abre a porta da unidade 1.412 quando bato a primeira vez. Está usando uma camiseta branca larga e legging preta, segurando um celular em uma mão e um cigarro aceso na outra.

Estampo um sorriso no rosto e digo:

- Oi, Heather. Este aqui é...

- Oi - a colega de quarto me interrompe para dizer, os olhos crescendo quando repara na presença de Cooper.

Bom, e por que não repararia? Trata-se de uma jovem norte-americana saudável de sangue quente, afinal de contas. E Cooper de fato exibe mais do que uma leve

semelhança a um dos bonitinhos mais desejados dos Estados Unidos.

- Cooper Cartwright - ele diz, dando para a colega de quarto um sorriso que, se eu

não conhecesse tão bem, podia jurar que ele andava treinando na frente do

espelho e reservava apenas para situações como esta.

Só que Cooper não é do tipo que treina sorrisos na frente do espelho.

- Marnie Vil a Delgado - ela diz. Marnie é uma garota forte como eu, só que tem os

peitos maiores do que a bunda, e cabelos negros muito compridos e

encaracolados. Dá para ver que ela está me medindo, do jeito que algumas

mulheres fazem, imaginando se eu estou "com" Cooper ou se ele está liberado.

- Estávamos aqui pensando, Marnie, se podíamos dar uma ou duas palavrinhas

com você a respeito da sua antiga colega de quarto, Elizabeth - Cooper diz e

releva tantos dentes com o sorriso que quase me ofusca.

Mas o mesmo não acontece com Marnie que aparentemente resolve que Cooper

e eu não formamos um casal (como ela pode saber? Falando sério? Como é que

outras garotas, como Marnie, Rachel e Sarah sabem faz isto, e eu não?), e diz ao

telefone:

- Preciso ir - então, com os olhos presos hipnoticamente ao Cooper diz: - Entrem.

Eu passo por ela e Cooper vem atrás. Marnie, percebo logo de cara, foi bem

rápida em redecorar o quarto depois da morte de Elizabeth. As camas de solteiro

foram colocadas juntas para formar uma cama king size, coberta com uma colcha

de estampa de tigre gigantesca. As cômodas foram empilhadas, de modo que

agora Marnie tem oito gavetas em vez de quatro e a escrivaninha de Elizabeth se

transformou em unidade de entretenimento, com TV, DVD e CD, tudo ao alcance

de um braço esticado da cama.

- Já falei com a polícia a respeito dela. - Marnie bate as cinzas do cigarro embaixo do tapete com estampa de tigre que tem entre os pés descalços e volta à atenção

momentaneamente de Cooper para mim. - Beth, quer dizer. Ei, espera aí. Eu

conheço você? Você não é alguma atriz ou algo assim?

- Eu? Não? - respondo, com sinceridade.

- Mas você aparece na televisão. - O tom Marnie é cheio de confiança. - Ei, vocês

estão fazendo um filme sobre a vida de Beth?

Antes de Cooper soltar um pio, pergunto:

- Por que? Você acha, hmm, que a vida de Beth tem potencial cinematográfico?

Marnie está tentando parecer descolada, mas ouço quando ela tosse ao dar uma

tragada no cigarro. Com certeza ela só fuma para parecer que tem atitude.

- Ah sim. Quer dizer, dá para ver o ângulo que vocês podiam gostar de trabalhar.

Uma menina do interior que vem para a cidade, não agüenta, acaba se matando

em um desafio ridículo. Posso fazer o papel de mim mesma? Eu tenho

experiência, de verdade...

Mas Cooper acaba com o nosso disfarce quando diz:

- Não somos da TV. Heather é a diretora-assistente deste prédio e eu sou amigo dela.

- Mas eu achei que... - Marnie agora está olhando muito fixo para mim, tentando se lembrar de onde me viu antes. - Achei que você era atriz. Já vi você em algum lugar...

- Na entrada, tenho certeza - digo apressada.

- Sua colega do quarto - Cooper diz, erguendo os olhos do exame que parecia estar fazendo da pequena área da cozinha, na qual Marnie colocou um microondas, um fogão elétrico, um processador de alimentos, uma cafeteria e uma

daquelas balanças que as pessoas fazem regime usam para pesar os peitos de frango que comem - de onde ela era?

- Bom - Marnie responde - de Mystic. Você sabe, em Connecticut.

Agora Cooper está abrindo armários, mas Marnie está tão confusa que nem reclama.

- Ei, já sei. - Você apareceu naquele programa, Salvo pelo Gongo, não apareceu? - ela pergunta para mim.

- Não - respondo. - Você disse que Eliz... quer dizer, Beth, detestava estar aqui?

- Bom, não, não exatamente - ela diz. - Beth simplesmente não se encaixava,

sabe? Quer dizer, ela queria ser enfermeira.

Cooper olha para ela. Dá pra ver que ele não anda muito com alunos da Faculdade de Nova York, porque pergunta:

- Qual é o problema de ser enfermeira?

- Por que alguém viria para a faculdade de Nova York para estudar para ser enfermeira? - o tom de Marnie é de desprezo. - Por que pagar tão caro para estudar aqui em vez de, sabe como é, ir para um lugar barato e estudar para ser enfermeira?

- No que você vai se formar? - Cooper pergunta.

- Eu? - Marnie está com cara de quem está com vontade de dizer a palavra Dããã, mas não quer ser grossa. Não com o Cooper. Em vez disso, apaga o cigarro em um cinzeiro em forma de mão e diz: - Atriz. - Então se senta na nova cama king size e fica olhando para mim. - Eu sei que já vi você em algum lugar.

Pego o cinzeiro em forma de mão para distraí-la de tanto tentar descobrir quem eu

sou quanto de notar que Cooper está fuçando o quarto todo.

- Isso é seu ou de Elizabeth? - pergunto, apesar de já saber a resposta.

- É meu - Marnie responde. - Claro. Levaram todas as coisa de Beth embora. E, além do mais, Beth não fumava. Beth não fazia nada.

- Como assim, ela não fazia nada?

- Como eu disse. Não saía. Não recebia amigos. E a mãe dela... que viagem!

Vocês souberam o que ela fez na missa? A mãe?

Cooper está examinando o banheiro. A voz dele, vinda de lá, fica abafada.

- O que foi que ela fez? - pergunta.

Marnie começa a remexer dentro de uma mochila preta de couro na cama.

- Passou tempo todo dizendo que ia processar a Faculdade de Nova York por não ter elevadores mais difíceis de arrombar. E o que é que você está fazendo no meu banheiro?

- Eu soube que a mãe de Elizabeth queria que a filha só recebesse visitas de meninas - digo, ignorando a pergunta dela a respeito da presença de Cooper no banheiro.

- Beth nunca me disse nada sobre isso. - Manie encontra o maço de cigarros.

Felizmente, está vazio. Ela joga no chão e parece aborrecida. - Mas eu não ficaria

nada surpresa. Aquela menina era de outro século, praticamente. Acho que Beth nunca nem tinha beijado um cara até umas duas semanas antes de morrer.

Cooper aparece na porta do banheiro. Parece grande demais para poder passar por ela, mas consegue de algum jeito.

- Quem? - pergunto antes de ele ter a chance de se intrometer. - Quem foi que ela beijou?

- Não sei - Marnie dá de ombros, sem saber muito bem o que fazer sem cigarro, que estava ajudando bastante no papel dela de colega de quarto de luto e tudo o

mais. - Tinha um cara de que ela ficava falando, logo antes de... você sabe. - Marnie dá um assobio e aponta para o chão. - Mas, eles tinham acabado de se conhecer. Mas quando ela falava dele, seu rosto meio que... não sei explicar.

- Você viu o cara alguma vez? - pergunto. - Sabe o nome dele? Ele foi à missa? Foi ele que convenceu Elizabeth a ir fazer surfe de elevador?

Marnie recua

- Caram, mas você faz muitas perguntas!

Cooper chega para me salvar. Como sempre.

- Marnie, isto é realmente importante. Você faz alguma idéia de quem era esse cara?

Para mim, ela recua. Para Cooper, está mais do disposta a tentar.

- Deixe ver. - Marnie contorce o rosto. Ela não é bonita, mas tem um rosto interessante. Talvez seja boa para papéis de personalidade. A melhor amiga gordinha.

Por que a melhor amiga é sempre gordinha? Por que a heroína nunca é gordinha? Ou, sabe como é, não gordinha, mas tamanho 42? Ou até 44? Por que a heroína é sempre tamanho 36?

- É, ela disse que o nome dele era Mark, ou alguma coisa assim - Marnie diz interrompendo os meus pensamentos a respeito de preconceito de peso na indústria de entreterimento. - Mas eu nunca vi o cara. Quer dizer, eles só começaram a sair uma semana ou um pouco mais, antes de ela morrer. Eles

foram juntos ao cinema. Para ver algum filme estrangeiro no Angelika. Foi por isso

que eu achei tão estranho...

- O quê? - eu sacudo a cabeça. - Por que achou tão estranho?

- Bom, quer dizer, que um cara que goste de, sabe como é, filmes estrangeiros

também pudesse gostar de surfe de elevador. Isso é tão... juvenil. Os calouros

gostam disso. Sabe dos que estou falando? Aqueles que andam com calça

largona e têm cara de 12 anos? Mas esse cara era mais velho. Sabe como é.

Sofisticado. De acordo com a Beth. Então, qual era a dele, incentivando-a a pular em cima de algum elevador?

Sento-me ao lado de Marnie na cama enorme.

- Ela falou isso para você? - pergunto. - Ela falou que ele pediu para ela ir fazer

surfe de elevador com ele?

- Não - ela responde. - Mas deve ter pedido, não deve? Quer dizer, ela nunca faria

isso sozinha. Duvido até que ela soubesse o que é isto.

- Talvez ela tenha ido com algum daqueles calouros que você mencionou - Cooper

sugere.

Marnie faz uma careta.

- De jeito nenhum - responde. - Aqueles caras nunca iam convidar Beth para ir

com eles. Eles são bacadas demais, ou pelo menos acham que são, para se

interessar por alguém como ela. Além do mais, se estivesse com eles, não ia ter

caído. Aqueles caras não iam ter deixado. Eles são muito bons no negócio.

- Você não estava aqui, estava, na noite que ela morreu? - pergunto.

- Eu? Não, tinha um teste. A gente supostamente não pode participar de teste quando é caloura, sabe - faz um expressão sorrateira -, mas eu achei que tinha uma boa chance. Quer dizer, fala sério. Era para a Broadway. Se eu entrasse em um show da Broadway, ia sair deste lugar no mesmo segundo.

- Então, Elizabeth ficou com o quarto só para ela naquela noite? - pergunto.

- Ficou. Ela ia convidar o cara para vi aqui naquela noite. O tal. Estava toda animada com isso. Sabe como é, ia fazer um jantar para dois no fogão elétrico. - Marnie parece desconfiafa. - Ei... vocês não vão contar, né? Que a gente tem um fogão elétrico? Eu sei que representa risco de incêndio, mas...

- O cara, Mark - interrompo. - Ou seja lá qual for o nome dele. Ele apareceu? Naquela noite?

- Apareceu - ela responde. - Pelo menos, imagino que sim. Quando eu cheguei, não estava mais aqui, mas os pratos do jantar estava na pia. Eu tive que levar, para não atraírem baratas. Sabe como é, levando em conta o que a gente paga aqui, é de se pensar que vocês iam sempre mandar dedetizar...

- Alguém mais conheceu o sujeito? - Cooper interrompe. - Esse tal de Mark? Algum dos seus amigos em comum?

- Beth e eu não tínhamos nenhum amigo em comum - Marnie responde, um pouco

ofendida. - Eu já disse, ela era um fracassada. Quer dizer, eu era colega de quarto dele, mas não ia andar com ela. Eu só fiquei sabendo que ela tinha morrido, tipo umas 24 horas depois que aconteceu. Eu só fiquei achando, sabe como é, que ela estava na casa do cara.

- Você falou isso para a polícia? - Cooper pergunta. - Sobre Elizabeth ter recebido

o cara na noite em que morreu?

- Falei - Marnie responde, com um dar de ombros. - Parece que não ligaram. Quer

dizer, o cara também não assasinou a Beth. Ela morreu por causa da própria estupidez. Não importa quanto vinho você tenha bebido, não pode sair por aí pulando por cima de um elevador...

Repiro fundo.

- Eles estavam bebendo? Mark e sua colega de quarto?

- Estavam - ela responde. - Achei as garrafas no lixo. Duas. Eram bem caras também. Ele deve ter trazido. Eram, tipo, vinte paus cada uma. O cara é o maior gastador, para alguém que mora neste buraco dos infernos.

Fico sem fôlego.

- Espera aí... Ele mora no conjunto Fischer?

- Mora. Quer dizer, ele tem que morar, não é? Porque ela não precisou autorizar a

entrada dele.

Caramba! Eu nunca tinha pensado nisso! Que Beth pudesse ter de fato recebido um rapaz no quarto, mas não houvesse registro de autorização de entrada, porque ele não precisou da autorização. Ele mora no prédio! É um residente do conjunto Fischer também!

Olho para Cooper. Não tenho muita certeza de onde isto está nos levando, mas tenho uma boa noção de que isto está nos levando a algum lugar... algum lugar muito importante. Mas não dá para saber se ele acha a mesma coisa.

- Marnie - digo -, tem mais alguma coisa, qualquer coisa que você possa nos dizer

sobre o cara que estava saindo com a sua colega de quarto?

- A única coisa que posso dizer - Marnie responde, parecendo aborrecida - é que o

nome dele é Mark ou algo assim, que ele gosta de filmes estrangeiros, que tem um gosto caro para vinhos, e que tenho bastante certeza de que ele mora aqui. Ah, e que Beth vivia dizendo que ele era lindo. Mas será que era mesmo? Quer dizer, por que um cara lindo ia se interressar pela Beth? Era feia que nem o cão.

O jornal estudantil, o Repórter de Washington Square, tinha publicado uma foto de

Elizabeth na segunda-feira depois da morte dela, uma foto do livro da turma de calouros do ano, e sindo dizer que Marnie não estava exagerando. Elizabeth não era bonita. Não usava maquiagem, tinha óculos grossos, cabelos fora de moda ao estilo Farrah Fawcet e um sorriso que só mostrava gengivas.

Ainda assim, fotos tiradas por fotógrafos contratados por escolas nunca saem muito boas, e eu achei que na verdade Elizabeth deveria ser mais bonita do que a foto indicava.

Mas talvez eu estivesse errada.

Ou talvez, só talvez, Marnie estivesse com inveja porque a colega de quarto dele tinha namorado, e ela, não.

Ei, é uma coisa que acontece. Ninguém precisa de um diploma de sociologia (nem

de uma licença de detetive particular) para saber disso.

Cooper e eu agradecemos a Marnie e saímos, mas não sem antes escapar de mais um ataque de eu-sei-que-já-vi-você-em-algum-lugar. Quando conseguimos chegar ao corredor, já estou amaldiçoando, como faço quase todo o dia, a minha decisão (ou, devo dizer, a decisão de minha mãe) de deixar de lado a minha educação superior para seguir uma carreira na indústria da música.

Descendo as escadas em silêncio, fico me perguntando se Cooper tem razão. Será que eu enlouqueci? Quer dizer, será que eu acho mesmo que tem algum maluco perseguindo as calouras do conjunto Fischer, levando-as para fazer surfe de elevador depois de se aproveitar delas, empurrando-as para a morte?

Quando chegamos ao patamar do décimo andar, digo, para ver no que dá:

- Uma ver, li em uma revista um artigo sobre pessoas que matam pela emoção. Sabe como é, cara que matam para se divertir.

- Claro - Cooper responde, seco. - Nos filmes. Não acontece com muita freqüência

na vida real. A maior parte dos crimes é passional. As pessoas não são assim tão

dementes como gostamos de imaginar.

Olho para ele de canto de olho. Ele não faz a menor idéia de como a minha imaginação é demente. Como naquele exato momento, em que eu estava

imaginando como seria derrubá-lo e arrancar as roupas dele com os dentes.

Mas eu não estava. Bom, não realmente. Mas poderia estar.

- Alguém provavelmente devia falar com a colega de quarto da outra menina -

digo, empurrando para longe e com muita decisão minha fantasia a respeito das

roupas de Cooper e meus dentes. - Sabe qual, aquela que morreu hoje. Para

perguntar sobre a camisinha. Talvez ela saiba de quem era.

Cooper abaixa os olhos para mim, como se estivesse me perfurando com aqueles

olhor ultra-azuis.

- Deixa eu adivinhar - ele diz. - Você acha que pode ser de um cara chamado

Mark que gosta de filmes estrangeiros e de vinhos Bordeaux caros.

- Não vai doer nada perguntar.

- Você tem alguém em sua equipe que se encaixa nesta descrição? - Cooper quer

saber.

- Bom - digo, pesando no assunto. - Não, para falar a verdade, não.

- Então como foi que ele pegou a chave de trás do balcão da recepção?

Franzo a testa.

- Ainda não pensou nesta parte, não é mesmo? - Cooper pergunta, antes de eu ter a aportunidade de responder. - Olhe, Heather. O trabalho de detetive é mais do que ficar só fuçando por aí, fazendo perguntas. Também é preciso saber se existe alguma coisa que vale a pena fuçar. E, sinto muito, mas não estou vendo nada assim aqui.

Respiro fundo.

- Mas... e a camisinha! O homem misterioso!

Cooper sacode a cabeça.

- É triste o que aconteceu com aquelas meninas. É mesmo. Mas pense em como você era quando tinha 18 anos, Heather. Você também fazia loucuras. Talvez não tão loucas quanto subir em cima de um elevador por causa de um desafio, mas..

- Elas não fizeram - digo, com muita firmeza. - Estou dizendo, aquelas meninas não fizeram nada disso.

- Bom, de algum jeito, acabaram no fundo do poço dos elevadores - Cooper diz.
-

E por mais que eu saiba que você prefere pensar que algum homem mau as empurrou lá para baixo, tem quase mil estudantes morando aqui neste alojamento,

cara empurrando a namorada pelo poço dos elevadores? E você não acha que algum deles ia ter reparado em um cara empurrando a namorada pelo poço dos elevadores? E você não acha que esta pessoa teria contado para alguém o que viu?

Pisco mais algumas vezes.

- Mas... mas..

Mas não consigo pensar em mais nada para dizer.

Daí ele olha para o relógio.

- Olhe, estou atrasado para um compromisso.Será que a gente pode brincar de seriado de investigação de novo mais tarde? Porque eu preciso ir andando.

- Certo - digo baixinho. - Acho que sim.

- Certo. A gente se vê - ele diz. E continua descendo as escadas um tantinho mais rápido, e não tem jeito de eu acompanhar.

Mas ele pára no próximo patamar, vira e ergue os olhos para mim. Os olhos dele são de um azul fantástico.

- E só para você saber... - ele diz.

- Pois não? - eu me debruço ansiosa no corrimão da escada. A razão por que eu me oponho tanto a você ingestigar tudo isso sozinha, espero, ou melhor, torço para ouvir, é porque não posso suportar a idéia de você correndo perigo. Sabe, eu te amo, Heather. Sempre amei.

- Acabou o leite - é o que ele diz, em vez disso. - Se você se lembrar, compre um pouco antes de ir para casa, certo?

- Certo - respondo baixinho.

E então, ele vai embora.

Vamos fugir

Para algum lugar onde

Sempre faça calor

Vou fazer valer a pena

Se você vier

Eu disse

Vamos fugir

Deixar as preocupações para lá

Ninguém pode nos dizer

O que fazer

Desta vez somos só

Eu e você

"Fuga"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Dietz/Ryder

Do álbum Picolé gostoso

Gravadora Cartwright

- Quem era aquele? - Sarah quer saber. - Aquele cara que acabou de sair?

- Aquele? - escorrego para trás da minha mesa. - Aquele era Cooper.

- O seu colega de quarto? - Acho que Sarah já me ouviu falando com ele no telefone, ou algo assim.

- Colega de casa - digo. - Bom, na verdade, é o meu senhorio. Eu moro no andar de cima do prédio de tijolinho dele.

- Então ele é fofo e rico? - Sarah está praticamente babando. - Por que você ainda não atacou?

- Somos só amigos - digo, e cada palavra parece um chute na cabeça. Somos. Chute. Só. Chute. Amigos. Chute. - Além do mais, não sou exatamente o tipo dele.

Sarah parece chocada.

- Ele é gay? Mas o meu "gaydar" não ficou nem um pouco ativado...

- Não, ele não é gay! - exclamo. - É que ele... ele gosta de mulheres realizadas.

- Você é realizada - Sarah diz, indignada. - O seu primeiro álbum ganhou disco de platina quando você tinha 15 anos!

- Estou falando de educação superior - respondo, desejando muitíssimo que estivéssemos falando de outra coisa, qualquer outra coisa. - Ele gosta de mulheres, com, sabe como é, muitos diplomas. Que são lindas de morrer. E bem magrinhas.

- Ah - Sarah diz, perdendo o interesse. - Igual a Rachel, quer dizer?

- É - eu digo e o meu coração pesa no peito, por algum motivo. - Igual a Rachel.

Será que é verdade? Será que o Cooper gosta mesmo de mulheres igual a Rachel... mulheres que usam a bolsa combinando com os sapatos? Mulheres que sabem o que é Power-Point, e que ainda por cima sabem usar o programa?

Mulheres que comem salada com molho à parte, e que conseguem fazer cem abdominais sem ficar sem fôlego? Mulheres que estudaram em Yale? Mulheres que tomam banho de chuveiro e não de banheira, como eu, porque têm preguiça de ficar tanto tempo assim em pé?

Antes de eu ter a oportunidade de pensar bem a respeito do assunto, Rachel entra correndo, o cabelo escuro desgrenhado, mas ainda com aparência sensual, e diz:

- Ah, Heather, você está aqui. Por onde andou?

- Eu estava lá em cima com um dos investigadores - respondo. Até é verdade. Mais ou menos. - Estavam precisando entrar no quarto da menina morta.

- Ah - ela diz, perdendo o enteresse. - Bom, agora que você voltou, será que dá para ligar para o serviço de aconselhamento e ver se eles podem atender uma aluna agora mesmo? A colega de quarto de Roberta está em um estado...

Eu me aprumo imediatamente.

- Claro - respondo, esticando a mão para o telefone esquecendo imediatamente que prometi ao Cooper que ia parar de brincar de seriado de investigação. - Sem problemas. Você quer que alguém a acompanhe até lá?

- Quero sim. - Rachel podia estar lidando com uma tragédia, mas, só de olhar para

ela, não daria para saber. Seu vestido-envelope da Diane Fustemberg se molda às partes certas do corpo, e não às erradas (como acontece quando eu uso o vestido-envelope) e as bochechas dele estão bem coradas. - Você acha que pode

pedir para alguém?

- Eu mesma posso fazer isso - respondo.

Claro que sinto uma pontinha de culpa ao dizer isto. Quer dizer, minha desposição

para ajudar tem mais a ver com o meu desejo de interrogar a colega de quarto da

menina morta do que com ajudá-la de fato.

Mas a culpa não basta para me deter.

Ligo para o serviço de aconselhamento. Claro que já estão sabendo da "segunda

tragédia", então pedem que eu leve a colega de quarto, Lakeisha Green, até lá

agora mesmo. Uma das minhas responsábilidades profissionais é acompanhar

pessoalmente os estudantes encaminhados para o serviço de aconselhamento até

o local onde fica o departamento, porque uma vez, uma aluna enviada para lá se

perdeu no caminho e foi encontrada em Washington Hights com o sutiã na cabeça

dizendo para todo mundo que era Cleópatra.

É sério. Não dá para inventar uma coisa dessas.

Lakeisha está sentada em um canto do refeitório, embaixo de um pôster de

gatinho que Magda pendurou para alegrar o ambiente já que, como ela mesma

explicou, janelas de vitrais antigos e revestimento em mogno são simplesmente

"horríveis de se olhar". Magda também está lá, tentando convenser Lakeisha a comer algumas balas de geléia em forma de ursinho.

- Só um pouquinho? - Magda diz enquanto balança um saco cheio delas na cara

da menina. - Por favor? Eu dou de graça. Eu sei que você gosta; ontem à noite, comprou um saquinho com suas amigas.

Lakeisha (só para ser educada, dá para ver) aceita o saquinho.

- Obrigada - ela murmura.

Magda então fica toda radiante e, quando percebe que estou ali, sussura:

- Coitada da minha estrelinha de cinema. Não quer comer nada. - Então, com a voz ainda baixa, pergunta: - Quem era aquele homem que Pete e eu vimos com você hoje, Heather? Aquele bonitão?

- Era Cooper - eu respondo, já que contei tudo sobre ele para Magda... como normalmente as amigas fazem tomando sorverte no intervalo do almoço.

- Aquele era Cooper? - Magda parece passada. - Ah, queria, não é para menos que...

- Não é para menos que o quê?

- Ah, nada, não. - Magda me dá uns tapinhas no braço como um gesto que seria reconfortante se eu não estivesse, sabe como é, morrendo de medo de ser espetada por uma das unhas dele. - Tudo vai dar certo. Talvez.

- Hmm, obrigada. - Não tenho muita certeza sobre o que ela estava falando... nem

queria saber. Voltei minha atenção para a colega de quarto de Roberta Pace.

Lakeisha parece triste, triste de verdade. O cabelo dela está arrumado em trancinhas por toda a cabeça, e na ponta de cada uma delas tem uma conta

colorida. Sempre que ela mexe a cabeça, as contas fazem um barrulinho.

- Lakeisha - eu digo, com muita suavidade. - Você tem hora marcada para conversar com alguém no serviço de aconselhamento. Estou aqui para levá-la. Podemos ir?

Lakeisha assente com a cabeça. Mas não se levanta. Lanço um olhar para Magda.

- Talvez ela esteja querendo descansar um pouco - Magda diz. - Minha estrelinha de cinema quer descansar?

Lakeisha hesita por um instante. Então diz:

- Não, tudo bem. Vamos.

- Tem certeza de que não quer um picolé de creme DoveBar com cobertura de chocolate? - Magda pergunta. Porque picolés de creme DoveBar com cobertura de chocolate são, aliás, a solução de quase todos os problemas do universo.

Mas Lakeisha só sacode com a cabeça, e faz as contas produzirem uma musiquinha.

E com certeza é por isos que ela é tão magra. Porque recusa picolé de creme DoveBar com cobertura de chocolate, quer dizer. Não me lembro de nenhuma ocasião em que recusei um sorvete. Principalmente um picolé de creme DoveBar com cobertura de chocolate.

Nossa caminhada para fora do prédio é lenta e sombria. Estão deixando os alunos

voltarem ao prédio em grupos pequenos, com o aviso de que precisarão usar a escada para chegar ao quarto. Como seria de se esperar em uma comunidade tão pequena, a notícia de mais uma morte se espalhou com rapidez, e quando os alunos viram Lakeisha e eu saindo do prédio juntas, começam a cochichar ("Aquela é a colega de quarto", ouço, e alguém responde: "Ah, coitadinha." Lakeisha ou não escuta ou prefere ignorar. Anda com a cabeça erguida, mas os olhos abaixados).

Estamos na esquina, esperando o sinal de pedestres abrir, quando finalmente consigo trazer à tona o assunto que desejo discutir.

- Lakeisha - digo. - Você sabe se Roberta saiu com alguém ontem à noite?

Lakeisha olha para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez. Ela é uma

coisinha, só bochechas e joelhos. O saquinho de balas que Magda a forçou a aceitar, que ela continua carregando, parece ser um enorme peso na mão dela.

Ela diz?

- Perdão? - com voz suave.

- Sua colega de quarto. Ela esteve com algum garoto ontem à noite?

- Acho que sim. Mas não sei com certeza. - Lakeisha responde, em um sussuro apologético que é dificil de escutar por cima de todo o trânsito. - Eu saí ontem à noite... tinha ensaio às oito. Bobby estava dormindo quando eu voltei. Era bem tarde, depois da meia-noite. E ainda estava dormindo quando eu desci para tomar café-da-manhã.

Bobby. Será que elas eram íntimas, Lakeisha e a colega de quarto que adorava Ziggy? Deviam ser, para ela chamá-la de Bobby. O que estou fazendo, interrogando a coitada da menina desta maneira, depois de ela passar por um choque tão grande?

Será que Jordan estava certo? De ter me acusado no outro dia. Será que eu fiquei endurecida?

Acho que sim já que, antes que eu me desse conta, já estava tentando de novo.

- A razão porque estou perguntando, Lakeisha - me sinto desprezível, total e completamente. Talvez não faça mal, sabe como é, se você se sentir uma tremenda canalha. Sabe do que eu estou falando? Quer dizer, já li que pessoas loucas (desculpe, quer dizer, pessoas com distúrbios mentais) nunca acham que têm distúrbios mentais. Então talvez os canalhas de verdade nunca se considerem

canalhas. Então o fato de eu me sentir canalha significa que eu não posso ser canalha de jeito nenhum...

Preciso me lembrar de perguntar para Sarah.

- A razão por que eu estou perguntando é que a polícia - uma leve mentira, mas que se dane -, bom, a polícia encontrou uma camisinha usada embaixo da cama de Roberta hoje de manhã. Estava, hmm, bem fresquinha.

Isso parece limpar um pouco da névoa da cabeça de Lakeisha. Ela olha para mim e, desta vez, dá para ver que ela me enxerga de verdade.

- Perdão? - ela pergunta com uma voz mais forte.

- Uma camisinha. Embaixo da cama de Roberta. Tem de ser da noite passada.

- De jeito nenhum - Lakeisha responde com firmeza. - De jeito nenhum. A Bobby,

não. Ela nunca... - Ela desaba e estuda os tênis Nike dela. - Não - diz mais uma

vez, e sacode a cabeça com tanta força que as contas na ponta das tranças

estalam como castanholas.

- Bom, alguém tem que ter deixado aquela camisinha... - digo. - Se não foi

Roberta, quem...

- Ai, meu Deus - Lakeisha de repente interrompe, com animação verdadeira na

voz. - Tem de ter sido o Todd!

- Quem é Todd?

- Todd é o cara. O cara da Bobby. O cara novo. Bobby nunca tinha ficado com

cara nenhum.

- Ah - eu digo, um tanto surpresa com a informação. - ela era... hmm...

- Virgem, era sim - Lakeisha diz, despreocupada. Ainda está tentando digerir a

informação que eu dei. - Devem ter... devem ter feito depois que eu saí. Ele deve

ter ido lá. Ela deve ter ficado tão contente... - Então a animação de Lakeisha morre e ela sacode a cebeça de novo. - E daí ela teve de sair para fazer uma coisa tão

idiota...

Certo, agora estamos chegando a algum lugar.

Eu desacelero o passo, e Lakeisha faz o mesmo, inconscientemente. Estamos a dois quarteirões do centro de aconselhamento.

- Então, sua colega do quarto não custumava fazer surfe de elevador com freqüência? - pergunto, apesar de já saber a resposta.

- Bobby? - A voz de Lakeisha falha. - Surfe de elevador? Nunca. Por que ela faria

uma coisa tão estúpida? Ela é uma menina inteligente... era uma menina inteligente - ela mesma se corrige. - Inteligente demais para isso, de todo jeito. Além do mais - completa -, Bobby tinha medo de altura. Ela nunca queria olhar pela janela do quarto, achava que era alto demais.

Eu sabia. Ela sabia. Alguém tinha empurrado. É a única explicação.

- Então, esse tal de Todd - digo, tentando não demostrar minha ansiedade. E também o fato de que meu coração tinha começado a bater um milhão de vezes por minuto dentro do meu peito. - Quando foi que Roberta e ele se conheceram?

- Ah, na semana passada, no baile.

- Baile?

- O baile no refeitório.

Acabamos não cancelando o baile que estrava programado para a noite da morte de Elizabeth. Sarah não tinha sido a única a dar um ataque frente à sugestão, o governo estudantil também se rebelara, e Rachel cedera. O baile acabou tendo presença muito boa e só houve um moneto desagradável, quando algumas fãs de

Jordan Cartwright ficaram todas eriçadas por causa da seleção musical e quase saíram aos tapas com algumas residentes que preferiam Justin Timberlake.

- Todd estava lá - ela diz. - Ele e Bobby começaram a ficar juntos naquela noite.

- Esse Todd - pergunto. - Você sabe o sobrenome dele?

- Não. - Lakeisha parece momentaneamente preocupada. Então seu rosto se ilumina. - Mas ele mora no prédio.

- Mora? Como é que você sabe?

- Porque Bobby não precisou dar permissão para ele subir.

- E esse tal Todd... - estou praticamente sem fôlego. - Você o conheceu?

- Não conheci, mas ela me mostrou no baile. Só que ele estava meio longe.

- Como ele era?

- Alto.

Como Lakeisha não prossegue, eu ofereço:

- Só isso? Ele era alto?

Lakeisha dá de ombros.

- Ele era branco - ela diz, como que para se desculpar. - Caras brancos... todos... sabe como é.

Certo. Todo mundo sobe que todos os brancos tem a mesma cara.

- Você acha que esse tal de Todd - agora Lakeisha também o está chamando de "esse tal de Todd" - teve algo a ver com... o que aconteceu com a Bobby?

- Não sei - respondo. E quando digo isso, percebo que estamos no prédio que

abriga os serviços de aconselhamento do campus. Que rápido! Fico decepcionada. - Ah. Bom, Lakeisha, chegamos.

Lakeisha olha para as portas duplas sem parecer as enxergar de fato. Então, diz para mim:

- Você não acha... você não acha que esse tal de Todd... empurrou Bobby ou qualquer coisa assim, acha?

Meu coração diminui o ritmo, e logo parece parar de vez.

- Não sei - digo com todo o cuidado. - Porque? Você acha? Roberta mencionou que ele era... abusivo?

- Não - Lakeisha sacode a cabeça. As contas estralam ainda mais. - O negócio é exatamente este. Ela estava muiot feliz. Por que ia fazer algo tão idiota? - Os olhos de Lakeisha se enchem de lágrimas. - Porque ela faria uma coisa dessas se tinha encontrado o homem dos sonhos dela?

Exatamente o que eu acho.

11

Uh-la-la-lá

Uh-la-la-la-lá

Eu disse

Uh-la-la-lá

Uh-la-la-la-lá

É o que eu digo

Toda vez

Que ele olha para mim

Eu digo

Me dá um pouco deste seu

Uh-la-la-la-lá

"Uh-la-la-lá"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Valdez Caputo

Do álbum Picolé gostoso

Gravadora Cartwright

Atualizo Magda e Pete a respeito da coisa toda durante o nosso almoço. Conto a eles o que está acontecendo, inclusive a parte a respeito de Cooper...

Mas não a parte de que eu estou loucamente apaixonada por ele nem nada assim. O que, é claro, deixa a história mais curta e muito menos interessante.

A única resposta de Pete é pegar uma garfada de chili e ficar olhando cheio de dúvidas.

- Tem cenoura nisto aqui? Você sabe que odeio cenoura.

- Pete, você não ouvi o que eu disse? Eu disse que acho...

- EU ouvi - ele interrompe.

- Ah. Bom, você não acha...

- Não.

- Mas você nem...

- Heather - Pete diz, colocando com muito cuidado a cenoura ofensiva do lado do

prato. - Acho que você anda assistindo muito Lei & Ordem.

- Eu adoro você, querida - é o que Magda tem a dizer a respeito do assunto. - Mas

vamos encarar. Todo mundo sabe que você é um pouco - ela roda um dedo lado

da cabeça - maluquinha. Sabe do que eu estou falando?

Não dá para acreditar que uma mulher que passa cinco horas para ter a Estátua

da Liberdade desenhada nas unhas está me chamando de maluquinha.

- Vamos lá - fico olhando para os dois. - Deus meninas sem histórico de surfe de

elevador morrem por causa disso em duas semanas?

- Acontece - Pete dá de ombros. - Você vai querer o seu picles?

- Pessoal estou falando sério. Acho de verdade que alguém está empurrando

essas meninas no poço dos elevadores. Quer dizer, existe um padrão. As duas

não tinham aflorado. Nunca tinham tido um namorado. Daí, de repente, uma

semana antes de morrer as duas arrumam namorado...

- Talvez - Magda sugere - elas fizeram isso porque, depois de se guardar tantos

anos para o homem certo, acharam que sexo não era assim tão bom.

A conversa acaba depois disso, porque Pete começa a engasgar com a Snapple

dele.

O resto do dia é uma confusão.Com duas mortes tão próximas uma da outra no

mesmo semestre, a imprensa nos bombardeia, principalmente os jornais sensacionalistas Post e News, mas um repórter do Times também liga.

E tem ainda o memorando que Rachel faz questão de mandar para todos os residentes informando que haverá aconselhamento psicológico á disposição 24 horas por dia neste fim de semana para ajudá-los a superar os acontecimentos.Isso significa que preciso tirar setecentas fotocópias, depois convencer um funcionário estudantil a enfiar os memorandos em trezentas caixas de correio, duas para cada quarto duplo e três para os triplos.

De cara Tina, que está na recepção, recusa à tarefa.Parece que Justine simplesmente fazia uma copia por andar e pendurava no hall do elevador.

Mas Rachel faz questão de que cada residente receba sua própria copia.Preciso dizer a Tina que na me importo com a maneira como Justine fazia as coisas, que é

assim que eu quero que as coisas sejam feitas.Ao que Tina responde, de maneira bastante dramática:

- Ninguém se importa com o que aconteceu com Justine!Ela era a melhor chefe do

mundo, e a mandaram embora sem razão nenhuma!Eu vi quando ela ficou chorando no dia em que ficou sabendo!Eu sei!A faculdade de Nova York é tão injusta!

Tenho vontade de destacar que Justine provavelmente estava chorando de alegria por apenas ser demitida e não processada pelo que tinha feito.

Mas eu não deveria mencionar que Justine tinha sido demitida por roubo na frente

dos alunos, mais ou menos pela mesma razão que não deveríamos chamar o lugar em que trabalhamos de alojamento.Porque isto não alimenta um verdadeiro sentimento de segurança.

Em vez disso, prometo pagar a Tina cinqüenta por cento a mais para ela entregar os memorandos.Isso a deixa alegre no mesmo instante.

Quando chego em casa (com leite) já são quase seis horas.Não há sinal de Cooper-ele provavelmente está de tocaia, ou seja, lá o que os detetives particulares fazem o dia inteiro.O que está muito bem, porque tenho mais do que bastante com que me preocupar.Contrabandeei para casa uma lista com o nome dos residentes do prédio e a estou examinando, marcando todos os residentes que se chamam Mark ou Todd.Mais tarde, vou ligar para cada um deles, com a ajuda da lista de telefone do prédio, e perguntar se conheciam Elizabeth ou Roberta.

Não tenho muita certeza do que vou dizer se algum deles disser que sim.Acho que

não posso ser assim tão direta e perguntar: “Então... você a empurrou no poço dos elevadores?” Mas acho que vou deixar para lidar com este assunto quando chegar à hora.

Bem quando estou em acomodando na frente da lista com uma taça de vinho e alguns biscoitinhos que achei no armário a campainha toca.

E eu me lembro, com um choque quase físico, de que me ofereci para cuidar do filho de Patty hoje à noite.

Patty dá uma olhada em mim assim que abro a porta e já sabe.Ela diz:

- O que aconteceu?

-Nada-garanto a ela, pegando Indy de seus braços.-Bom quer dizer, uma coisa aconteceu, mas não foi comigo.Outra menina morreu hoje.Só isso.

-Mais uma?-Frank o marido de Patty, parece maravilhado.Há algo nas mortes violentas que deixa algumas pessoas muito animadas.Frank, claramente, é uma delas.-O que aconteceu?Overdose?

- Ela caiu de cima de um dos elevadores-respondo, enquanto Patty dá uma cotovelada em Frank, forte o bastante para fazer ele fazer unngh.-Ou, pelo menos,

é o que a gente pode supor.Mas está tudo bem.Serio.Estou bem.

- Seja gentil com ela-Patty diz ao marido.-O dia dela foi difícil.

Patty tem a tendência de fazer caso de tudo quando vai sair.

Ela não se sente à vontade com roupas de noite, talvez porque ainda não tenha perdido todo o peso que ganhou na gravidez.Durante um tempo, Patty e eu tentamos fazer caminhadas pelo SoHo no finzinho da tarde, em um esforço para atender á recomendação do governo de sessenta minutos de exercícios por dia. Mas a Patty parecia não conseguir passar por uma vitrine sem dar uma paradinha e perguntar: “você acha que aqueles sapatos ficariam bem em mim?”, e então

entrar e comprar.

E eu não conseguia passar por uma padaria sem entrar para comprar uma baguete.

Então, precisamos parar com as caminhadas, porque os armários de patty já estão bem cheios, e quem precisa de tanto pão assim?

Além do mais, Patty nem tem onde usar tanta coisa nova.Ela tem basicamente uma alma caseira o que, para uma mulher de cantor de rock, não é lá muito bom.

E Frank Robil ard é uma das maiores estrelas do rock.Ele faz Jordan Cartwright parecer um cantor da ultima.Patty o conheceu no programa do David Letterman: ele estava cantando, ela era uma daquelas moças que ficam servindo salgadinhos em uma bandeja, foi amor á primeira vista.Sabe como é, daquele tipo que agente lê nas revistas, mas que nunca acontece com agente.Esse tipo.

-Pare com isto, Frank-Patty diz ao seu verdadeiro amor.-Nós vamos nos atrasar.

Mas o Frank está bisbilhotando pelo escritório, examinando as coisas de Cooper.

- Ele já atirou em alguém?-pergunta, referindo-se a Cooper.

- Se tivesse atirado, não teria contado para mim-respondo.

Desde que eu me mudei para a casa de Cooper, meu conceito junto ao Frank subiu muito.Ele nunca gostou de Jordan, mas Cooper é o herói dele.Ele até comprou uma jaqueta de couro igual à de Cooper (usada, já veio amaciada).Frank

não compreende que um detetive particular da vida é diferente dos da TV. Quer dizer, Cooper nem tem uma arma.No trabalho dele, Só são necessárias uma

câmera e a capacidade de se integrar ao ambiente.

Acontece que Cooper é muito bom em se integrar.

-Então, vocês dois já estão ficando?-Frank pergunta, do nada.-Você e Cooper?

-Frank!-Patty exclama.

-Não, Frank-respondo, pelo que deve ser a trecentésima vez só este mês.

-Frank-Patty diz.-Cooper e Heather só dividem a casa.Não dá para ficar com a pessoa que mora com você.Você sabe como são as coisas.Quer dizer, o romance todo acaba depois que você vê alguém de chambre.Certo, Heather?

Olho para ela meio deslocada.Nunca tinha pensado nisto.E se Patty estiver certa? Cooper nunca vai achar que vale a pena sair comigo, mesmo que eu ganhe um premio Nobel de medicina.Porque ele já me viu vezes demais de moletom!E sem maquiagem!

Patty e Frank então se despedem, e Indy e eu ficamos na porta acenando enquanto eles entram na limusine que está à espera deles.Os traficantes de drogas da rua ficam olhando a uma distancia respeitável.Todos veneram a banda de Frank.Estou convencida de que o motivo por que a casa de Cooper nunca foi grafitada nem assaltada é porque todo mundo no bairro sabe que ele é amigo da voz do povo, Frank Robillard, então a casa dele é poupada.

Ou talvez seja por causa do alarme e das barras em todas as janelas do térreo.Vai saber.

Indy e eu passamos uma noite agradável assistindo a Arquivos Forenses e os

Novos Detetives na TV do meu quarto, onde posso ficar de olho tanto no filho da

minha melhor amiga quanto na parte de trás do edifício Fischer.Olhando para o

prédio alto de tijolinhos escuros, com tantas luzes acesas, não posso evitar me

lembrar do que Magda disse: a piada que ela fez a respeito de Elizabeth e Roberta

acabarem descobrindo que sexo não era tão bom assim quanto todo mundo

dizia.Bobby era virgem... pelo menos de acordo com a colega de quarto dela, e

parecia bem provável que Elizabeth Kel ogg também fosse.

Será que era isso?Será essa a relação entre as duas meninas?Será que alguém

está matando as virgens do edifício Fischer?

Ou será que eu ando assistindo a CSI demais?

Quando Patty e Frank chegam para recolher a cria deles logo depois da meia-

noite, eu o entrego na porta.Ele desmaiara durante Crossing Jordan.

- Como ele se comportou?-Patty pergunta?

- Perfeitamente, como sempre-respondo.

- Para você talvez-ela diz com uma risada sarcástica enquanto pega o bebe

adormecido nos braços.Frank está esperando na limusine, na rua.-Você é ótima com ele.Devia arrumar uma pra você um dia destes.

- Jogue sal na ferida, por que não?-digo.

- Desculpe-Patty responde.-Eu adoro que você cuide do bebe para nós. Mas você

percebe que nunca disse que não podia porque estava ocupada?Heather, você

precisa sair da toca.E não estou falando só da sua musica.Você precisa tentar conhecer alguém.

- Eu conheço um monte de gente-digo na defensiva.

- Estou falando de alguém que não seja calouro na faculdade de Nova York.

-È-respondo.-Bom, para você é fácil criticar.Você tem o marido perfeito.Você não

sabe como é a vida real.Você acha que Jordan era uma anomalia?Patty, ele é básico.

-Não é verdade-Patty diz.-Você vai encontrar alguém.Só não pode ter medo de se arriscar.

Do que é que ela esta falando?Eu não faço nada alem de correr riscos?Estou tentando impedir que um psicopata mate mais uma vez.Já não basta?Preciso de uma aliança no dedo também?

Algumas pessoas nunca ficam satisfeitas.

12

Sou uma agente disfarçada e estou

Vigiando o seu coração

Estou com meus óculos de visão noturna

E estou

Vigiando o seu coração

Ah

É melhor você fugir

Porque quando eu terminar

Você vai me entregar

O seu coração

"Vigiando o seu coração"

Interpreta por Heather Wells

Composta por O'Brien/Henke

Do álbum Vigiando o seu coração

Gravadora Cartwright

Por mais que eu tente esquecer a idéia, ela não sai da minha cabeça durante todo o fim de semana.As virgens do edifício Fischer.

Eu sei que parece loucura.Mas não consigo pensar em outra coisa.

Talvez Patty tenha razão, e os jovens do alojamento (conjunto residencial estudantil, quer dizer) estão ocupando o lugar de meu coração onde o amor pelo meus próprios filhos residiria, sabe como é, se eu tivesse algum.Porque eu não consigo parar de me preocupar com eles.

Não que ainda deva ter sobrado alguma virgem no prédio; e eu por acaso ocupo uma posição que me permite fazer esta afirmação.Desde que eu troquei os bombons de chocolate do pote da minha mesa por camisinhas Trojan em embalagens individuais, tenho recebido jovens de pijama aos tropeções na minha sala ás nove da manha (e se você não acha que nove da manha é cedo para os

padrões de faculdade, é porque você nunca fez faculdade), que vão lá para pegar uma sem nem pedir licença.

Não se sentem acanhados.Não agradecem.na verdade, quando eu fico sem camisinhas, e o pote fica vazio durante um dia ou um pouco mais até eu receber mais do serviço de saúde, vou dizer, ouço muito.O pessoal começa a me atacar no mesmo instante: “Ei! Cadê as camisinhas? Acabaram as camisinhas? O que eu vou fazer agora?”

De todo modo, o lado positivo de tudo isto é que eu fico sabendo quem está se dando bem no meu prédio.

E vou dizer uma coisa: É muita gente.Não há muitas virgens restantes no conjunto Fischer.

Mas, de algum modo, algum sujeito encontrou uma maneira de matar duas delas.

Eu não podia deixar que mais meninas morressem. Mas como é que eu ia impedir que acontecesse de novo se eu não fazia a menor idéia de quem era o cara? Eu não tinha chegado a lugar nenhum com a coisa da lista. Havia três Marks e nenhum Todd no prédio todo, apesar e haver um Tad. Um dos três Marks no prédio era negro (era residente do andar de Jessica, eu liguei para ela e perguntei) e outro, coreanao (liguei para a AR também), o que eliminava os dois, já que Lakeisha tinha certeza de que o cara era banco. Tad era tão obviamente gay que

só gaguejei uma desculpa e disse que era engano logo que ele atendeu.

O terceiro Mark tinha ido passar o fim de semana na casa dos pais, segundo disse

o colega de quarto dele, mas estaria de volta na segunda. Mas, de acordo com o AR dele, só tinha 1,73m de altura, e isso não é exatamente alto.

Acho que dava para dizer que a investigação (no pé que estava) tinha empacado. E com Cooper ausente durante todo o fim de semana, eu também não ia pedir a opinião profissional dele sobre o assunto. Não tenho certeza se ele estava se escondendo de mim, ou se estava ocupado com ou trabalho, ou se estava ocupado... bom, com outra coisa. Desde que eu me mudara, Cooper não tinha recebido absolutamente ninguém para passar a noite (o que, para ele, se é que dá para acreditar em Jordan, representa um período de seca recorde). Mas levando em conta o número de dias seguidos que ele passava fora de casa, eu só podia imaginar que ele estivesse dormindo na casa do caso da hora, seja lá quem ela fosse.

O que era bem típico dele. Sabe como é, não esfregas na minha cara que ele está se dando bem, quando eu com toda a certeza não estou.

Mesmo assim, eu tive dificuldade em apreciar tanta cortesia na medida em que o fim de semana foi passando, e não tinha chegado mais perto de descobrir quem estava matando As Virgens do edifício Fischer. Se, hmm, alguém estivesse.

O que pode ser o motivo por que, quando a segunda-feira de manhã finalmente

chegou, eu fui a primeira a chegar ao serviço, depois de já ter tomado meu café com leite e comido meu bagel, e mergulhei na ficha de Roberta Pace.

O conteúdo do arquivo dela é muito parecido com o de Elizabeth, apesar de as duas meninas terem vindo de lados opostos do país: Roberta era de Seatle. Mas as duas tinham mãe enxeridas. A mãe de Roberta tinha ligado para Rachel para reclamar que Roberta precisava de outra colega de quarto.

O que me surpreendeu. Como é que alguém pode não gostar de Lakeisha?

Mas, de acordo com o "relatório de incidente" (o formulário que é preenchido toda a vez que um funcionário do edifício tem alguma interação com uma residente), quando Rachel falou com Roberta, descobriu-se que quem tinha um problema com Lakeisha era a Sra. Pace, e não Roberta. "Não que eu não goste de negros", a Sra. Pace explicou a Rachel, de acordo com o relatório, "só não quero que a minha filha tenha que viver com uma negra".

Descobri que é com esse tipo de coisa que as pessoas que trabalham no sistema de educação superior têm de lidar todos os dias. O lado positivo é que nem sempre o problema é dos estudantes, e sim dos pais deles. Assim que os pais voltam para casa, tudo entra nos eixos.

O lado negativo é que... bom, gente como a Sra. Pace existe e tudo o mais.

Eu me forço a continuar lendo. De acordo com o relatório, Rachel chamou Roberta na sala dela e perguntou se ela queria trocar de quarto, como a mãe disse que ela queria. Roberta então relatou que liberou Roberta e ligou de volta para a mãe e

fez o sermão padrão nesses casos "Boa parte da educação superior se passa fora da sala de aula, onde nossos alunos tomam contato com outras culturas e maneira de viver. Aqui na Faculdade de Nova York, fazem o possível para incentivar a consciência da diversidade cultural. A senhora/o senhor não quer que seu filho/ sua filha seja capaz de se dar com todos os tipos de pessoa quando ele/ ela entrar para a força de trabalho?")

Então Rachel informou a Sra. Pace que a filha dela não iria trocar de quarto e desligou.

E pronto. Aquilo era a única coisa na ficha de Roberta. O único indício de que ela tinha tido algum problema para se ajustar à vida universitária.

Tirando o fato de agora ela estar morta, claro.

Ouça o barulho de um elevador chegando e logo os saltos de Rachel estalando no chão de mármore na frente da nossa sala. Um segundo depois ela aparece à porta carregando em uma das mãos uma xícara fumegante de café que trouxe de seu apartamento e, na outra, um exemplar do Times do dia. Olha surpresa para mim, já em minha mesa tão cedo assim. Apesar de eu morar a quatro minutos de distância dela, quase sempre chego cinco minutos atrasada para o trabalho.

- Ai, meu Deus - Rachel diz, contente de me ver. - Mas como você chegou cedo! Passou bem o fim de semana?

- Passei - respondo, fechando a parta de Roberta e meio que deslizando para baixo de outras coisas na minha mesa.

Não que eu não tenha todo o direito de estar lendo a ficha. É só que eu me sinto um tanto relutante em contar para a Rachel aquilo de que eu desconfio, sobre as meninas terem sido empurradas e tudo o mais. Quer dizer, tecnicamente, eu deveria ter dito alguma coisa a respeito da chave, ou da camisinha, pelo menos, ou que as duas meninas tinham conhecido um cara fazia pouco tempo...

Mas não posso deixar de me perguntar: E se Cooper estiver certo? E se Elizabeth e Roberta tiverem mesmo caído, e eu ficar armando a maior confusão, dizendo que elas foram assassinadas? Será que Rachel ia colocar em minha ficha de emprego que eu sofro de delírios paranóicos? Será que uma coisa assim poderia impedir que eu passasse pelo meu período de experiência de seis meses? Será que podiam me demitir por causa disso, como fizeram com Justine - apesar de eu ter passado bem longe dos aquecedores de cerâmica?

Não vou arriscar. Resolvo guardar as minhas suspeitas para mim mesma.

- No geral - digo, respondendo à pergunta de Rachel a respeito do meu fim de semana. Porque, além de ter ligado para saber de todos os Marks e Todds, eu não fiz nada a não ser passear com Lucy, assistir à TV e dedilhar meu violão. Nada que valesse a pena comentar. - E você?

- Um horror - Rachel responde, sacudindo a cabeça. Apesar de que, para alguém que teve um fim de semana tão péssimo, ela está realmente ótima. Está com um

tailleur novo, muito bem cortado. O preto destaca o marfim da pele dela e faz o cabelo parecer de um castanho ainda mais profundo. - Os pais de Roberta vieram aqui - ela prossegue - para pegar as coisas da filha. Foi um pesadelo. Claro que eles querem nos processar. Apesar de eu não fazer idéia de que embasamento ele têm. Coitada daquela gente, fiquei com muita pena deles.

- É - digo. - Deve ter sido um saco.

O telefone da mesa de Rachel começa a tocar.

- Ah, oi, Stan - ela diz quando atende. - Ah, muito obrigada, mas está tudo bem, mesmo. Sim, foi simplesmente um horror...

Uau. Stan. Então agora a Rachel trata o Dr. Jessup pelo primeiro nome? Bom, acho que se duas meninas do seu alojamento (ops, quer dizer, conjunto residencial estudantil) morrem, você passa a conhecer muito bem o chefe do seu departamento.

Começo a examinar os formulários de atividades que os recepcionistas do fim de semana deixaram para mim. Geralmente, consigo organizar a folha de pagamento, o orçamento e todos os memorandos que precisam ser digitados até as 11 da manhã. Daí, fico com o resto do dia livre para navegar na Internet, fofocar com Magda ou Patty ou tentar descobrir quem pode estar matando meninas no meu local de trabalho, que é exatamente a maneira como eu decido passar esta segunda-feira em particular.

Só que ainda não descobri bem como.

Estou terminando a folha de pagamento quando pés envoltos por tênis Nike aparecem no meu campo de visão. Ergo a cabeça, esperando ver um jogador de basquete (e espero que ele traga um bilhete semilegível para que eu ajunte a minha coleção).

Em vez disso, vejo Cooper.

- Oi - ele diz.

Por acaso é minha culpa o fato de meu coração dar uma cambalhota no peito? Quer dizer, já faz um tempinho que a gente não se vê. Quase 72 horas. Além do mais, sabe como é, eu estou totalmente faminta de um homem. Deve ser por isso que não consigo tirar os olhos da parte da frente da calça jeans que ele está usando, desbotada em todos os lugares em que o tecido ficou gasto, como os joelhos e alguns outros lugares mais interessantes.

Ele também está usando uma camisa azul por baixo da jaqueta de couro surrada, que tem exatamente o mesmo tom de azul luminoso dos olhos dele. - Por... - é o único som que consigo fazer sair da minha boca, por causa da calça jeans... e daquela parte de eu ser uma-fracassada-completa-totalmente-apaixonada-por-ele.

- Por... - digo mais uma vez. Pelo menos, é o que parece aos meus ouvido.

- Eu queria ter certeza de que você já estava sabendo - ele diz. - Sabe como é, antes de a US Weekly começar a ligar e você ser pega de surpresa.

Olho para o jornal. É o sensacionalista New York Post. Na primeira página há uma

foto grande, ampliada, de meu ex-namorado e Tania Trace jantando em algum café ao ar livre do SoHo. Embaixo da imagem estão as palavras, em corpo 18, no mínimo.

ELES ESTÃO NOIVOS!

13

Ela te isolou.

O que você fez para merecer?

Ela te isolou.

Te colocou para escanteio.

Ela achou que você ia aceitar bem

quietinho?

Ela acha que você gosta de dar uma

de palhacinho?

Eu nunca ia te isolar.

Você tem que acreditar.

Eu nunca ia te isolar.

Você è tudo que eu preciso.

Baby, será que não da pra ver?

Não venha me isolar.

‘Isolar’

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Valdez/ Caputo

Do álbum Vigiando seu coração

Gravadora Cartwright

Uau. Não demorou muito. Quer dizer, levando em conta que só estamos

separados há o que? Quatro? Cinco meses talvez?

- Por..- parece ser o único som que eu sou capaz de fazer.

- È – Cooper diz. – Foi isso mesmo que eu achei que você ia dizer.

Eu fico lá sentada, olhando para a foto do anel de noivado de Tania. Parece muito

com o MEU anel. Aquele que eu arranquei do dedo e joguei nele quando peguei

os dois mandando ver no nosso quarto.

Mas não pode ser o mesmo anel. Jordan é mão de vaca, mas não pode ser assim

TÃO mão de vaca.

Abro o jornal e folheio até a pagina que traz o artigo.

Olhe só isso. Não estão só noivos. Também vão sair juntos em turnê.

- Tudo bem com você? – Cooper quer saber.

- Tudo – digo,feliz por ter retornado a capacidade de dizer alguma coisa que não

seja ‘por..’.

- Se serve de consolo – ele diz –, o ultimo single dela saiu do Disk MTV.

Eu sei que não vale a pena perguntar para Cooper por que ele anda assistindo ao

Disk MTV. Em vez disso,digo:

- Eles tiram os vídeos quando ficam muito tempo na lista. Isso significa que a música continua fazendo muito sucesso.

- Ah.

Cooper olha em volta, obviamente procurando alguma coisa para mudar de assunto. A minha sala è como a recepção da sala de Rachel, separada dela por uma bela grade de metal que estou tentando fazer o departamento de manutenção mudar desde que cheguei. Eu tinha decorado a minha parte com reproduções de Monet, quando comecei a trabalhar lá, e Rachel quis trocar os lírios de Giverny por cartazes antiestrupo e de desenvolvimento comunitário, mas eu não arredei o pé.

Li uma vez em uma revista que Monet tem efeito calmante. È por isso que tantos médicos colocam reproduções dos quadros dele no consultório.

- Esse lugar è legal. – Cooper diz. Então o olhar dele recai sobre o pote de camisinhas na minha mesa.

Sinto que fico vermelho –carmim.

Rachel escolhe exatamente este momento para desligar o telefone e se inclinar para fora da sala e perguntar:

- Posso ajudar?

Quando ela vê que o visitante da nossa sala é do sexo masculino, tem mais de 1,80 metro e menos de 40 anos (isso sem mencionar que ele é muito gostoso), ela

diz, com uma voz completamente diferente:

- Ah. *Oi*

- Bom dia – Cooper diz,com muita educação. Cooper é extremamente educado com todo mundo, á exceção dos membros diretos da família dele. – Você deve ser

Rachel. Eu sou Cooper Cartwright.

- Prazer em conhece –Lo – Rachel diz. Ela aperta a mão que ele estende e dá um sorriso bestificado. – Cooper...Cooper..Ah, sim, Cooper! O amigo da Heather. Ouvi

falar muito de você.

Cooper olha em minha direção, os olhos azuis brilhando mais do que nunca.

- Ouviu?

Eu queria que o chão se abrisse e me engolisse inteira. Tento me lembrar de alguma coisa que eu possa ter dito a Rachel sobre Cooper. Além do fato dele ser meu senhorio, quer dizer. E se eu disse alguma coisa bem indiscreta, que Cooper é a minha idéia de parceiro ideal e que às vezes fantasio sobre arrancar as roupas dele com os dentes? Sabe – se que eu ás vezes digo coisas assim, principalmente quando misturo muitas rosquinhas Krispy Kreme com uma alta dose de cafeína.

Mas a única coisa que Rachel diz è:

- Acho que você já ouviu falar dos problemas que estamos tendo aqui.

Cooper assente com a cabeça.

- Ouvi.

Rachel sorri de novo, um pouco menos beatificada desta vez. Dá pra ver que ela está fazendo um cálculo mental para avaliar o preço provável do relógio dele (ele usa um daqueles de plástico grandes e pesados) e chegando á conclusão de que ele não deve ganhar cem mil por ano de jeito nenhum.

Ah, se ela soubesse...

Então o telefone da mesa dela toca de novo e ela entra pra atender.

- Alô, conjunto Fishcer. Aqui é a Rachel. Em que posso ajudar?

Cooper ergue as sobrancelhas para mim e eu me lembro, de repente,do que Magda disse a respeito de Rachel ser o tipo de Cooper.

Não! Não é justo! Rachel é o tipo de TODO MUNDO! Quer dizer, ela é bonita e atlética e tem tudo no lugar e é uma moça de sucesso e estudou em Yale e está fazendo a diferença no mundo. Mas e EU? E as garotas como eu que são só... bom, legais? E as garotas *legais?* Como é que *nós* vamos concorrer com todas as moças competentes, atléticas, que tomam banho de chuveiro, com todos seus diplomas e Palm Pilots e aquela bundinha?

Mas antes que eu tenha oportunidade de dizer qualquer coisa para defender a minha espécie, um dos funcionários da manutenção entra correndo.

- Haythar - Julio grita,sacudindo as mãos. Ele è um sujeito pequeno, de uniforme marrom, que, sem ninguém pedir, limpa a estátua de bronze de Pã do lobby toda dia com uma escova de dentes.

- Haythar,aquele menino está fazendo de novo.

Fico olhando estupefata para ele.

- Você está falando do Gavin?

- *Sí*.

Dou uma olhada para Rachel. Ela está falando sem parar no telefone:

- Ah, reitor Allington , por favor, não se preocupe comigo. Os alunos é que precisam de atenção..

Suspiro resignada, empurro a cadeira para trás e me levanto. Simplesmente vou ter que encarar o fato de que, no que diz respeito a Cooper, eu sempre vou ser a maior trapalhona do mundo.

E não tem nada que eu possa fazer contra isso.

- Eu cuido disto – digo.

O Julio dá uma olhada para Cooper e, sem parar de sacudir as mãos, pergunta, todo nervoso:

- Quer que eu vá com você, Haythar?

- O que é isto? – Cooper parece desconfiado – O que está acontecendo?

- Nada – digo a ele – Obrigada por passar aqui. Agora, preciso ir.

- Ir aonde? - Cooper quer saber

- Preciso dar um jeito em uma coisinha. A gente se vê mais tarde.

Então, saio correndo da sala e vou direto para o elevador de serviço, que é reservado para o pessoal da manutenção apenas, e que tem uma grade de ferro para manter os alunos para fora ...

Só que eu sei qual alavanca empurrar para abrir a grade. Então eu a empurro, viro

para Julio e digo:

- Quando você quiser.

Só que não foi Julio que veio atrás de mim. Foi Cooper.

- Heather – ele diz, com semblante aborrecido. Que historia é essa?

- Cadê o Julio? – Solto com uma voz esganiçada.

- Sei lá. – Ele responde. – Ficou lá atrás, acho. Aonde você vai?

De dentro do poço de elevadores, ouço gritos de alegria. Por que eu? Meu Deus

do céu, por quê?

Mas não há nada que eu possa fazer. Quer dizer, é o meu trabalho. E isso vai significar um diploma de medicina grátis, isso se eu conseguir mantê-lo tanto

tempo assim.

- Você sabe operar um elevador de serviço? - pergunto a Cooper.

Ele parece ainda mais aborrecido.

- Acho que consigo descobrir como se faz.

Mais gritos de dentro do poço dos elevadores.

- Certo - digo. - Então, vamos.

Cooper, que agora está com cara de curioso além de aborrecido, vem atrás de

mim e entra no elevador, abaixando a cabeça para não bater na porta meio

abaixada, eu puxo a grade, fecho e aciono a alavanca da força. Quando o

elevador, abaixando começa a subir com um sacolejo, coloco um pé na grade

lateral e, com um impulso, agarro as laterais da abertura no teto do elevador, de onde um painel foi retirado. Através dela, enxergo os cabos e os tijolos sem acabamento do poço dos elevadores, e lá em cima, bem no alto, pontos iluminados, onde o sol entra pelas clarabóias de segurança contra incêndios.
A curiosidade de Cooper rapidamente desaparece, então só sobra o aborrecimento.
- O que - ele pergunta - você acha que está fazendo?
- Não se preocupe - digo. - Está tudo bem. Já fiz isto antes. - Minha cabeça e os meus ombros já passaram pela abertura no teto do elevador e, com mais um impulso, consigo fazer o quadril atravessá-lo também.
Então preciso descansar. Porque tudo isto representa muito levantamento de peso para uma garota como eu.
- É isto que você faz o dia inteiro? - Cooper, abaixo de mim, quer saber. - Onde é que está escrito em seu contrato de trabalho que você tem a responsabilidade de correr atrás de surfistas de elevador?
- Não está escrito em lugar nenhum - respondo, olhando para ele com uma certa surpresa, pela abertura entre os meus joelhos. As paredes escuras do poço dos elevadores passam a toda a velocidade, como água escorrendo, enquanto subimos. - Mas alguém precisa fazer isto. - E se eu não fizer, como é que vou passar pelo período de experiência de seis meses? - Em que andar estamos?
Cooper dá uma olhada através da grade, para os números pintados na parte de

trás da porta de cada andar que passam.

- Nove - ele responde. - Você sabe, se escorregar, pode acabar igual àquelas meninas, Heather.

- Eu sei - respondo. - É por isso que eu preciso fazer com que parem. Alguém pode se machucar. Alguém mais, quer dizer.

Cooper diz alguma coisa para si mesmo que parece um palavrão... o que é uma surpreza, porque é muito raro ele falar palavrão.

Um andar depois, duas paredes do poço se abrem, de modo que dá para ver o poço dos outros elevadores do prédio. Um deles está parado no décimo andar, e esticando o pescoço, vejo que o outro está uns cinco andares acima.

Os gritos de alegria estão ficando mais altos.

Bem naquele momento, o elevador dois começa a descer e eu vejo, empoleirado por cima do teto do elevador, entre os cabos e garrafas vazias de cerveja Colt. 45,

Gavin McGoren Jr., aluno do curso de cinema, fanático por Matrixm surfista de elevador inveterado.

- Gavin! - grito quando o elevador dois desliza por mim. Diferentemente de mim,

ele está em pé, preparando-se para pular do teto do elevador um que vai passando ao lado. - Desça daí agora mesmo!

Gavin me lança um olhar assustado, então solta um resmungo quando me reconhece entre os cabos. Vejo vários braços e pernas se agitando para dentro do

elevador pelo painel de manutenção para não serem identificados por mim.

- Ah, merda - Gavin diz, porque ele não foi tão rápido quanto os amigos para escapar. - Me pegaram!

- Você está tão ferrado que vai dormir no parque hoje à noite - garanto a ele, apesar de ninguém nunca ter sido expulso do prédio por fazer surfe de elevador... pelo menos até agora. Vai saber, tendo em vista os acontecimentos recentes, se a diretoria não resolver ficar mais rígida a este respeito? É preciso fazer alguma coisa ruim de verdade (tipo ameaçar o AR do seu andar com um martelo de carte,

como um garoto fez no ano passado, de acordo com um arquivo que achei) para ser convidado a se retirar do conjunto residencial estudantil.

E, mesmo assim, o garoto foi aceito novamento no ano seguinte, depois que provar que tinha passado o verão inteiro sob tratamento psicológico.

- Puta que o pariu! - Gavin grita no poço, mas eu nem ligo. É só o Gavin.

- Você acha que isto é engrassado? - pergunto a ele. - Você sabe que duas meninas morreram fazendo isto nas duas últimas semanas. Mas você simplesmene acordou hoje de manhã com vontade de dar uma surfadinha?

- Elas eram umas amadoras - Gavin diz. - Cê sabe que eu sô bom, Heather.

- Eu sei que você é um idiota - respondo. - E pare de falar como se você fosse de Bed-Stuy, na periferia, todo mundo sabe que você foi criado em Nantucket, que é

bem chique. E se você não estiver na sala da Rachel quando eu chegar lá

embaixo, vou mandar trocar a fechadura da porta do seu quarto e confiscar todas as suas coisas.

- Merda! - Gavin desaparece, deslizando através do teto do elevador e recolocando o painel de volta no lugar.

O elevador dois começa sua longa descida até a recepção, e eu fico lá sentada um instante, saboreando a escuridão e a ausência de barulho. Eu gosto do poço dos elevadores. É um dos lugares mais tranqüilos de todo o alojamento (quer dizer, conjunto residencial estudantil).

Bom, pelo menos, quando não tem gente caindo neles.

Quando eu volto para dentro do elevador (e nenhum juiz me daria nota dez pela decida), Cooper está parado em um canto da cabine, os braços cruzados por cima do peito largo, o rosto contorcido em uma careta de zombaria.

- O que foi aquilo? - ele pergunta quando eu estico a mão para a alavanca de controle e começo a nos conduzir de volta ao térreo.

- Foi só o Gavin - respondo. - Ele faz isto o tempo todo.

- Não me venha com essa - Cooper parece bravo de verdade. - Você fez isto de propósito. Para me mostrar como um verdadeiro surfista de elevador é, e para eu ver como as meninas mortas não se encaixam na descrição.

Fico olhando estupefata para ele.

- Ah, foi isso mesmo - digo. - Você acha que eu combinei isso tudo com o Gavin?

Você acha que eu já sabia que você ia aparecer para enfregar a notícia do noivado do meu ex na minha cara, e daí eu liguei para Gavin e falei assim: "Ei, por que você não vai dar uma voltinha no elevador dois e eu subo para pegar você e mostrar para meu amigo Cooper a diferença entre surfistas de elevador de verdade e amadores?"

Cooper parece levemente confuso... Mas não pela razões que eu acho.

- Eu não vim aqui esfregar na sua cara - ele diz. - Eu só queria ter certeza de que você estava sabendo antes que algum repórter da Star desse a notícia para você.

Percebo que fui um pouco dura demais, e digo:

- Ah, é. Você tinha dito.

- É - Cooper responde. - Disse sim. Então. Você sempre faz isso? Fica em pé no teto do elevador?

- Eu não estava em pé. Estava sentada - explico. - E só faço isso quando alguém informa que ouviu algum aluno brincando no poço dos elevadores. O que é mais uma razão por que é tudo tão estranho em relação a Elizabeth e Roberta.

Ninguém informou que tinha escutado nada. Bom, até Roberta cair...

- E é você que tem que ir atrás dele? - Cooper pergunta. - Quando alguém ouve a bagunça?

- Bom, a gente não pode pedir para os ARs. Eles são alunos. E a tarefa não está no contrato do sindicato dos funcionários da manutenção.

- E está no seu?

- Eu não sou sindicalizada - lembro a ele. Não posso evitar ficar me perguntando aonde ele que chegar. Quer dizer, será que ele está mesmo preocupado comigo? E se estiver, será que é só como amiga? Ou será que tem alguma coisa a mais? Será que ele vai apertar o botão de emergência para parar o elevador e me tomar nos baços, sussurando cheio de luxúria que ele me ama e que a idéia de me perder faz o sangue dele gelar?

- Heather, você pode se machucar muito sério, ou até se matar, fazendo uma coisa tão idiota dessas - ele diz, deixando bem óbvio que a coisa de me tomar nos

braços não vai acontecer. - Como é que você pode... - Então os olhos azuis dele se tranformam em fendar quando ele me examina com mais atenção. - Espera um

pouco. Você gosta disso.

Fico olhando estupefata para ele.

- O quê? - sim, sou eu. A senhorita pau para toda obra.

- Gosta sim - ele sacode a cabeça, surpreso. - Você gostou mesmo de fazer isso aí, não foi?

Dou de ombros, sem ter muita certeza do que ele está falando.

- É mais divertido do que fazer a folha de pagamento - respondo.

- Você gosta - ele continua, como se eu não tivesse dito nada - porque sente falta da emoção de ficar na frente de milhares de garotos cantando o mais alto que consegue.

Fico olhando para ele durante um ou dois segundos. Então caio na gargalhada.

- Ai, meu Deus - consigo articular, entre as risadas. - Você está falando sério?

Só que, pela cara dele, eu sei que está.

- Pode rir o quanto você quiser - ele diz. - Você detestava cantar aquela bobajada que a gravadora dava para você cantar, mas adorava se apresentar. Não tente negar. Você ficava toda emocionada. - Os olhos azuis dele me espiam. - O negócio é este, não é? Ir atrás de assasinos e de surfistas de elevador. Você está sentindo falta da emoção?

Paro de rir e sinto o meu rosto corar e esquentar de novo. Não sei do que ele está falando.

Bom, tudo bem, talvez eu ficasse um pouco emocionada sim. Eu não sou dessas pessoas que ficam nervosas por se apresentar na frente de um multidão. Se me pedirem para bater um papo furado com trinta pessoas em um coquetel, é a mesma coisa que me pedirem para definir o teorema de Pitágoras. Mas se me pedirem um set list e me colocarem na frente de um microfone, não tem problema

nenhum. Aliás...

Bom, eu meio que gosto. Muito.

Será que eu sinto falta? Talvez um pouco. Mas não o bastante para voltar. Ah, não, eu nunca poderia voltar.

A menos que seja de acordo com os meus termos.

- Não foi por isso que eu vim atrás do Gavin - digo. Porque, de verdade, não vejo relação. Ir atrás de um surfista de elevador não tem nada a ver com se apresentar para milhares de pré-adolescentes aos berros. Nada mesmo. Além do mais, eu já não recebo avaliação psicológica bastante de Sarah todos os dias? Será que eu também preciso ser analisada por Cooper? - Ele poderia ter se matado ali...

- Você poderia ter se matado ali.

- Não, não poderia - digo com a minha voz mais razoável possível. - Eu tomo muito cuidado. Agora, falando de... como foi mesmo que você disse? Ir atrás de assasinos? Eu já disse, não acredito que aquelas meninas foram...

- Heather. - Ele sacode a cabeça. - Por que você simplesmente não liga para o seu agente e pede para ele marcar um show para você?

Meu queixo cai.

- O quê? Do que é que você está falando?

- É obvio que você está louca para voltar para o palco. Respeito o fato de você querer um diploma de faculdade, mas o ensino superior não é para todo mundo, sabe como é.

- Mas... - Não dá para acreditar no que eu estou ouvindo. Minha ala de hospital! Meu prêmio Nobel! Meu encontro amoroso com ele! Nossa agência de ingestigação conjunta e os nossos três filhos (Jack, Emily e a pequena Charlotte)!

- Eu... eu não tenho como! - Grito. Então me prendo à única desculpa que posso

dar. - Não tenho músicas suficientes para um show.

- Você poderia ter me engando - Cooper diz com os olhos fixos nos números dos andares por que vamos passando numa velocidade estonteante, 14, 12, 11...

- O quê... o que você quer dizer? - gagueijo, meu sangue repentinamente gelado.

Então, é verdade. Ele ouve quando eu ensaio. Ouve sim!

Mas agora é a vez de Cooper parecer pouco à vontade. Pela careta que ele faz, fica bem claro que preferiria não ter dito nada.

- Deixa para lá - ele diz. - Esquece.

- Não. Você quis dizer alguma coisa com isso. - Por que ele simplesmente não confessa? Confessa que ouviu?

Eu sei por quê. Eu sei por quê, e isso me faz ter vontade de morrer.

Porque ele detesta. As minhas músicas. Ele ouviu todas elas, e acha que são uma porcaria.

- Fala o que você quis dizer.

- Deixa para lá. - ele responde. - Você tem razão. Você não tem músicas suficientes para um show. Esqueça que eu disse algo. Certo?

O elevador chega ao térreo. Cooper puxa a grade e segura para mim, parecendo menos educado e mais com cara de assasino.

Que beleza. Agora ele está bravo comigo.

Estamos parados na recepção e como ainda é bem cedo (para os garotos de 18 anos, de todo modo), somos os únicos que estão por lá, com excesão de Pete e

da recepcionista, sendo que o primeiro está absorto em um exemplar do Daily News e a segunda, escutando vidrada um CD do Marilyn Manson.

Eu devia simplesmente perguntar para ele. Perguntar logo de cara. Ele não vai dizer que é uma porcaria. Ele não é o pai dele. Ele não é o Jordan.

Mas o negócio é exatamente este. Eu agüento criticas do pai de Cooper. Agüento do irmão dele. Mas, de Cooper?

Não. Não, porque se ele não gostar...

Ai, meu Deus, pare de ser uma bebezona e PERGUNTE LOGO. SIMPLESMENTE

PERGUNTE.

- Heather - Cooper diz, passando a mão pelo cabelo escuro. - Veja bem, eu só acho que...

Mas antes que eu tenha oportunidade de escutar o que ele acha, Rachel aparece na ponta do corredor.

- Ah, você está aí - Rachel diz quando repara em nós. - Gavin está na minha sala de reunião. Já vou lá falar com ele. Muito obrigada por fazê-lo descer. Mas, enquanto faço isso, Heather, será que você pode pedir para um funcionário estudantil ir colocar estes pôsteres aqui em todos os andares?

Rachel me entrega uma pilha enorme de papel. Olho para os pôsteres e vejo que são um anúncio para um concurso de dublagem que o governo estudantil resolveu

promover no refeitório do conjunto Fischer depois do jantar.

- No começo, eu não ia deixar - Rachel parece sentir necessidade de explicar. - Quer dizer, organizar uma coisa tão boba quanto um concurso de dublagemm no contexto de duas mortes tão trágicas... mas Stan acha que os garotos estão precisando de alguma coisa para se distrair. E a única coisa que eu pude fazer foi concordar.

Stan. Uau. Rachel concerteza está ficando íntima do chefe.

- Para mim, parece bom - digo.

- Eu estou indo até o refeitório pegar um café antes de ter que encarar o Gavin. - Rachel mostra a caneca dela da Associação Americana do Aconselhamento e do Desenvolvimento. - Alguém quer vir comigo?

Ela diz isto para nós dois, mas com o olhar fixo em Cooper.

Ai, meu Deus. Rachel acabou de convidar Cooper para tomar café com ela. O meu Cooper.

Mas é claro que ela não sabe que ele é meu Cooper. Ele não é o meu Cooper. E do jeito que as coisas parecem estar indo, provavelmente nunca vai ser...

Diga não. Tento enviar ondas telepáticas para o cérebro dele, igual em Jornada nas Estrelas. Diga não. Diga...

- Obrigado, mas não posso - Cooper responde. - Preciso trabalhar.

Sucesso!

Rachel sorri e diz:

- Talvez alguma outra hora, quem sabe?

- Claro - ele responde.

E Rachel sai estalando os saltos.

Quando ela se vai, digo, sem demonstrar nenhum sinal de que, segundos antes, eu estava usando minha mente vulcana para controlar a dele:

- Olha, precioso voltar ao trabalho. - Espero que ele não vá tocar no assunto que estávamos discutindo agora mesmo no elevador. Acho que eu não ia conseguir agüentar. Não depois do anúncio do noivado de Jordan. Sabe como é, uma garota tem um limite do que consegue suportar em um único dia.

Talvez ele sinta isso. Ou ele sente ou entende a dica quando eu não cruzo o olhar com o dele.

De todo modo, a única coisa que diz é:

- Certo. Então, a gente se vê mais tarde. E, Heather...

Meu coração dá um salto. Não, Por favor, agora não. Passou perto. Eu passei tão perto de escapar...

- O anel - ele diz.

Espera. O quê?

- Anel?

- De Tania.

Ah, o anel de noivado de Tania! Aquele que parece exatamente igual ao que eu joguei na cara do irmão dele!

- Hã?

- Não é o seu - Cooper diz.

E então vai embora.

14

Você acha que ela tem

Tanta sofisticação

Eu acho que ela só

Está precisando de medicação

Por que você foi

Escolher ela em vez de mim

Já que ela sempre precisa

Fazer tanta terapia?

O que ela tem que eu não tenho?

O que ela dá que não dou?

Como ela virou sua namorada

Em vez se

Mim?

"O que ela tem?"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por O'Brien/Henke

Do álbum Vigiando a seu coração

Gravadora Cartwright

Na verdade, é bastante apropriado que o governo estudantil resolva fazer um concurso de dublagem no conjunto Fischer. Porque, vamos encarar, a Faculdade de Nova York é cheia de jovens que, como eu, adoram dar show.

E é propravelmente por isso que me pediram para ser uma das juradas, honra que aceitei emediatamente. Mas não porqeu eu estava precisando (como Cooper sugerira) sentir a emoção de me apresentar de novo, mas porque achei que, se eu quisesse mesmo encontrar o misterioso Mark/Todd (se, de fato, ele existe) teria de

ser em algum evento social no conjunto Fischer, já que o cara evidentemente mora no prédio.

E que possivelmenter também trabalha lá, como o investigador Canavan tinha sugerdo (só para me irritar, eu sei).

Parecia bem impossível que qualquer uma das pessoas com quem eu trabalhava fosse um assasino. Mas de que outra maneira explicar o aparente acesso ao armário das chaves? Isso sem mencionar o fato de que a ambas meninas mortas tinham ficha na sala da diretora do conjunto residencial estudantil. Não que isso tivesse necessitariamente alguma coisa a ver com as mortes. Mas, como Sarah sem dúvida teria colocado, tanto Elizabeth quanto Roberta tinham problemas...

E esse problemas tinham sido resgistrados na ficha delas.

O negócio é que todos os ARs, além dos funcionários da manutenção, têm chaves

para entrar na sala que eu e Rachel usamos. Então, se alguém está examinando as fichas para encontrar garotas potencialmente frágeis que pudessem ser seduzidam com facilidade, então tem de ser alguém que eu conheço.

Mas quem? Quem eu conheço que pode ser capaz de fazer algo assim tão pavoroso? Um dos ARs? Entre os 15, sete são garotos, e não considero nenhum dele especialmente galanteador, muito menos têm cara de assasino psicótico. Na verdade, de acordo com a tradição dos ARs, todos são meio nerds, daquele tipo que acredita mesmo nos residentes quando eles afirmam que estava fumando cigarro de cravo, não maconha. É sério, eles não sabem a diferença.

Além do mais, todo mundo no prédio inteiro sabe quem são os ARs. Quer dizer,

na horo do jantar, eles fazem palestras sobre sexo seguro e essas coisas. Se Mark ou Todd fossem um AR, Lakeisha saberia só de olhar.

No que diz respeito aos funcionários da manutenção, pode esquecer. Todos são hispânicos e têm mais de cinqüenta anos, e só o Julio fala rem inglês suficiente para ser compreendido por alguém que não é bilíngüe. Além do mais, todos trabalham no conjunto Fisher há anos. Por que de repente, agora, iam começar a matar pessoas?

O que, é claro, faz sobrar apenas as mulheres que trabalham ali. Devido à consiência das diferenças, eu deveria incluí-las na minha lista de suspeitos...

Só que nenhuma delas poderia ter deixado a camisinha do quarto de Roberta.

Mas acho que eu sou a única pessoa que acha estranho duas meninas (que tinham ficha na minha sala, e que por acaso tinham arrumado um namorado no espaço de uma semana entre uma e outra) terem resolvido fazer surfe de elevador

de maneira aleatória, e dai mergulharem para a morte mais ou menos na mesma hora que a chave das portas dos elevadores desapareceu, só para reaparecer pouco depois da descoberta de pelo menos um dos corpos.

E é por esta razão que, às sete horas daquela noite, eu saio da casa de Cooper sem me fazer notas. Não ouvi um pio da parte dele desde o incidente do elevador de manhã, o que para mim é ótimo porque, francamente, não sei o que vou dizer para ele quando nós voltarmos a nos encontrar.

E também é por esta razão que eu acabo esbarrando em Jordan Cartwright, que está subindo os degraus da entrada.

- Heather! - ele exclama. Está usando uma daquelas comisas bufantes (sabe quais, do tipo que eles tiram sarro no Seinfeld) e calça de couro.

Sim. Sinto muito em dizer. Calça de couro.

E o pior é que ele ainda fica bem bonito com ela.

- Eu vim aqui para ver como vocês estava - ele diz com uma voz que denota preocupação relativa à minha saúde mental.

- Estou bem - respondo, puxando a porta para fechar e trancando as fechaduras. Não me pergunte por que temos tantas trancas, já que temos alarme, um cachorro e o nosso próprio programa de vigilância rastafári. Mas tanto faz.

- Boa noite - um dos traficantes diz.

- Muito obrigada - respondo ao traficante. Para Jordan digo: - Desculpa, mas agora eu não tenho tempo para bater papo. Tenho um compromisso.

Jordan desce os degraus atrás de mim.

- É só que - ele diz -, não sei se você está sabendo. Sobre Tanie e eu. Eu queria contar para você outro dia, mas você estava tão adversa... Mas eu não queria que você ficasse sabendo assim, Heather - o Jordan diz, andando no meu ritmo enquanto eu praticamente corro no calçada. - Juro. Eu queria que você ficasse sabendo da minha boca.

- Não se preocupe com isso, Jordan - digo. Por que ele não se manda? - Mesmo.

- Ei. - Um dos traficantes de drogas bloquia o nosso caminho na calçada. - Você não é aquele cara?

- Não - Jordan responde ao traficante. Para mim, ele diz: - Heather, ande mais devagar, a gente precisa conversar.

- A gente não tem nada para conversar - eu garanto a ele, com minha voz mais animada. - Eu estou bem. Está tudo bem.

- Tudo não está bem - Jordan exclama. - Eu não agüento ver você sofrendo desse jeito! Está me dilacerando por dentro...

- Ei, você - digo para o traficante que está nos seguindo. - Este aqui é o Jordan Cartwright. Sabe qual, do Easy Street.

- O cara do Easy Street! - o traficante grita, apontando para Jordan. - Eu sabia! Ei, olhem! - Ele grita para os amigos. - É o cara do Easy Street!

- Heather! - Jordan é engolido por uma multidão caçadores de autógrafos. - Heather!

Eu continuo caminhando sem olhar para trás.

Bom, o que exatamente eu deveria fazer? Quer dizer, ele está noivo. NOIVO. E não de mim.

O que há para ser dito? Além do mais, até parece que não tenho nada mais importante para fazer agora.

Rachel parece meio surpresa de me ver entrar pelas portas do conjunto Fischer à noite. Ela está parada na recepção quando eu entro, e os olhos dela ficam meio

esbugalhados.

- Heather - ela exclama. - O que você está fazendo aqui?

- Eles me pediram para ser a jurada - respondo.

Por alguma razão, ela parece aliviada. Percebo por que um segundo depois.

- Ah, meu Deus, mais uma jurada para o concurso de dublagem! Que maravilha! Eu estava mesmo torcendo para eu e Sarah não termos que julgar sozinhas. E se tiver empate?

- Heather - Jordan entra de supetão no prédio.

Por toda a nossa volta, pessoas predem a respiração ao reconhecê-lo imediatamente. Daí os cochichos começaram: "Aquele é o... não, não pode ser. Não, é sim! Olhe só para ele!"

- Heather - ele diz, andando rápido em nossa direção. As correntes de ouro dele sobem e descem por baixo da camisa bufantes enquanto ele arfa. - Por favor. A gente precisa conversar.

Eu me viro para Rachel, que está olhando para Jordan com olhos ainda mais esbugalhados do que quando eu entrei.

- Aqui está mais um jurado para você - digo a ela.

E é assim que eu e Jordan acabamos sentados na primeira filha de cerca de trezentas cadeiras do refeitório, de frente para o bufê fechado de saladas e grelhados, com pranchetas no colo. Dá para imaginar como isso torna difícil para Jordan conseguir conversar comigo sobre o nosso relacionamento, como ele está

desesperado para fazer.

Mas para mim está ótimo. Quer dizer, a verdade é que eu só estou aqui para ir à caça do misterioso Mark/Todd, e o fato de ser jurada não ajuda muito neste quesito.

Mas se isso ajuda não ter que ficar escutando o Jordan se desculpar, está ótimo. Só que eu não imagino por que ele se importa com o que eu penso dele, já que deixou tão perfeitamente claro que não quer mais ficar comigo... talvez Sarah possa explicar.

Os estudantes estão todos ouriçados por causa de Jordan. Não sabiam que teriam uma celebridade como jurado. (Eu não conto. Os pouco estudantes que me reconheceram no começo do semestre não deram a mínima. Nesta noite, só querem saber de Jordan... apesar de eu achar que alguns estão tirando sarro dele, por causa da camisa bufante e do Easy Street e tudo mais.) A presença dele de fato parece conferir ao concurso uma legitimidade que não tinha antes. Também parece deixar os concorrentes ainda mais nervosos.

Há um sistema de luz e som elaborado montado por cima do bufê de salada, e todo os alunos estão circulando por ali, conversando e se entupindo de salgadinhos e refrigerantes grátis. Procuro casais, tentando destacar qualquer menino e menina que estaja conversando de pertinho, imaginando se Mark ou Todd vai atacar de novo, porque neste lugar, o sortimento de calouras está bem farto.

Mas só vejo grupos de alunos, meninos e meninas, brancos, negros, de todos os tipos, com calça larga e camisete, gritando alegres uns para os outros, e jogando Doritos para cima.

Hmm, Doritos.

Sarah, sentada ao lado de Jordan, não consegue desgrudar os olhos dele.Fica fazendo perguntas inquisistivas a respeito da indústria musical, as mesmas que fez para mim quando me conheceu. Como se ele não se sentiu vendido quando fez aquele comercial para a Pepsi? E se ele não achou que se apresentar no intervalo do campeonato de futebol americano foi degradante para o status de músico dele? E será que ele se considera músico? Não ficava incomodado de saber cantar, mas não saber tocar nenhum instrumento? Isso não significava, de certa maneira, que ele não era músico coisa nenhuma, mas simplesmente um artefato que a gravadora Cartwright usava para transmitir sua mensagem de ganância corporativa?

Quando as luzes se apagaram o presidente estudantil do conjunto ridencial, Greg,

se levanta para dar as boas-vindas a todo mundo, já estou até sentindo um pouco de pena do Jordan.

Então a primeira apresentação começa, um trio de garotas dublando a música mais nova de Christana Aguilera, com coreografia e tudo. Com as luzes apagadas,

dá para eu examinar o público sem parecer assim tão óbvia.

Há muitos estudantes aqui. Quase todos os assentos estão ocupados, e cabem quatrocentas pessoas no refeitório. Há ainda pessoas em pé no fundo do salão, torcendo e aplaudindo e, de maneira geral, agindo como jovens de 18 anos longe de casa pela primeira vez. Além de mim, Jordan está olhando para as candidatas a Christina Aguilera, agarrando a prancheta com muita força. Para alguém que foi

forçado a assumir aquela função, ele parece estar levando a tarefa bem a sério. Ou talvez só esteja fingindo interessa para evitar que Sarah faça mais perguntas.

O primeiro ato acaba com um movimento de moer os quadris e um quarteto de garotos pula para os refletores. Uma linha de baixo bem pesada começa a sacudir as paredes do refeitório (estão interpretando "Bye Bye Bye" do 'N Sync) e eu sindo pena dos visinhos do conjunto Fischer, um dos quais uma igreja episcopal.

Os meninos dão tudo de si na performance. Acertaram cada passo da coreografia,

tanto que eu praticamente faço xixi nas calças de tanto rir.

Percebo que Jordan não está rindo nem um pouco. Parece que ele não compreende que os meninos estão zombando das boy bands. Ele está fazendo uma avaliação de originalidade e de o quanto eles sabem mesmo a letra com muito cuidado.

É sério.

Dou uma olhada por cima da minha prancheta e dou a nota aos meninos (levam na maior parte notas cinco de dez, porque não estão vestidos a caráter) e vejo um

homem alto entrando no refeitório, as mãos enfiadas bem no fundo dos bolsos da calça cáqui.

No começo, fico achando que é o reitor Al ington. Mas o reitor nunca anda de calça cáqui, ele prefere, como já mencionei antes, calças de sarja brancas. O recém-chegado está muito bem vestido para ser o reitor.

Mas quando ele entra no feixe de luz que sai da máquina de Coca-Cola, percebo que é Christopher Allington, filho do reitor. Minha confusão é compreensível. Não é raro Christopher dar uma passada por ali. Quer dizer, apesar de ele ter a vaga no alojamento da faculdade de direito, os pais dele moram neste prédio. Ele provavelmente apareceu para fazer uma visita e parou no refeitório para ver o que era toda aquela confusão.

Mas quando ele se desloca na direção de um grupo de alunos encostado em uma parede mais do outro lado e começa a puzar papo como quem não quer nada, começo a imaginar. O que exatamente Chritopher está fazendo aqui? Ele é estudante de direito, já passou por este estágio da graduação.

Pete tinha me contado que, quando os Al ington vieram da universidade onde o reitor Allington trabalhava antes de algum do Indiana, houve o maior bafafá devido ao fato de a pontuação de Christopher no LSAT* não ter sido alta o bastante para ele ser admitido na Faculdade de Nova York. Parece que o pai dele precisou dar um jeitinho e usar toda a influência que tinha para ele conseguir entrar.

* Law School Admission Test: Avaliação aplicada pelas universidades norte-americanas para selecionar alunos para o curso de direto (N. do E.)

Mas, bom, com uma mãe alcoólatra e um pai que anda de camiseta regata na frente de todo mundo, o coitado do rapaz provavelmente não herdou muito talento da família, e estava mesmo precisando de ajudinha extra.

O 'N Sync chega ao fim e então um imitador de Elvis dá uma canja. Durante sua interpretação de "Viva Las Vegas", só para ter algo para ter algo melhor para fazer, fico observando Christopher Allington se misturar à multidão. Ele abre caminho no meio do pessoal até se acomodar em uma cadeira atrás de uma fileira toda de meninas. São todas calouras (dá para ver pelas risadinhas meio sem jeito delas). Ainda não entraram muito no clima da Faculdade de Nova York, como comprovam os rostos desprovidos de piercings, os cabelos sem tintura e as roupas da Gap. Uma delas, um pouco mais sofisticada que o resto, vira na cadeira e começa a conversar com Christopher, que se inclina para a frente para escutar melhor. A menina sentada ao lado dela se recusa veemente a participar da conversar e mantém o rosto virado para frente.

Mas dá para ver que ela está escutando tudinho.

Elvis termina e recebe aplausos respeitáveis, e então Marnie Vil a Delgado (isso

mesmo, a colega de quarto de Elizabeth Kel ogg) sobe ao palco. Todo mundo aplaude com força extra. Tento imaginar que a ovação não tem relação com o de ela ter conseguido um quarto só para si pelo restante do semestre.

Marnie, com uma peruca loira comprida e calça jeans de cintura baixa, faz uma mesura educada. Então começa a interpretar uma música vagamente familiar. No começo, não consigo localizá-la. Só sei que é uma música de que eu não gosto muito...

E daí eu percebo. "Vontade de te comer". Marnie está se entregando completamente à canção que tomou conta de todos os lares do país... há 13 anos. Isto é, todos os lares que tinham uma pré-adolescente.

Jordan, do meu lado, tem um ataque de riso. Alguns dos alunos que conhecem o meu passado riem junto com ele. A própria Marnie dá um olhar de canto para mim

enquanto dubla os versos "Não venha me lembrar do meu regime / Você só tem que entrar no meu time"

Sorrio e tento não parece tão pouco à vontade quanto me sinto. Ficar olhando para Christopher ajuda. Ele continua batendo papo com as meninas da fileira à frente dele. Finalmente conseguiu atrair a atenção da tímida que, apesar de não ser bonita, tem o rosto mais interessante do que ao da colega mais atirada. Ela se vira na cadeira e sorri tímida para o Christopher, abraçando os joelhos junto ao peito e tirando do rosto cachos de cabelo avermelhado.

Lá em frente, Marnie joga o cabelo loura da peruca (sem falar nos quadris) de

um

lado para o outro, de um jeito que faz a platéia achar hilário, e que eu só posso tocer para não ser uma imitação exata de mim.

E é aí que me bate, do nada, que Chritopher Allington pode ser Mark.

Ou Todd.

15

Você é um furacão

Que sopra no meu coração

Mas você é um furacão

Que não termina o que começa

Você arrasa com tudo

No seu caminho

Acha que você vai

Rir por último

Você é um furacão

Que está me soprando

Para longe

"Furacão"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Dietz/Ryder

Do ábum Vigiando o seu coração

Gravadora Cartwright

Acho que dá para dizer que meu sangue gelou.

Tudo bem, não literalmente. Mas parece que alguém jogou um monte de Coca Light bem gelada nas minhas costas, ou algo assim.

De repente, a palma de minhas mãos está tão suada que mal consigo segurar a prancheta. Meu coração começa a martelar descompassado, igual aconteceu quando eu cantei para o pai de Jordan as músicas que eu tinha escrito sozinha e ele riu de mim.

Christopher Allington? Christopher Allington? De jeito nenhum.

Tirando o fato de que...

Tirando o fato de que Christopher Al ington tem acesso total ao conjunto Fischer.

Ele nunca precisaria assinar o livro de entrada nem de saída e tem autoridade para entrar na sala da diretora sempre que quisar. Sei disso porque uma vez os ARs estavam reclamando de como nunca tinha papel na máquina de fotocópia na segunda-feira de manhã, Rachel disse que era porque Christopher Allington sempre pedia para um dos homens da manutenção deixá-lo entrar na nossa sala na noite de domingo para ele fazer cópia das anotações dos amigos.

Então, ele poderia ter examinado os arquivos de Rachel à vontade, passando um pente fino para encontrar possíveis vítimas, meninas que cairiam com facilidade na lábia dele, meninas sem muita experiencia, que ele pudesse seduzir.

E daí ele se decidia a conhecê-las, dando início a conversas inocentes e se

apresentando com um nome falso... tudo para conseguir uma transa sem muita confusão. É como se ele tivesse um harenzinho próprio de calouras dispostas só para escolher!

Meu Deus. É diabólico. É genial. É...

Totalmente a maior viagem. Cooper ia tirar o maior sarro desta idéia.

Mas Cooper não está aqui...

E Christopher Al ington é muito charmoso. Tem mais de 1,80m com um cabelo loiro meio compridinho que ele usa repicado para trás, tem um o visual de garotão de... bom, um cara de uma boy band. Que caloura não ficaria mais do que contente a atenção dele... tão contente a ponto de transar com ele depois de um período relativamente curto? Meu Deus, ele é fofo, mais velho, sofisticado... Qualquer menina de 18 anos ficaria maluca por ele. Qualquer moça de 28 anos ficaria maluca por ele. O cara é o máximo.

Mas por que ele as matou? Catar menininhas é uma coisa, mas depois matar? Isso não vai contra o motivo inicial? Se elas estão mortas, não dá para catar de novo.

E o mais importante: como ele as matou? Quer dizer, eu sei como (isso se, de fato, elas foram mortas), mas como foi que ele conseguiu empurrar duas mulheres adultas no poço do elevador se, sem dúvida, elas tentariam lutar contra ele?

Drogas? Mas aí, será que o legista não teria encontrado indício disso?

Sinto o meu rosto quente. Uso minha prancheta para me abanar e volto minha atenção para Marnie. Ea está se preparando para o grand finale, que inclui rotações de quadril do tipo que não vejo desde a última apresentação da Shakira no MTV Music Video Awards. Ela com certeza não está me imitando. Sempre fui

péssima dançarina, para o desespero de todos o coreografos que já conheci. Eu tinha dificuldades, como eles gostavam de destacar, de desconectar o cérebro do corpo e simplesmente deixar rolar.

Marnie faz uma espécie de trejeito à Carly Patterson que termina em um spaccato

e faz com que o refeitório inteiro aplauda de pé. Eu também me levanto... e começo a andar na direção dela. Lakeisha pode ter se retirado, mas Marnie ainda está aqui e é capaz de confirmar se a colega de quarto dela saiu com Christopher Allington.

Mas Jordan me segura pelo braço antes que eu tenha andado dois passos.

- Aonde você vai? - ele pergunta, todo preocupado. - Você não vai sair de fininho antes de a gente conversar, vai, Heather?

Jordan cheira a Drakkar Noir, o que me desconcentra. Quando ele estava comigo,

usava Carolina Herreira For Men, por tanto fica claro que Drakkar Noir foi um presente de Tania.

- Volto em um minuto - digo, um tapinha reconfortantes no braço dele (bem

musculoso). Ele anda puxando ferra para a próxima turnê, e dá para ver. O efeito é possitivo. - Juro.

- Heather - ele começa, mas eu não deixo que termine.

- Eu juro - digo. - Quando isto aqui terminar, a gente bate um papo longo e bacana.

Jordan parece se acalmar.

- Tudo bem - ele diz. - Certo.

Vejo Marnie atravessar o refeitório até o outro lado, onde os outros concorrentes se juntaram para esperar a decisão dos jurados, e enquanto o próximo grupo se prepara para a aprentação, eu me apresso até ela.

Marnie tirou a peruca loira e está tirando o suor de baixo dos olhos. Sorri quando vê que eu estou me aproximando.

- Marnie - digo. - Bela apresentação.

- Ah, obrigada - ela diz com um sorriso bobo. - Eu estava preocupada, achei que você ia ficar brava. Como pode ver, eu finalmente descobri de onde eu conhecia você.

- É - respondo. - Olhe, preciso perguntar uma coisa. Será que o cara com quem Elizabeth estava saindo antes de morrer... será que o nome dele era Chris?

- Não sei. Era alguma coisa assim. Chris ou Mark.

- Obrigada - digo. Ela se vira para dizer algo desdenhoso a respeito do trio aspirantes a cantora pop e eu sou obrigada a esticar a mão e puxar a manga dela.

- Hmm, Marnie?

Ela vira a cabeça e dá uma olhada em mim.

- O que foi?

- Está vendo aquela menina ali na quinta fileira, umas das cadeiras para dentro,

falando com aquela cara loiro?

- Aquele cara é fofo. Quem é?

- Então você não conhece?

- Ainda não - ela diz, deixando bem claro que pretende retificar a situação.

Tento esconder a minha decepção. Talvez, se conseguir colocar as mãos em uma

foto de Christopher Al ington, possa encontrar com Lakeisha a caminho de alguma

aula e pedir que ela faça a identificação...

É então que tenho uma idéia.

- Você conhece aquela menina? - pergunto a Marnie.

Ela aperta os lábios.

- Mais ou menos. Ela mora no 12º andar. Acho que o nome dela é Amber ou

qualquer coisa assim.

Amber. Perfeito. Agora eu tenho um nome, e um andar para combinar.

Volto para minha cadeira bem quando dois garotos vestidos de mulher se jogam

em uma interpretação de "Dude Looks Like a Lady", do Aerosmith. Jordan se

inclina para o meu lado e sussurra no meu ouvido:

- Que história foi aquela?

Eu simplesmente sorrio e dou de ombros. Não adianta tentar gritar por cima do som e, além do mais, Sarah está olhando para mim com olhos cheios de crítica por cima da prancheta dela. Acho que ela não aprova o fato de eu me confraternizar com os concorrentes, já que isto pode fazer com que eu não seja nada imparcial no meu julgamento.

Então fico lá sentada em minha cadeira, impotente, enquanto Christopher Al ington possivelmente (provavelmente) está passando um papo em sua próxima vítima. Amber (até ond eposso ver, levando em conta que só consigo capturar vislumbres rápidos dela, porque não quero que parece que estou encarando) parece ganhar vida com as atenções de Christopher. Fica brincando com o cabelo castanho-avermelhado e se contorce na cadeira, sorrindo sem parar e, de maneira geral, agindo como uma garoto que nunca recebeu atenção de um garoto bonito na vida.

Fico observando preocupada, mordendo o lábio inferior, imaginando se amanhã de manhã vamos encontrar Amber no fundo do poço do elevador.

Só que eu realmente não consigo enxergar Christopher como o tipo assasino. O tipo desvirginador, sim. Mas, assasino?

Mas, bom, o marido da Evita era um garanhão renomeado, e eu li em algum lugar que ele matou um monte de gente na Argentina, e era por isso que a Madonna

não queria que as pessoas chorassem por ela naquela música.

Finalmente, a dublagem termina. Greg, presidente estudantil do conjunto residencial, sobe ao placo e anuncia que os jurados devem dar início às suas deliberações. As outras pessoas se levantam e se dirigem para os Doritos (sortudos). Rachel muda a cadeira de lugar, de modo que fique de frente para mim, Jordan e Sarah.

- Bom - ela diz, sorrindo para mim. - O que vocês acharam?

Acho que temos um probelma, tenho vontade de dizer. Um problemão. Que não tem nada a ver com o concurso.

Mas, em vez disso, digo:

- Eu gostei da Marnie.

Jordan exclama:

- É a sua cara! Não, aqueles cara que fizeram a música do 'N Sync eram muito melhores. Eles conseguiram fazer a coreografia direitinho. Eu só dei dez para eles.

Sarah diz:

- A ironia relativa às boy bands que eles fizeram foi mesmo muito divertida.

- Hmm - digo. - Eu gostei da Marnie.

- E ela passou por tanta coisa - Rachel concorda, com ênfase. - É o mínimo que nós podemos fazer, vocês não acham?

Só para fazer com a coisa termine o mais rápido possível e que eu possa dar uma

desculpa para falar com Chris, digo:

- Certo, tudo bem. Então, vamos dar o primeiro lugar para a Marnie, o segundo para o 'N Sync e o terceiro para o trio de Christinas.

Jordan parece um pouco ressentido pelo fato de nós termos basicamente ignorado a opnião dele, mas não discute.

Rachel sai para informar a nossa decisão ao Greg, e eu me viro na cadeira para espiar Christopher mais um pouco...

... bem a tempo de vê-lo sair com um braço envolvendo os ombros de Amber como quem não quer nada.

Disparo para fora da minha cadeira, sem falar nem uma palavra para Jordan nem para ninguém. Ouço quando ele me chama, mas não tenho tempo a perder com explicações. Christopher e Amber já estão no meio da sala de TV. Se eu não agir rápido, pode ser que esta menina termine como uma mancha no chão da casa das máquinas do elevador.

Mas então, para minha surpresa, em vez de se virarem na direção dos elevadores, eles saem pelas portas da frente do prédio.

Vou atrás deles correndo através dos grupos de alunos reunidos na recepção. À noite é a hora em que o conjunto residencial realmente ganha vida. Residente que nunca vi antes estão debruçados sobre o balcão, conversando com o funcionário estudantil de plantão. O guarda (que não é Pete, que trabalha durante o dia) está

incomodando um grupo de garotos que dizem conhecer alguém no quinto andar, mas não lembram o nome da pessoa. Por que o guarda não pode simplesmente ser legal e deixar que eles entrem?

Passo como um raio por todos eles, escancaro as porta e saio aos tropeções para a noite quente de outono.

Washington Square Park é coalhado de policiais durante a noite, policiais e turistas e traficantes de drogas e jogadores de xadez, que ficam sentados nos bancos da roda do xadrez até o parque fechar à meia-noite, jogando à luz da iluminação urbana. Garotos do ensino médio de Westchester, com o Volvo dos pais, passam pela rua com o rádio no máximo e às vezes incomodam tanto que o carro acaba sendo confiscado pela polícia.É um lugar agitadíssimo, e uma das razões por que tantos estudantes pedem um quarto com vista para o parque... porque quando não tem nada passando na TV, sempre é possivel ficar vendo o que acontece ali.

E é exatamente o que Christopher e Amber estão fazendo. Estão apoiados em um dos vasos com plantas do conjunto Fischer, fumando e observando enquanto um policial faz uma apreensão do outro lado da rua. Christopher está com os braços cruzados sobre o peito e solta fumaça como se fosse Johnny Depp ou alguém assim, enquanta Amber está alvoraçada igual a um passarinho, segurando o cigarro como alguém que não está nem um pouco acostumada a fazer isto.

Não tenho nenhum momento a perder, isso dá para ver. Aproximo-me deles,

tentando fazer cara de quem não quer nada. Aliás, imagino que é assim que Cooper teria lidado com a situação.

- Ei - digo bem simpática para Christopher. - Pode me arrumar um cigarro?

- Claro - ele responde. Tira um maço de Camel Lights do bolso da camisa e me entrega um.

- Obrigada - digo. Coloco o cigarro entre os lábios, depois me inclino para que ele o acenda com o isqueiro Zippo que está me oferendo.

Eu nunca fumei. Para começar, quando se é cantora, acaba com as cordas vocais. E depois, não sei como é que alguém pode achar um cigarro melhor do que uma barra de chocolate Butterfinger, então, se você vai fazer alguma coisa que não é boa para você, por que não escolher uma delícia crocante com amendoim?

Mas fico lá parada fingindo tragar, imaginando o que devo fazer em seguida. O que Nancy Drew faria? E Jessica Fletcher? E aquela outra detetive, como era mesmo o nome dela? A de Crossing Jordan? Meu Deus, eu sou péssima em investigação. O que vai acontecer depois que eu e Cooper ficarmos juntos? Quer dizer, depois de eu me formar e tudo o mais? Como é que nós vamos nos transformar em Nick e Nora Charles, se Nora não consegue dar conta de sua parte na resolução dos crimes? É uma idéia muito preocupante. Tento afastá-la da mente.

Do outro lado da rua, os policiais estão prendendo algum bêbado que achou que seria divertido se exibir para as pessoas sentadas na roda do xadrez. Não sei por que alguns homens sentem esta compulsão de mostrar a genitália. E sempre é um cara com o apêndice menos interessante de todos.

Digo isto a Christopher e a Amber. Sabe como é, para puxar assunto. Ela parece ficar assustada, mas ele ri.

- É - ele diz. - Devia existir uma lei. Só bêbados com pelo menos 15 centímetros deviam ter permissão de colocar para fora.

Olho para ele de sombrancelha erguida. Para fora. Ele é meio engraçado, esse tal de Christopher Allington. Será que o Ted Bundy, aquele assasino em série, tinha senso de humor? Parece que sim, pelo menos tinha quando Mark Harmon fez o papel dele naquele filme que eu vi no canal Lifetime...

Do outro lado da rua, o bêbado berra insultos para os policiais que o algemaram, e

algumas pessoas na roda do xadrez devolvem os gritos para ele. Sabe como é, os jogadores de xadrez não são nem de longe tão educados quando a mídia os faz parecer.

- Carambe - diz Amber, quando uma frase especialmente cabeluda chega aos nossos ouvidos. - Com certeza na minha terra ninguém fala assim com a polícia.

- E de onde é que você vem? - pergunto a ela, batendo a cinza do cigarrp, despreocupada, na calçada. Pelo menos, espero parecer despreocupada.

- De Boise, em Idaho - ela responde, como se existisse mais de uma cidade chamada Boise.

- Boise - repito. - Nunca estive lá. - Uma mentira completa. Eu me apresentei no Centro Cívico de Boise para um público de cinco mil pré-adolescentes aos berros durante a turnê de Vontade de te comer. - E você? - Pergunto a Christopher.

- Não - ele responde. - Nunca estive em Boise. Ei, eu não conheço você de algum lugar?

- Eu? - tento parecer surpresa. - Acho que não.

- É - ele diz -, conheço sim. Ei, você está cursando direito?

- Não - responde, batendo mais cinza. Pode até causar câncer e tudo, mas um cigarro, de fato, é um bom acessório quando a gente que parecer descolada. Por exemplo, enquanto se está pegando um possível assasino.

- Mesmo? - Christopher solta a fumaça pálida pela narinas. Não é justo! Ele sabe truques de fumante! - Porque eu juro que já vi você em algum lugar.

- Provavelmente por aqui mesmo. Eu já vi você várias vezes. Você é o filho do reitor Allington... Christopher, não é?

Parecia que eu tinha acertado na cara dele com um saquinho de balas em forma de ursinho, pela expressão de surpresa que ele fez. Por um segundo, fico achando que ele vai engolir o cigarro.

Mas ele se recupera bem rapidinho.

- Hmm, sou sim - ele responde. Os olhos dele são cinzentos e, por enquanto, ainda demostram simpatia. - Como é que você sabe?

- Alguém me mostrou - digo. - Você mora aqui? Com seus pais?

Isso dói. Ele responde com pressa:

- Ah, não. Bom, quer dizer, eu moro sozinho, mas é no alojamento da faculdade de direito, ali...

- Você não está na undergrad*? - Amber pergunta. Ela com toda a certeza, não é de entender as coisas muito rápido. - Você é estudante de direito?

- Sou - Christophe responde. Ele não parece tão à vontade quando antes de eu me intrometer e soltar minha pequena bomba. Coitado. Ele não sabe que eu tenho mais munição na manga.

- Eu não sabia que você era filho do reitor Allington - ela diz, com um certo tom de censura em sua vozinha de Marnie.

- Bom, não é algo que eu goste de anunciar - ele balbucia.

- E eu achei que você tinha dito que seu nome era Dave.

_____

*Etapa intermediária entre o que seriam, no Brasil, ensino médio e curso superior.

(N do E.)

- Eu disse? - Christopher termina de fumar o cigarro, joga a ponta na calçada e apaga com o pé. - Você não dever ter ouvido direito. Estava meio barrulhento lá

dentro. Tenho certeza de que disse que meu nome é Chris.

Do outro lado da rua, os policiais arrastam o bêbado sem calças para dentro de uma viatura. Agora estão todos lá sem fazer muito coisa, preenchendo formulários

presos a pranchetas e bebendo café que alguém trouxe da padaria da esquina. O bêbado bate no vidro da viatura, pedindo um pouco de café também.

Todo mundo ignora.

Tudo bem, isto aqui está péssimo. Estou me revelando a pior detetive do mundo. Realmente, vou ter de fazer alguns cursos em justiça criminal. Sabe como é, quando eu passar pelo período de experiência de seis meses e pudar começar a fazer meus cursos de graça.

- É uma tristeza, não é mesmo? - pergunto, com uma voz que até eu mesma acho alegrinha demais; parecida com a da Menor-do-que-34 da loja de jeans do outro dia. - Como tem gente fracassada nesta cidade, quer dizer. Igual aquele bêbado de calças abaixada que foi arrastado pelo meio da rua. Ah, e aquelas meninas idiotas do prédio. As que morreram.... Do que foi mesmo? Ah, é. Surfe de elevador. Dá para acreditar que alguém pode fazer uma coisa tão idiota?

Dou uma olhada para Chris para ver como ele recebe a referência direta às vítimas dele. Mas ele não parece nem um pouco pertubado...

a menos que você considere o ato de pegar mais um cigarro e acender um sinal de pertubação.

O quê, hmm, acho que é. De certo modo. Mas não do modo como quis dizer.

- Ah - Amber engole em seco, em uma tentativa valente de segurar sua ponta da conversa. - É mesmo! Foi muito triste. Eu conhecia a segunda menina, mais ou menos. Uma vez, fiquei presa no elevador com ela. Foi só por um minuto, mas ela

estava tendo um ataque, porque odiava altura. Quando me contaram como ela morreu, fiquei tipo:

O quê? Por que, como é que uma pessoa com tanto medo de altura vai fazer algo assim tão perigoso?

- Você está falando de Roberta Pace? - deslizo o olhar na direção de Chris, para ver como ele reage ao nome.

Mas ele está ocupado conferindo o relógio (um Rolex). E também é de verdade, não um daqueles que se compra na rua por quarenta paus.

- É, o nome dela era este. Meu Deus, não foi triste? Ela era superlegal.

- Eu sei - assinto com a cabeça em tom grave. - E o que é mais estranho do que ela ter medo de altura e fazer surfe de elevador do mesmo jeito, é que eu ouvi dizer que, logo no dia antes de morrer, ela tinha conhecido um cara...

Mas não consigo terminar minha frase. Porque, bem nessa hora, sinto dedos de ferro se fechando em meu antebraço e sou puxada com força para trás.

16

Acordar às dez

Ir para praia e depois

Para o shopping, em uma matinê

E não fazer mais nada

Daí a gente sai

Anda pela rua e grita

As estrelas enchem o céu

Alguém me explica por quê

Não pode ser verão todo dia

Não pode ser verão todo dia

Não pode ser verão todo dia

E eu não posso passar o tempo todo

com você?

"Verão"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Dietz/Ryder

Do álbum Verão

Gravadora Cartwright

Cambaleando, apóio a mão para me equilibrar e sinto sob meus dedos as

ondulações inconfundíveis de músculos abdominais duros como pedra (formados

na academia).

Será que tem alguma parte de Jordan Cartwright que não é dura?

Incluindo, aparentemente, a cabeça dele?

Ele me arrasta alguns metros para longe de Chris e Amber.

- O que você acha que está fazendo? - Jordan quer saber, arrancando o cigarro da minha mão e pisando em cima dele. - Agora você está fumando? Alguns meses morando com aquele degenerado do Cooper e você já está fumando? Você tem idéia do que isto pode fazer com as suas cordas vocais?

- Jordan... - Não acredito que isto está acontecendo. E na frente do me principal suspeito!

Tento manter a voz baixa, para Chris não escutar.

- Eu não estava tragando - sussurro. - E eu não moro com o Cooper, certo? Quer dizer, moro, mas é em um andar diferente. - Então poro de sussurrar, porque de repente fico furiosa. Quer dizer, quem ele acha que pe, afinal de contas? - E por que isto é da sua conta? Será que ue preciso lembrar que vocês está noivo? E não de mim?

- Posso estar noivo de outra pessoa, Heather - Jordan diz -, mas isso não quer dizer que eu não me importo... muito... com você. Sabe como é, o papai disse que

você ia chegar ao fundo do poço, mas eu não fazia idéia. Um cara daqueles, Heather? Sério? Quer dizer, ele tem tanta noção de moda quanto o... - ele dá uma olhada na calça cáqui de Christopher e estremece - Cooper!

- Não tem nada a ver, Jordan. - Eu olho por cima do ombro. Chris e Amber continuam lá, a uma distância da qual (ainda bem) não conseguem ouvir a nossa

voz elevada. Chris parece relativamente inabalado pela minha conversa com ele, mas eu reparo que, de ver em quando, os olhos cinzentos dele se voltam em nossa direção. Será que ele está com medo? Com medo que o plano dele tenha sido descoberto?

Ou será que ele só está se perguntando onde foi que Jordan comprou a camisa bufante dele?

- Não olhe - digo baixinho para Jordan. - Mas sabe o cara com quem eu estava falando? Ele pode ser um assasino.

Jordan olha para Chris.

- Quem? Aquele cara?

- Eu disse para não olhar!

Jordan devia o olhar de Chris e fica em vez disso olhando fixamente para mim. Então estica os braços e me aperta forte contra o peito.

- Ah, coitadinha de você, tão fofa - ele diz. - O que o Cooper fez com você?

Eu me debato para me livrar do abraço sufocante dele (ou pelo menos para poder fazer sem os pêlos do peito dele em minha boca).

- Isso não tem nada a ver com Cooper - digo, consiente de que o funcionário estudantil da recepção tenta esconder um sorrisinho sarcástico enquanto nos observa através da vidraça. - Tem meninas morrendo neste prédio, e eu acho que...

- Então, foi aqui que vocês se esconderam!

Nós dois damos meia-volta e olhamos de olhos arregalados para Rachel, que tinha saído do prédio sem que nenhum de nós dois notasse.

- Vocês perderam a cerimônia de entrega de prêmios - Rachel dá bronca em nós dois, de brincadeira. - Marnie ficou tão feliz de ganhar que até chorou.

- Uau - digo, sem o menor intusiasmo. - Que legal.

- Vim atrás de vocês dois - ela diz - porque achei que talvez queiram tomar alguma

coisa na minha casa...

Jordan e eu trocamos olhares. Os deles apresentam um brilho de desespero. Não sei o que ele enxerga nos meus. Provavelmente confusão. Rachel só tinha me convidado para ir para o apartamento dela uma vez antes disto, para tomar uma taça de vinho depois da primeira recepção de colouros do semestre, e eu tinha ficado tão pouco à vontade não só por, bom, ela ser minha chefe, e eu estar desesperada para fazer todo o possível ára ter certeza de que iria passar pelo período de experiência de seis meses, mas também porque...

Bom, o apartamento da Rachel é limpíssimo. Não que eu seja bagunceira nem nada, mas...

Tudo bem, eu sou um pouco bagunceira. Confesso que tem um monte de coisa socada em meus armários e embaixo da casa e, bom, por todos os lados.

Mas, no apartamento de Rachel, tudo fica bem guardadinho. Não havia mutos exemplares soltos da US Weekly pelo banheiro, igual tem em minha casa, nem

sutiãs pendurados nas maçanesas, nem pacotes amassados de rosquinhas Ho Ho no criado-mudo. Parecia que ela estava esperando visita.

Ou isso ou ela mantém o lugar limpo o tempo todo...

Mas não. Não pode ser verdade, de jeito nenhum. Isso simplesmente não é humano.

Além do mais, reparei que seus poucos CDs (bem arrumadinhos em ordem alfabética) eram de cantores como Phil Col ins e Faith Hill.

PHIL COLLINS. E FAITH HILL.

Não que haja alguma coisa de errado com eles. Aliás, são cantores de muito talento. Eu realemente adorei aquela música "Circle of Life" (de O Rei Leão) nas primeiras cinqüenta vezes que ouvi...

- Para falar a verdade, Rachel - digo com muito cuidado -, eu estou um pouco cansada.

- Eu também - Jordan fala bem rapidinho. - O dia foi longo.

- Ah - ela diz, parecendo decepcionada de verdade. - Quem sabe uma outra hora, então.

- Claro - digo, sem olhar para Jordan porque, de verdade, é tudo culpa dele.

Rachel nunca teria me convidado para beber alguma coisa se não fosse ele. Ela tinha fingido que não o tinha reconhecido, mas eu ouvi quando um dos ARs deu a dica para ela. Amanhã, com certeza vai me encher de perguntas a respeito da disponibilidade dele.

Porque ele ganha MUITO mais do que cem mil por ano.

- Bom - eu digo -, a gente se vê amanhã de manhã.

- Certo. Boa noite! - Rachel sorri. Para Jordan, ela diz: - Prazer em conhecê-lo, Jordan.

- O prazer é todo meu - ele responde, quase como se estivesse mesmo sentindo aquilo.

Então, pego Jordan pelo braço e o levo para Waverly Place, antes que a conversa fique ainda mais sem jeito, e que ele possa me envergonhar ainda mais na frente das pessoas com quem trabalho.

- Ai, meu Deus - digo a ele enquanto caminhamos. - O que você acha que eu devo fazer? Sober a Amber, quer dizer? E se ela for a próxima vítima dele? Nunca vou me perdoar... mas eu acabei com as mentiras dele bem na frente dela, com aquele papo de "Dave". Será que consegui desmascará-lo? Será que agora ela vai tomar um pouco mais de cuidado? Ai, meu Deus. Será que eu devo chamar a polícia? Mas não tenho nenhuma prova de que é ele. A não ser... A não ser a camisinha que ainda está com Cooper! Posso usar como um tipo de chantagem... Como: "Confesse ou eu levo isto aqui para a polícia", algo assim.

Jordan, ao meu lado, parece horrorizado.

- Camisinha? Heather, do que você...

- Eu já disse - digo a ele, batendo o pé. - Estou tentando pegar um assasino. Ou, pelo menos, acho que ele é assasino. Não dá para ter certeza. Seu irmão acha

que eu tenho a imaginação muito prolífera. Mas você acha estranho, não acha, Jordan? Duas meninas foram mortas no mesmo número de semanas, nenhuma delas com reputação de fazer surfe de elevador, e ambas tinham acabado de arranjar um namorado? Quer dizer, você não acha isso meio estranho?

Viramos a esquina em Waverly Place e um dos rastafáris se aproxima de nós, na esperança, imagino, de que eu finalment aceite a oferta dele de: "Baseado? Baseado?"

Em vez de ignorá-lo e responder a minha pergunta, Jordan rosna: "Saia daqui!" para o traficante, que realmente não é uma presença assim tão ameaçadora. Quer dizer, eu sou bem mais alta e provavelmente uns dez quilos mais pesada do que ele. Não é à toa que o coitado do cara fica tão surpreso com a explosão de Jordan.

E é exatamente quando eu percebo quem está parado na minha frente. Não é um amigo. Nem mesmo um conhecido. É o meu ex-namorado.

- Ah, deixe para lá - digo e largo o braço dele antes de me dirigir para casa.

O único problema é que Jordan vem atrás de mim.

- O que foi que eu fiz? - ele quer saber. - Heather, fale para mim. Sinto muito. Mas é que eu não sei como você quer que eu reaja. Garotas mortas e camisinhas e

traficantes. E agora você fuma. Que tipo de vida é esta, Heather? Que tipo de vida?

Começo a subir os degraus da casa de Cooper, procurando minha chaves à luz do

poste.

- Olhe - eu digo, tentando abrir todas as fechaduras o mais rápido possível. Ciente

de que Jordan subiu a escada atrás de mim, e está bloqueando toda a luz que

vem da rua com a camisa grande e bufante dele. - É a minha vida, certo?

Desculpe se ela é confusa. Mas, sabe como é, Jordan, você contribuiu para que

ficasse assim...

- Eu sei - ele grita. - Mas você não quis fazer terapia de casal comigo, lembra? Eu

implorei...

As mãos pesadas dele seguram os meus ombros, desta vez não para me sacudir,

mas para me virar de frente para ele. Fico olhando atordoada para ele, sem

conseguir distinguir os traços de seu rosto porque o poste atrás dele fez um halo

em cima de sua cabeça, transformando tudo que está por baixo em um monte de

sombras.

- Heather - ele prossegue -, todo casal passa por problemas. Mas se não tentarem

resolver junto, não dá certo.

- Certo - respondo, sarcástica. - Como aconteceu com a gente.

- Certo - Jordan diz, baixando os olhos em minha direção. Não consigo ver os

olhos dele, mas mesmo assim sinto seu olhar queimando em cima de mim. Aliás,

por que ele está olhando para mim deste jeito? Como se... como se...

- Ah, não - eu digo, dando um passo desajeitado para trás e batendo direto na

porta. A maçaneta machuca minha costas. - Jordan... O que você está fazendo aqui? Quer dizer, o que exatamente você veio fazer aqui?

- Meus pais estão fazendo uma festa de noivado para mim - ele diz, com voz que de repente soa rouca. - Para Tanie e eu, quer dizer. Lá em casa. Na cobertura. Neste momento.

O Sr. e a Sra. Cartwright não tinham feito uma festa de noivado quando Jordan e eu ficamos noivos. Em vez disso, a Sra. Cartwright perguntou se eu estava grávida.

Acho que ela não conseguia pensar em outra razão por que o filho dela se daria o trabalho de noivar com uma moça cuja carreira estava em declínio e cintura, em ascensão.

- Bom, então você não devia estar lá? - pergunto a ele.

- Devia - ele responde. E de repente eu percebo que a voz dele não parece apenas rouca. Parece triste de morrer. - Eu sei que devia. Mas é que... É que o dia inteiro eu só consegui pensar em você.

Engulo em seco e tento pensar racionalmente. Afinal de contas, sou uma jovem detetive. É isso que as jovens detetives fazem. Pensam racionalmente.

Mas existe algo na proximidade de Jordan... isso sem falar na tristeza dele... e na necessidade crua... na voz dele... que está dificultanto, e muito, as coisas.

E o peso das mãos dele nos meu ombros é muito agradável. E, de repente, eu nem me importo muito com o cheiro de Drakkar Noir.

E, no escuro, é claro, não dá para ver nem a corrente de ouro nem a pulseirinha com nome que ele está usando.

Eu sei! Pulseirinha com nome!

- É que eu... - gaguejo, tentando afastar a onda de histeria que emana dele e ameaça me engolir. - Acho que talvez a confusão de tudo isto... o comunicado, os repórteres... esteja deixando você nervoso. Quem sabe se você for para a sua casa e tomar um Advil...

- Eu não quero Advil nenhum - ele balbucia e me puxa para mais perto. - Eu só quero você.

- Não - digo, sentindo um pânico quando a camisa bufante encosta na minha buchecha. - Não, não quer. Está lembrado? Você fica me dizendo que eu mudei. Bom, eu mudei mesmo, Jordan. Nós dois mudamos. E agora precisamos seguir em frente, cada um com a sua vida. É o que você está fazendo com Tania, e é o que eu estou fazendo com... com... - Com quem? Não tenho ninguém! Não é justo ele ter alguém e eu não. - Bom, com Lucy - termino, cheia de coragem, minha opnião.

- É isto que você quer? - Jordan me pergunta, os lábios dele perigosamente perto dos meus, de repente. - Que eu fique com Tania?

- Agora é que você vem me perguntar?

E, antes que eu perceba, ele já se abaixou e aperta a boca dele conta a minha.

Normalmente, eu fico com as idéias bem claras nesse tipo de situação. Quer dizer,

geralmente, quando um cara começa a me beijar (o que não acontece com

freqüência), tenho a presença de espírito de ou dizer a ele que pare se eu não

gostar ou beijar de volta se gostar.

Mas, nesse caso em particular, fico tão surpresa que fico paralizada. Quer dizer,

continuo ciente da maçaneta que aperta minhas costas, e do fato de que todas as

luzes de casa estarem apagadas, o que significa que Cooper ainda não chegou

(graças a Deus!)

Mas, além disso, e de uma certa vergonha porque os traficantes, da rua, estão

aplaudindo ("Manda ver, gata"), eu não sinto... nada.

Nada de bom, quer dizer.

Eu sei tão bem quanto os traficantes que já faz um tempo que não beijo ninguém.

Já deve fazer um tempo para Jordan também (ou isso ou Tania não é tão boa

assim na cama... o que não é surpresa nenhuma, porque ela é tão magra que não

deve conseguir fazer muita coisa), porque eu só coloco os braços em volta do

pescoço dele (por força do hábito, juro) e, antes que me dê conta, ele já me

empurrou de novo contra a porta e encaixou a calça de couro no meu corpo de um

jeito que eu sinto cada dentinho do zíper dele...

... isso sem falar do, hmm, músculo engrossado por baixo.

Daí a língua dele entra na minha boca, as mãos dele pegam meu cabelo...

E a única coisa que eu consigo pensar é AH, NÃO.

Porque ele está noivo. E não de mim. E eu... bom, mesmo, eu NÃO sou este tipo de mulher.

Mas uma vozinha em minha cabeça fica dizendo: Talvez as coisas tenham mesmo

que ser assim e Hmm, eu me lembro de como era e Bom, parece que ele não liga para os meus quilos a mais, o que dificulta MUITO fazer a coisa certa que é empurrá-lo para longe.

De fato, bom... a vozinha está fazendo com que seja impossível empurrá-lo para longe.

Acho que todos aqueles coreógrafos devem estar enganados. Sabe como é, sobre aquela coisa de eu ser incapaz de desligar meu cérebro e soltar meu corpo.

Porque meu corpo está dançando no ritmo direitinho, sem nenhuma ajuda que seja de meu cérebro...

Começa a parecer que é imperativo que entremos em casa, levando em conta os gritos de apoio dos traficantes, então me viro e finalmente abro a porta, e nós meio que caímos para dentro do hal de entrada escuro...

... onde eu preciono as mãos contra o peito dele e uso meus último momento de sanidade para dizer:

- Sabe, Jordan, acho mesmo que a gente não deveria estar fazendo isto...

Mas já é tarde demais. Ele já puxou a minha blusa para fora da calça. Antes que eu me dê conta, as mãos dele já estão envolvendo os meu seios através da renda

do meu sutiã enquanto ele me beija. Profundamente. Como se estivesse com muita vontade mesmo.

E, tudo bem é, eu penso (por um instante) em lembrá-lo de que naquela manhã, eu tinha lido sobre o noivado dele (com uma pessoa que não sou eu) no jornal.

Mas, sabe como é, às vezes o corpo da gente age sem o controle da mente.

E meu corpo parece estar funcionando em pilo automático, lembrando de todos os

bons momentos que viveu com o corpo que no momento está pressionado contra ele.

E, para falar a verdade, está implorando para ter mais.

Daí, parece que não consigo pensar em mais nada por um instante. Tirando...

Bom, perto do fim, um pensamento passa pela minha mente. Um pensamento que

eu realmente não gostaria de ter tido.

E o pensamento é: Irmão errado.

Só isso. Que eu estou rolando pelo chão defenitiva e positivamente com o irmão errado.

E não me orgulho muito disso.

E o pior é que nem é tão gostoso assim. Acho que o máximo que posso dizer é que é rápido (graças a Deus, porque o capacho do hall de entrada está ambaixo de mim, e não é o tapete mais confortável da casa). E que é seguro (Jordan veio preparado, assim como faria qualquer bom membro da Easy Street).

Fora isso, não é muito diferente das vezes que costumávamos transar todas as segundas, quartas e sábados...

... com a óbvia exceção de que, desta vez, eu é que sou a outra.

Fico me perguntando se alguma vez Tania já se sentiu tão culpada em relação a isto quanto eu me sinto. De algum modo, duvido muito. Tania não me parece ser uma pessoa que jamais se sente culpada. Uma vez, vi quando ela jogou um embrulho da Juicy Couture no chão, no Central Park. Ela não sente culpa nem por

jogar lixo no chão.

Outra diferença notável em nossa trasa pós-fim de noivado, em oposição às nossas transas pré-fim de noivado é que Jordan se levanta quase imediatamente depois que a gente termina e começa a se vestir. Quando a gente estava junto, ele simplesmente virava para o lado e dormia.

Quando eu me sento e fico olhando para ele, ele diz:

- Desculpa, mas preciso ir - como alguém que acabou de se lembrar de uma consulta importantíssima no dentista.

E esta é a parta realmente constrangedora: eu me sinto meio triste. Como se existisse uma parte de mim que tivesse muita certeza de que ele rolaria para o lado e diria que ia ligar para Tanie e terminar com ela AGORA MESMO, porque ele quer ficar comigo para sempre.

Não, que, sabe como é, eu voltasse para ele se ele tivesse feito isso.

Provavelmente não.

Certo, definitivamente não.

Mas, bom... a gente se solitária quando não tem ninguém. Quer dizer, não quero ficar parecida com a Rachel. Não estou dizendo que, se eu tivesse um namorado (mesmo que fosse o Cooper, o homem dos meus sonhos), todos os meu problemas estariam curados.

E não vou começar a comer salada sem molho se é o que eu preciso fazer para conseguir um homem... não estou assim tão desesperada.

Mas... seria legal ter alguém para se preocupar comigo.

Mas não menciono nada disso ao Jordan. Quer dizer, eu tenho um pouco de orgulho. Em vez disso, quando ele diz que via embora, eu só digo:

- Certo.

- Quer dizer, eu queria ficar - ele diz, puxando a camisa por cima da cabeça - mas

tenho uma entrevista coletiva bem cedo amanhã de manhã. Para o álbum novo, você sabe.

- Certo - eu digo.

- Mas eu ligo para você amanhã - ele diz, abotoando a braguilha. - Talvez a gente possa sair para jantar ou algo assim.

- Certo - digo.

- Então, eu ligo para você - diz, já à porta.

- Claro - respondo. E nós dois sabemos que ele está mentindo.

Depois que ele já foi embora e que eu já tranquei a porta atrás dele, me arrasto escada acima até o meu apartamento, onde sou recebida por uma Lucy toda animada, louca pelo passeio noturno dela. Enquanto procuro a coleira dela, dou uma olhada pela janela da cozinha e vejo os andares superiores do conjunto Fischer.

Fico me perguntando se Christopher Allington conseguiu encontrar o cominho para a calça de Amber com tanta falicidade quando Jordan Cartwright tinha conseguido encontrar o da minha.

Então me lembro de que a calça supracitada continua na entrada e me apresso escada abaixo para pegá-la antes que Cooper chegue em casa e descobra a prova da minha profunda estupidez em cima do capacho do hall de entrada.

17

Você me disse/Que acabou

Eu simplesmente não/Acreditei em você

Você me disse/Que eu sou influenciável

Eu só quero/Ficar com você

Daí eu te vi/Você estava com ela

E a única coisa que posso dizer é/Tanto

faz

Tanto faz/Tanto faz

A única coisa que eu posso dizer é/Tanto

faz

"Tanto faz"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Valdez/Caputo

Do álbum Verão

Gravadora Cartwright

Em uma coisa eu acertei:

Rachel está toda curiosa a respeito de Jordan e da natureza de meu relacionamento com ele.

No minuto em que eu entro na sala no dia seguinte (cabelo molhado, caneca de café do refeitório fumegando na mão, uma enorme letra escarlate na blusa; a última parte é brincadeira), Rachel fica toda:

- Então, parece que você e seu ex-namorado estava se dando muito bem ontem à noite.

Ela não faz a mínima idéia de como essa afirmação é correta.

- É - é tudo que respondo enquanto me acomodo na cadeira e procuro o número do quarto de Amber.

Rachel não se toca.

- Eu vi vocês dois lá fora - ele prossegue. - Conversando com o filho do reitor Allington.

- Com Chris - digo. - É. - Pego o telefone e disco o número de Amber.

- Ele parece legal - ela diz. - O filho do reitor.

- Acho que sim - respondo. Para um assasino.

O telefone de Amber toca. E toca.

- Também é fofo - Rachel continua. - E ouvi dizer que ele é bem provido. Recebeu

uma herança dos avós.

A última informação é novidade para mim. Ai, meu Deus, vai ver o Christopher Allington é igual ao Bruce Wayne! Sério. Só que do mal. Quer dizer, talvez ele tenha uma caverna inteira escabada embaixo do conjunto Fischer e leve meninas inocentes para lá, depois dê alguma droga para elas e as leve de novo para cima e jogue pelo poço do elevador...

Só que eu passei muito tempo nos subterrâneos do conjunto Fischer com o exterminador de pragas, e embaixo do prédio não tem nada além de ratos e um monte de colchões velhos.

Alguém atende o telefone no quarto de Amber. Uma voz de menina diz., muito sonolenta:

- Alô?

- Alô - respondo. - É a Amber?

- Ah-hã - diz com a voz sonolenta. - É a Amber. Quem está falando?

- Ninguém - eu digo. Só queria ter cereza de que você ainda estava viva. - Volte a

dormir.

- Certo - ela diz sem entender nada e desliga o telefone.

Bom, pelo menos Amber continua viva. Por enquanto.

- Então, você e o Jordan vão voltar? - Rachel quer saber. Parece que ela não acha nem um pouco estranho o fato de eu ligar para alunas sem razão nenhuma aparente e acordá-las. E isso, aliás, revela muito sobre a estranheza do lugar em que nós trabalhamos e o serviço que fazemos. - Vocês formam o casal mais fofo do mundo.

Finalmente, sou salva porque preciso atender o telefone, que começa a tocar bem naquele momento. Atendo, imaginando se Amber tinha identificador de chamada e

quer saber que diabos eu estou fazendo, ligando para ela às nova da manhã em dia de aula.

Só que não é a Amber do outro lado da linha. É a Patty, que diz logo:

- Certo, pode contar tudo.

- Tudo sobre o quê?

Na verdade, não estou me sentindo muito bem. Quando acordei hoje de manhã, eu só tinha vontade de puxar as cobertas para cima da cabeça e ficar na cama para todo o sempre.

Jordan. Eu fui para a cama com o Jordan. Por quê, meu Deus, por quê?

- Como assim, sobre o quê? - Patty parece chocada. - Você não leu o jornal hoje?

Sinto meu sangue gelar pela segunda vez em 24 horas.

- Que jornal?

- O Post - Patty responde. - Tem uma foto de vocês dois se beijando bem na capa.

Bom, não dá para ver direito se a mulher é mesmo você, mas com certeza não é a

Tania Trace. E com certeza é a entrada da casa de Coop...

Digo uma palavra que faz Rachel vir correndo da sala dela perguntar se está tudo bem.

- Está tudo bem - digo, colocando a mão trêmula sobre o bocal. - Não é nada, mesmo.

Enquanto isso, Patty se ocupa tagarelando em minha orelha.

- A manchete diz Escândalo na rua. Acho que é porque Jordan está traindo a noiva dele. Mas não se preocupe, chamaram você de "mulher não-identificada". Caramba, é de se pensar que eles iam supor quem era. Mas a foto é obviamente amadora, e a sua cabeça está na sombra. Mesmo assim, quando Tania vir...

- Eu realmente não quero falar sobre isto agora - interrompo, sentindo tontura.

- Não quer? - Patty parece surpresa. - Ou não pode?

- Hmm. O último.

- Entendi. Vamos almoçar?

- Certo.

- Você é mesmo uma boba - Patty está rindo. - Passo aí ao meio-dia. Faz um tempinho que eu não vejo Magda. Estou louca para saber o que ELA tem dizer a

este respeito.

Eu também.

Desligo. Sarah entra, cheia de perguntas sobre... O que mais? Jordan. Eu só quero me encolher e chorar. Por quê? POR QUÊ? POR QUE eu fui tão FRACA?

Mas como dá para chorar no trabalho sem que setenta pessoas cheguem para você e digam:

"Qual é o problema? Não chore, vai dar tudo certo", pego uma pilha de requisições de ressascimento das máquinas de refrigerante e começo a processá-las,

debruçando-me por cima de minha calculadora, tentando parecer muito ocupada e

responsável.

E a própria Rachel também tem muito o que fazer. No começo da semana, ela descobriu que tinha sido nomeada para uma medalha Amor-Perfeito. Essas medalhas têm o formato de uma forzinha e a cada semestre a administração as confere aos funcionário que fizeram algo além de suas obrigações. Por exemplo, Pete recebeu por ter derrubado a porta de uma menina quando ela se fechou atrás dela e ligo o gás do forno. Ele salvou a vida dela, de verdade.

Magda também ganhou uma porque (por mais estranha que ela seja, com aquela coisa das estrelas de cinema) os estudantes simplesmente a adoram, na maior parte. Ela faz com que eles se sintam em casa, especialmente em dezembro quando, apesar de todas a regulamentações do campus, Magda decora a caixa

registradora dela com um Papai Noel de pelúcia, um presépio em miniatura, uma menorá e velas de Kwanzaa.

Eu, pessoalmente, acho legal que Rachel tenha sido nomeada. Ela teve de dar conta de muita coisa desde que começou a trabalho no conjunto Fischer, incluindo a morte de duas alunas em duas semanas. Ela precisou noticficar dois pares de pais que a filha deles estava morta, empacotar os pertences de duas garotas (bom, tudo bem fui u quem fez isso as duas vezes) e organizar duas missas em homenagem a elas. A mulher merece uma madalha em forma de florzinha, no mínimo.

Mas, bom, por causa da nomeação dela à medalha Amor-Perfeito, Rachel foi automaticamente convidada para o Baile Amor-Perfeito, um negócio com traje de gala que acontece todo anos no térreo da biblioteca da faculdade, e ela está toda atarantada por causa disso, porque o baile é hoje à noite e ela não pára de repetir que não tem nada para usar. Diz que vai ter de passar em algumas liquidações de modelos em exposição na hora do almoço para ver se encontra algo aceitável.

É claro que eu sei o que isto significa. Ela vai voltar com o vestido mais lindo que qualquer uma de nós já viu. Quando se usa 36, é fácil entrar em qualquer loja e encontra centenas de opções estonteantes.

Quando termino com as requisições de ressarcimento, anuncio que estou indo ao setor financeiro para pegar o dinheiro relativo a elas, e Rachel me dá um

tchauzinho, felizmente sem comentar o fato de que eu detesto esperar na fila da Tesouraria (que era o lugar preferido de Justine) e geralmente mando um aluno no meu lugar.

Claro que, no meu caminho até a Tesouraria, faço um desvio para falar com Magda. Ela dá uma olhada no meu rosto e informa ao supervisor dela, Gerald, que vai fazer um intervalo de dez minutos, apesar de Gerald ficar todo:

- Mas você acabou de fazer um intervalo há meia hora!

Magda e eu vamos até a praça, sentamos em um banco e eu despejo toda a história idiota sobre Jordan.

Quando termina de rir da minha cara, ela enxuga os olhos e diz:

- Ah, querida, coitadinha de você. O que você esperava? Que ele implorasse para você voltar?

- Bom - respondo. - Esperava.

- Mas você teria ficado com ele?

- Bom... não. Mas seria legal se ele pedisse.

- Olhe, querida, você sabe e eu sei que você é a melhor coisa que já aconteceu para ele. Mas, ele? Ele só quer uma mulher que faça tudo o que ele quer. E isso não tem nada a ver com você. Então, deixe ele ficar com a Miss Bunda Ossuda. E você espera até um cara legal aparecer. Nunca se saber. Ele pode estar mais perto do que você pensa.

Eu sei que ela está falando de Cooper.

- Eu já disse - falo, cheia de tristeza. - Não sou o tipo dele. Vou ter que pegar uns quatro diplomas só para competir com a última namorada dele, que descobriu um

sol-anão, ou qualquer coisa assim, e por isso ele foi batizado com o nome dela.

Magda só dá de ombros e diz:

- E aquele Christopher de que você estava me falando, hein?

- Christopher Al ington? Magda não posso ficar com ele! Ele é um possível

assasino.

Quando revelo minhas suspeitas relativas a Christopher Al ington, Magda fica

muito animada.

- E ninguém suspeitaria dele - ela exclama -, porque é o filho do reitor! Parece um

filme! É perfeito!

- Bom, quase perfeito - digo. - Quer dizer, por que ele andaria por aí matando

meninas inocentes? Qual é o motivo dele?

Ela pensa sobre isso um instante e apresenta diversar teorias baseadas em filmes

que viu, como por exemplo que Chris precisa matar pessoas por causa de algum

ritual de iniciação para entrar em alguma espécie de sociedade secreta da

faculdade de direito, ou que ele possivelmente tem personalidade múltipla ou

então um irmão gêmeo do mal. O que a leva ao fao de que Chris Al ington

provavelmente vai estar no Baile Amor-Perfeito, e que se eu quiser mesmo brincar

de detetive, devo arrumar uma entrada e observá-lo em seu elemento natural.

- Mas as entradas custam uns duzentos dólares, a menos que você tenha sido

nomeada para um prêmio Amor-Perfeito - informo a ela. Não tenho dinheiro para

isto.

- Nem para pegar um assasino? - Magda pergunta.

- Ele só é um assasino em potencial.

- Aposto que Cooper consegue um par de entradas. - eu tinha me esquecido de

que o avô dele era um dos grander benfeitores da Faculdade de Nova York, mas a

Magda não se esqueceu. Ela nunca se esquece de nada. - Por que você não vai

com ele?

Ultimamente, não ando tendo muitos motivos para sorrir, mas a idéia de ver Cooper de smoking me faz dar uma risada. Duvido que ele algum dia já teve

algum.

Então paro de sorrir com a idéia de pedir para que ele vá comigo ao Baile Amor-

Perfeito. Porque ele nunca concordaria. Ele iria querer saber por que eu quero

tanto ir, depois ia me passar um sermão por eu enfiar o nariz onde não sou

chamada.

Magda suspira ao ouvir isto.

- Certo - ela diz, arrependida. - Mas poderia ser igualzinho a um filme.

Passo o tempo na fila da Tesouraria tomando cuidado para não pensar na noite

anterior (que com toda a certeza não teve nada a ver com filme nenhum).

Se fosse um filme, Jordan teria aparecido hoje de manhã com um buquê enorme de rosas e duas passagem para Las Vegas.

Não que eu tivesse ido com ele, sabe como é. Mas, como eu disse, seria legal se ele me convidasse para ir.

Bom, quando eu estou voltando para o conjunto residencial Fischer pela praça, ensaiando mentamente o discurso de "Desculpe, mas simplesmente não posso me casar com você" que vou fazer ao Jordan para o caso de, quem sabe, ele de fato aparecer com as rosas e as passagens, ergo a cabeça, e lá está ele.

Sim, estou falando sério. Eu praticamente tropeço nele na calçada, na frente do prédio.

- Ah - digo, agarrando um envelope cheio de notas de um dólar contra o peito, em

um gesto de proteção, como se ele pudesse servir de escudo contra Jordan.- Oi.

- Heather - ele diz. Está parado ao lado de uma limusine preta estacionada (não é exatamente sem atrapalhar o trânsito) na frente do alojamento. Obviamente, está voltando da entrevista coletiva. Não carrega nenhum buquê de rosas, mas usa diversas correntes de platina e o rosto dele está cheio de tristeza.

Mesmo assim, não fico com muita pena dele. Afinal de contas, fui eu quem ralou a

bunda no capacho.

- Eu estava aqui esperando você chegar - ele diz. - Sua chefe disse que você

voltaria em menos de uma hora, mas...

Ops. São 11h30, e eu tinha saído dali às dez. Rachel provavelmente não tinha

previsto minha passada no parque para conversar com Magda.

- Bom - digo. - Voltei. - Olho ao meu redor, mas continuo sem ver flor nenhuma. O

que não faz mal, porque já esqueci meu discurso mesmo. - O que é?

Você não vai voltar para ele, digo a mim mesma, com firmeza. Você não vai voltar

com ele. Mesmo que ele se arrastasse de joelhos...

Bom, se ele se arrastar de joelhos, talvez.

Não! Nem assim! Ele é o irmão errado, está lembrada? O irmão errado.

Jordan olha ao redor, pouco à vontade.

- Veja bem. Será que a gente pode ir a algum lugar para conversar?

- A gente pode conversar aqui mesmo - digo. Porque sei que, se eu for a algum

lugar sozinha com ele, posso fazer algo de que me arrependa depois.

Posso? Já fiz.

- Eu ia me sentir melhor - ele diz - se a gente pudesse conversar dentro da

limusine.

- Eu ia me sentir melhor - digo (seja forte, seja forte) - se você dissesse logo o que

tem a dizer.

Jordan parece surpreso com a firmeza de minha voz. Até eu me surpreendo.

E daí eu percebo que ele provavelmente acredita que a gente vai voltar ou algo assim.

ah-hã.

Antes que me dê conta, ele já está se acabando bem ali na calçada.

- É só que... eu... eu estou mesmo muito confuso neste instante, Heather - ele diz.

- Quer dizer, você é tão... bom, você é simplesmente maravilhosa. Mas Tania... eu

falei com papai e é que... bom, eu não posso terminar com ela agora. Não com o álbum novo que está para sair. Papai disse...

- O quê? - não dá para acreditar no que eu estou escutando. Quer dizer, acredito sim. Só não dá para acreditar que ele está mesmo falando aquelas coisas.

- É sério, Heather. Ele ficou louco da vida com a foto do Post...

- Você não acha que eu...

- Não, é claro que não. Mas ficou feio mesmo, Heather. Tania tem hoje o álbum que mais vende da gravadora, e papai disse que, sabe como é, se eu terminar com ela, vai atrapalhar as chances de o meu álbum...

- Certo - digo. Acho que não agüento ouvir mais nada. Isto aqui não é uma ocasião da qual eu tenha um discurso ensaiado. - Tudo bem. Sério, Jordan. Tudo bem.

E a coisa mais esquisita de todas é que, naquele exato momento, está tudo bem mesmo. De algum modo, ouvir ele dizer que não pode voltar comigo porque o pai

dele não vai gostar anula qualquer sentimento romântico que eu ainda possa nutrir

por ele.

Não que eu tivesse algum. Ainda.

O queixo de Jordan parece cair de tanta surpresa. Ele com toda a certeza estava esperando lágrimas de algum tipo. E, de certo modo, eu de fato sinto vontade de chorar. Mas não por causa dele.

Mas não vejo motivo nenhum para contar isto a Jordan. Quer dizer, o cara tem problemas suficientes. Sarah provavelmente iria se divertir muito diagnosticando todas as neuronoses profundamente arraigadas dele...

Jordan devolve o meu sorriso com um alívio quase infantil, e diz:

- Uau. Certo. Isto é tão... É tão gentil de sua parte, Heather.

É estranho, mas naquele momento eu só consigo pensar em Cooper. E não é porque é mesmo muito triste eu o achar tão gostoso, e ele mal notar que estou viva... tirando o fato de que a pilha de recibos em cima da mesa dele sempre desapareça.

Não, eu me vejo de fato rezando para que Cooper, seja lá onde esteja, não pegue por acaso um exemplar do Post de hoje. Porque a última coisa que quero é que ele saiba que andei agarrando o irmão dele na frente da casa dele (e ainda bem que o Post só tem provos fotográficas dessa parte)...

Não sei se é porque trabalho no conjunto Fischer há tanto tempo que desenvolvi

uma espécie de sexto sentido para essas coisas ou o quê. Mas é bem neste momento que sinto algo.

Uma lufada de ar repentina, uma sombra percebida de canto de olho, e largo a mão de Jordan e grito:

- Cuidado! - antes de me dar conta do que está acontecendo.

Em seguida, ouço um som de pancada muito forte e algo se quebrando. Então voam terra e coisas pontudas para todos os lados.

A menina faz o que digo, cambaleando sobre os saltos altos. Ela está toda vestida para uma entrevista de emprego, mas parece não perceber que vai se atrasar muito, mas muito mesmo.

O que mesmo o instrutor tinha dito quando comecei a trabalhar aqui e fiz aquele treinamento de atendimento de primeiros socorros?

Ah, certo. Pare. Olhe. E escute.

Eu paro e vejo aliviada que o peito de Jordan está subindo e descendo. Ele continua respirando. Uma veia no pescoço dele pulsa, forte e firme. Ele está inconsciente, mas nem perto de morto (ainda). O vaso pegou de lado na cabeça, por trás da orelha, deixando uma calombo no ombro dele. A camisa está toda rasgada.

Mas o sangue continua jorrando o talho na cabeça, e estou pensando em tirar minha blusa para transformar em atadura (isso não me ajudaria a fazer muito sucesso junto ao pessoal da roda de xadrez) quando o motorista da limusine vem

correndo do outro lado do carro, ao mesmo tempo em que Pete irrompe na porta de entrada do conjunto residencial.

- Aqui, Heather. - Ele joga o kit de primeiros socorros da recepção para mim, com os olhos escuros esbugalhados. - Mandei vir uma ambulância também.

- Ele está morto? - O motorista da limusine pergunta, todos nervoso, com um celular colado na orelha. Sem dúvida nenhuma, está falando com o pai de Jordan.

Entrego o envelope da tesouraria para Pete e depois remexo dentro do kit de primeiros socorros, encontro uma faixa enrolada e enfio na ferida. O tecido fica escuro quase imediatamente.

- Vá buscar uma toalha ou qualquer coisa assim - digo ao Pete, ainda com aquela voz estranhamente calma que não parece ser a minha. Talvez seja a minha voz futura. Sabe como é, a voz que eu vou usar em meu futuro consultório médio, depois de me formar. - Tem umas peças que sobraram da palestra de acomodação de verão no almoxarifado. Traga umas duas.

Ele sai correndo como um raio. Começa a junto gente no local, tanto residentes do conjunto Fischer quanto pessoas da roda de xadrez no parque. Todo mundo tem muitos conselhos médicos a oferecer.

- Erga a cabeça dele - um dos traficantes diz para mim.

- Não, levante os pés dele - alguém mais diz. - Se o rosto estiver vermelho, ergua

a cabeça. Se o rosto estiver pálido, erga o rabo.

- O rosto dele está vermelho, mãe.

- É por causa de tanto sangue.

- Ei, aquele ali não é Jordan Cartwright?

Pete volta com várias toalhas brancas bem limpas. A primeira ficar vermelha depois de um minuto, mais ou menos. A segunda parece funcionar. O sangue para de jorrar de maneira tão preocupante enquanto eu pressiono a toalha à cabeça de Jordan.

- Como aconteceu? - todos perguntam.

Um homem da roda de xadrez oferece uma resposta:

- Eu vi a coisa toda. Você teve sorte de não morrer, moça. Aquele negócio estava vindo bem em sua direção. Se você não tivesse pulado para o lado...

A polícia chega antes da ambulância, dá uma olhada no que estou fazendo e aparentemente aprova, porque logo os policiais começam a dispersar a multidão, dizendo que o show terminou.

Digo, com urgência na voz:

- Peguem os depoimentos das testemunhas! Esta coisa não caiu, simplesmente, sabem? Alguém jogou!

Todo mundo se reúne ávido ao redor dos policiais. Querendo contar sua história.

É bem nessa hora que Rachel sai correndo do prédio com os saltos batendo contra o calçamento.

- Ah, Heather! - ela exclama, escolhendo bem onde pisar entre os cacos de cimento e os montes de terra e de gerânios. - Ah, Heather! Acabei de receber a notícia. Ele... ele vai ficar...

- Ele continua respirando - digo. Mantenho a toalha pressionada contra a ferida, que finamente parou de sangrar. - Cadê a ambulância?

E bem naquele momento ela encosta, os paramédicos pulam de dentro dela e, felizmente, assumem o controle. Fico mais do que feliz de sair do caminho. Rachel

me abraça enquanto observamos os paramédios medirem os sinais vitais de Jordan. Enquanto isso, um dos policiais entra no prédio e o outro pega um dos maiores pedaços do vaso e olha para mim.

- Quem é o responsável aqui? - ele quer saber.

Rachel responde:

- Acho que sou eu.

- Faz alguma idéia de onde veio isto aqui? - o policial pergunta, segurando o caco.

- Bom, parece um dos vasos de cimento do terraço dos Allington - ela responde. Ela se vira e aponta ara cima, na direção da fachada do conjunto Fischer. - Lá em cima - ela diz, erguendo o pescoço. - No vigéssimo andas. A cobertura. Tem vasos iguais a este por toda a volta do terraço. - Ela pára de apontar e olha para mim. - Não faço a menor idéia de como isso pode ter acontecido. Será que foi o vento?

Eu realmente sinto frio, mas não é por causa de vento nenhum. O dia está tão quente quanto qualquer dia de outono.

Magda, que se juntou a nós, parece concordar.

- Não tem vento hoje - ela diz. - No canal local New York One, disseram que o tempo ia ficar bom o dia inteiro.

- Nunca um vaso destes saiu voando - Pete diz. - E eu trabalho aqui há vinte anos.

- Bom, você não pode estar sugerindo que alguém jogou lá de cima - Rachel diz, parecendo horrozada. - Quer dizer, os alunos nem têm acesso ao terraço...

- Alunos? - o policial aperta os olhos para nos examinar. - Isto aqui é algum tipo de alojamento ou algo assim?

- Conjunto residencial estudantil - Rachel e eu o corrigimos automaticamente.

Os paramédicos colocam Jordan em cima de uma prancha e depois em cima de uma maca e dentro da ambulância. Quando estão fechando as portas, dou uma olhada para Rachel.

- Eu devia ir com ele - digo a ela.

Ela me dá um empurrãozinho na direção do veículo.

- Claro que devia - diz com muita gentileza. - Pode ir. Eu cuido de tudo por aqui. Depois, ligue para mim para dizer como ele está.

Digo a ela que ligo sim e saio correndo atrás dos paramédicos, perguntando se posso pegar carona com eles até o hospital. Eles são bem bacanas comigo, e deixam eu sentar no assento do passageiro da cabine.

Do banco da frente, dá para olhar através de uma portinha e ver o que o paramédico não está dirigindo está fazendo com Jordan. O que ele está fazendo é perguntar que dia da semana é. Parece que Jordan está retomando a consciência. Mas ele não sabe que dia da semana é, só solta um murmúrio como resposta, como alguém que realmente deseja voltar a dormir.

Penso em sugerir que perguntem a ele quem é a noiva dele, mas fico achando que seria maldade demais.

Quando nos afastamos do edifício, reparo que Rachel, Sarah, Pete e Magda estão todos reunidos na calçada, olhando para mim cheios de preocupação.

Percebo então, como uma espécie de pontada que, sim, tudo bem, talvez eu não tenha namorado.

Mas eu tenho família.

Pode até ser esquisita.

Mas é uma família.

18

Você me fez chorar

Com tantas mentiras

Por que você tem que ser

Tão maldoso comigo?

Baby, você não vê

Que nós, eu e você,

Fomos feitos um para o outro?

Em vez disso você me deixou

Chorando

E você não está nem

Tentando

Baby, por que você tem

Que ser assim?

"Chorando"

Interpretado por Heather Wel s

Composta por Dietz/Ryder

Do álbum Verão

Gravadora Cartwright

Nos quase quatro meses desde que comecei a trabalhar na Faculdade de Nova

York, já estive em quase todos os pronto-socorros de Manhattan com diversos

alunos doentes ou feridos. O St. Vincent's realmente não é um dos meus

preferidos. Tem TV na sala de espera e tudo o mais, mas sempre está passando alguma novela, e as máquinas de doces nunca têm Butterfingers.

Além do mais, muitos viciados vão lá para tentar convencer a enfermeira de

triagem que estão precisando mesmo de um pouco de morfina para curar as dores

misteriosas que sentem nos pés. Durante um tempo, até que é divertido assistir os

viciados, mas quando começam a entrar em síndrome de abstinência ficam hostis,

e então o segurança precisa expulsá-los e eles ficam batendo no vidro e fazer com

que seja mesmo muito difícil se concentrar na revista Jane ou em qualquer coisa

que eu esteja lendo.

Mas, apesar de a sala de espera do Saint Vincent's ser uma porcaria, os médicos

são excelentes. Fazem todo tipo de perguntas sobre Jordan, que não sei

responder. Mas logo que digo o nome inteiro dele, eles o levam com toda pressa

para a sala de atendimento, passando na frente com toda pressa para a sala de

atendimento, passando na frente de todo mundo porque, pois é, os médicos já

ouviram falar em Easy Street.

Visitas só podem entrar no pronto-socorro durantes os cinco primeiros minutos de

cada hora, de mode que sou banida para a sala de espera. Mas uso meu tempo

com sabedoria: ligo para o pai de Jordan para dar os detalhes do acidente.

O Sr. Cartwright compreensivelmente está preocupado com a notícia de que seu

artista masculino de maior sucesso (ah, que também é filho dele) foi atingido por

um vaso de gerâmios, então não levo para o lado pessoal quando ele é curto e

grosso ao telefone comigo. Nossa última conversa antes dessa também não tinha

ocorrido muito bem, quando ele tinha me dito que ia fazer Jordan largar Tanie e

"fazer o que é certo" se eu simplesmente parasse de exigir cantar minha próprias composições no próximo álbum.

O Sr. Cartwright é um imbecil. E deve ser por isso que Cooper não falar com ele há quase um ano.

Depois que eu termino de falar com o pai de Jordan e de Cooper, não consigo pensar em mais ninguém para ligar. Acho que eu podia avisar a Cooper que o irmão dele estava ferido.

Mas periga de ele perguntar o que Jordan estava fazendo no conjunto Fischer para começo de conversa. E a verdade é que não sou a melhor mentirosa do mundo. Eu simplesmente tenho a sensação de que Cooper vai perceber qualquer tentativa minha de colocar uma venda nos olhos dele.

Então me afundo em uma cadeira de plástico no canto da sala de espera e me divirto observando outros pacientes sendo encaminhados para o tratamento em vez de dar mais telefonemas. É igualzinho àquele programa, Trauma no Pronto-socorro, que passa no canal educativo, só que ao vivo. Vejo um bêbado alegre com a mão sangrando, uma mãe exausta que derramou o cappuccino em cima do bebê, um garoto com uniforme de escola com um corte enorme no queixo de mãos dadas com uma freira, um pedreiro com o pé quebrado e um monte de mulheres latinas sem nenhum problema aparente que falam muito alto e levam bronca da enfermeira da triagem.

Fico lá sentada durante uns vinte minutos, e então o segurança avisa que todo mundo que está esperando tem cinco minutos para entrar no pronto-socorro e ver como estão as pessoas que acompanham. Então eu me junto à freira à mãe

nervosa e às senhoras latinas, atravesso a porta de vaivém e procuro por Jordan.

Ele está inconciente de novo, ou pelo menos os olhos dele estão fechados, e a atadura branca enrolada em sua cabeça contrasta muito com o bronzeado profundo da pele dele. (Os pais deles têm uma casa de verão fantástica nos Hamptons. A piscina tem até uma cachoeira.) Ele foi colocado em uma cama em uma parte bem escondida e calma do pronto-socorro e, quando pergunto, uma enfermeira me informa que estão preparando um leito para ele no andar de cima. Ainda estão esperando o resultado das radiografias, mas parece que ele sofreu uma concussão.

Acho que eu devo parecer muito preocupada mesmo, porque a infermeira sorri para mim, coloca a mão em meu braço e diz:

- Não se preocupe. Tenho certeza de que ele vai voltar a fazer os passoas de dança dele bem rapidinho.

Apesar da afirmação da enfermeira, não consigo deixá-lo ali, completamente sozinho. Não dá para acreditar que ninguém da família dele chegou até agora!

Então, quando os cinco minutos que tenho para ficar ali parada olhando fixamente para Jordan terminam, volto para a cadeira de plástico na sala de espera. Vou ficar, resolvo, até que ele seja transferido para o quarto, ou até que algum integrante da família dele chegue. Só vou ficar aqui até alguém chegar. E depois...

Depois não sei o que vou fazer. Tenho certeza (estou cem por cento convencida,

tenho mais certeza do que já tive sobre qualquer coisa, e percebo que isso não é muito, mas tanto faz) que alguém acabou de tentar me matar.

Certo? Quer dizer, não foi exatamente isso que aquele cara da roda de xadrez tinha dito? "Que bom que você pulou para o lado, moça, se não, teria caído em cima de você", ou qualquer coisa assim?

E a pessoa que jogou aquele vaso lá de cima só pode ser Christopher Allington. Quem mais tem acesso ao terraço dos pais dele? Quem mais teria motivo para jogar vasos de gerânio em minha cabeça? Não foi uma tentativa de homicídio premeditada (não tinha como ser). Como é que ele ia saber que eu estava voltando para o prédio bem naquele momento?

Não, ele simplesmente deve ter olhado para baixo e resolvido que o destino estava do lado dele e aproveitado para dar um empurrãozinho no vaso. Se eu não tivesse desviado, teria batido em mim, não em Jordan. E provavelmente teria me matado porque, sabe como é, minha cabeça não é nem de longe tão dura quanto a de um ex-membro do Easy Street.

Mas por que Chris ia querer me matar? Só porque eu suspeito que ele seja um assasino? Suspeitar que alguém é um assasino e não ter provas reais de que alguém é um assasino são coisas inteiramente diferentes. Que prova será que Chris acha que eu posso ter? Quer dizer, além da camisinha (que só prova que ele é tarado, não assasino), não tenho nada contra ele. Eu nem tenho provas de que realmente houve algum assasinato.

Então, por que ele está tentando me matar? Será que ele não está se arriscando mais ao tentar me matar do que se ficasse na moita? Principalmente porque ninguém suspeita de nada em ralação à morte de Elizabeth e de Roberta...

Bom, pelo menos ninguém suspeita além de mim.

Uma voz profundamente conhecida interrompe minhas meditações. Desvio o olhar

do viciado aos roncos que estava observando disfarçadamente e vejo o rosto clamo e sorridente de Cooper...

...e de repente fico com vontade de vomitar.

- Heather - ele diz, com desleixo simpático, enquanto se acomoda em uma cadeira

de plástico ao meu lado.

- Hmm. - É tudo que eu consigo pensar em dizer. Bacana, hein? Depois de muito turbilhão mental, completo: - Oi.

Cooper fica olhando com um certo interesse para o viciado que ronca. Ele está gostosíssimo com o jeans esfarrapado, mas bem moldado ao corpo, e a jaqueta de couro. Mais gostoso do que rosquinhas Ho Ho, até. Estou falando de Cooper, não do viciado.

- Então - ele diz, em tom de quem está puxando conversa. - Tem alguma novidade?

Fico toda gelada, depois toda quente. Não é justo o efeito que esse cara exerce sobre mim. E ele nunca me convidou para sair! Tudo bem, ele me convidou para

morar na casa dele, mas, acorda, foi só por pena. E eu moro em uma andar completamente independente. Com um conjunto de fechaduras totalmente diferente da porta. Que, aliás, nunca usei, mas por acaso ele já se deu ao trabalho de descobrir isso? Não!

- Nada demais - digo a ele, na esperança de que ele não consiga ver como meu coração pula dentro de minha camiseta. - Hmm... Seu pai logou para você?

- Não - Cooper responde. - Foi sua amiga Patty que ligou. Quando passou em seu

trabalho para pegar você para almoçar, Magda contou para ela o que tinha acontecido. Se Patty não estivesse com o bebê, teria vindo ela mesma.

- Ah - digo. Tinha me esquecido completamente de meu almoço com ela. Olho para o relógio da parede da sala de espera e vejo que já passam das duas. - Muito bem.

- O que ela não soube explicar muito bem - Cooper diz - é o que aconteceu exatamente.

E é então que começo a falar sem parar.

Não quero fazer isso. Não tenho essa intenção. É só que... Bom, acho que é por isso que Cooper é um detetivo tão bom. Tem alguma coisa na voz profunda dele que simplesmente faz a gente colocar para fora tudo o que sabe...

Bom, certo, não tudo. Consegui guardar para a mim toda a parte sobre o que eu e o Jordan tínhamos feito no hall de entrada com o capacho por baixo. Nada vai

conseguir arrancar essa informação de mim.

Ah, nem a parte de ter vontade de arrancar as roupas de Cooper com os dentes, é claro.

Mas o resto sai em um jorro gigantesco, como às vezes acontece com o chocolate quente no refeitório do alojamento, logo depois de Magda colocar uma mistura, mas sem que ninguém tenha mexido...

Eu conto tudo a ele, começando com o concurso de dublagem da noite anterior, quando comecei a suspeitar que Christopher Allington era o assasino de Elizabeth e de Roberta, e terminando com os gerânios abrindo um talho na cabeça de Jordan, pulando a parte em que o irmão dele e eu animalizamos no hall de entrada da casa dele.

Eu já tinha ouvido Cooper em ação com os clientes dele algumas vezes. A lavadora/secadora fica no mesmo andar que o escritório dele, e eu estava lavando o meu top modelador (que só uso em ocasiões especiais, como seminários de treinamento de atendimento ao cliente ou workshops de consciência de diversidade cultural) quando ele tinha reuniões com pessoas que o contrataram.

Ele fala com elas com uma voz totalmente calma, cuidadosa...

...uma voz completamente diferente, aliás, do que a que ele usa com a clientela que não paga.

- Heather, você está louca? - Ele parece bravo de verdade. A voz dele soa brava

de verdade. - Você foi lá e falou com o cara?

Seria legal achar que a razão por que ele está tão bravo comigo se deve ao fato de meu quase encontro com a morte er feito com que ele se dê conta de seus verdadeiro sentimentos por mim.

Mas acho que isso só serviu para reforçar as suspeitas dele de que eu sou uma louca completa.

- Por que você está gritando comigo? - quero saber. - Eu sou a vítima!

- Não, não é. A vítima é o Jordan. E se você parasse um pouco para escutar...

- Mas se eu escutasse você, eu não ia saber que Chris Allington é o psicopata perigoso que estamos procurando!

- Fato este sobre o qual você ainda não tem nenhuma prova. - Cooper sacode a cabeça. O cabelo dele, escuro e farto, que ele quase nunca corta e que está sempre cobrindo a nuca, dá a ele um certo ar rebeldia, mesmo sem a coisa de ser detetive particular. - Qualquer pessoa pode ter derrubado o vaso. Como é qu evocê sabe se o jardineiro dos Al ingtn não estava aguando as plantas e sem querer empurrou os gerânios?

- Bem, na minha cabeça? Não é um pouco de coincidência demais? Levando em conta que eu tinha interrogado Christopher Al ington logo na noite anterior?

Juro que vejo os cantos da boca de Cooper estremecerem ao ouvir isso.

- Sinto muito, Heather, mas duvido que suas habilidades para o interrogatório sejam algo que vá levá-lo a cometer uma onde de assasinatos.

Tudo bem, pode até ser que eu não seja a Miss Marple. Mas ele não precisa esfregar na minha cara.

- Estou dizendo que ele tentou me matar. Por que você não acredita em mim? - Eu ouço o meu choro antes que consiga fechar a boca. - Será que você não percebe que não sou aquela cantora teen idiota e que posso saber do que eu estou falando?

Mesmo enquanto as palavras saem de minha boca, tenho consciência que prefiro que elas não tivessem sido proferidas. O que estou fazendo? O que estou fazendo? Este é o cara que, sem que eu pedisse, ofereceu um lugar para eu morar quando não tinha para onde ir... Bom, tudo bem, tinha o quarto de visitas no loft de Patty e Frank.

Mas, sabe como é. Tirando isso. Como é que eu posso ser tão mal agradecida?

- Sinto muito - digo, sentindo a boca seca de tanto pânico. - Não foi o que eu quis dizer. Não sei de onde saiu tudo isso. É que... Acho que estou aborrecida. Você sabe. Por causa de tanto estresse.

Ele fica lá, sentado, olhando para mim com um expressão completamente indecifrável.

- Eu não acho que você é uma cantora teen idiota - é tudo o que diz, com um tom que segere leve surpresa.

- Eu sei - respondo rápido. Ai, meu Deus, por que eu nunca consigo ficar de boca

fechada? POR QUÊ?

- É que às vezes eu fico preocupado com você - ele prossegue, antes que eu tenha a oportunidade de fizer outra coisa. - Quer dizer, você se mete em umas coisas... E tem esse negócio todo com meu irmão...

Que negócio todo? Será que ele está falando... do meu relacionamento com o irmão dele? Ou da noite passada? Ah, por favor, Deus, permita que ele não tenha visto o Post...

- E você também não tem ninguém. - Ele sacode a cabeça de novo. - Não tem família, nem ninguém para cuidar de você.

- Você também não - eu o lembro.

- Isso é diferente - ele diz.

- Não vejo por quê - digo. - Quer dizer, tirando o fato de que sou mais nova do que

você. - Mas o que são sete anos, na realidade? O príncipa Charles e princesa Diana tinham 12 anos de diferença... e, tudo bem, o desfecho não foi assim tão bom, mas qual é a probabilidade de nós dois repetirmos os erros de casal dele? Quer dizer, isto se Cooper e eu algum dia viermos formar um casal. A gente nem gosta de pólo. - Além do mais - digo, quando me lembro do que vi através da albulância. - Eu tenho família. Mais ou menos. Quer dizer, tenho Rachel, Magda, Pete, Patty, você...

Eu não tinha a intenção de adicionar a última palavra. Mas lá está ela, flutuando no ar entre nós dois, Você. Você faz parte da minha família, Cooper. Da minha nova família, agora que todos os verdadeiros integrantes da minha família estão presos ou foragidos. Parabéns!

Ele fica olhando para mim como se eu fosse louco (que novidade). Então eu acrescento, de um jeito ridículo:

- E Lucy também.

Ele expira devagar.

- Se você tem mesmo tanta certeza de que o que aconteceu não foi acidente - ele dizes afinal, fazendo muita questão de ignorar o discurso Nós Somos da Mesma Família (não ache que não reparei) - e acha mesmo que alguém quer matar você, então sugiro que procuremos a polícia.

- Eu já tentei - lembro a ele. - Está lembrado?

- É. Mas desta vez eu vou com você, e vou me assegurar...

A voz dele vai definhando quando uma morena mignon e bonita chega apressada ao balcão da recepção, sem fôlego, com uma saia de couro, a mão esquerda pesada com um anel de brilhante enorme.

Certo, na verdade não dá para ver o anel do lugar em que eu estou sentada. Mas, mesmo assim, eu sei quem ela é. Já vi aquela boca em volta do você-sabe-o-que do meu ex-namorado. A imagem dela para sempre estará impressa em minha retina.

- Com licença - ela arfa na cara da recepcionista com expressão de pedra. - Mas acredito que meu noivo esteja aqui. Jordan Cartwright. Quando poderei vê-lo?

Tania Trace, a mulher que tinha tomado meu lugar no coração e na cobertura de Jordan (isso sem falar de minha posição nas paradas de sucesso).

- Engraçado - Cooper observa. - Parece que ela está lidando com a dor muito bem.

Dou uma olhada curiosa para ele, então me lembro de que ele está fazendo referência a algo que eu contei a ele há algum tempo, logo depois que eu me mudei.

- Ah, claro - digo. - Porque ela está abarrotada de analgésicos. Mas estou dizendo,

Coop, não dá para passar por tantar cirurgias plásticas assim e achar que vai viver

imune à dor. Quer dizer, ela foi quase completamente reconstruída. Na verdade ela usa tamanho 48.

- Certo - ele responde. - Parece que agora meu irmão está em boas mãos. Vamos embora?

E vamos.

E já vamos tarde, se quer saber a minha opinião.

19

Pode gritar para minhas

Companheiras

Pode gritar para minhas

Amigas

Pode gritar para

Quem gosta de mim

Ou para as pessoas de quem eu dependo

Pode gritar para as

Meninas por aí

Quem compram o próprio

Anel de brilhantes vagabundo

Pode gritar para suas irmãs

Que eu estou com você até o fim

"Pode gritar"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Dietz/Ryder

Do álbum Verão

Gravadora Cartwright

A primeira pessoa para quem conto a minha história na 6ª Delegacia de Polícia é uma mulher bonica mas com ar cansado que está na recepção. Seu cabelo preto está preso em um coque, que imagino que seja o enteado regulamentar das policiais.

Faço uma anotação mental para não me formar em justiça criminal.

A mulher nos encaminha para um cara gorducho em uma mesa, para quem repito minha história. Assim como a recepcionista, ele parece entediado...

...até eu chegar na parte sobre Jordan, Todo mundo fica mais interessado quando o Easy Street é mencionado.

O cara gorducho faz a gente esperar alguns minutos e depois somos levados à sala extremamente arrumada de alguém.

Ficamos sentados na frente de uma escrivaninha muito organizada por um ou dois minutos, até que o dono da sala entra, e vejo que ele é ninguém menos que o

mascados de charutos do investigador Canavan.

- Você! - quase grito para ele.

- Você! - ele quase grita em resposta. Está segurando um copinho de café de isopor e (o que mais?) uma rosquinha. Da Krispy Kreme com glacê, pela aparência. Que sortudo.

- A que devo o prazer desta vez, Srta. Wel s? - ele pergunta. - Espere, não diga. Por acaso é sobre alguém que canta com os Backstreet Boys?

- Um integrante da Easy Street - corrijo. - E, sim, é isso mesmo.

O investigados Canavan senta-se à mesa dele, retira o charuto apagado do canto da boca, arranca um pedaço da rosquinha e enfia no café. Então coloca o pedaço de rosquinha embebido em café na boca, mastiga, engole e diz:

- Por favor, explique.

Dou uma olhada para Cooper, que permaneceu em silêncio ao meu lado durante

as duas recriações da minha história. Vendo que ele também não vai ajudar desta vez, começo a narrativa pela terceira vez, perguntando a mim mesma, não pela priemria vez, o que será que me atrai nele, já que às dele ele tem o dom de não ser nada comunicativo. Então me lembro da coisa toda de ele ser muito gostoso e der ser tão generoso comigo sem eu pedir nada e entende o motivo.

O investigar Canavan fecha as mão na nuca e inclina a cadeira para trás o máximo possível enquanto me escuta. Ou ele esqueceu de aplicar o Mitchum for Man ou usa um casaco muito grosso, porque tem anormes manchas de suor embaixo dos braços. Não que isso o incomode.

- Então - o investigada Canavan diz olhando para o teto com manchas de infiltração quando termino de falar. - Agora você acha que o filho do reitor da Faculdade de Nova York é um assasino?

- Bom - digo, cheia de hesitação. Porque, quando ele coloca dessa maneira, parece tão... idiota. - É. Acho que sim.

- Mas você não tem prova disso. Claro, o cara usa camisinha. Uma camisinha que

provavelmente podemos provar que é dele. Mas que não seria uma evidência admissível em um tribunal. Mas você não tem provas de que nenhum crime foi cometido de fato, à exceção do vaso que caiu do terraço, que pode ter sido um acidente...

- Mas aqueles vasos estão lá há anos - interrompo. - E nenhum deles caiu até

hoje...

- O relatório do legista no caso das duas meninas afirma que a causa da morte foi acidental. - O investigados Canavan pára de olhar para o teto e olha para mim. - Ouça aqui, senhorita... ainda é senhorita?

Inexplicamente, eu me sinto corar. Talvez porque, se não fosse Tania Trace, a esta altura eu já seria uma senhora. Mas eu meio que duvido que eu fosse permanecer com este título durante muito tempo.

- Não precisa ser formal.

O investigador Canavan assente com a cabeça.

- Minha mulher também é assim. Bom, mas de todo jeito, escute, Heather. Gatodos desta idade? São uns idiotas. Acidentes são a principal causa da morte de pessoas com idade entre 17 e os 25 anos. Os garotos estão tentando se encontrar, correm riscos idiotas...

- Aquelas meninas não fariam isto - digo com firmeza.

- Talvez não. O problema é que você não tem nada para provar a culpa do cara. Nem tem um assasinado definitivo para atribuir a ele. Se o cara do Backstreet Boys morrer, talvez aí tenhamos alguma coisa. Talvez. Mas o legista pode decretar, da mesma maneira, que também foi um acidente.

- Bom - digo. Preciso reconhecer que me sinto bem desiludida. Desta vez, o investigados Canavan não tinha dado risada bem na minha cara, reconheço, mas ele também não tinha feito nem uma anotação. Pego a minha mochila. - Sinto

muito por ter feito você perder o seu tempo de novo. - Eu me levanto, e o investigador Canavan olha para mim como se eu fosse louca.

- Aonde você acha que vai? - ele quer saber. - Sente aí. Ainda não terminamos aqui.

Sento-me novamente, perplexa.

- Para quê? - pergunto ao investigados Canavan, provavelmente um pouco mais áspera do que o necessário. - Você com toda a certeza acha que eu sou algum tipo de louca. Para que você quer que eu fique mais tempo aqui? Meus próprios amigos podem rir da minha cara - mantenho o olhar desviado do rosto de Cooper.

- Não preciso da polícia para isto.

O investigador Canavan termina de comer o resto da rosquinha, então pega o charuto. Olha para Cooper.

- Esquentada, hein? - ele comenta, apontando com a cabeça para mim.

- Ah, é mesmo - ele concorda, todo sério.

- Espere aí. - Dou uma olhada de um homem ao outro, com a desconfiança nascendo em mim. - Vocês dois se conhecem?

Cooper dá de ombros.

- Eu já vi este cara pelo bairro - ele diz, referindo-se ao investigador Canavan.

- Não dá para atirar um gato morto pela janela sem esbarrar com este cara atrás de um carro estacionado ou de uma caixa de correio, tirando uma foto de algum

idiota que vai ser abandonado pela mulher - diz o investigador Canavan, referindo-

se ao Cooper.

- Maravilha - digo, sentindo-me mais inadequada do que nunca. - Isto é simplesmente uma maravilha. Bom, espero que vocês tenham gostado da diversão que eu proporcionei...

- Eu estou com cara de quem está rindo? - o investigador Canavan quer saber. - Etá vendo um sorriso que seja em meu rosto? Quanto a seu namorado aqui, também não estou vendo risada nenhuma.

- Não vejo absolutamente nada divertido a respeito desta situação - Cooper diz.

Olho para ele. Não está sorrindo. E não fez objeção nenhuma, observo, ao ser chamado de meu namorado. Olho de novo para o investigador Canavan.

- Ele não é meu namorado - afirmo bem alto... porque motivo, não sou capaz de imaginar. Mas tenho certeza de que as minha bochechas estão cor de carmim.

O investigador Canavan faz um sinal com a cabeça para mim como se eu tivesse dito alguma coisa na linha de O céu é azul.

- Bom, Heather - ele diz. - De fato existe um grande número de gente louca, como

você bem disse, que vem aqui relatar diversos crimes que podem ou não ter ocorrido. Algumas dessas supostas pessoas loucas são cidadão honestos que querem ajudar a polícia a fazer o seu trabalho. Eu a encaixaria nesta categoria. Compriu sua obrigação ao relatar este assunto para mim e, na medida do

possível, vou investigá-lo.

- Mesmo? - me aprumo na cadeira no mesmo instante. - Vai mesmo? Você vai interrogar o Chris?

- Vou sim. - O investigador Canavan volta a enfiar o charuto na boca. - Com discrição. Este é o meu trabalho. No entanto, não é o seu trabalho. Aconselho com

muita ênfase, Heather, que não se envolva ainda mais neste assunto.

- Porque você acha que o Christopher Allington pode tentar me matar também?

Cooper chama um táxi e mantém o ar de seriedade extrema em nosso trajeto de volta para casa. Parece que ele levou a sério a minha acusação (de que ele me considera uma cantora teen idiota), e está fazendo de tudo para provar que não é verdade. Ele até me diz, no táxi, que considera o investigados Canavan um homem correto e um profissional muito competente, e diz que se alguém é capaz de descobrir o que está acontecendo no conjunto Fischer, este alguém é o investigador Canavan.

O que faz que eu me sinta melhor. Um pouco.

Quando chagamos em casa (sei que deveria voltar ao trabalho, mas já que estou em casa mesmo, resolvo passear um pouco com Lucy) faõ uma pequena pausa em frente ao espelho com moldura folheada a ouro do hall de entrada para passar um pouco de gloss, enquanto Cooper vai até o escritório dele ouvir os recados da secretária eletrônica. Já dei uma olhada para me assegurar de que não restou

nenhum indício do embate amoroso que eu e Jordan tivemos ali no chão na noite anterior.

Mesmo assim, quando Cooper sai do escritório dele um segundo depois e pergunta:

- O que exatamente está rlando entre você e Jordan? - quase tenho um ataque cardíaco.

- C-como assim? - gaguejo.

- Bom, o que é que ele estava fazendo na frente do conjunto Fischer hoje?

- Ah - respondo, relaxando. - Isso. Nada. Só queria conversar.

- Sei. - Cooper se apóia no batente da porta com aqueles olhos azuis mais brilhantes do que o normal. - Então, você por acaso não sabe nada sobre aquela loira que ele estava beijando ontem na porta da minha casa, a daquela foto do Post?

Eu quase engulo a língua.

Não da para acreditar que ele viu! Será que as coisas algum dia vão acontecer de um modo que me beneficie? Ou será que eu já usei toda a sorte que podia ter na vida? Sabe como é, aqueles dez anos de sorte que todo mundo tem, aquela década mágica em que nada dá errado... ou, pelo menos, nada de muito importante.

Será que a minha década de sorte já passou? E se passou será que posso fazer tudo de novo? Porque, se alguém tivesse me perguntado: "Ei, Heather, você quer

que a sua década de sorte seja entre os 14 e os 24 ou entre os 24 e os 34?". Eu teria escolhido a segunda opção. Mesmo.

Porque, quem é que deseja que os anos de mais sorte da vida sejam passados no ensino médio.

Acho que minha consternação profunda deve estar na cara, porque, um segundo depois, Cooper já colocou o corpo ereto e diz:

- Qual é o problema? - com uma voz que (quase) faz parecer que ele se preocupa mesmo.

O que me faz começar a soluçar na mesma hora.

- Não é nada - respondo. - Mesmo.

Mas é alguma coisa, sim. Quer dizer, todo mundo pode negar, mas eu sei (eu sei) que alguém está tentando me matar. Eu transei com meu ex, que está noivo de alguém com uma carreira muito melhor do que a minha (e uma bunda muito menor do que a minha). E pior de tudo é que Cooper viu a prova fotográfica de minha indiscrição... ou, pelo menos, do que levou a ela.

- Tem alguma coisa errada - ele diz, caminhando até onde estou na frente do espelho. - Não negue, sou um observador experiente, está lembrada? Tem uma ruguinha que se forma entre as sua sombrancelhas quando você está aborrecida... - ele aponta para o meu reflexo. - Está vendo?

Meu Deus. Ele tem razão. Tenho uma ruguinha de preocupação entre as sombrancelhas. Caramba, se eu continuar assim, quando estiver com 30 anos vou

parecer uma uva-passa.

Faço um esforço e obrigo o meu rosto a relaxar.

- Não é nada - respondo rápido, desviando o olhar do meu reflexo. - Mesmo. Aquela coisa com Jordan ontem... foi só um beijo de despedida.

Cooper olha para mim. Incrédulo.

- Um beijo de despedida - diz.

- É. Porque, sabe como é, está tudo terminado entre a gente, de verdade. Entre mim e Jordan. - Limpo a garganta. - Sabe como é. Terminado mesmo, mesmo.

Cooper assente com a cabeça, apesar de ainda estar com cara de quem não está acreditando nem um pouquinho.

- Certo - ele diz. - Bom, se você está dizendo...

- Nós dois estamos prontos para seguir em frente - interrompo, esquentando minha história. - Finalmente. Sabe como é, a gente precisava colocar um ponto final, porque do jeito que as coisas terminaram... quando saí batendo o pé daquele jeito e tudo o mais... bom, não foi nada saudável. Agora as coisas estão bem entre nós. Nós dois sabemos que acabou... de verdade.

- Então, se as coisas acabaram mesmo, mesmo entre vocês dois - Cooper pergunta -, o que é que Jordan estava fazendo na frente do conjunto Fischer hoje de manhã quando o vaso caiu na cabeça dele?

Droga! Eu tinha me esquecido disso!

Mas tudo bem. A situação está sob controle.

- Ah, aquilo? - digo, com uma risada bem jovial. Isso mesmo! Até consigo soltar uma risada bem jovial. Talvez, assim como Britney e Mandy, eu tenha uma carreira cinematográfica no futuro. Talvez eu devesse me formar em arte dramática, como Marnie. Talvez algum dia eu receba um Oscar para colocar na prateleira, ao lado do meu prêmio Nobel. Espera. O prêmio Nobel é uma estatueta ou uma medalha? Não lembro. - É - digo, ainda com ar jovial. - Ele só foi devolver um, hmm, CD que eu ainda tinha deixado em nossa casa. Sabe como é, quando eu me mudei.

- Um CD - Cooper diz.

- Ah-hã - respondo. - A minha, hmm, trilha sonora de Tank Girl. Não dá mais para achar. É muito rara.

- Sei - ele diz. Tento não reparar que, agora que ele tirou a jaqueta de couro, seus bíceps (que mal dá para ver por baixo das mangas curtas da camiseta cinza simples) são quase tão definitos quanto os do irmão...

Só que de fazer exercícios reais, não na academia. Quando se é detetive particular, a vida não se resume a andar por aí com uma câmera. Imagino que Cooper tem de... sabe como é. Erguer coisas. E mais coisas. Acho que ele fica todo suado por causa disso e às vezes precisa tirar a camisa, por causa do calor...

Caramba. Preciso mesmo voltar ao trabalho.

Mas esse papo de detetive me fez lembrar de uma coisa.

- É - digo. Agora que o perigo de lágrimas escorrerem foi evitado, estou me sentindo um pouco mais corajosa. - Na verdade, agora que Jordan e eu deixamos tudo preto no branco, estou com vontade, sabe como é, de comemorar.

- Comemorar - ele repete, sem entonação na voz.

- É. Você sabe. Eu nunca mais saí. Então eu pensei: Ei, por que não ir ao Baile Amor-Perfeito hoje à noite?

- O Baile Amor-Perfeito? - O olhar de Cooper não se desvia de meu rosto. Espero

que ele não esteja conferindo para ver se estou mentindo. Eu realmente quero ir ao Baile Amor-Perfeito. Só que não é, exatamente, pelo motivo que eu disse para ele.

- É - digo. - É um baile em homenagem aos benefeitores e às pessoas que receberam medalhar Amor-Perfeito. Sabe como é, por serviços prestados à faculdade. Rachel vai ganhar uma.

Não é imaginação minha. Quando ouve o nome de minha chefe, Cooper de repente perde todo interesse na conversa. Aliás, ele caminha até a correspondência que acabou de chegar pela abertura na porta (para o interesse profundo de Lucy) e, depois de lugar com ela pelo envelopes, começa a separar as cartas.

- Rachel, é? - diz.

- É - respondo. - Mas as entradas custam uns duzentos paus. Para o baile. E só

Deus sabe que eu não tenho dinheiro para isto. Mas eu estava pensando, seu avô era ex-aluno, não era? Então, aposto como você tem acesso a uns de graça. Estou falando de convites.

- Provavelmente - ele diz, dando a Lucy, que gane de dar dó, um catálogo da J. Crew para mastigar.

- Então, quem sabe você não me arranja um? - pergunto. Que sutil. Eu sou assim. A Miss Sutileza.

- Para você poder espionar o Christopher Allington? - Cooper nem ergue os olhos da correspondência. - De jeito nenhum.

Meu quixo cai.

- Mas...

- Heather, você não ouviu nenhuma palavra do que o investigador disse? Ele vai examinar a questão. De maneira sutil. Enquanto isso, você não se mete. Na melhor da hipóteses, a única coisa que você vai conseguir é um processo.

- Juro que não vou falar com ele - insisto, erguendo a mão direita e fazendo o sinal de honra das bandeirantes, com três dedos erguidos. Só que, é claro, eu nunca fui bandeirante, de modo que não conta. - Eu não vou nem chegar perto dele.

- Corrija-me se eu estiver errado - Cooper diz -, mas você não estava convencida de que ele tentou mater você hoje?

- Bom, é o que eu estou tentando descobrir - respondo. - Ah, Cooper, dê um

tempo, o que você acha que pode acontecer no baile Amor-Perfeito, pelo amor de

Deus? Ele não fazer nada contra mim lá, na frente de todo mundo...

- Não, não vai - Cooper diz. - Porque eu não vou deixar você sair da minha vista.

Fico lá olhando para ele, estupefata. O que foi que ele acabou de dizer?

- Você... você quer ir comigo?

- Só porque, você sabe, se eu não ficar de olho em você, vai saber o que pode

cair em sua cabeça da próxima vez. - Cooper larga a correspondência. O olhar

azulado dele dirige-se a mim como um par de faróis. - E porque estou vendo em

seus olhos que você vai conseguir uma entrada de qualquer jeito, mesmo que

precise seduzir um ingênuo desavisado do departamento de geologia.

Fico estupefata. Cooper vai me levar ao Baile Amor-Perfeito? Cooper Cartwright

vai me levar para sair! É quase como um...

Bom, um encontro.

- Ah, Cooper! - suspiro. - Muito obrigada! Você não sabe o que isto significa para

mim...

Cooper já está voltando para o escritório, sacudindo a cabeça. Ele guarda os

ensamento dele para si, mas faço uma boa idéia de que ele não está, como eu,

obcecado pela idéia do que vai vestir à noite.

Tudo é mesmo muito fácil para os homens.

20

Equivocado

Tudo que eu digo a você é

Equivocado

Se não, por que você faria

As coisas que faz?

Equivocado

Você acha que eu minto

Equivocado

A verdade é que

Você é

Que é

Equivocado

"Equivocado"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Dietz/Ryder

Do álbum Verão

Gravadora Cartwright

O restante do dia de trabalho não parece passar com a rapidez necessária. Todo mundo fica perguntando sobre a saúde de Jordan, fazendo com que eu perceba, cheia de culpa, que nem sei como ele está, já que ando com a cabeça

nas nuvens desde que saí do hospital, depois de falar com investigadores, ser convidade (mais ou menos) para sair pelo homem dos meus sonhos e ter que arrumar alguma coisa para usar em nosso encontro no Baile Amor-Perfeito e tudo

o mais.

Então, ligo para o hospital St. Vincent's e, depois de ser transferida uma meia dúzia de vezes devido à preocupação com a privacidade, por Jordan ser tão famoso, finalmente consigo que alguém me diga, depois de garantir que não sou representante da impresa e até de cantar algumas estrofes de "Vontade de te comer" para convencê-los de que eu sou mesmo eu, que ele se encontra em boas condições e que os médicos esperam que se recupere completamente.

Quando passo essas informações para Rachel, ela fala:

- Ah, que bom! Eu estava tão preocupada... É muita sorte, Heather, o vaso ter caído em cima dele, e não de você. Você poderia ter saído muito machucada.

Magda fica menos feliz com o prognóstico de Jordan.

- Que pena - ela diz na lata. - Eu queria que ele morresse.

- Magda! - grito, horrorizada.

- Olhe só para as minhas lindas estrelas de cinema - Magda diz para um grupo de alunos que chegaram cedo para o jantar, abanando os cartões e alunos e passa pelo leitor e diz para mim: - Bom, ele marece uma boa pancada na cabeça depois do que fez com você.

Magda tem muita sorte. Para ela, é tudo preto no branco. Os Estudos Unidos são maravilhosos, independentemente do que qualquer pessoa possa dizer, e integrantes de boy bands que traem a namorada? Bom, merecem levar vasos na cabeça. Sem dúvida.

Patty fica aliviada de ter notícias minhas quando ligo para ela. Ela deve ter ficado histérica quando atravessou o parque e viu todo aquele sangue na calçada, na

frente do conjunto Fischer. Ela estava certa de que alguma coisa tinha acontecido comigo. E teve de ficar sentada no refeitório com a cabeça entre os joelhos durante vinte minutos (e teve que comer dois picolés DoveBar com cobertura de chocolate que Magda deu para ela), antes de conseguir chamar um táxi e voltar para casa.

- Você tem mesmo certeza sobre este negócio de querer um diploma de faculdade, Heather? - ela pergunta, toda preocupada. - Porque tenho certeza de que Frank pode marcar uma reunião para você com o pessoal da gravadora dele...

- Seria legal - eu digo. - Só que eu não sei, sabe como é, se a gravadora do Frank vai ficar impressionada com o fato de que a maior parte dos meus shows aconteceu em shopping centers...

- Ninguém iria ligar para isso - ela exclama. O que é mesmo muito gentil da parte

dela, mas descobri que isto é exatamente o tipo de coisa com que as gravadoras mais se importam. - Quem sabe a gente consegue um papel em um musical para

você, por exemplo na Broadway - ela prossegue. - Debbie Gibson está fazendo isso agora. Muita gente famosa está...

- Sendo que a palavra mais importante em sua fase é famosa - eu observo. - O que eu não sou.

- Só acho que você não devia mais trabalhar naquele alojamento, Heather - Patty diz, muito preocupada. - É perigoso demais. Tem meninas morrendo. Vasos caindo na cabeça dos outros...

- Ah, Patty - eu digo, emocionada com a preocupação dela. - Vai ficar tudo bem.

- Estou falando sério, Heather. Cooper e eu conversamos sobre o assunto, e nós dois achamos...

- Você e Cooper conversaram sobre mim? - Espero não ter parecido ansiosa demais. Sober o que eles conversaram? Fico imaginando. Será que Cooper tinha revelado a Patty que sente um amor profundo por mim, que ele não tem coragem de demonstrar, já que eu sou ex do irmão dele e maio que trabalho para ele? Mas, se ele tivesse feito isso, por que ela não tinha me contado logo?

- Cooper e eu só achamos que... e Frank concorda... que se... bom, se essa história toda de assasinato for verdade, você pode estar se metendo em algum tipo de perigo...

Isso não me parece nem um pouco com o Cooper dizer que sente um amor profundo e irrefreável por mim. Não é à toa que Patty não me ligou na mesma hora para fofocar.

- Patty - eu digo. - Está tudo bem. Mesmo. Tenho o melhor guarda-costas do mundo.

Então, conto a ela sobre o Baile Amor-Perfeito, e que Cooper vai me acompanhar.

Mas Patty não parece tão animada com a notícia quanto eu achava que ela ficaria.

Ah, ela diz que posso pegar emprestado o vestido dela (o Armani vermelho que ela usou na entrega dos Grammys quando estava grávida de sete meses da Indy, e que espero que sirva em mim), mas não está exatamente berrando: "Aaah, ele convidou você para sair!"

Porque acho que, na verdade, ele não convidou. Talvez não seja um encontro de verdade se o cara resolve ir junto com você só para se assegurar de que ninguém vai matá-la.

Meu Deus, quando foi que a Patty ficou tão madura?

- Bem, só prometa que vai tomar cuidado, certo, Heather? - ela ainda parece preocupada. - Cooper disse que acha que toda a história de assasinato parece um pouco... improvável. Mas eu não tenho tanta certeza. E não queria que você fosse a próxima.

Faço tudo o que posso para assegurá-la de que minha segurança não corre perigo - apesar de acreditar exatamente no oposto: alguém no conjunto Fischer quer me ver morta.

O que significa que tenho alguma razão em minha teoria de que Elizabeth Kel ogg

e Roberta Pace foram assasinadas.

Só quando termino de falar com Patty é que sinto alguém me olhando. Ergo os olhos e vejo que é Sarah, sentada à mesa dela, enfiando balinhas Tootsie Rolls em saquinhos plásticos para dar de presente aos ARs, que, segundo ela, estão precisando de uma enjeção de ânimo depois do complicado início de semestre, com meninas mortas e tudo o mais.

Só que eu não posso deixar de notar que Sarah parou de encher os saquinhos e, em vez disso, está olhando para mim como uma coruja através de seus óculos grossos (ela só usa lentes de contato em ocasiões especiais, como na recepção dos alunos, quando pode conhecer pais solteiros e fofos, ou quando vai a leituras de poesia na igreja St. Mark's onde existe a possibilidade de conhecer poetas duros e fofos).

- Eu não tive a intenção de ouvir a sua conversa - ela diz -, mas será que eu ouvi bem quando você disse que alguém está querendo matar você?

- Hmm - digo. Como é que posso explicar o caso sem que ela fique preocupada

demais? Afinal de contas, eu vou para casa toda noite, mas Sarah mora aqui. Não

tem como ela se sentir à vontade sabendo que há um psicopata perigoso

rondando os andares do conjunto Fischer.

Mas, bom, ela perdeu a virgindade em um kitbutz israelense no verão do primeiro

ano de faculdade (ou pelo menos foi o que me contou), então acho que ela não é

exatamente uma vítima em potencial.

Dou de ombros e respondo:

- É.

Como Rachel está no apartamento dela se preparando para o baile (ela conseguiu

achar algo para vestir, mas não quis nos mostrar para "não estragar a surpresa"), conto a ela a minha teoria sobre Chris Allington em relação à morte de Elizabeth

Kellogg e de Roberta Pace.

- Você falou alguma dessas coisas para Rachel? - Sarah pergunta quando eu

termino.

- Não - respondo. - Rachel já tem muito com que se preocupar, não acha? - Além

do mais (não comento esta parte com Sarah), se eu estiver errada, a informação

não vai cair muito bem em minha ficha do contrato de experiência de seis meses...

sabe como é, de eu suspeitar que o filho do reitor da faculdade cometeu homicídio

duplo.

- Que bom - ela diz. - Não conte nada. Porque acaso já ocorreu a você que esta coisa toda... você sabe, de você ficar achando que Elizabeth e Roberta foram assasinadas... pode ser uma manisfestação de suas inseguranças relacionadas a ter sido abandonada e traída por sua mãe?

Fico só olhando para ela.

- O quê?

- Bom - Sarah diz, ajeitando os óculos. - Sua mãe roubou todo o seu dinheiro e fugiu do país com seu empresário. Este deve ter sido o acontecimento mais traumático de sua vida. Quer dizer, você perdeu tudo: todas as suas economias, assim como as pessoas de quem você dependia; levando em conta que seu pai esteve ausente durante a maior parte de sua vida para começo de conversa, por ter ido para a cadeia por passar cheques falsificados. E, no entanto, sempre que alguém toca no assunto, você age como se não fosse nada.

- Não, não faço nada disso - digo. Porque não faço. Ou, pelo menos, não acho que faça.

- Faz sim - ela diz. - Você até continua falando com sua mãe. Você estava batendo papo, conversando sobre o que ia dar para seu pai no aniversário dele. Na cadeia. A mulher que roubou todo o seu dinheiro e fugiu para a Argentina!

- Bom - digo, um tanto na defensiva. - Ela continua sendo minha mãe, indepentemente do que fez.

Nunca sei muito bem como explicar minha relação com minha mãe. Sim,

quando

as coisas ficaram difíceis (quando informei à gravado Cartwright que só estava

interessada em cantar as minhas letras, e o pai de Jordan me demitiu sem

cerimônia nenhuma, já que as minhas vendas também não estava lá essas

coisas), minha mãe deu no pé.

Mas ficar brava com ela é como ficar bravo porque está chovendo. Ela não tem como fazer diferente, assim como as nuvens.

Mas suponho que se Sarah ouvir isso, vai dizer que eu estou negando os fatos, ou

coisa pior.

- Você não acha possível que esteja transferindo a hostilidade que sente em

relação a sua mãe para o coitado do Chris Allington - ela quer saber.

- Sinto muito - digo. Estou ficando cansada de me repetir. - Mas aquele vaso não

caiu simplesmente do céu, você sabe. Bem tudo bem, caiu, mas não sozinho.

- E será que você não está sentindo tanta falta da atenção que recebia de seus fãs

que resolveu se prender a qualquer desculpa para se sentir importante,

inventando todo esse mistério tão enigmático para desvendar, sendo que na

verdade ele não existe?

Lembro-me, com uma pontada, do que Cooper tinha dito na porta do elevador de

serviço. Não tinha sido alguma coisa parecida com isso? Sobre eu querer reviver a

emoção de meus tempo de shopping center?

Mas querer descobrir quem é responsável pela morte de pessoas em seu local de trabalho é completamente diferente de cantar para milhares de compradores ocupados.

Quer dizer, não é?

- Hmm - é o que respondo à acusação de Sarah. - Talvez. Não sei.

A única coisa que consigo pensar é que Sarah teve muita sorte de conhecer Yael.

Estou falando do cara do kitbutz. Se não, ela seria o tipo de garota de quem Chris

iria em seguida.

Bom, tirando o hábito que ela tem de ficar fazendo análises psicológicas dos outros o tempo todo. Dá para ver que pode ser uma chatice.

Faz sérculos que não vou a uma festa com trage de gala, então, quando

finalmente consigo sair do trabalho naquela noite, tenho muitos preparativos para

fazer. Primeiro, preciso passar na casa de Patty para pegar o vestido (que serve, graças a Deus, mas por pouco).

Então preciso fazer as mãos e os pés sozinha, já que não dá tempo para ir ao salão. Daí preciso lavar e condicionar o cabelo, raspar as pernas (e axilas, porque o vestoda da Patty é tomara-que-caia) e, depois, só por garantia, respar a virilha também porque, apesar de ser altamente improvável de eu me dar bem em dois dias seguidos, nunca se sabe. Então preciso aplicar uma máscara facial e me hidratar toda. Depois preciso depilar as sobrancelhas, secar e fazer escova no

cabelo, colocar a maquiagem e uma camada de perfume.

Então noto que o salto do que escarpin vermelho ficou prejudicado depois de um acidente lamentável com uma grade de metrô e preciso disfarçar os danos com um pincel mágico vermelho.

E é claro que, no meio de tudo isso, preciso fazer pausas para engolir os Negrescos com recheio duplo para eu não passar mal por não ter comido nada desde a tarde, quando Magda me deu um sanduíche de pastrami com chucrute no refeitório.

Quando Cooper bate na porta de meu apartamento, estou lutando para fechar o zíper do vestido de Patty e me perguntando por que tinha servido duas horas antes, no loft dela, e agora não estava entrando...

- Só um segundo - grito, tentando pensar em que diabos vou usar se o vestido da Patty não fechar direito...

Finalmente o zíper se move, pego meu xale e minha bolsa e desço as escadas correndo, pensando que é uma pena não ter ninguém para abrir para mim e diz:

"Ela desce em um minuto", para que eu possa fazer uma entrada triunfal, como Rory Gilmore, em Tal mãe, tal filha, ou alguém assim. Do jeito que as coisas são,

preciso me ajoelhar para tirar Lucy do caminho quando chego à porta.

Sinto dizer que não percebi qualquer reação de Cooper à minha aparência (isso se ele chegou a expressar alguma, o que eu duvido um pouco) porque fico absolutamente abobalhada com ele. Acontece que ele está de smoking... que,

aliás, é bem bonito.

E ele fica mais do que um pouco sexy com ele.

O que acontece com os homens quando vestem smoking? Por que sempre ficam tão lindos desse jeito? Talvez seja a ênfase na largura do peito e dos ombros. Talvez seja o contraste brusco entre a frente branca e engomada com a lapela preta elegante.

Seja o que for, acho que nunca vi um cara de smoking que não ficasse bem. Mas Cooper é exceção. Ele não fica bem.

Ele fica fantástico.

Fico tão ocupada admirando-o que quase me esqueço de que vou a este evento para pegar um assasino. Durante um segundo (só unzinho), realmento me iludo e penso que eu e Cooper estamos em um encontro. Principalmente quando ele diz:

- Você está ótima.

Mas a realidade volta quando ele olha para o relógio e diz, como quem não quer nada:

- Vamos indo, certo? Preciso encontrar uma pessoa depois, então, se vamos mesmo ao baile, precisamos ir andando.

Sinto uma pontada de decepção. Encontrar uma pessoa? Quem? Quem é que ele precisa encontrar? Um cliente? Um informante?

Ou uma namorada?

- Heather - Cooper ergue as sobrancelhas. - Tudo bem aí?

- Tudo ótimo - respondo baixinho.

- Que bom - ele diz e me pega pelo cotovelo. - Vamos.

Sigo-o escada abaixo e porta afora, dizendo a mim mesma que estou sendo idiota.

Mais uma vez. E daí que ele precisa encontrar alguém mais tarde? O que eu tenho a ver com isto? Isto aqui não é um encontro. Não é. Pelo menos, não com ele. Se eu tenho algum encontro que seja hoje à noite, é um encontro com o assasino de Elizabeth Kellogg e Roberta Pace.

Repito isto a mim mesma por todo o trajeto ao longo do parque, passando pelo monumento de Washington Square, e mesmo enquanto atravessamos a rua que leva à biblioteca, que é onde o evento acontece e que parece ter sido transformada em um salão de baile para a ocasião, com alguns tapetes vermelhos, luzes coloridas e faixas estrategicamente colocadas.

Há uma orquestra tocando uma versão acelerada de "Moon River" perto da seção de livros de referência. Mesas de banquete foram arranjadas na frente dos elevadores, das quais camarões gigantescos vão desaparecendo em velocidade recorde. As pessoas estão circulando, parecendo interessadas de maneira nada natural na conversa uma das outras. Vejo o Dr. Flynn conversando rapidamente com a diretora de graduação, uma mulher cujos olhos estão vidrados devido ao tédio ou à bebida (é difícil saber qual dos dois).

Vejo um aglomerado de administradores do departamento de residência embaixo de uma faixa dourada da Faculdade de Nova York, como uma família de

refugiados em Ellis Island, apertando-se sob a sombra da Estátua da Liberdade.

Já reparei que os administradores do departamento de residência parecem não ser muito benquistos nem pelos alunos nem pelos docentes. Em sua maior parte, os diretores de prédios de residência estudantil na Faculdade de Nova York parecem ser considerados um pouco acima de monitores de acampamento, e o Dr. Jessup e sua equipe de coordenadores e diretores associados não recebem muito mais respeito do que isso. O que é injusto, porque eles (bom, tudo bem nós)

trabalhamos muito mesmo (muito mais do que muitos do que muitos daqueles professores, que dão uma passadinha para uma hora de aula por semana, e passam o resto do tempo apunhando os colegas pelas costas em resenhas literárias).

Enquanto Cooper é tragado para dentro de uma conversa com um diretor (um velho amigo da família Cartwright), eu estudo os meus supervisores por cima da borda do copo. O Dr. Jessup parece pouco à vontade dentro do smoking. Em pé, ao lado dele, encontra-se uma mulher que imagino ser sua esposa escultural, já que parecem trocar elogios com uma mulher que só pode ser a outra metade do Dr. Flynn. As duas parecem magras e belíssimas em vestidos justos com cintinho em tecido brilhante.

Mas nenhuma das duas está tão bonita quanto Rachel. Rachel está parada ao lado do Dr. Jessup, os olhos brilhando tanto quanto as bolinhas do champanhe

que segura na mão, Ela está resplandecente em um vestido justinho de seda. O azul meia-noite do tecido contrasta com a pele de porcelana, que por sua vez parece brilhar contra o cabelo escuro arranjad em um coque no alto da cabeça, enfeitado com alfinetes de bilhante.

Para alguém que declarou não tem "nada para usar" para ir ao baile, ela se saiu mesmo muito bem.

Bom, na verdade, eu não consigo deixar de me sentir pouco à vontade pela maneira como estou sendo espremida para fora do vestido de Patty. Realmente, é bem desconfortável.

Demora um pouco para eu localizar o ilustre líder da faculdade. Mas finalmente o vejo perto de um dos balcões de empréstimo de livros da biblioteca. Pela primeira vez, o reitor Al ington saiu de casa sem sua camiseta regata, o que pode ser em parte a razão por que demorei tanto para encontrá-lo. Ele está, de fato, usando smoking, e parece um homem realmente distinto.

Pena que eu não possa dizer a mesma coisa a respeito da Sra. Allington, que usa um terninho de veludo preto com calça boca-de-sino. As mangas largar caem para trás toda vez que ela leva o copo à boca... o que, devo dizer, acontece com freqüência assustadora.

Mas o que eu quero saber é onde está a prole dos Al ington, o discreto Chris/Todd/Mark? Não o vejo em lugam algum, apesar de estar bem certa de que

ele estaria ali, por ser um cara fofo com seus vinte e pouco anos e tudo o mais.

Que cara fofo de vinte e poucos anos consegue resistir a um evento como este?

Quer dizer, falando sério. Cerveja grátis?

Cooper está falando a respeito de câmeras em formato de batom ou algo assim com um sujeito mais velho que me chamou de "senhorita" e disse que tinha gostado do meu vestido (em um tom tão sincero que eu olhei para baixo para me assegurar de que o zíper ainda estava agüentando) quando de repente uma mulher muito atraente, toda vestida de preto, caminha em nossa direção e diz o nome de Cooper em tom muito surpreso.

- Cooper? - ela que consegue parecer glamurosa e profissional ao mesmo tempo, pega no braço dele de maneira absolutamente territorial (como se, no passado, tivesse pegado em outras partes mais íntimas, e por isso tivesse autorizada a agarrar o braço dele) e diz: - O que você está fazendo aqui? Parece que faz meses desde que tive notícias suas. Por onde é que você tem andado?

Não dá para dizer que ele tenha sido exatamente tomando pelo pânico.

Mas parece que está com muita vontade de estar em outro lugar.

- Marian - ele diz, colocando a mão nas costas dela e se inclinando para beijá-la. Na bochecha. - Que bom ver você. - Então ele faz as apresentações, primeiro para o senhor de idade, depois para mim. - Heather, esta aqui é a professora Marian Braithwaite. Marian dá aula de história da arte. Marian, esta aqui é Heather

Wel s. Ela também trabalha aqui na Faculdade de Nova York.

Ela estica o braço e aperta minha mão. Os dedos dele tremilicam igual a um passarinho preso entre minhas garrar gargantuescas. Apesar disso, estou propensa a acreditar que ela faz ginástica com regularidade na academia da faculdade. E também que ela toma banho de chuveiro, não de banheira. Ela simplesmente tem cara de quem faz isso.

- É mesmo? - Marian diz, toda alegre, dando para mim um sorriso perfeito de Isabella Rossel ini. - Qual é a sua cadeira?

- Hmm - respondo, tocendo para alguém jogar um vaso cheio de gerânios em minha cabeça e me poupar de ter de responder. Infelizmente, isto não acontece. - Nenhuma, para falar a verdade. Sou diretora-assistente de um dos alojamentos de

alunos de graduação. Quer dizer, de um dos conjuntos residenciais estudantis.

- Ah - sorriso perfeito de Marian nunca esmaece, mas dá para ver, pelo jeito que ela olha para Cooper, que ela só quer arrastá-lo para longe e arrancar as roupas dele, preferivelmente com os dentes, e não ficar ali conversando com a diretora-assistente de um conjunto residencial de alunos de graduação. Também não posso dizer que a condeno por isto. - Que legal. Então, Cooper, você andou viajando? Você não retornou nenhum dos meus telefonemas...

Não ouço o restante do que Marian está dizendo porque de repente meu próprio braço é agarrado. Só que, quando me viro para ver quem está me agarrando, em vez de um ex (o que seria impossível, já que o meu está no hospital), encontro

Rachel.

- Oi, Heather - ela exclama. Pontos gêmeos de cor artificial iluminam as bochechas dela, e percebo que Rachel andou mandando vez no champanhe. Muito. - EU não sabia que você vinha. Tudo bem com você? E o Jordan? Fiquei muio preocupada com ele. Como ele está?

Percebo, com um sobressalto de culpa, que não tinha pensado em Jordan a noite toda. Não desde que abri a porta e coloquei os olhos em Cooper, aliás. Gaguejo:

- Hmm, ele está bem. Aliás, em boas condições. Deve se recuperar completamente.

- Que semestre nós tivemos, hein? - ela me dá uma cotovelada amigável. - Com toda a certeza, você e eu estamos precisando de umas semanas de férias depois de tudo por que passamos. Não dá para acreditar. Duas mortes em duas semanas! - ela dá uma olhada em volta, preocupada com o fato de alguém a ter escutado, e abaixa a voz. - Eu não consigo acreditar.

Sorrio para ela. Está bêbada com certeza absoluta. É bem provável que não tenha comido nada e por isso o champanhe subiu direto. A maior parte dos canapés que

está passando pelo salão, cogumelos recheados e vol-au-vents de camarão, não parece ter baixo teor de carboidratos, de modo que Rachel provavelmente os está evitando.

Mesmo assim, é legal vê-la alegre para variar (apesar de ser surpreendente que algo assim, que para mim parece meio pesado e tecioso, baste para despertar a

moça festeira que existe nela). Mas, bom, eu não estudei em Yale, então talvez

seja por isso.

- Eu também não - concordo com ela. - Você está muito bonita, aliás. Este vestido

caiu bem em você.

- Muito obrigada! - ela solta faíscas. - Precisei pagar à vista, mas acho que valeu a pena. - Então o olhar dela recai sobre Cooper, e os olhos dela se acendem ainda

mais. - Heather - ela sussurra, toda animada. - Você está com Cooper? Por acaso

você e ele...

Dou uma olhada por cima dos ombros para meu "acompanhante", que

aparentemente continua tentando explicar para a professora por onde andou nos

últimos meses (o que, até onde eu sei, foi exatamente em Waverly Place. Fico

aqui me perguntando se Cooper tentou dar em Marian o bom e velho pé na bunda.

Por que outra razão não teria ligado para ela? Mas não consigo imaginar nenhum

motivo por que qualquer cara pode querer largar um partidão como ela. Ela tem

sucesso na carreira, é inteligente, linda, magra, toma banho de choveiro...

caramba, eu sairia com ela).

- Hmm - digo, sentindo minha bochechas esquentarem um pouco com a idéia de

Cooper e eu, sabe como é. Juntos. - Não. É só que ele tinha um convite sobrando,

então eu vim junto. Somos só amigos.

E destinados a assim permanecer. Parece.

- Igual a você e Jordan - Rachel diz.

- É - respondo, conseguindo abrir um sorriso, mas não sei como. - Igual a mim e Jordan.

Não é culpa dele. Quer dizer, ela não faz idéia de que está esfregando sal na ferida.

- Bom, é melhor eu ir andando - ela diz. - Eu prometi ao Stan que ia pegar uma destas tortinhas de caranguejo para ele...

- Ah - digo. - Claro. Tchau.

Rachel sai deslizando em seus próprio sétimo céu. Fico aqui me perguntando se o

boato qeu Pete ouviu sobre Rachel ganhar uma promoção bem grande e gorda é verdade. Eu não ficaria surpresa. Ninguém no campus teve de conferir em duas semanas, se duas pessoas estavam mortas. O que mais a faculdade poderia fazer para demonstrar seu apreço além de promovê-la? Um prêmio Amor-Perfeito não basta. Afinal, Magda disse que, uma vez, Justine tinha sido indicada para uma medalha Amor-Perfeito porque deixou um aluno tomar emprestada a caderneta de telefones dela.

- Ei, loirinha!

Ignoro a voz que vem atrás de mim e, em vez de dar atenção a ela, prefiro olhar para Cooper. Ele continua falando com Marian Braithwaite, que olha para ele com

adoração e ri de vez em quando de tudo que ele diz. Como será que eles se

conheceram? Vai ver ela o contratou. Talvez ela tenha desconfiado que o marido-professor dela a estava traindo, e contratou Cooper, e ele provou qu ela não tinha nada com que se preocupar, e por isso que ela está tão feliz de vê-lo e fica esticando a mão para pegar no braço dele...

- Loirinha!

Alguém bate no meu ombro, e eu me viro, surpresa, achando que vou ver algum auxiliar do reitor, pedindo para ver o meu convite...

...mas, em vez disso, olho direto para os olhos acinzentados e risonhos do filho dele.

21

É só você pedir

Eu sei que você quer

É só você pedir

É só você pedir

Eu nunca ia te fazer adivinhar

É só você pedir

Baby, pode ser que eu diga sim

"É só pedir"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Robert/Ryder

Do álbum Verão

Gravadora Cartwright

Oi - Chris diz, todo sorridente. - Lembra de mim?

Fico olhando para ele, tão cheia de pânico que não consigo preferir um único som.

Christopher Allington. Chirstopher Allington veio atrás de mim. Chris Allington está segurando meu antebraço e sorrindo para mim como se fôssemos velhos amigos

que se encontraram por acaso na pista de biliche ou algo assim. Ele até está me

oferecendo um taça de champanhe!

Bom, seria falta de educação não aceitar.

Pego a taça da mão dele muda, o coração batendo forte nos meus ouvidos.

Christopher Allington. Christopher Allington. Ai, meu Deus. Como é que você pode

ficar aí falando comigo como se não fosse nada? Você tentou me matar hoje. Está

lembrado?

- A gente se conheceu ontem à noite, na porta do conjunto Fischer - ele se

apressa em dizer, achando que não me lembro dele. Até parece que eu vou

esquecer! - Era mesmo você, não era?

Finjo de repente recobrar a memória.

- Ah - digo, despreocupada (apesar de não haver nada assemelhado a

despreocupação na sensação formigante de alarme que sinto subir e descer por

meu braço, no lugar onde ele continua segurando). - Claro. Como vai?

Ele me larga. O agarrão dele não foi desagradável. Nem um pouco.

Mas não é estranho? Quer dizer, não devia ter sido? Tendo visto que ele é um assasino e tudo o mais?

Esquisito.

- Eu vou bem - ele responde.

Ele está muito bem. O smoking dele tem caimento bem melhor que o do pai. Mas, em vez de uma gravata-borboleta, Chris está usando uma gravata normal. De algum modo, nele, isso parece exatamente certo.

- Na verdade, estou muito melhor agora que vi você - ele prossegue. - Eu detesto estas coisas, e você?

- Ah - respondo, com um dar de ombros. - Não sei. Não é tão mau. Pelo menos tem álcool.

Viro o champanhe que ele me ofereceu de uma vez só apesar do aviso de Cooper a respeito de beber em serviço. Depois do susto que Chris me deu, chegando assim tão sorrateiramente, sinto que mereço.

Ele me observa e ri.

Então, com quem você veio? - ele quer saber. - As entradas não são baratas.

Você é uma das representantes dos alunos?

Dou de ombros de novo. O investigador Canavan tinha dito que, de acordo com as experiências dele, pessoas que matam são extremamente burras, e estou

começando a achar que, no caso de Chris, pode ser mesmo verdade. O fato de eu ser quase dez anos mais velho do que um representante estudantil médio parece não surtir efeito sobre ele...

...e isso, para mim, tudo bem. Quer dizer, tendo em vista que estou tentando ser sorrateira e sutil para conseguir fazer com que ele dê um passo em falso e confesse e tudo o mais. Mas é claro que não faço a menor idéia de como vou fazer isto.

Pelo menos Chris, diferemente de outras pessoas, parece ter gostado do meu visual com o vestido emprestado. Vejo o olhar dele se desviar para o meu decote várias vezes. E não porque o zíper está abrindo atrás e tudo está solto lá dentro. Eu sei porque conferi.

A banda começa a tocar uma música lenta. Para minha surpresa, alguns casais de fato se deslocam para o centro da biblioteca e começam a dançar... Entre eles, estão a mãe e o pai de Chris. Vejo o reitor Allington conduzir a mulher para a pista com uma mesura exagerada que os diretores aplaudem em meio a risadas.

Na verdade, é meio fofo.

Pelo menos até a Sra. Allington tropeçar nas bocas de sino e quase cair de cara no chão. Felizmente, o reitor a gira e faz tudo parecer um passo complicado que ele tinha feito de propósito.

O que é ainda mais fofo. Talvez Chris não seja assim tão azarada quanto pensei que ele era. Em relação aos progenitores, quero dizer.

- Ei - Chris diz, surpreendendo-me mais uma vez, agora tirando a taça de champanhe de minha mão e colocando na bandeija de um garçom que passa por ali. - Quer dançar?

Minha cabeça se vira com tanta rapidez para olhar para ele que uma mecha de meu cabeça bate na minha boca e fica grudada no brilho labial.

- O quê? - pergunto, desesperada para tirá-lo. O cabelo, quer dizer. Da minha boca.

Quer dançar? - ele pergunta. O sorriso dele é levemente cínico, para mostrar que ele sabe tão bem quanto eu que dançar no Baile Amor-Perfeito da Faculdade de Nova York é meio... bom, ridículo. Mesmo assim, ele quer dizer claro que está dentro.

O sorriso dele é contagiante. É o sorriso de um capitão do time de futebol da escola, o garoto mais bonito do ensino médio, tão autoconfiante e tão charmoso que nunca lhe ocorreu que alguma garota pudesse dizer "de jeito nenhum, mané" para o convite dele. Provavelmente porque nunca uma garota fez isso.

E eu é não vou ser a primeira.

E não só porque quero descobrir se foi ele ou não que matou Elizabeth e Roberta.

Então, sorrio e digo:

- Claro - e o sigo até a pista de dança.

Não sou a melhor dançarina do mundo, mas não faz mal, porque Chris é bom.

Provavelmente freqüentou uma daquelas escolas particulares onde os alunos têm

aula de dança de salão ou algo assim. Ele é tão bom que consegue conversar enquanto dança. Eu preciso ficar contado na cabeça. Um, dois, três. Um, dois, três. Troca de pé... ah, espera, esta é outra dança.

- Então - Chris diz em tom informal, enquanto aperta meu corpo contra o dele e me conduz com muita destreza pela pista e nem pisca quando piso no pé dele sem querer. - Que curso você está fazendo?

Procuro (disfarçadamente) por Cooper. Afinal, ele supostamente devia ficar de olho em mim, não?

Mas não o vejo em lugar nenhum. Aliás, também não vejo Marian. Será que fui dispensada por uma ex-namorada? Depois de toda a confusão que Cooper fez a respeito de eu estar arriscando a vida em busca do assasino do conjunto Fischer, será que ele me abandonou?

Beleza! É bom saber que ele se importa tanto assim comigo!

Mas, sabe como é tendo em vista que ele me deixa morar na casa dele sem pagar aluguel (bom, praticamente), acho que não tenho direito de reclamar. Quer dizer, quantas pessoas em Manhattan têm acesso tão fácil a uma lavadora/secadora?

Em resposta à pergunta de Chris a respeito do que estudo, digo:

- Hmm... está em aberto.

Bom, isso é verdade.

- É mesmo? - ele parece verdadeiramente interessado. - Muito bem. Mantenha as suas opções em aberto. Acho que muita gente chega à faculdade já decidida a

fazer tal ou tal curso e não se dá a oportunidade de experimentar coisas novas. Sabe como é, descobrir no que são bons de verdade. Pode ser algo em que nunca pensaram. Como confecção de jóias.

Uau. Eu não sabia que dava para estudar confecção de jóias na faculdade. Você ia poder usar a sua prova final. Que prático.

- Qual é a sua inclinação? - ele pergunta.

Vou dizer preparação para medicina, mas mudo de idéia no último segundo.

- Justiça criminal - minto para ver como ele reage.

Mas ele não sai correndo para se esconder de medo nem nada. Em vez disso, diz com ar jovial:

- É, muito interessante, justiça criminal. Eu mesmo andei pensando em fazer direito criminal.

Aposto que sim. Pergunta em voz alto, em tom de brincadeira:

- Então, o que um grande estudante de direito criminal.

Aposto que sim. Pergunto em voz alta, em tom de brincadeira:

- Então, o que um grande estudante de direito como você estava fazendo em um conjunto residencial de alunos que ainda não estão na graduação?

Pelo menos ele faz a gentileza de parecer acanhado.

- Bom - ele responde, com uma voz de saco cheio -, os meus pais moram lá.

- Além de várias meninas bonitinhas - observo. Está lembrada? De quem você matou duas delas?

Ele sorri.

- Isso também - diz. - Não sei. As garotas do meu curso não são exatamente...

Por cima do ombro de Chris, avisto Cooper de relance. Parece que ele está trocando palavras com a professora Braithwaite. Mesmo. Eles estão envolvidos no

que parece ser uma conversa bem calorosa perto do bufê de saladas. Vejo quando ele olha para mim de canto de olho.

Então, ele não esqueceu. Continua de olho em mim.

E está brigando com a ex, parece.

Mas também está de olho em mim.

Como me dou conta de que ele não sabe qual é a cara do Chris, pode não saber que estou dançando com o meu principal suspeito. Então, aponto para as costas de Chris e digo em silêncio para ele: Este aqui é o Chris.

Mas não funciona bem do jeito que eu desejava. Ah, Cooper entende e tudo o mais.

Mas Marian também e, ao perceber que a atenção dele não está mais exclusivamente voltada para ela, segue a direção do olhar de Cooper e me vê.

Sem saber o que mais posso fazer, dou um aceno ridículo. Marian desvia o olhar de mim com frieza.

Uau. Desculpa aí.

- As garotas do curso de direito...

Viro a cabeça e percebo que é o Chris falando. Comigo.

- Bom, digamos que elas consideram o fato de ficar sentadas em uma mesa de estudo da biblioteca toda noite, até a meia-noite, é sinônimo de diversão - ele diz e dá uma piscadela.

Do que é que ele está falando?

Então eu me lembro. Das alunas que estão indo em relação às que já estão na graduação em direito. Ah, certo. A investigação dos assasinatos.

- Ah - assinto com a cabeça, dando sinal de compreensão. - Garotas que estudam direito. Não são nada parecido com aquelas meninas vindas diretamente do interior lá do conjunto Fischer, hein?

Ele dá muita risada.

- Você é bem engraçada - ele diz. - Em que ano você está?

Simplesmente dou de ombros e tento fingir que não se passaram, hmm, digamos, um pouco mais de sete anos desde que eu atingi a maioridade.

- Pelo menos me diga qual é o seu nome - ele implora, com uma voz grave que, tenho certeza, alguma ex-namorada dele já disse que era sexy.

- Pode continuar me chamando de loirinha - ronrono. - Assim você vai poder me distingir de todas as suas outras namorada.

Ele ergue as sombrancelhas e sorri.

- Que outras namorada?

- Ah, você - exclamo, dando um tapinha bem feminino no braço dele. - Já ouvi falar sobre você. Eu era amiga de Roberta, sabia?

Ele olha para mim como se eu estivesse louca. As sobrancelhas estão franzidas.

- Quem?

Meu deus, ele é bom. Não tem nenhum pontinha de culpa nos olhos cinza-prateado dele.

- Roberta - repito. Preciso confessar. Meu coração bate forte por causa de minha ousadia. Estou conseguindo! Investigar! Estou mesmo investigando! - Roberta Pace.

- Não sei de quem você está falando.

Realmente, não dá para acreditar neste cara.

- Bobby - digo.

De repente, ele ri.

- Bobby? Você é amiga da Bobby?

Não deixei passar a ênfase estranha no você é e no uso do tempo presente. Afinal de contas, sou uma detetive tarimbada. Bom, pelo menos, eu faço a contabilidade

de um detetive.

- Eu era amiga de Roberta - respondo sem sorrir e parando de fingir que tenho menos 21 anos. Porque não dá para acreditar que este cara possa ser assim tão frio. Mesmo para um assasino. - Até ela cair de cima do elevador na semana passada.

Chris pára de dançar.

- Espere um pouco - ele diz. - O quê?

- Você ouviu bem - digo. - Bobby Pace e Beth Kellogg. As duas estão mortas, supostamente por fazer surfe de elevardor. E você foi para a cama com as duas na noite anterior à morte.

Minha intenção não era falar assim na lata. Tenho bastante certeza de que o Cooper seria mais sutil.Mas é que eu... bom, eu fiquei meio brava, acho. Porque ele fez tanto descaso da coisa toda. Estou falando da morte de Roberta e Elizabeth.

Acho que um detetive de verdade não fica brava. Acho que um detetive de verdade fica sempre de cabeça fria.

Afinal de contas, acho que meu destino não é ser parceira de Cooper.

Chris parece paralisado, os pés pregados sobre um quadrado branco e outro preto no chão.

Mas ele não afrouxa a maõ que está em minha cintura. Acho até que ele aperta mais um pouco, e ficamos lá de quadris unidos.

- O quê? - pergunta com olhos tão arregalados que as íris cinza-azuladas se parecem com bolinhas de gude flutuando em laguinhos gêmeos de leite. - O quê? - pergunta de novo. Até os lábios dele ficaram lívidos.

Meu rosto está apenas dois centímetros abaixo do dele. Vejo nos olhos dele que está incrédulo, e que está se enchando lentamente de terror (até eu, uma detetive tão fraca, sou capaz de perceber isso).

E é quando percebo:

Ele não sabe. Mesmo. Chris não fazia a menor idéia (pelo menos até eu contar para ele, naquele momento) de que as duas meninas mortas no conjunto Fischer eram exatamente as que ele, hmm, tinha traçado poucos dias antes.

Será que ele é tão garanhção assim que só sabe o primeiro nome (o apelido) das mulheres que seduz?

Com toda certeza parece que sim.

O efeito que minha notícia tem sobre Chris é realmente bastante profundo. Seus dedos apertam minha cintura em convulsões, e ele começa a sacudir a cabeça para frente e para trás, como Lucy faz depois de um bom banho.

- Não - ele diz. - Não é verdade. Não pode ser.

E, de repente, percebo que cometi um erro terrível.

Não me pergunte como. Quer dizer, até parece que tenho alguma experiência neste tipo de coisa.

Mas, mesmo assim, eu sei. Sei do mesmo jeito que conheço o conteúdo de gordura em um chocolate Milky Way.

Christopher Allington não matou aquela meninas.

Ah, ele foi para a cama com elas, sim. Mas não as matou. Isso foi obra de outra pessoa. Alguém muito, muito mais perigoso...

- Muito bem - diz uma voz profunda atrás de mim. Uma mão pesada cai em meu ombro desnudo.

- Desculpe, Heather - Cooper diz. - Mas a gente precisa ir embora.

De onde é que ele surgiu? Não posso ir embora. Não agora.

- Hmm - respondo. - Certo, me dá só um segundo, tudo bem?

Mas Cooper não parece muito pronto para esperar. Na verdade, está com cara de quem precisa sair dali correndo, como se sua vida dependesse disto.

- A gente precisa ir embora - ele repete. - Agora.

E coloca a mão em volta de meu braço e me puxa.

- Cooper - eu digo, sacudindo o braço para me libertar. Dá para ver que Chris continua em estado de choque. É bem possível que, se eu ficar ali mais um pouco,

vou conseguir arrancar mais alguma coisa dele. Será que Cooper não percebe que estou condizindo um interrogatório aqui?

- Por que você não come alguma coisa? - sugiro. - A gente se encontra no bufê daqui a um minuto...

- Não - ele diz. - Vamos embora. Agora.

Dá para entender por que ele está tão ansioso para ir embora. Afinal, não é todo mundo que resolve as coisas com os ex, sabe como é, transando no chão do hal de entrada.

Mesmo assim, sinto que ainda não posso ir embora. Não depois de ter feito um avanço tão importante. Chris está realmente abalada (tão abalado que nem parece notar que há um detetive particular pairando sobre a sua companheira de

dança). Ele virou para o outro lado e está meio que se afastando da pista de dança aos tropeções, indo mais ou menos na direção dos elevadores.

Para onde ele está indo? Para o 12º andar, para o escritório do pai, para beber algo de verdade? Ou só para usar o telefone? Ou será que vai até o telhado pular lá de cima? Sindo que preciso segui-lo, mesmo que seja só para garantir que ele não vai fazer nada idiota.

Só que, quando começo a ir atrás dele, Cooper não deixa.

- Cooper, eu ainda não posso ir embora - digo, fazendo forço para me soltar da mão dele. - Eu fiz com que ele confessasse que conhecia as duas! Roberta e Elizabeth! E sabe o quê? Acho que não foi ele que as matou. Acho que ele nem sabia que elas estavam mortas!

- Que beleza - Cooper diz. - Agora, vamos embora. Eu disse que tinha um compromisso. E já estou atrasado.

- Um compromisso? Um compromisso? - Não consigo acreditar no que estou escutando. - Cooper, você não entende? Chris disse...

- Eu já ouvi - ele responde. - Parabéns. Agora, vamos embora. Eu disse que eu traria você aqui. Não disse que ficaria a noite toda. Sabe como é, eu tenho clientes que me pagam de verdade.

Percebo que é inútil. Mesmo que Cooper mudasse de idéia e me soltasse, eu não faço a menor idéia de onde o Chris se enfiou. E será que seria mesmo inteligente se eu o seguisse? Quer dizer, levando em conta o que aconteceu com as duas últimas garotas que ele... como posso colocar? Ah, sim: que ele traçou. Ei, talvez

eu devesse me formar em letras. É. Virar escritor. E médica. E detetive. E designer de jóias...

Cooper e eu deixamos o prédio. Nem tenho oportunidade de me despedir de ninguém, nem de dar parabéns a Rachel pela Medalha Amor-Perfeito dela. Nunca vi ninguém tão afoito para sair de um lugar.

- Calma aí - digo quando Cooper me puxa para a rua. - Estou de salto, sabia?

- Desculpe - ele diz, e larga meu braço. Então ele coloca os dedos na boca e assobia para chamar um táxi que está passando pela West Fourth.

- Para onde a gente está indo? - Pergunto, curiosa, quando o táxi pára na esquina, cantando pneu.

- Você vai para casa - diz. Ele abre a porta de trás do lado do passageiro e faz um gesto para eu entrar, depois dá o endereço do predinho do avô dele para o motorista.

- Ei - eu digo, inclinando-me no assento. - É logo ali no outro quarteirão. Eu poderia ter ido a pé...

- Sozinha, não - Cooper diz. - E eu preciso ir para o outro lado.

- Por quê? - Não deixo escapar o fato de a historiadora da arte Marian ter acabado de sair pela porta da biblioteca atrás de nós.

Mas, em vez de vir se juntar ao Cooper, ela lança um olhar nada amigável para ele e depois se apressa a pé na direção da Broadway.

Cooper, que está de costar para a biblioteca, não vê a professora, nem o olhar maldoso dela.

- Preciso falar com um cara - é tudo o que ele diz para mim - sobre um cachorro. -

Ele enfia uma nota de cinco dólares na minha mão. - Não me espere acordada.

- Que cachorro? - o táxi começa a se movimentar. - Cooper, que cachorro? Você vai arrumar outro cachorro? E Lucy? Qual é o problema de Lucy?

Mas já estamos nos misturando ao trânsito. Cooper virou para o outro lado e começou a caminhar rapidamente na direção da rua West Third. Logo, já não o enxergo mais.

Que história foi aquela? Quer dizer, falando sério. Eu sei que os clientes de Cooper são importantes para ele. E sei que ele acha que essa coisa toda que tenho em relação às mortes no meu prédio é uma criação da minha mente, ou sei lá o quê.

Mas, mesmo assim. Ele poderia ter escutado o que eu tinha a dizer.

E é quando o motorista do táxi, que tem cara de indiano, diz, tentando ajudar:

- Acho que é um modo de falar.

Olho para o reflexo dele no espelho retrovisor.

- O que é um modo de falar?

- Falar com um cara sobre um cachorro - o taxista responde. - É uma expressão americana. Tipo pedras que rolam não criam limo. Sabe como é? Significa que ele

precisa ir a algum lugar que prefere não mencionar.

Eu me afundo no assento. Não, eu não sabia. Parece que eu não sei de nada.

Bom, mas acho que disso eu já sei. Quer dizer, não é por isso que eu fui trabalhar

na Faculdade de Nova York? Para estudar?

Bom, eu estou aprendendo alguma coisa, sim. E ainda nem comecei a ter aulas.

Depois de Cooper e eu (e Chris Al ington) sairmos do Baile Amor-Perfeito, Rachel

Walcott recebeu uma Medalha Amor-Perfeito por serviços exemplares prestados à

faculdade.

Na manhã seguinta, ela me mostra o broche em formato de flor, cheia de orgulho

nos lindo olhos castanhos. Ela o usa na lapela do tailleur preto de linho como se

fosse uma medalha de honra ao mérito ou algo assim.

Mas acho que é isso mesmo. Quer dizer, em um único semestre, ela precisou lidar

com mais tragédias do que a maior parte dos administradores enfrenta durante

toda a carreira.

Eu nunca ganhei nada na vida. Bom, tudo bem, fiz um contrato com uma

gravadora, mas foi só isso. Eu sei que normalmente não dão Grammys para

músicas como "Vontade de te comer". Mas acorda, eu também nunca ganhei nem um People's Choice Award, o prêmio do público. Nem mesmo um Teen People's

Choice.

E eu era totalmente a Rainha dos Teens. Pelo menos, até eu sair da adolescência.

Mas tento não deixar que Rachel perceba que estou com inveja prêmio dela. Não que eu tenha ficado com tanta inveja assim. Mas sabe como é.

Fui eu quem arrastou todas as caixas do porão. As caixas que usamos para empacotar todas as coisas de Roberta e de Elizabeth. E fui eu quem empacotou tudo. E fui eu quem arrastou tudo para o serviço de correspondência e despachou.

Acho que eu deveria receber alguma coisa por isso. Tavez não um Amor-Perfeito.

Mas quem sabe um Dente-de-Leão.

Tudo bem. Quando eu conseguir provar que as meninas morreram assasinadas, e não por acidente, e quando eu descobrir quem as matou, talvez eu ganhe a chave da cidade ou alguma coisa assim. De verdade! E o prefeito vai me entregar pessoalmente, e a cerimônia vai ser transmitida pela TV, no canal New York One,

e Cooper vai ver e vai perceber que, apesar de eu não ser professora de história de arte, sou totalmente inteligente e fofa, e ele vai me convidar para sair e vamos nos casar e ter o Jack, Emily e Charlotter Wel s-Cartwright...

Bom, uma garota tem direito de sonhar, certo?

E estou feliz por Rachel. Dou parabéns a ela e tomo o meu café enquanto ela descreve como foi receber o prêmio de tanto prestígio na frente dos colegas. Ela contou que o Dr. Jessup deu um abraço dela e que o reitor Al ington agradeceu pelos serviços prestados que vão além das obrigações dela. Ela fica falando toda animada que foi a primeira funcionária administrativa da Faculdade de Nova

York

a receber sete nomeações diferentes para o prêmio, o maior número que qualquer pessoa já recebeu, e tudo nos primeiro quatro meses dela no emprego! Ela diz que está muito contente de ter entrado para o ramo da educação superior, e não dos negócios ou do Direito, como tantos colegas dela de Yale fizeram.

- Você não acha bom - ela me perugnta - sabe que está fazendo tanta diferença na vida das pessoas, Heather?

- Hmm - digo. - Claro.

Mas tenho muita certeza de que as pessoas sobre cuja vida eu exerço a maior diferença (os funconários estudantis) simplesmente preferiam que Justine voltasse.

Enquanto Rachel vai se acalmando depois de toda a animação de falar do prêmio Amor-Perfeito, pego o telefone para cuidar de algumas coisa que acho que ando negligenciando.

Primeiro, ligo para Amber no quarto dela. Quando a voz sonolenta dela coaxa: "Alô?" no telefone, desligo com todo o cuidado. Certo. Amber continua viva. OK.

Então ligo para o hispital St. Vincent's para ver como Jordan está. Fico sabendo que está melhor, mas ainda querem que ele fique lá uma noite para observação. Realmente não quero, mas fico achando que preciso falar com ele... sabe como é, tendo em vista que é minha culpa ele ter se machucado, para começo de

conversa.

Mas quando a telefonista transfere minha ligação para o quarto dele, uma mulher atende. Tania. Não consigo lifar com noivas logo cedo pela manhã, então, desligo.

Mas me sinto culpada em relação a isso e encomendo meia dúzia de balões com mensagens de melhoras de uma floricultura local e peço que sejam entregues no hospital St. Vicent's com uma mensagem de teor altamente pessoal: Espero que melhore logo, Jordan. Da Heather. É provável que eles se percam no meio de todos os outros presentes de fãs sem dúvida estão mandando para ele (parece que fizeram uma vigília à luz de velas na frente do hospital, na entrada das ambulâncias), mas pelo menos posso dizer que tentei.

Pensar em Jordan com o crânio rachado me lembra Christopher Allington. Um detetive de verdade teria dado continuação à conversa que começamos na noite anterior, claro.

Então resolvo fazer mais uma tentativa com ele. Digo a Rachel que vou ao banheiro. Mas, na verdade, vou até o elevador e subo ao vigéssimo andar. Ninguém além dos Allington e as visitas deles deve ir até o vigéssimo andar, e é por isso que o tapete no hall da entrada da cobertura na verdade é um enorme detector de movimento que dispara um alarme sempre que alguém pisa nele, inclusive os Allington. O alarme faz com que uma câmera comece a funcionar, enviando imagens do intruso para uma tela de vídio na mesa da segurança na

recepção.

Mas como o guarda do momento é Pete, não me preocupo muito em ser pega. Já surpreendemos vários calouros no vigéssimo andar, a maior parte dos quais tinha sido mandada até lá por colegas mal-intencionados em busaca da "Piscina do Conjunto Fischer". A piscina do conjunto Fischer de fato existiu, mas no porão, e não na cobertura, e um dos trotes preferidos dos mais velhos é mandar os calouros até o vigéssimo andar para procurá-la, sabendo que vão fazer disparar os detectores de movimento e que vão ser pegos por estar na frente do apartamento do reitor.

Piso cheia de coragem no tapete supracitado e ergo o dedo para apertar a campainha do apartamento dos Allington. Dá ára ouvir um ruído estranho de assobio atrás da porta, e percebo que devem ser os pássaros da Sra. Al ington, as cacatuas com que ela tanto se preocupa quando bebe além da conta. Quando toco a campainha, os assobios se transformam em gritos histéricos e, por um instante, entro em pânico. Mesmo. Esqueço todo o negócio de detetive barra escritora barra médica barra designer de jóias e só tenho vontade de correr de volta para o elevador...

Mas antes que eu tenha oportunidade de me atirar no chão e fugir, a porta se abre e a Sra. Allington, com olhos embaciados, com uma com uma bata verde de veludo molhado, olho para mim.

- Pois não? - Ela pergunta de um jeito nada simpático, apesar de, há cerca de duas semanas, eu ter segurado a mão dela enquanto ele vomitava em uma das

jardineiras da recepção. Atrás dela, vejo um pedaço de uma gaiola de vime de quase dois metros de altura, de dentro da qual dois passarinhos brancos gritam para mim.

- Ah, oi - digo com animação. - Christopher, está?

As pálpebras inchadas da Sra. Allington se abrem um pouco, depois voltam ao normal.

- O quê?

- Chris - repito. - Seu filho, Christopher. Ele está?

A Sra. Allington parece verdadeiramente fula da vida. No começo, fico achando que é porque eu a acordei, mas acontece que isso é só parte do problema.

Não, o que ue fiz de errado foi ultrajar a noção de propriedade da Sra. Allington. Isso mesmo! Quem poderia saber que ela tem isso? Mas tem, sim.

Ela diz, separando em sílabas, como se estivesse falando com algum estrangeiro que não compreende bem a língua.

- Não, Chris não está aqui, Justine. E se você tivesse tido uma boa educação, saberia que é considerado altamente inadequado moças correrem atrás de rapazes com tanta afobação.

Então ela bate a porta com muita força, fazendo com que os pássaros gritem ainda mais alto com a surpresa.

Fico ali parada, olhando para a porta fechada durante mais ou menos um minuto. Preciso reconhecer que estou um tanto magoada. Quer dizer, eu achava que a

Sra. Allington e eu éramos próximas.

E, no entanto, ela ainda me chame de Justine.

Eu deveria simplesmente ter ido embora. Mas sabe como é, eu continuava precisando saber onde Chris estava.

Então, estico a mão e toco a campainha de novo. Os gritos dos pássaros passam para estridentes e, quando a Sra. Allington abre a porta desta vez, não está apenas com cara de alguém fula da vida, mas de quem quer matar outra pessoa.

- O que foi? - Ela quer saber.

- Desculpe - digo da maneira mais educada que sou capaz. - Eu realmente não quero incomodar. Mas será que a senhora poderia só me dizer onde é que eu posso encontrar o Chris?

A Sra. Allington tem muita pele solta no rosto. Um lifting aqui, outro ali porderiam ter dado jeito, mas ela realmente não é do tipo adepta à plastica. Ela faz mais o

tipo aristocrático da Nova Inglaterra, daquela gente que tem muito dinheiro e que

fala sem abrir a boca. Mais ou menos como a Sra. Cartwright. Só que bem mais assustadora.

Mas, bom, um pouco dessa pele solta embaixo do queixo dela fica tremendo enquanto ela olha para mim, cheia de ódio.

Finalmente, ela diz:

- Será que vocês todas simplesmente não podem deixar o Chris em paz? Estão

sempre correndo atrás dele, causando confusão. Vocês não podem ir atrás de outro rapaz? Por acaso não tem um monte dele no alojamento?

- Conjunto residencial estudantil - corrijo.

- O quê?

- Isto aqui é um conjunto residencial estudantil - lembro a ela. - A sehora disse alojamento. Mas na verdade é um...

- Vá para o inferno - a Sra. Al ington diz e bate a porta na minha cara de novo.

Uau. Isso é que é hostilidade. Em vez de ficar fazendo a minha análise o dia inteiro, Sarah devia fazer suas atenções se voltarem para os Al ington. Eles têm muitos mais problemas.

Suspiro, dou meia-volta e aperto o botão de descer do elevador. Não tenho certeza, mas acho que talvez a Sra. Allington já tenha colocado a mão na garrafa... e ainda não são nem dez da manhã! Fico aqui me perguntando se ela está sempre embriagada assim tão cedo, ou se esta é alguma ocasião especial. Como comemorar o prêmio Amor-Perfeito de Rachel, talvez.

Quando eu desço de novo, quase passo por cima de uma menina magrinha no rredor. Ela está indo para a sala de Rachel, então começo a pergunta se posso ajudar mas, quando ela se vira, vejo que é Amber.

Isso mesmo.

Amber do Chris Al ington, do Idaho. Aquela que acabei de acordar.

- Ah - ela diz quando me reconhece. - Oi - O oi dela é muito menos do que

entusiasmado. Isso porque ela ainda está meio dormindo. Ela está até de pijama.
-

Você não é... não é a diretora do prédio, é?

- Não - respondo. - Sou assistinte dela. Por quê?

- Porque acabei de receber uma ligação dizendo que eu tinha que descer aqui

para uma reunião obrigatória com Rachel Walcott...

Naquele momento, Rachel sai da nossa sala batendo os saltos no chão,

segunrando uma pasta junto ao peito.

- Ah, Heather, você apareceu - ela diz, toda alegre. - Cooper está aqui.

Acho que eu devo ter emitido algum ruído de descrença, porque Rachel fica

olhando para mim curiosa e diz:

- Ele está mesmo. - Então a atenção dela se volta para a menina ao meu lado. -

Amber? - Ela pergunta.

- Sim, senhora. - A Amber parece derrotada. Bom, e como é que uma garota de
18

anos que foi forçada a acordar às dez da manhã para uma reunião com a diretora
do prédio não iria se sentir derrotada?

- Por aqui, Amber - Rachel diz, pegando no cotovelo da menina. - Heather, por

favor, segure minhas ligações por alguns minutinhos...

- Claro - respondo e entro na nossa sala. Onde, é claro, encontro Cooper

balançando a cabeça enquanto olha para o pote de camisinhas em cima de minha

mesa.

- Oi, Cooper - eu digo, um tanto cautelosa. O que me parece compreensível, levando em conta que, sabe como é, na última vez que ele apareceu em meu trabalho, foi para contar que meu ex-namorado estava noivo de outra pessoa. O que será que aconteceu desta vez?

Então sinto uma onda de pânico quando me lembro de Marina. Ai, meu Deus. Ela

e o Cooper voltaram. Eles voltaram e vão se casar, e Cooper está aqui para me dizer que precisa do apartamento de volta porque vão colocar a babá lá...

- Oi, Heather - ele diz, parecendo bem mais ele mesmo de jeans e jaqueta de couro do que parecia de smoking. - Tem um minuto?

Oi, Heather, tem um minuto? Oi, Heather, tem um minuto? Que jeito é ESSE de dar início a uma conversa? Será que existe outras três palavras mais capazes de incutir terror em alguém do que Tem um minuto? Não. Eu NÃO tenho um minuto!

Não se você for me dizer o que acho que vai dizer. Por que ela? POR QUÊ? Só porque ela é inteligente e tem uma carreira de sucesso e é magra...

- Claro - respondo, de um jeito que, espero, pareça despreocupado e seguro de si, mas que tenho certeza que soa mais como uma balido. Faço um gesto para Cooper se senta e me encolho em minha cadeira, desejando ter à mão uma garrafa da mesma coisa que a Sra. Allington passou a manhã todo bebendo.

- Vejo bem, Heather - ele diz. - Sobre o que aconteceu ontem à noite...

Não! Porque se existem palavras piores do que Tem um minuto elas são Sobre o

que aconteceu ontem à noite...

E agora eu ouvi todas elas, em seqüência. Não é justo!

E o que foi mesmo que aconteceu na noite passada? Nada! Eu desci do táxi em que Cooper tinha me enfiado e fui direto para a cama.

Certo, talvez eu tenha ficado acordada mais ou menos uma hora, trabalhando em uma música nova.

E talvez a música fosse sobre ele.

Mas ele não tem como ter ouvido. Eu toquei sobrebaixinho. E nem ouvi quando ele cheogu em casa.

Ah, por que eu? POR QUE EU?

- Acho que estou devendo uma explicação para você - é a fase inesperada que sai sua boca.

Mas, espere um pouco. Estou devendo uma explicação para você? Isso não parece um prelúdio para pedir que eu saia da casa dele. Na verdade, quase parece um pedido de desculpas. Mas o que será que o Cooper pode ter feito para precisar se desculpar?

- Ontem à noite, depois do baile, eu fui me encontrar com uma amiga que trabalha

no Instituto Médico Legal - ele começa. - E ela disse...

Espere um pouco. Uma amiga? O Cooper me largou por causa de outra mulher?

- Ah, então foi isso que você foi fazer? - Solto antes que consiga me segurar. - Foi

se encontrar com uma mulher?

Ai... Meu... Deus. Qual é o seu problema? Por que eu não consigo ficar com a cabeça fria e demostrar autoconfiança como... bom, como Rachel? Por que eu tenho de ser tão pateta o tempo todo?

Felizmente Cooper, por ter completa ignorância a respeito de meus planos em relação a ele (a história de que ele vai se casar comigo e vai ser pai dos meus três filhos ainda por nascer e vai servir de inspiração para o meu prêmio Nobel de medicina), não percebe que estou com ciúme. Parece que ele fica achando que estou brava porque ele me obrigou a sair cedo da festa.

- Eu não queria dizer nada para você antes - ele diz. - Sabe como é, para o caso de ela não ter nada a me dizer. Mas a verdade é que tinha mesmo alguma coisa estranha no corpo daquelas duas meninas.

Fico lá, olhando para ele. Porque não dá para acreditar. Não que a "amiga" dele no Instituto Médico-Legal tinha encontrado alguma coisa estranha no corpo de Elizabeth e no de Roberta. Mas que ele tinha se dado ao trabalho de consultá-la para meu benefício para começo de conversa.

- M-mas - eu gaguejo. - Mas eu achei... você achou... que eu estava inventando tudo. Porque estava com saudade da emoção de me apresentar em público...

- Eu acho - Cooper diz, com um dar de ombros. - Quer dizer, achava. Mas também

achei que não faria mal nenhum perguntar.

- E aí? - me inclino para a frente, ansiosa. - O que foi? Drogas? Elas foram

drogadas? Porque eu achei que o investigador Canavan tinha dito que não encontraram vestígios de drogas no corpo delas.

- E não encontraram mesmo - ele responde. - Não foram drogas. E sim, queimaduras.

Fico olhando para ele.

- Queimaduras? Que tipo de queimaduras? Tipo... queimadura de cigarro?

- Não - ele responde. - Angie não tem certeza. - Angie? Cooper conhece alguém no Instituto Médico-Legal que se chama Angie? Aliás, como foi que ele e Angie se conheceram? Angie não parece ser o tipo de nome que uma investigadora médica possa ter. Uma dançarina exótica, talvez. Mas não uma médica... - E é preciso levar em conta que aqueles corpos... - ele prossegue. - Bom, aqueles corpos estavam meio danificados. Mas Angie disse que acharam marcas de queimaduras nas costas das duas meninas, e são marcas que não têm explicação. Não é o suficiente para que questionem a determinação do legista... sabe como é, de que as mortes foram acidentais. Mas é... estranho.

- Estranho - repito.

- É - Cooper diz. - Estranho.

- Então... - não consigo olhá-lo no olho. Porque não dá para acreditar que ele está mesmo me levando a sério. Eu, a Heather Wells, famosa por "Vontade de te

comer"!

E, para tanto, bastou um par de assasinatos...

- Então talvez eu não esteja inventando tudo isso só porque quero transferir a raiva que sinto de minha mãe? - pergunto.

Ele parece estupefato.

- Eu nunca disse isso.

Ah, é verdade. Tinha sido a Sarah.

- Mas agora você acredita em mim? - Dou um cutucão nele. - Que eu não sou só a ex-namorada maluca do seu irmão mais novo? Mas que talvez seja, humm, um ser humano racional?

- Eu nunca achei que você fosse nada diferente disso - Cooper diz com uma onda de irritação nos olhos azuis. Então ao ver minha expressão, ele diz: - Bom, talvez eu ache você louca, mas nunca achei que fosse irracional. Sinceramente, Heather,

não sei de onde você tira essas coisas. Sempre achei que você é uma das mulheres...

Mais lindas e mais adoráveis que você já conheceu? A mais inteligente, mais bonita e estonteante entre suas conhecidas?

Infelizmente, antes que ele tenha oportunidade de me dizer o que ele sempre achou que eu sou (ou de se ajoelhar e pedir para que me casasse com ele... é, eu sei. Mas uma garota tem direito de sonhar), o telefone toca.

- Espere só um segundinho - eu digo a ele e atendo o telefone. - Conjunto

Fischer,

aqui é Heather.

- Heather? - É Tina, a recepcionista que está de plantão. - Espere um pouco, Julio quer falar com você.

Julio entra na linha.

- Ah, Haythar, desculpe - ele diz. - Mas ele está lá de novo.

- Quem está fazendo o que de novo?

- Aquele menino, Gavin. A Sra. Walcott me disse...

- Certo, Julio - digo, com cuidado para não deixar Cooper perceber o que está acontecendo, levando em conta como foi da última vez. - A gente se encontra no lugar de sempre. - E então, desligo.

Isso sim que é a coisa errada na hora certa! Bem quando Cooper estava dizendo o que ele realmente pensa sobre mim!

Mas, pensando bem, não tenho certeza se quero saber. Porque é mais provável que seja algo na linha de: "uma das melhores digitadoras de dados financeiros que já conheci."

- Espere aqui que eu já volto - digo ao Cooper.

- Tem alguma coisa errada? - ele pergunta, e parece preocupado.

- Nada que eu não possa resolver rapidinho - respondo. Ai, meu Deus, eu por acaso acabei de dizer "rapidinho"? Bom, tanto faz. - Volto logo.

Antes que ele possa dizer qualquer palavra, já saí da sala e corro na direção do

elevador de serviço, onde digo ao Julio que me entra lá, que cuide da alavanca de

controle e Ande logo!

Porque, quanto mais rápido voltarmos, mais rápido vou poder descobrir, sabe

como é, se existe alguma chance para mim no que diz respeito a Cooper, ou se eu

simplesmente deveria desistir dos homens de uma vez. Talvez a Faculdade de

Nova York ofereça algum curso para freira. Pois é, para abrir mão inteiramente

dos homens e abraçar o celibato. Porque está mesmo começando a parecer que

esta pode ser a única saída para mim.

Quando Julio me leva até o décimo andar, subo pelas paredes do elevador e

passo pelo painel aberto do teto. Lá o poço do elevador está quentinho e

silencioso, como sempre.

Só que não consigo ouvir as risadas do Gavin, e isso é bem anormal. Talvez ele

finalmente tenha sido decapitado por um cabo solto, como Rachel tantas vezes

avisou que podia acontecer. Ou talvez ele tenha caído. Ai, meu Deus, por favor, não me diga que ele está no fundo do poço.

Estou refletindo sobre isso (o que vou fazer se só encontrar o corpo decapiado do

Gavin em cima do elevador um) quando o elevador de serviço se aproxima das

duas outras cabines, que estão as duas paradas no décimo andar.

Quando subimos acima delas, não vejo sinal de Gavin... nem do corpo decapitado

dele. Nada de garrafas de cerveja vazias, nada de risadas histéricas, nada. É

como se Gavin nunca tivesse passado por ali...

Antes que me dê conta, um estrondo sacode o poço dos elevadores e deixa os meus ouvidos zunindo, como o som de ondas do mar, só que ampliado mil vezes.

Eu tinha me levantado (meio desequilibrada) para olhar melhor a parte de cima dos elevadores abaixo e, quando senti a explosão sob meus pés, agarrei instintivamente (mas sem olhar) a primeira coisa em que minha mão encostou. Algo parecido com mil lâminas de barbear cortas as minhas mãos, e percebo que estou segurando uma corda de metal que vibra loucamente devido à força da explosão. Mesmo assim, não solto o cabo de aço chicoteante, porque é a única coisa que me separa do fundo do poço escuro embaixo de mim. Porque não tem mais nada sob meus pés. Em um instante, estou em pé no teto do elevador de serviço, no momento seguinte, o teto cedeu sob meus pés, enrugando-se como um latinha de batatas Pringles.

Hmmm. Pringles.

É engrassado ver no que a gente acaba pensando logo antes de morrer.

Eu evito ser atingida por uma chuva de aço que vem de cima por pura sorte. O cabo a que em agarrei continua se agitando loucamente, mas me agarro a ele com as duas mãos e as duas pernas, enrolando um pé ao redor do outro.

Alguma coisa bate bem forte em meu ombro quando passa por mim e quase faz com que eu solte o cabo, porque perco o fôlego com o impacto.

É nessa hora que olho para baixo enlouquecida, e vejo que o elevador de serviço sumiu.

Bom, não é que ele sumiu, exatamente. Está em queda-livre embaixo de mim, igual a uma latinha de refrigerante que alguém jogou por um poço de lixo, com os

cabos soltos (menos o que estou segurando) atrás dele, como se fossem fitas de um véu de noiva.

Não vai se espatifar, é a única coisa que penso com meus botões. Uma vez, eu perguntei aos homens da manuntenção do elevador se o que aconteceu em Velocidade Máxima poderia acontecer na vida real. E eles disseram que não. Porque, mesmo que todos os cabos ligadados a um elevador se partissem ao mesmo tempo (algo que, eles afirmaram, nunca, jamais poderia acontecer. Mas, hmm, acorda), tem um contrapeso embutido na parede que não deixaria o elevador se espatifar no fundo do poço.

Sinto o impacto ensurdecedor do contrapeso quando ele encontra seus lugar e impede que a cabine do elevador se espatife no fundo do porão.

Mas quando os cabos quebrados caem em cima do teto da cabine, o barrulho é insurdecedor. Um impacto após o outro sacode o poço. Faço o que posso para continuar agarrada ao cabo restante, pensando apenas que, com todo aquele barrulho, não ouvi nenhum pio de Julio. Nenhum barrulhinho sequer. Sei que ele continua dentro daquele elevador. Ao passo que ele foi salvo pelo contrapeso de

virar sanfona no chão do porão, aqueles cabos destruíram o teto do elevador. Ele está embaixo daquele emaranhado de aço...

Mas só Deus sabe se ele ainda está vivo.

O silêncio que se segue ao estrondo do elevador desabado é ainda mais assustador que o impacto trêmulo dos cabos partidos. Eu sempre adorei o poço dos elevadores porque este é o único lugar no alojamento (quer dizer, conjunto residencial estudantil) onde o silêncio absoluto existe. Agora, esse mesmo silêncio

parece um dossel impenetrável entre mim e o solo. Quanto mais silencioso fica, mais a bolha de histeria vai subindo pela minha garganta. Eu nunca tinha tido a oportunindade de fciar aterrorizada antes.

Mas agora, pendurada a mais de dez andares de altura com os pés balançando sobre o nada, sou tomada pelo pavor.

É nesse momento que a bolha se transforma em um jorro e começo a berrar.

23

Estou caindo

Caindo de paixão por você

Estou caindo

Tudo por causa de você

Vem me pegar

E eu vou te mostrar

Que estou caindo

Caindo de paixão por você

"Caindo de paixão"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Dietz Ryder

Do álbum Mágico

Gravadora Cartwright

Apesar de parecem horas, acho que só fico gritando durante mais ou menos um minuto quando ouço uma voz distante e masculina gritando meu nome lá de baixo.

- Aqui! - Berro. - No dácimo andar!

A voz diz alguma coisa, e dái, abaixo de mim, à esquerda, os dois outros elevadores começam a descer.

Se eu tivesse alguma presença de espírito, simplesmente teria pulado para cima deles, alcançado o teto do elevador mais próximo.

Mas ele se encontra a uma distância de mais de 1,5 metro (a mesma distância que Elizabeth e Roberta deveriam ter pulado, mas não conseguiram, isso se for surfe de elevador) e eu estou totalmente paralisada de tando medo.

Percebo, no entanto, que não vou me agüentar mais por muito tempo. A coisa que

atingiu meu ombro me deixou com uma dor dilacerante, e as palmas de minhas mãos estão em carne viva de agarrar o cabo de aço já enferrujado (isso sem contar que estão escorregando por causa do sangue).

Lembro-me vagamente de meu tempos de educação física no primário. Eu nunca fui muito boa em suber na cordar (e nem em qualquer atividade física, aliás), mas

eu me lembrei de que o segredo para conseguir ficar pendurada em uma corda é

fazer uma espécie de laço com o pé na ponta solta.

Fazer com que um cabo de aço se enrole em volta de meu pé revela-se algo mais

difícil do que jamais tinha sido na quarta série, mas finalmente consigo reproduzir

algo semelhante a um apoio. Mas estou ciente de que não vou conseguir me

agüentar oir mais do que alguns minutos. Meu ombro e principalmente minhas

mãos doem tanto (e meu limite de esforço físico sempre foi baixo, porque sou

grandona), que sei que vou soltar e cair para a morte, em vez de agüentar muito

mais tempo.

E não posso dizer que minha vida não foi boa até agora. Tudo bem, talvez

algumas partes delas tinham sido mais acidentadas do que outras. Mas, ei, minha

infância foi boa: pelo menos, meus pais se asseguraram de que eu não fosse para

a cama com fome.

E nunca fui maltratada nem molestada. Tive uma carreira de sucesso (apesar de

ter vivido meu auge mais ou menos aos 18 anos).

Mas, mesmo assim, comi em um monte de restaurantes ótimos.

E eu sei que vão cuidar bem de Lucy. Cooper vai cuidar dela se alguma coisa

acontecer comigo.

Mas pensar em Cooper me faz lembrar de que eu realmente não quero morrer, pelo menos não agora, quando as coisas estavam começando a ficar interessantes. Nunca vou saber o que ele realmente pensa sobre mim! Ele estava prestes a me dizer, e agora eu vou morrer sem saber!

A menos, é claro, que a gente alcance todo o conhecimento do universo ao morrer.

Mas, e se isso não acontecer? E se a gente simplesmente morrer?

Bom, então, acho que não vai fazer diferença.

Mas, e aqueles homens da manutenção? Eles me garantiram que cabos de elevador não arrebendam pure e simplesmente. Tudo bem, talvez um ou outro arrebente, mas não todos, não de uma vez só. Aqueles cabos não tinham se rompido por acidente. Alguém tinham feito com que arrebentassem de propósito.

Julgando pela bola de chamas que explodira sob meus pés, estou pensando em uma bomba.

É isso mesmo, uma bomba.

Alguém está tentando me matar.

De novo.

Refletir sobre quem pode ter algum motivo para querer me matar tira minha atenção do ombro dolorido e das mãos latejantes (e até do negócio sobre Cooper e o que ele pensa de mim) durante mais ou menos um minuto. Bom, é claro que tem Christopher Al ington, que pode ou não já ter tentado jogar um vaso cheio

de

gerânios em minha cabeça porque suspeito que ele seja um assasino. É melhor

que ele tenha um álibi bem bom para isto aqui.

Mas como é que ele ia saber que eu estaria naquele elevador? Eu raramente uso

o elevador de serviço. Aliás, só o uso para ir atrás de surfistas de elevador.

Será que Gavin McGoren tem algum envolvimento na morde de Beth Kellogg e de

Bobby Pace? Parece uma hipótese um tanto remota, mas que outra explocação

pode existir? Julio não pode ser o assasino. Até onde eu sei, ele pode estar morto lá embaixo. Por que ele ia se mantar junto comigo?

De repente, o elevador mais próximo de mim volta e, desta vez, tem alguém no

teto. Mas não é Gavin McGoren. Tento piscar para limpar os olhos (o poço está

cheio de fumaça) e enxergo através da névoa o rosto consternado de Cooper

chegando para me salvar.

E isto deve significar que ele gosta de mim. Pelo menos um pouco. Quer dizer, se

ele está disposto a arriscar a própria vida para salvar a minha...

- Heather - Cooper diz. Ele parece calmo e autoritário como sempre. - Não se

mexa, certo?

- Até parece que eu vou a algum lugar - digo. Ou, pelo menos, é o que eu tento

dizer. O que ouço na verdade é uma seqüência de choramingos estridentes. Mas

com certeza não sou eu quem os produz.

- Ouça bem, Heather - ele diz. Ele subiu no teto do elevador um e está segurando em um dos cabos. O rosto dele, dá para ver sob a fumaça, está pálido por baixo do bronzeado. Então, porque será? Fico aqui pensando. - Quero que você faça uma coisa para mim.

- Certo - eu digo ou, pelo menos, tento dizer.

- Quero que você se balance para cá. Tudo bem, eu pego você.

- Hmm - digo. E cometo o erro de olhar para baixo. - Não.

Bom, a última palavra saiu bem clara.

- Não olhe para baixo - Cooper diz. - Vamos, Heather. Você consegue. Não são nem dois metros...

- Não vou me balançar para lugar nenhum - digo, agarrando-me com mais força ao meu cabo. - Vou esperar os bombeiros chegarem.

- Heather - ele diz, e um pouco da antiga falta de paciência comigo retorna à voz dele. - Dê um impulso usando a parede e balance o corpo para cá. Solte o cabo quando eu disser. Eu juro que pego você.

- Cara, você enlouqueceu de vez. - Sacudo a cabeça. A minha voz soa estranha. Está meio estridente. - Não é à toa que sua família largou você sem nenhum centavo.

- Heather - ele diz. - O zelador me disse que o cabo que você está segurando provavelmente não é estável. Pode quebrar a qualquer momento, como todos os outros...

- Ah - digo. Bom, assim é diferente.

- Agora faça o que eu disse. - Ele se inclinou o máximo possível para longe do elevador dele sem ter de se soltar. - Dê um impulso na parede com o pé e balance para cá. Eu pego você, não se preocupe.

Do topo do poço do elevador de serviço vem um grunido. Tenho quase certeza de

que não foi emitido por mim. Mais provavelmente, foi o cabo a que estou agarrada.

Maravilha.

Fecho os olhos e puxo o cabo, forçando-o a balançar na direção da parede do outro lado do poço. Tiro o pé da ponta solta e tomo impulso, com a maior força possível, contra a parede de tijolos expostos. Como uma pedra em um estilingue, sou lançada na direção dos braços de Cooper que me esperam...

... mas não perto o suficiente para meu gosto.

Mesmo assim, ele grita:

- Solte! Heather, solte agora!

Pronto, penso. Agora eu morri. Talvez agora façam um programas Por Trás da Música comigo...

Solto.

E sei, por um segundo, como Roberta e Elizabeth devem ter se sentido... o pavor de voar pelos ares sem nenhuma rede ou quantidade de água embaixo para segurar minha queda...

Só que, em vez de mergulhar para a morte, como aconteceu com elas, sinto dedos fortes se fecharem em volta dos meus pulsos. Meus braços praticamente são arrancados do ombro quando o restante de meu corpo dá uma pancada na lateral do elevador. Meu olhos estão fechados, mas sinto que alguém me ergue bem devagar...

Só para de procurar algo para apoiar os pés quando a parte de trás da minha calça jeans finalmente pouca em algo sólido.

Só então abro os olhos e vejo que Cooper conseguiu me resgatar. Nós dois arfamos devido à mistura de exaustão e medo. Bom, eu pelo menos sinto medo. Mas estamos vivos. Eu estou viva.

Por cima da cabeça, ouvimos o som murmurante de novo. Logo em seguida, o cabo em que eu estava me segurando, juntamente com a polia à qual estava conectado, solta-se do suporte e mergulha poço abaixo, para se espatifar no teto do elevador lá embaixo.

Quando consigo tirar os olhos dos destroços no fundo do poço, vejo que estou agarrada à camisa de Cooper e que os braços dele me envolvem de maneira protetora. O rosto dele ficou da cor da fumaça à nossa volta. Há filetes de sangue e ferrugem na camisa dele, no lugar que eu segurei com as minhas mãos cortadas.

- Ah - digo, soltando o tecido agora amarrotado e cheio de graxa. - Desculpe.

Os braços de Cooper me largam no mesmo segundo.

- Sem problemas - ele diz.

A voz dele, assim como a minha, está bem firme. Mas tem algo nos olhos azuis dele que eu nunca vi antes...

Mas, antes que eu tenha a oportunidade de descobrir o que é exatamente, uma voz conhecida vem de dentro do elevador sobre o qual estamos sentado e quer saber:

- Então, ela está bem ou o quê?

Olho para baixo, atrás do painel aberto no teto do elevador e vejo o alívio tomar conta do rosto de Pete.

- Você fez todo mundo cagar nas calças lá embaixo, Heather - ele diz. E, de fato, o

homem corpulento do Booklin está tremendo um pouco. - Você está bem?

- Estou - respondo, e comprovo a afirmação quando desço, trêmula, do teto do elevador quase sem ajudar. O meu ombro dói muito em certo ponto, mas a mão firme de Pete em meu cotovelo e Cooper segurando meu cinto com cuidado impedem que eu perca o equilíbrio. Quando estou a salvo dentro do elevador, descubro que é difícil ficar em pé sem me apoiar em alguma coisa, de tanto que meus joelhos tremem.

Mas eu consigo, depois que me escoro na parede.

- E Julio? - pergunto.

Cooper e Pete trocam olhares.

- Ele está vivo - Cooper diz, mas está com o maxilar estranhamente travado.

- Pelo menos, estava há um minuto. - Pete vira a chave que tinha colocado no controle de movimento. - Mas se ainda vai estar vivo na hora que conseguirem tirá-lo de lá...

Eu me sinto tonta.

- Tirá-lo?

- Vão ter de cortar o metal.

Olho para Cooper em busca de uma explicação mais detalhada, mas ele não apresenta nenhuma.

De repente, não tenho muita certeza se quero mesmo saber.

Pelo segunda vez em dois dias, vou parar no pronto-socorro do hospital St. Vincent's.

Só que, desta vez, a paciente sou eu.

Estou deitada em uma maca, esperando para tirarem rediografias de meu ombro. Cooper foi atrás de um saduíche de atum para mim, já que o medo me deixou faminta.

Enquanto espero, observo com tristeza minhas mãos dilacerada, enroladas em gaze e ardendo por causa dos numerosos pontos. Vai demorar semanas, como uma médica jovem e irritante que estava de plantão me avisou, para que eu possa voltar a usá-las normalmente. Posso esquecer o violão. Mal consigo segurar um lápis.

Fico me perguntando, de mau humor, como é que vou conseguir fazer meu trabalho direito se mal posso usar as mãos (sem dúvida, Justine teria encontrado uma maneira para isso), quando o investigador Canavan aparece, com seu charuto pedendo no canto da boca, sempre preso entre os dentes. Não tenho certeza se é o mesmo charuto. Mas com certeza parece que é.

- Aí está você, Heather - ele diz, com um tom casual, como se tivéssimos nos esbarrados durante compras na Macy's ou qualquer coisa assim. - Ouvi dizer que sua manhã foi bem animada.

- Ah - digo. - Está se referindo à parte de que alguém tentou me matar? De novo?

- Essa mesmo - o investigador Canavan responde, tirando o charuto da boca. - Então. Está magoada comigo?

Estou, um pouco. Mas bom, na verdade, a culpa não era dele. Quer dizer, o vaso pode ter caído por acidente. E Elizabeth e Roberta podem ter mesmo morrido fazendo surfe de elevador.

Só que não era nada disso.

- Não posso dizer que a culpo - o investigador Canavan diz antes que eu tenha a oportunidade de responder. - Agora estamos com um Backstreet Boy com a cabeça aberta e um zelador na UTI.

- E duas meninas mortas - lembro a ele. - Não se esqueça das duas meninas mortas.

O investigador Canavan se senta em uma cadeira de plástico cor de laranja presa à parece na porta do laboratório de radiografia.

- Ah, sim - ele diz. - E duas meninas mortas. Isso sem falar de uma certa assistente da administração que deveria, de acordo com as probablidades, estar morta também. - Ele coloca o charuto de novo na boca. - Estamos achando que foi uma bomba caseira feita com cano.

- O quê? - Berro.

- Uma bomba confeccionada com um cano. Não especialmente sofisticada, mas eficiente. Em um lugar fechado com o poço de tijolos do elevador, produziu muito mais estrago do que teria feito se estivesse em uma pasta executiva ou em um carro ou algo assim. - O investigados Canavan mastiga o charuto. - Alguém parece querer ver você morta a todo o custo, meu bem.

Fico olhando para ele, setindo-me gelar de novo. Cooper tinha colocado a jaqueta de couro dele em meus ombros assim que chegamos à recepção, porque comecei a tremer por algum motivo. E quando os paramédicos chegaram, colocaram mais um cobertor.

Mas estava me sentindo gelada desde que vi os destroços do elevador de serviço, esmigalhado no fundo do poço. Os bombeiros tinham tentado abrir as postas com alicates gigantescos (mandíbulas da vida, era como os chamavam), mas o metal retorcido só gemia, reclamando. Estirado no meio dos destroços estava Julio;

depois fiquei sabendo que ele quebrou vários ossos, mas deveria sobreviver. Eu tinha começado a tremer só de olhar para o elevador destroçado, e minhas mãos parecem gelo desde então.

- Uma bomba de cano? - Repito. - Como é que alguém...

- Foi colocada em cima do elevador de serviço. É fácil de fazer uma dessas quando se sabe como. Só é necessário um pedaço de cano de ferro com rosca nas duas pontas para poder fechar. É só fazer uns buracos nas laterais e colocar o detonadores, colocar umas bombinhas de São João no buraco, fechar com massa epóxi, acoplar alguns cigarros e enchar o negócio de pólvora. Tão fácil quanto fazer bolo.

Tão fácil quanto fazer bolo? Parece mais difícil do que o vestibular!

Reparando em minhas sobrancelhas erguidas, Canavan tira o charuto da boca e diz:

- Desculpe. É tão facil quanto fazer um bolo quando se sabe fazer. De todo modo,

alguém acendeu aquela coisa alguns minutos antes de você e o... qual é mesmo o nome dele? - Consulta as anotações. - Ah, sim, Sr. Guzman, tomarem o elevador. Agora se não se importa de eu perguntar, que diabos você estava fazendo em cima daquela coisa?

Confusa, tento pensar em retrospecto. Uma bomba feita com um cano com detonadores feitos com cigarro? Não faço idéia de como seria uma coisa dessas,

mas com certeza não tinha reparado em nada assim quando subi no tedo do elevador.

Mas, bom, co todas as engrenagens e o maquinário que tem ali em cima, uma bomba pequena seria fácil de esconder.

Mas uma bomba de cano? Uma bomba de cano no conjunto Fischer?

Atrás das portas de vaivém que dão para a sala de espera, uma enfermeira exclama:

- Senhor, não pode entrar aí. Senhor, espere...

Cooper aparece no meio das portas com os braços carregados de sacos de papel.

Uma enfermeira bonitinha vem atrás dele, com cara de brava.

- Senhor, não pode invadir esta área - ela insiste. - Não quero ter de chamar o segurança...

- Tudo bem, enfermeira - o investigador Canavan diz abrindo a carteira e mostrando a ela seu distintivo. - Ele está comigo.

- Pouco me importa se ele estiver com a academia real de medicina - a enfermeira manda. - Ele não pode invadir esta área.

- Como um cannoli - Cooper diz, tirando um doce de um saco. A enfermeira fica olhando para ele como se ele fosse louco. - Não, é sério - Cooper diz. - Coma um.

Estou oferecendo.

De mau humor, a enfermeira aceita o cannoli, dá uma mordida bem grande e sai,

ainda mastigando. Cooper dá de ombros e depois olha para o investigador com hostilidade estampada no rosto.

- Ah, mas se não é o maior idiota da força policial de Nova York - ele diz.

- Cooper! - Fico surpresa. - O investigador Canavan estava me dizendo agora mesmo...

- O quê, que é tudo imaginação sua? - Cooper dá uma risada amarga, então cutuca com o indicador o investigador de olhos arregalados. - Bom, deixe-me dizer uma coisa, Canavan. Não tem como todos os seis cabos de um elevador arrebentarem na mesma hora, a não ser que alguém tenha...

- Cooper! - grito, mas o investigador Canavan está dando risada.

- Calma aí, Romeu - ele diz, abanando o charuto para nós. - Nós já estabelecemos que um segundo atentado contra a vida de sua namoradinha aqui foi feito. Ninguém está dizendo que o que aconteceu com o elevador não foi acidente. Não precisa tirar a camisa. Estou do seu lado.

Cooper pisca algumas vezes e então olho para mim. Fico achando que ele vai fizer algo do tipo: "Ela não é minha namorada." Só que não diz. Em vez disso, fala:

- O sanduíche de atum não parecia fresco. Por isso, trouxe um de salame.

- Uau - digo. Cooper me entrega um sanduích que deve ter pelo menos trinta centímetros de comprimento. Não que haja algo errado com isso.

O investigador Canavan dá uma olhada nos diversos sacos que Cooper espalhou por ali.

- Tem alguma batatinha aí? - pergunta.

- Desculpe. - Cooper abre meu sanduíche e começa a dividir em pedaços pequenos, do tamanho, do tamanho de uma mordida, porque eu não consigo segurar direito. - Quer azeitona?

O investigador parece decepcionado.

- Não, obrigada. Então - ele diz, como se não tivesse existido nenhum interrupção.

- Quem disse para você entrar naquele elevador?

Falo com a boca cheia, porque estou faminta demais para esperar.

- Só sei que recebi uma ligação da recepção avisando que Gavin... um garoto que mora no prédio... estava fazendo surfe de elevador de novo, então fui com Julio tentar pegar o menino.

- Ah, é? E quando você chegou lá em cima, o que aconteceu?

Descrevo a explosão, que ocorreu quase ao mesmo tempo em que eu percebi que Gavin não estava lá, afinal de contas.

- Então - diz o investigador Canavan. - Quem madou a menina da recepção ligar para você?

- Então - diz o investigador Canavan. - Quem madou a menina da recepção ligar para você?

- Todos nós sabemos quem foi - Cooper diz, com a fúria mal reprimida aparente

na voz mais uma vez. - Porque você fica aí sentado, Canavan, em vez de ir prender o sujeito?

- Prender quem? - Canavan quer saber.

- Al ington. Ele é o assasino. É óbvio que Heather colocou medo nele.

- Eu diria que sim - Canavan sacode a cabeça. - O rapaz deixou a cidade ontem à noite. Foi para a casa que os pais têm nos Hamptons. Não tem como ele ter plantado a bomba, não sem ajuda. O rapaz está a três horas de distância pela estrada LIE. Alguém quer ver a sua namorada morta, quer sim. Mas não é Chris Allington.

24

Hoje é a noite certa

Hoje à noite a gente vai se acertar

Baby, parece que estou esperando

A vida toda por esta noite

Que bom ter esperado

Ansiosa

Hoje é a noite certa

Para te amar

"Hoje à noite"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Dietz Ryder

Do álbum Mágico

Gravadora Cartwright

Tirar radiografia é muito dolorido, já que o técnico precisa contorcer meu corpo em

diversas posições nada naturais para conseguir obter o ângulo que ele quer

fotografar. Mas, tirando um pouco de Motrin, não me oferecem nada para aliviar a

dor.

Acorda. Motrin é algo que se compra sem receita médica. Cadê o Vicodin? Cadê a

morfina? Que tipo de hospital é este, hein?

Depois dos radiografias, sou levada para uma sala de espera com muitos outros

pacientes deitados em macas. A maior parte deles parece estar bem pior do que

eu. Todos ele parecem ter recebido analgésicos bem melhores.

Filizmente, deixam que eu fique com meu sanduíche. É minha única fonte de

conforto. Bom, isso e o saco de salgadinhos que comprei em uma máquina no fim

do corredor. Não é brincadeira enfiar moedas naqueles boraquinhos com os dedos

enfaixados, vou te contar.

Mas nem os Fritos conseguem fazer com que eu me sinta melhor. Quer dizer, de

acordo com as probabilidades, eu devia estar morta. Deveria mesmo ter morrido

com a bomba. Mas não morri.

Não como aconteceu com Elizabeth Kel ogg e Roberta Pace. O que será que tinha

passado pela cabeça delas quando ficaram suspensas acima do chão sólido a 16,

14 andares abaixo? Será que tinham lutado antes de seres empurradas? Não havia sinais de que tivessem, só algumas queimaduras, parece.

Mas que tipo de marcas de queimaduras?

E por que eu tinha sobrevivido e elas, morrido? Será que existe algum outro

motivo mais elevado? Como seguir minha própria carreira em medicina e

assegurar que as vítimas de bombas de cano no futuro recebam analgésicos mais

potentes quando forem legadas para os hospitais locais?

Um médico que não pode ser mais velho do que eu finalmente aparece, bem

quando estou terminando os Fritos, segurando minhas radiografias e sorrindo.

Pelo menos até dar uma boa olhada em mim.

- Você não é a... - Ele se desmonta, com cara de pânico.

Estou cansada demais para fazer joginhos.

- Sou - respondo. - Eu sou a Heather Wells. É, eu cantava "Vontade de te comer".

Ah - ele diz, com cara de decepção. - Achei que você era Jessica Simpson.

Jessica Simpson! Fico tão passada que não consigo proferir mais nenhuma

palavra, nem quando ele me informa, todo alegre, que não tem nenhum problema

muito sério com o meu ombro, a não ser algumas lesões em tecido profundos.

Preciso ficar de cama e, não, ele não pode receitar nada para a dor.

Juro que ouço o médico assobiando "With You" quando vai se afastando.

Jessica Simpson? Eu não tenho nada a ver com Jessica Simpson! Certo, nós duas temos cabelo loiro e comprido. Mas é aí que a semelhança termina.

Não é?

Encontro um banheiro feminino e entro. Olhando para o meu reflexo no espelho em cima da pia, fico feliz e descobrir que não me pareço em nada com Jessica Simpson.

Mas também não me pareço (muito) com um ser humano. Minha calça jeans está rasgada e coberta de graxa e de sangue. Estou segurando a jaqueta de Cooper e tenho um cobertor cor de laranja berrante nos ombros. Tenho sangue e sujeira por

todo o rosto e meu cabeço está embaraçado e oleoso. Não tem nem um vestígio de batam nas aproximidades da minha boca.

Em resumo, estou pavorosa.

Tento retificar a situação da melhor maneira possível. Ainda assim, os resultados não são nada de que se gabar.

Mas foi bom eu ter resolvido dar uma passada no banheiro porque, quando entro na sala de espera, com a conta do hospital (que vai ser paga na íntegra, todos os 1,7 mil dólares, pela Faculdade de Nova York) no bolso de trás, quase sou cegada

pelo número de flashes que espocam. Mais de uma dúzia de pessoas que não conheço estão gritando: "Senhorita Wells! Senhorita Wells! Aqui! Só uma

pergunta, senhorita Wel s..." E o segurança do hospital está tentando desesperadamente impedir que mais repórteres cheguem até a recepção.

- Heather! - Uma voz conhecida soa de alguma lugar naquele tumulto, mas não antes que uma mulher com o rosto coberto de pancake e um cabelão enorme enfie um microfone na minha cara e pergunte:

- Senhorita Wells, é verdade que você e o ex-integrante da banda Easy Street Jodan Cartwright estão juntos de novo?

Antes que eu possa abrir a boca para responder, outro repórter aparece.

- Senhorita Wells, é verdade que esta é a segunda vez em dois dias que alguém tenta matá-la?

- Senhorita Wells - um terceiro repórter pegunta. - Existe algum fundo de verdade

no boato de que esta bomba faz parte de um estratagema terrorista complicado que visa a eliminar todas as ex-sensações da música adolescente?

- Heather!

Por cima da messa de microfones e de câmeras de vídeo, Cooper se destada. Ele faz um gesto para mim, apontando para a porta onde está escrito: Acesso restrito aos funcionários do hospital.

Mas antes que possa escapar para ela, alguém me agarra pelo meu ombro dolorido e grita:

- Heather, é verdade que você vai dar início à retomada de sua carreira de cantora

representando a nova fragrância da Calvin Klein durante a temporada de desfiles de outono?

Filizmente um policial aparece, abre caminho no meio da turba de repórteres e me pega pelo braço bom. Ele usa o corpo para me tirar do meio daquela confusão, usando o cassetete para que avancemos com mais rapidez.

- Tudo bem, tudo bem - ele repete sem parar, com aquele sutaque do Brooklin que aprendi a conhecer e em que confio desde que me mudei para Nova York. - Deixe a moça passar agora. Demonstrem um pouco de compaixão pela paciente, pessoal, e saiam da frente.

O oficial anônimo e me conduz pela porta Acesso restrito aos funcionários do hospital e então se coloca na frente dela igual a um super-herói da Marvel guardando a casa da moeda.

Quando entro no que se revela exatamente o mesmo corredor em que eu tinha deixado o investigador Canavan e Cooper quando fui tirar radiografia, vejo que a eles se juntaram diversas pessoas Patty e Frank, Magda e Pete e, por alguma razão, Dr. Jessup.

Patty e Magda soltam lamentos de aflição quando me vêem. Não sei por quê. Eu achei que tinha me limpado bem.

Mesmo assim, Patty pula da cadeira de plástico dela e me agarra em um abranço

que, tenho certeza, significa simpatia, mas que de fato dói bastante. Ela está chorando e dizendo coisas como:

- Eu falei para você procurar outro emprego! Este emprego não serve para você, é perigoso demais!

Enquanto isso, Magda fica olhando para minhas mãos, o queixo se movimentando de um jeito esquisito. Nunca vi os olhos dela tão grandes.

- Ai, meu Deus - ela dica repetindo, lançando olhares de acusação na direção do Pete. - Você disse que ela estava mal, mas não disse que era tanto.

- Eu estou bem - insisto, tentando me desvencilhar dos bralos impossivelmente compridos de Patty. - Sério, Patty, eu estou bem.

- Caramba, Pats, você está machucando a Heather. - Frank tenta arrancar a mulher para longe de mim. Ele me examina cheio de ansiedade enquanto desembaraça os braços de Patty dos meus. - Você está bem mesmo, garota? Sua aparência está pessima.

- Eu estou bem - minto. Continuo abalada, não tanto devido ao que sofri no poço do elevador e mais o sofrimento causado por aqueles repórteres. De onde eles surgiram? Como ficaram sabendo da bomba tão rápido? A Faculdade de Nova York aparece raramente na imprensa, e quando aparece, é sempre alguma coisa positiva. Como é que isso refletiria na avaliação dos meus primeiros seis meses de serviço? Será que ia contar pontos negativos?

Então o Dr. Jessup tosse, e todo mundo olho para ele, que traz nos braços um buquê enorme de girassóis. Para mim. O Dr. Jessup trouxe flores para mim.

- Wells - ele diz, com a voz austera dele. - Você sempre tem de estar nas manchetes, não é mesmo?

Eu sorrio, comovida além das palavras dele. Afinal de contar, o Dr. Jessup é um homem muito ocupado, por ser vice-reitor-assistente e tudo o mais. Não dá para acreditar que ele arrumou tempo para vir ao hospital me entregar flores.

Mas o Dr. Jessup ainda não terminou. Ele se abaixa, me dá um beijo da bochecha e diz:

- Que bom que você ainda está inteira, Wells. Estas flores são do departamento.

Ele me entrega as flores e, quando ergo minhas mãos enfaixadas sem poder fazer muita coisa, Magna se adianta e pega o buquê para mim. O Dr. Jessup não ouve quando ela balbucia:

- Ele dá flores para ela, mas na verdade tinha que dar um aumento bem grande e gordo...

- Rachel pegiu para dizer que pede desculpas por não poder vir também, mas alguém precisa tomar conta do quartel. - O Dr. Jessup sorri, mostrando todos os dentes. - Claro que ela não sabia dos paparazzi. Aposto que vai se arrepender de ter perdido quando ficar sabendo. Então, você vai vender a sua história para o Entertainment Tonight ou para o Acess Hol ywood?

- O Post vai oferecer muito dinheiro - Magda m informa, sem se dar conta de

que o

Dr. Jessup está brincando. - Ou o Enquirer.

- Não se preocupe - respondo com um sorriso. - Não vou falar com a imprensa.

O Dr. Jessup não parece convensido. A expressão dele passou de preocupação para desconfiança preocupada. Percebo de repende que a única razão por que ele veio até o hospital foi para ver se eu tinha a intenção de divulgar minha história ao público.

Mas acho que eu já devia saber. Quer dizer, que o Dr. Jessup não estava lá preocupado comigo. O Dr. Jessup estava lá por um motivo, e um motivo único. Controle de crise.

Acho que ele desconfiou que não ia ser bonito (por que outra razão ele teria enfrentado o trânsito para ir até aquele ponto do West Village?), mas acho que ele

nunca imaginou que seria uma confusão destas. Uma bomba explodindo em um alojamento (quer dizer, conjunto residencial estudantil) da Faculdade de Nova York é notícia com N maiúsculo. Algo parecido com o que aconteceu em Yale e até ganhou cobertuda da CNN, e foi uma das principais reportagens em todas as redes locais, apesar de depois terem descoberto que não tinha nada a ver com terrorismo.

E o fato de uma das vítimas desta bomba ser uma ex-sensação da música pop adolescente? Bom, só serve para deixar a história ainda mais suculenta. Meu desaparecimento do mundo da música não tinha passado despercebido, e a razão

por trás dele (incluindo a nova fazenda de gado de minha mãe na Argentina) tinha

sido exposta ao públino nos mínimos detalher. Já dava até para ver a capa do

Post:

EXPLOSÃO LOIRA

Ex-pop star Heather Wells

quase vira picadinho

No emprego com baixo salário que foi obrigada a aceitar na Faculdade de Nova

York para poder se sustentar depois de sua carreira musical ir por água abaixo e

de ser dispensada pelo ex-noivo, Jordan Cartwright, integrante da Easy Street.

Mesmo assim, dá para compreender a preocupação do Dr. Jessup. Dois

funcionários dele se ferirem em um acidente com um elevador é uma coisa.

Mas uma bomba em um alojamento (quer dizer, conjunto residencial estudantil)?

Pior ainda, uma bomba no prédio em que o reitor da faculdade mora? O que ele

vai dizer à diretoria? O coitado deve estar achando que o cargo de vice-reitor está

lhe escorrendo pelo dedos.

Não o julgo por estar mais preocupado com a própria pele do que com a minha.

Afinal de contas, ele tem filhos. Eu só tenho uma cachorra.

- Heather - o Dr. Jessup começa mais uma vez. - Tenho certeza de que você

compreende. Esta coisa é um pesadelo de relações públicas. Não podemos

permitir que o público ache que os nosso conjunto residenciais estão fora de

controle...

Para minha surpresa, é o investigador Canavan que interrompe o vice-reitor-

assistente. Ele primeiro limpa a garganta com muitop barulho, depois procura um

lugar para cuspir e, sem sucesso, suspira e depois engole.

Daí, ele diz:

- Detesto interromper, mas quanto mais tempo a Sra. Wells ficar aqui, mais difícil

fica para o meu pessoal controlar a multidão ali fora.

Sinto um braço envolver os meus ombros. Olho para cima e fico surpresa de ver que o braço pertence a Cooper. Mas ele não está olhando para mim. Está olhando para a porta.

Venha, Heather - ele diz. - Frank e Patty vieram de carro. Pararam no subsolo, na garagem. Vão nos dar uma carona para casa.

- Isso mesmo, vamos embora - Patty diz, aflita. O lindo rosto dela está cheio de desgosto. - Eu detesto hospitais, e detesto repósteres ainda mais. - Seus olhos amendoados deslizam na direção do Dr. Jessup e parece que ela tem vontade de completar: e detesto burocratas CDFs mais do que tudo, mas se segura só para o meu bem, tenho certeza, já que escolhi aquele exato momento para pisar meio forte no pé dela, fazendo com que ela soltasse um gritinho de dor.

Depois de me dispedir de Pete e Magda (que prometem ficar no hospital até conseguirem ver Julio), uma funcionária do hospital nos mostra, com muita

disposição a saída para a garagem subiterrânea, como se qualquer sacrifício que pudesse fazer para se livrar de nós (e, portanto, de todos os repórteres) valessse a pena.

Tudo o que consigo pensar a cominho do carro é: Ai meu Deus, vou ser totalmente demitida. Isso quando não esotu pensando: Caramba, que história é essa de me abraçar? (em relação oa Cooper, quer dizer).

Só que, assim que estamos a salvo dentro do carro, Cooper tira o braço dos meus ombros. Assim só me resta uma coisa com que me preocupar.

- Ai, meu Deus - não posso evitar dizer com muita tristeza, com um caroço na garganta, do banco de trás. - Acho que o Dr. Jessup vai me demitir.

- Ninguém vai demitir você, Heather - Cooper diz. - O cara só está cuidando dos interesses dele.

- Isso significa que, se ele tentar olhar para você atravessado, querida, ele vai ter de passar por cima de mim - Patty rosta, de trás do volante. Ela é uma motorista ousada (diria até agressiva), e é por isso que ela sempre dirige, em vez de Frank, quando eles estão na cidade. Ela manda vez na buzina quando um táxi corta a frente dela. - Ninguém se mete com a minha melhor amiga.

Frank, olhando para mim do assento do passageiro, diz:

- Cooper deu a jaqueta para você?

Olho para o casaco de couro que continua envolvendo os meus ombros. Tem o cheiro de Cooper, de couro e sabonete. Nunca mais quero tirá-lo. Mas eu sei que vou ter de tirar quando chegarmos em casa.

- Não - respondo. - Ele só me emprestou.

- Ah - Frank diz. - Porque, sabe como é, ficou coberta com o seu sangue.

- Frank - Patty diz. - Cala a boca.

- Tudo bem - Cooper diz, enquanto estuda pela janela as tantas pessoas esquisitas que compõem a vida nas ruas do West Vil age.

Tudo bem! Meu coração se derrete. Cooper disse que tudo bem a jaqueta de couro dele estar coberta com o meu sangue! Provavelmente porque, sabe como é,

depois disto aqui, vamos ficar juntos, e ele simplesmente já ia me dar o casaco mesmo. Para eu ficar com ele (e com Cooper), para nunca mais sentir frio.

Mas daí, Cooper completa:

- Conheço uma lavanderia que é ótima para tirar manchas de sangue.

Sabe, hoje não é mesmo o meu dia.

25

Alô

Será que eu liguei certo

Alô

É, estou procurando meu amor

Alô

Você pode ir lá

Alô

Chamar ele para mim?

Alô

Eu sei que ele morava aí

Alô

Eu sei que ele se importava

Alô

Por favor, vá lá chamar

Ele para mim

"Alô"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Jones/Ryder

Do álbum Mágico

Gravadora Cartwright

Patty nos deixa em casa, apesar de Frank insistir que não vamos estar seguros ali, já que tem alguém querendo me matar e tudo o mais.

Eu só quero tomar um banho e me enfiar na cama e dormir mil anos. Não quero ter uma longa conversa para discutir se a pessoa que deseja me matar sabe onde moro. Frank quer que eu fique com ele e Patty.

Até Cooper observar que isto pode colocar Indy em risco.

No começo fico meio chocada de o Cooper ter dito algo tão horrível. É só quando

Frank muda de idéia bem rapidinho e diz que é melhor eu ficar na casa do Cooper

mesmo, que entendo qual era a intenção dele (sendo um combatente do crime

experiente). Ele sabe que eu só quero ir para a casa. Ele sabe que eu não quero

ficar no quarto de hóspedes de Frank e Patty.

E como ele é Cooper, está sempre fazendo coisas bacanas para mim (me dá um

apartamento de graça para morar quando não tenho para onde ir e também não

tenho dinheiro pra pagar; me leba a uma festa a que na verdade ele não quer ir, já

que pode cruzar com uma antiga paixão com quem as coisas terminaram mal;

arrisca a própria vida para salvar a minha vida; esse tipo de coisa). E por isso fez tudo o que pôde para que eu tivesse o que eu queria.

Tirando, é claro, a coisa que mais quero no mundo.

Mas parece que, por motivos que provavelmente nunca vou conhecer (e de todo

modo, tenho bastante certeza de que não quero saber mesmo), ele não está

preparado para me dar isso.

O que está ótimo. Quer dizer, eu compreendo. Eu simplesmente vou ter de abrir a

minha PRÓPRIA clínica médica/agência de investigação/joalheria sem a ajuda

dele.

Claro que ter filhos sozinha pode ser um pouco mais difícil, mas tenho certeza de

que dou um jeito.

Por sorte, meu número de telefone não está na lista, então não tem nenhum

repórter à minha espera na porta de casa quando chego. Só os traficantes de drogas de sempre.

Lucy fica louca de alegria ao me ver, mas preciso pedir ao Cooper que passeie com ela, porque minhas mãos estão em frangalhos, não tenho como segurar a guia. Quando os dois saem, eu subo as escadas até meu apartamento, tiro minhas roupas imundas e entro, finalmente, na banheira.

Mas acabo descobrindo que tomar banho com pontos nas mãos não é nada difícil.

Preciso sair da banheira e ir até a cozinha pegar luvar de borracha e vesti-las para lavar o cabelo, porque o médico avisou que, se molhasse as mãos, elas podiam cair ou algo assim.

Depois que consigo limpar toda a sujeira do elevador e o sangue, encho a banheira de novo e fico lá, deixando meu ombro dolorido de molho um pouco, imaginando o que farei a seguir.

Quer dizer, as perspectivas não são exatamente otimistas. Alguém está tentando me matar... Provavelmente a mesma pessoa que já matou pelo menos duas outras. O único denominador comum entre as garotas mortas parece ser o filho do reitor da faculdade.

Mas, pelo menos de acordo com a polícia, é improvável que Chris Allington tenha tentado me jogar pelo ares, porque não estava na cidade naquela hora.

O que significa que alguém além de Chris está tentando me matar. E talvez alguém que não seja Chris tenha matado as duas meninas.

Mas quem? E por quê? Por que alguém teria matado Elizabeth Kellogg e Roberta Pace? O que elas podem ter feito para merecer morrer? Quer dizer, além de se mudar para o conjunto Fischer. Ah, e ficar (ainda que por pouco tempo) com Chris Allington?

Será que foi isso? Será que é por isso que elas morreram? O fato de terem ficado com ele? Será que Magda tinha razão. Não a parte de as meninas terem se matado porque, depois de esperar tanto para transar, descobriram que o sexo não era aquela coisa que faz a terra toda tremer que acreditavam que seria. Mas que as meninas tinham morrico por causa do sexo, não por conta própria, mas pela obra de alguém que não gostou nada do que elas tinham acabado de fazer.

Alguém como a Sra. Allington, quem sabe? O que foi mesmo que a mão de Chris tinha dito para mim pouco antes do que aconteceu com o elevador? Alguma coisa a respeito de "vocês todas".

"Vocês todas estão sempre incomodando Chris", ela tinha dito. Ou algo parecido. Você todas. Havia algo profundamente antagônico no comportamento da Sra. Allington, um sentimento muito mais forte do que um simples aborrecimento pelo

fato de eu a ter acordado. Será que a Sra. Allington é daquele tipo de mãe ciumenta que acha que nenhuma mulher é boa o bastante para o filhinho dela? Será que a Sra. Allington matou Elizabeth e Roberta? E, será que ela tentou me matar quando eu cheguei muito perto de descobrir o segredo dela?

Ai, meu Deus! É isso! A Sra. Al ington é a assasina! A Sra. Al ington! Eu sou brilhante! Talvez tenha a mente detetivesca mais brilhante desde Sherlock Holmes! Espera aí. Ele existiu de verdade? Ou é ficção? É ficção, certo?

Bom, então, tudo bem. Tenho a mente detetivesca mais brilhante desde... desde... Eliot Ness? Ele é real, certo?

- Heather?

Tenho um sobressalto, mandando água e sabão para o chão, escorrendo pela lateral da banheira.

Mas é só Cooper.

- Só queria ver se está tudo bem com você - ele diz, através da porta fechada. - Precisa de alguma coisa?

Hmm, preciso sim. De você. Aqui comigo, pelado. Agora.

- Não, tudo bem - digo bem alto. Será que eu devo contar para ele que deduzi quem fez isto comigo? Ou devo esperar até sair da banheira.

- Bom, quando você terminar, achei que a gente podia pedir alguma coisa para comer. O que você acha de comida indiana?

Hmmmm. Samosas de legumes.

- Ótimo - aviso.

- Certo, então, saia daí logo. Preciso conversar com você sobre uma coisa.

Ele tem alguma coisa para conversar comigo? Tipo o quê? Tipo os verdadeiros sentimentos que ele nutre por mim? Sempre achei que você é uma das mulheres... Ele não tinha terminado de dizer o que ele sempre pensou de mim. Será que vai me dizer agora? Será que quero mesmo saber?

Dois minutos depois, já estou instalada em minha cadeira de sempre na mesa da cozinha, enrolada em meu robe atoalhado, com uma toalha envolvendo o cabelo molhado. Ah, eu quero saber sim. Eu quero saber mesmo.

Sentado do outro lado da mesa, em minha frente, Cooper diz:

- Você foi rápida.

Então, ele abre o laptop.

Espera aí. O laptop? Que tipo de cara precisa de auxílio audiovisual para dizer a uma mulher o que ele acha dela?

- O que você sabe - ele pergunta - sobre Christopher Allington?

- Christopher Al ington? - minha voz falha. Talvez porque estivesse rouca devido a

toda a gritaria de antes. Ou talvez porque eu esteja chocada com o fato de Cooper

não querer conversar comigo a respeito dos verdadeiros sentimentos que nutre por mim, mas a respeito da desconfiança que tem em relação a Chris. Acorda. Que chatice.

- Mas não pode ter sido ele - digo, para fazer com que Cooper abandone o assunto e volte a, sabe como é, falar sobre mim. - O investigador Canavan disse que ele...

- Quando se investiga um caso - ele me interrompe, com toda a calma - é preciso examinar todos os ângulos. Estou perguntando o que você sabe sobre ele.

- Bom - respondo. Talvez o controle de mente vulcano funcione de novo: O QUE VOCÊ SEMPRE ACHOU SOBRE MIM? - Não sei muita coisa.

- Você sabe onde ele fez undergrad para o curso de direito?

- Não - respondo. O QUE VOCÊ SEMPRE ACHOU SOBRE MIM? - Por quê? Você sabe onde ele estudou?

- Sei - o Cooper responde. - Em Earlcrest.

- Earl o quê? - Pergunto. Parece que o controle de mente vulcano não está funcionando! Em vez de me dizer o que sempre pensou sobre mim, ele não para de falar de Chris Allington. Quem se importa com Chris? Eu quero saber o que você sente por MIM.

- A Faculdade Earlcrest - Cooper diz. - Foi lá que Chris se preparou para o curso de direito.

- Do que é que você está falando, Cooper? - Eu queria que a comida indiana se apressasse e chegasse logo. Meu estômago está roncando. - E como é que você sabe onde ele estudou?

Cooper dá de ombros com seus ombros largos.

- Pelo SIU - responde.

- Si o quê? - pergunto, confusa.

- O SIU. Sistema de Informações Universitárias. - Como eu continuo fazendo cara

de quem não está entendendo nada, ele suspira. - Ah, sim. Como foi que eu

esqueci? Você não sabe nada sobre computadores.

- Mentira! Eu navego na internet o tempo todo. Faço toda a sua contabilidade e...

- Mas seu incritório ainda é antiquado. O SIU ainda não foi disponibilizado para os

escritórios da diretoria de alojamento.

- Conjunto residencial estudantil - corrijo, automaticamente.

- Conjunto residencial estudantil - ele diz. Cooper entrou em atividade frenética,

batendo em teclas no computador muito mais rápido do que sou capaz de trocar de acorde em meu violão. - Pronto, olhe. Entrei no SIU para mostrar o que estou

dizendo sobre Chistopher Al ington. Certo. - Cooper vira a tela de frente para mim.

- Al ington, Christopher Phillip. Dê uma olhada.

Olho para o monitor minúsculo. Os registros acadêmicos completos de

Christopher Allington estão ali, juntos com várias outras informações pessoais,

como a nota dele no LSAT e os cursos que ele fez e tudo o mais. Foi expulso de

uma na Suíça por colar, e de outra em Connecticut por razão não especificada.

Mas, mesmo assim, conseguiu entrar na Universidade de Chicago que, segundo

soube, é bem seletiva. Fico imaginando que pauzinhos o pai dele teve de mexer

para conseguir fazer com que ele fosse admitido.

Mas a temporada de Chris na Cidade dos Ventos não durou muito. Ele largou o curso depois de um único semestre. Daí parece que ele tirou umas férias... que duraram uns bons quatro anos, aliás.

Então, de repente, ele apareceu na Faculdade Earlcrest, onde se formou no ano passado com um pouco mais de idade do que o resto da classe, mas com o diploma de bacharelado com todos os colegas.

- Faculdade Earlcrest - digo. - É onde o pai dele trabalhava como reitor. Antes de ser contratado pela Faculdade de Nova York.

- Ah, o nepotismo - Cooper diz, com um sorrisinho. - Continua tão vivo nos corredores acadêmicos como nunca.

- Certo - digo, ainda confusa. - Então, ele foi expulso de alguns lugares quando era criança, e só conseguiu entrar em uma faculdade porque o pai dele era o reitor. O que isso prova? Não que ele é um assasino psicopata. - Não dá para acreditar que a mãe dele tem tão mais cara de assasina assim? - E, aliás, como foi que você teve acesso a este arquivo? Não devia ser confidencial ou algo assim?

- Tenho os meus métodos - Cooper diz, colocando a tela do computador de novo na frente de si.

- Ai, meu Deus. - Será que os atributos fabulosos deste homem não têm fim? - Você invadiu o sistema estudantil!

- Você sempre ficou curiosa em relação ao que eu faço o dia inteiro - ele diz, com

um dar de ombros. - Agora você sabe. Pelo menos uma parte.

- Não dá para acreditar - digo. - Você é um nerd de computador! - Isto muda tudo.

Agora vamos ter que abrir uma clínica médica barra agência de investigação barra

serviço de invasão de computadores. Ah, espera aí, e as minhas músicas?

Cooper me ignora.

- Acho que deve ter algo aqui - ele diz, digitando algo no laptop. - Alguma coisa

que estamos deixando passar. A única conexão entre as meninas parece ser o

Allington. A única que conhecemos, mas, levando em conta o que vejo aqui, deve

ter mais alguma coisa. Quer dizer, tirando o fato de que as duas meninas eram

virgens e tinham registros nos arquivos do conjunto residencial estudantil antes de

Chris colocar as maõs nelas...

Bom, tudo bem, a Sra. Allington tem aquela coisa de achar que o filho é perigoso,

e fica ressentida com as mulheres que vão atrás dele. Mas será que fica tão

ressentida a ponto de matar? E será que a Sra. Allington poderia ter feito aquela

bomba? A que explodiu em cima do elevador? Quer dizer, se desse simplesmente

para sair e comprar uma bomba na Saks, eu acho de verdade que a Sra. Allington faria isto.

Mas não dá. É preciso fazer pessoalmente a bomba. E, para fazer uma bomba, é preciso estar sóbria. Pelo menos, tenho bastante certeza quanto a isto.

E a Sra. Allington nunca esteve sóbria (pelo que pude ver) desde que se mudou para o conjunto Fischer.

Suspiro e olho peala janela. Dá para ver que as luzes estão acesas na cobertuda do reitor. O que será que os Allington estão fazendo lá em cima? Fico aqui me perguntando. São quase sete horas. Devem estar assistindo ao noticiário.

Ou, talvez, tramando para matar virgens inocentes?

A campainha da porta da frente toca e eu tenho um sobressalto.

- É o jantar - Cooper diz e se levanta. - Já volto.

Ele desce para pegar a comida indiana. Continuo olhando pela janela enquanto ele não volta. Embaixo da cobertura, outras luzes se acendem nas janelas de outros andares do conjunto Fischer, à medida que os alunos vão chegando das aulas ou do jantar ou da ginástica ou de ensaios. Fico imaginando se alguma das silhuetas minúsculas que enxergo é de Amber, a ruivinha do Idaho? Será que ela está no quarto esperando um telefonema de Chris? Será que ela sabe que ele está escondido nos Hamptons? Coitadinha de Amber. Fico aqui imaginando o que

ela fez para arranjar problemas com Rachel hoje de manhã.

E é quando eu percebo.

Meus lábios se abrem mas, durante um minuto, nenhum som sai deles. Amber. Eu

tinha me esquecido dela e da reunião com Rachel hoje de manhã. Por que será que Rachel precisava falar com Amber? A própria Amber não sabia por que tinha sido chamada para uma reunião obrigatória com a diretora do alojamento. O que Amber tinha feito?

Amber não tinha feito nada. Nada além de falar com Chris Allington.

Essa foi a única coisa que fez.

E Rachel sabia, porque ela tinha me visto com os dois na frente do prédio, depois do concurso de dublagem.

Assim como ela tinha visto Roberta e Chris no baile. E Elizabeth e Chris... onde?

Onde será que ela tinha visto os dois juntos? Talvez na reunião de orientação?

Durante alguma sessão de cinema?

Só que isso não tinha importância. Assim como não tinha importância o fato de Rachel ter dito ao Julio para me chamar porque Gavin estava fazendo surfe de elevador de novo.

Assim como não tinha importância o fato de que foi Rachel que entrou no terraço da cobertura e tentou jogar aquele vaso de flores na minha cabeça.

Assim como não tinha importância o fato de que, quando a segunda menina morreu, Rachel não estava no refeitório, como deveria estar. Não, eu a tinha encontrado saindo do banheiro... bem pertinho da escada que usou para descer

apresada, depois de empurrar Roberta Pace para a morte.

E a razão por que a chave das portas dos elevadores não estava lá e daí reapareceu em um intervalo tão curto naquele dia? Estava com Rachel. Rachel, a única pessoa no conjunto pedisse para assinar a lista de retirada, que não teria sua presença atrás do balcão questionada. Porque ela é a diretoria do conjunto residencial.

E as meninas que morreram... elas não morreram porque tinham ficha na sala da Rachel.

Elas tinham ficha na sala da Rachel porque ela as tinha escolhido para morrer.

- Espero que você esteja com fome - Cooper diz quando volta ao meu apartamento, carregando um enorme saco plástico onde se lê I ♥ NY. - Anotaram o pedido errado e nos mandaram dansak de frango e de camarão... - A voz dele vai ficando baixinha. - Heather? - Cooper está olhando para mim de um jeito estranho, cheio de preocupações nos olhos azuis. - Tudo bem com você?

- Earlcrest - consigo balbuciar.

Cooper coloca o saco na mesa da cozinha e fica olhando para mim.

- É - ele diz. - Foi isso mesmo que eu achei que você tinha dito. O que tem?

- Onde fica?

Cooper se inclina para consultar a tela do computador.

- Hmm, eu não... ah, Indiana. Em Richmond, Indiana.

Sacudo a cabeça, com tanta força que a toalha cai, e meu cabelo cai todo por

cima dos ombros. Não. DE JEITO NENHUM.

- Ai, meu Deus - digo quase sem fôlego. - Ai, meu Deus.

Cooper fica olhando para mim como se eu estivesse completamente louca. E sabe

o quê? Acho que estou mesmo. Louca, quer dizer. Porque, como é que eu não

percebi antes, apesar de estar debaixo do meu nariz...

- Rachel trabalhou lá - consigo articular. - Rachel trabalhou em um alojamento em

Richmond, em Indiana, antes de se mudar para cá.

Cooper, que estava tirando recipientes brancos de papel do saco I ♥ NY, pára.

- Do que é que você está falando?

- Richmond, Indiana - repito. Meu coração bate tão forte que dá para ver a gole do

meu roupão atoalhado subir e descer no peito a cada batida. - O último lugar em

que Rachel trabalhou foi em Richmond, em Indiana.

Uma expressão de compreensão se instala no rosto de Cooper.

- Rachel trabalhou em Earlcrest? Você acha... você acha que foi Rachel que

motou aquelas meninas? - Ele sacode a cabeça. - Por quê? Você acha que ela

estava assim tão desesperada para ganhar um prêmio Amor-Perfeito.

- Não. - Não tem como imaginar que Rachel ande por aí empurrando meninas no

poço do elevador do conjunto Fischer para ganhar um prêmio Amor-Perfeito, ou

até mesmo uma promoção.

Porque não é de promoção que Rachel está atrás.

Ela está atrás de um homem.

Um homem heterossexual, que tenha à disposição mais de cem mil dólares por ano, levando em conta a herança que ele deve receber.

Christopher Allington. Christopher Allington é este homem.

- Heather - Cooper diz. - Heather? Veja bem. Sinto muito. Mas não em como.

Rachel Walcott não é assasina.

Prendo a respiração.

Como é que você sabe? - pergunto. - Quer dizer, por que não? Por que não ela? Por que outra pessoa? Porque ela é mulher? Porque ela é bonita?

- Porque é uma loucura - Cooper diz. - Falando sério, o dia foi muito longo. Talvez você esteja precisando descansar um pouco.

- Eu não estou cansada - digo. - Pense bem, Cooper. Quer dizer, pense mesmo sobre o assunto. Elizabeth e Roberta tiveram uma reunião com Rachel antes de morrer... aposto que o negócio que ela escreveu na ficha delas, a respeito de a mão de cada uma ter ligado, não é nem verdade. Aposto que elas nunca ligaram.

E agora, Amber...

- Há setecentos residentes no conjunto Fischer - Cooper observa. - Será que todos que tiveram reunião com Rachel Walcott morreram?

- Não, só as que também tinham um relacionamento com Christopher Al ington.

Cooper sacode a cabeça.

- Heather, tente encarar a questão de maneira lógica. Como é que Rachel Walcott ia ter força física para jogar uma mulher adulta e se debatendo em um poço de elevador? A Rachel não deve pesar nem 55 quilos. Simplesmente não é possível, Heather.

- Não sei como ela está fazendo, Cooper. Mas eu sei que é uma certa coincidência o fato de Rachel e Chris terem estado em Earlcrest no ano passado, e agora os dois estarem aqui na Faculdade de Nova York. Aposto bastante dinheiro que Rachel seguiu Christopher Allington (e os pais dele) até aqui.

Como ele continua com ar de hesitação, eu me levanto, empurro a cadeira para trás e digo:

- Só existe um jeito de ter certeza.

26

O que foi que eu fiz

Para você ficar tão bravo?

O que foi que eu disse

Para você ficar tão mal?

Eu não tive intenção

Juro que não é verdade

O único cara que me importa

Sempre foi você

Ah, nãi sau assim tão bravo.

Volta aqui, pode deixar que eu

Vou te fazer feliz

"Canção de desculpas"

Interpretada por Heather Wel s

Composta por Caputo/Valdez

Do álbum Verão

Gravadora Cartwright

Não é de surpreender que Cooper se recuse a pegar o carro e ir até os Hamptons

às sete da noite no meio da semana, só para falar com um sujeito que nem a

polícia convocou para interrogatório.

Ele não se convence nem quando lembro a ele que é muito mais provável que

Chris fale com um de nós do que com a polícia. Insiste que, depois dos ferimentos

que sofri naquela manhã, estou precisando é de uma boa noite de sono, e não de

uma viagem de seis horas para ir a East Hampton e voltar.

Quando lembro a ele que é nosso dever de cidadão fazer tudo o que for possível

para que esta mulher seja colocada atrás das grades antes que volte a matar, Cooper me garante que vai ligar para o investigador Canavan pela manhã e contar

a ele a minha teoria.

- Mas amanhã de manhã pode ser que Amber já esteja morta! - Exclamo. Sei que

ela ainda está viva, porque acabei de ligar para o quarto dela e fiquei sabendo, por meio da colega de quarto dela, que está assistindo a um filme no quarto de

outra

residente no fim do corredor.

- Se a diretora do conjunto residencial requisitar uma reunião com ela - eu tinha dito, quase histérica, para a colega de quarto de Amber -, diga que ela NÃO pode comparecer, entendeu?

- Hmm - a colega de quarto respondeu. - Tudo bem.

- Estou falando sério - gritei antes que Cooper conseguisse arrancar o telefone da minha mão. - Diga para Amber que a diretora-assistente do conjunto Fischer disse

que se a diretora do conjunto residencial requisitar outra reunião com ela, não é para ir. Nem é para abrir a porta para ela. Você entendeu o que eu disse? Você entendeu que vai se encrencar de verdade com a diretora-assistente do conjunto Fischer se não der este recado?

- Hmm - a colega de quarto disse. - Certo. Eu dou o recado a ela.

Talvez esta não seja a maneira mais sutil de transmitir minha mensagem. Mas, pelo menos, assim vou saber que Amber está a salvo.

Por enquanto.

- A gente precisa ir até lá, Cooper! - Imploro, assim que desligo o telefone. - Preciso saber, agora!

- Heather - Cooper diz, parecendo frustrado. - Juro por Deus, que, de todas as pessoas que eu já conheci na vida, você deve ser a mais...

Prendo a respiração. Ele vai dizer! Ele vai diz o que quase disse em minha sala!

Ele vai dizer agora!

Só que, lá (na minha sala, quer dizer) parecia que o que ele ia dizer era um elogio.

Mas, julgando pela maneira como o maxilar dele está apertado, acho que ele não vai dizer nada gentil sobre a minha pessoa. Na verdade, tenho bastante certeza de que não quero ouvir as próximas palavras dele.

Porque, de verdade, a coisa com Rachel é mais importante.

E é por isso que eu digo.

- Isso é uma estupidez. Sabe, existem trens que vão para Hamptons. Vou dar uma olhada nos horários na internet e...

Não sei se ele cedeu porque percebeu que seria a única maneira de me fazer calar a boca ou se estava mesmo preocupado que a viagem de trem não me fizesse bem. Talvez ele só estivesse tentando acalmar uma moça louca e ferida.

De todo modo, quando finalmente consigo terminar de me vestir, Cooper já tirou o carro do estacionamento (uma BMW 1974 modelo 2002, veículo que sempre faz os traficantes da rua estalarem a língua em sinal de desaprovação porque, na opnião dlees, a única BMW boa que existe é a zero quilômetro). Ele não está feliz com o fato nem nada. Na verdade, tenho certeza que estava amaldiçoando o impulso que o levou a me convidar para morar com ele, para começo de conversa.

E eu me sinto mal por causa disso. Mesmo.

Mas não o bastante para dizer a ele para deixar tudo isso para lá. Porque, sabe como é, a vida de uma garota está em jogo.

É bem fácil encontrar a casa de veraneio dos Allington. Quer dizer, eles estão na lista telefônica de East Hampton. Se não quisessem que ninguém aparecesse por lá, teriam mandado tirar o telefone da lista, certo?

E, tudo bem, tem um portão enorme de ferro batido na entrada do terreno, com interfone embutido e tudo o mais, o que pode levar uma pessoa comum a acreditar que visitas não são bem-vindas.

Document Outline

- Tamanho 42 não é gorda